



E quando as aulas vão
para além do lado sensual,
tudo se complica...

Ensina-me a Amar

A ESTRELA DO ROMANCE SENSUAL

JESS MICHAELS

AUTORA DE *TABU* E *EMOÇÕES PROIBIDAS*





Ficha Técnica

Título original: An Introduction to Pleasure

Autor: Jess Michaels

Tradução: Pedro Vidal

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897413414

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jess Michaels, 2012

Publicado com o acordo de Samhain Publishing, Ltd.

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Como sempre, para Michael, que sabe a razão.
E para Miriam, que também sabe.

Capítulo Um

1811

A tipoia estava extremamente quente e cheirava àquilo que os últimos ocupantes haviam comido durante a sua viagem. Os assentos cobertos de tecido puído e acolchoado desgastado tinham zonas rijas. No entanto, não era por causa disso que Lysandra Keates se agitava desconfortavelmente.

Não era o seu modo de transporte, mas o seu destino que fazia com que hesitasse e estremecesse. Agora encontravam-se ali, perante uma maravilhosa propriedade londrina, obviamente bem cuidada, mas isso não a confortava. De facto, estava completamente entorpecida enquanto olhava para a casa pela vidraça suja da carruagem.

– Não quero fazer isto – murmurou para si mesma, apertando a bolsinha contra o peito. Era bastante leve, dado o seu presente estado.

E era por isso que ela *estava* ali, apesar das suas fortes reservas.

Subitamente, a porta da tipoia abriu-se para trás e a luz do Sol inundou o espaço fechado, fazendo com que Lysandra erguesse a mão em pala sobre os olhos até se adaptarem à luz e o homem que abrira a porta se tornar em mais do que uma silhueta. O cocheiro era gordo, suado e trocista.

– Então, miúda, entras ou não? – disparou. – Não tenho o dia todo para estar aqui à espera que te decidas.

Lysandra encolheu-se por causa do seu tom ríspido e do forte odor a cebola crua que se desprendia do seu hálito rançoso e apodrecido. Nunca lhe tinham falado de uma forma tão ordinária... pelo menos, até àquele último ano da sua vida. Agora já começava a ser um hábito.

Mesmo assim, aquela era a sua última oportunidade de tomar uma decisão e responder à pergunta que ele rudemente lhe colocara.

– Então? – perguntou ele enquanto cruzava os braços.

Ela engoliu em seco. Gostasse ou não, aquela era a sua única opção, não era? Percorrera todas as outras e acabara ali. Devagar, assentiu com a cabeça.

– S...sim. Vou entrar.

O cocheiro sorriu trocistamente enquanto a olhava de cima a baixo, numa lenta e lasciva aprovação. Com um estremecimento, Lysandra percebeu que ele sabia que lugar era aquele, a quem pertencia e que estava a julgá-la de acordo com isso.

O sangue quente subiu-lhe às faces, fazendo com que ficasse tonta e com o estômago a dar voltas. Forçou-se a falar, apesar disso, para manter a pouca dignidade que lhe restava.

– Espera por mim enquanto tenho o meu encontro? – perguntou.

Não que desejasse ver aquele homem de novo, mas poderia ser difícil arranjar outra tipoia.

Ele fez uma careta que revelou dentes podres e em falta e encolheu os ombros.

– À vontade, mas vai custar-te dinheiro.

Lysandra apertou com mais força a sua bolsinha quase vazia. Mal tinha dinheiro para pagar a viagem de ida e volta, de modo algum poderia custear também o tempo de espera. Seria uma longa caminhada de regresso, mas, mais uma vez, não tinha opção.

– Muito bem, então pode ir-se embora – disse-lhe enquanto passava por ele, descendo do veículo sem a sua ajuda. Não queria tocar-lhe.

Ele deu uma risadinha, ao mesmo tempo que batia com a porta da carruagem atrás dela e subia de novo para o assento do condutor. Enquanto se afastava, o seu riso ecoou e ela tremeu, sentindo-se tão suja como se tivesse permitido que a sua mão tocasse na dele.

Depois de ele ter desaparecido, essa sensação desvaneceu-se, mas outra ocupou o seu lugar.

Desgraça.

Agora, não havia recuo possível.

Com um suspiro, compôs o vestido, que já estava fora de moda há dois anos e era, pelo menos, um número acima do seu, e em seguida forçou os seus passos em direção à escadaria de mármore e à porta preta, alta e com

aspecto severo. Bateu com mão trémula e, passados momentos, a porta abriu-se e revelou um mordomo num elegante libré, que revelava a riqueza e o gosto do dono da casa.

Lysandra recuou surpreendida.

– Boa tarde, menina – disse o mordomo, num tom neutro, mas não antipático. – Posso ajudá-la?

Lysandra pestanejou várias vezes, ainda estupefacta pela sofisticação do serviço. Esperara muitas coisas, mas não aquilo.

O mordomo inclinou a cabeça.

– Menina?

Ela abanou a cabeça.

– Desculpe, estava a divagar. C...chamo-me Lysandra Keates e vim falar com Miss Manning.

O serviço franziu o sobrolho muito ligeiramente e o seu olhar percorreu-a, não da forma lasciva do cocheiro, mas igualmente examinadora. Lysandra forçou-se a não vacilar perante a sua avaliação e rogou para não corar de embaraço.

– E tem encontro marcado? – perguntou ele por fim, sem antipatia.

Lysandra franziu os lábios. Nem sequer pensara em marcar encontro.

– Eu... Não, não tenho. Garanto-lhe, no entanto, que não quero maçá-la, nem tomar-lhe muito tempo. Mas é um assunto da maior importância e preciso mesmo de falar com ela se estiver em casa.

Engoliu em seco enquanto esperava pela decisão do mordomo de a deixar sequer entrar no átrio, quanto mais ter uma audiência com a mulher com quem viera falar. E se não deixasse... Bem, não fazia ideia do que iria fazer. As suas opções eram reduzidas e muito pouco agradáveis.

– Tem um cartão? – perguntou ele.

Lysandra reprimiu um suspiro. Um cartão. Claro que era o que qualquer pessoa de posição apresentaria.

– Não – murmurou e não pôde evitar que o seu olhar ficasse pregado ao chão.

Houve um momento de hesitação e Lysandra ficou à espera da inevitável desculpa de que Miss Manning não estava de momento em casa, mas que ele lhe transmitiria com certeza a mensagem. O que, claro, não faria. Por que razão haveria de incomodar a senhora com uma pessoa tão trivial, que nem sequer conhecia?

– Se me seguir até ao salão ocidental, certificar-me-ei de que Miss Manning se encontra neste momento em casa – disse o mordomo.

Lysandra olhou para ele. Embora a sua expressão continuasse a ser neutra, os seus olhos eram gentis e plenos de compreensão, o que na verdade lhe deu vontade de chorar. Mas dominou essa reação e assentiu simplesmente com a cabeça.

– Oh, agradeço-lhe muito – sussurrou e seguiu-o por um curto corredor até uma pequena e elegante sala.

– Demoro apenas um momento. Por favor, sirva-se do chá e dos bolos que estão no aparador, se desejar.

Fez uma curta vénia e depois abandonou a sala, fechando a porta atrás de si.

Lysandra tapou a boca com a mão enquanto se deixava cair numa cadeira junto à lareira. De algum modo, ultrapassara o primeiro desafio para ir ao encontro de Miss Manning. Não havia garantia de que a senhora a visse, claro, mas estava muito mais perto do que Lysandra se atrevera a imaginar.

O seu olhar saltou para os bolos que o mordomo tão gentilmente lhe oferecera e o estômago roncou-lhe baixinho. Não comera pequeno-almoço e o almoço consistira num pedaço de pão duro com uma fatia de queijo ridiculamente fina.

Levantou-se e deslizou até à mesa. Com uma rápida olhadela em direção à porta, tirou o lenço da sua bolsinha e embrulhou rapidamente um bolo no tecido antes de o enfiar lá dentro. Estava demasiado nervosa para comer naquele momento, mas à noite seria um complemento para o mísero jantar que a esperaria, caso existisse.

A porta atrás dela abriu-se e Lysandra voltou-se, culpada e embaraçada por quase ter sido apanhada a roubar bolos como uma criança. Mas essas sensações desvaneceram-se quando a mulher deslizou pela sala adentro.

Era absolutamente linda, com um cabelo loiro cor de mel num intrincado penteado. O seu vestido azul pálido era de seda da melhor qualidade e tinha bordadas rosetas cor-de-rosa, que formavam uma cascata sobre a saia. Mesmo antes de a sua vida ter mudado, Lysandra nunca fora uma mulher que se vestisse sofisticadamente, mas trabalhara para algumas. Aquela mulher punha-as todas a um canto.

– Boa tarde, minha querida – disse a senhora enquanto fechava a porta atrás de si. – Chamo-me Vivien Manning.

Lysandra susteve a respiração. Claro que aquilo tinha de ser verdade, mas...

– Mas não parece uma...

Com um arquejo, Lysandra cobriu a boca com uma mão a tremer. Meu Deus, quase tinha dito aquilo em voz alta! Insultado aquela mulher que tinha o seu destino nos seus dedos perfeitamente tratados?

Mas Miss Manning não parecia ofendida. De facto, a sua expressão nem sequer mudou quando disse:

– Uma prostituta?

Lysandra encolheu-se tanto por causa da rudeza da palavra como pelo facto de Miss Manning saber que era isso que ela ia dizer.

– Então, então, Miss Keates – comentou a outra mulher com um sorriso. – Já me chamaram muito pior. Agora, por favor, sente-se. Tome um chá. Está tão pálida.

Lysandra deu um passo atrás e conseguiu voltar a sentar-se na cadeira que ocupara momentos antes. Observou em silêncio enquanto Miss Manning lhe servia uma chávena de chá, acrescentando-lhe uma generosa porção de açúcar e colocando um daqueles deliciosos bolos num prato. Depois de entregar tudo a Lysandra, sentou-se numa cadeira à sua frente e sorriu.

– Bem, acho que nunca nos encontrámos antes desta tarde, pois não? – Encolheu os ombros. – Conheço muitas pessoas, claro, mas em geral lembro-me dos rostos, dos nomes não.

Lysandra comeu um pedaço de bolo e bebeu um gole de chá antes de responder.

– Não, nunca nos encontrámos.

Miss Manning franziu os lábios.

– Também achei que não. Por isso, tenho de lhe perguntar porque veio a minha casa? O meu mordomo transmitiu-me a impressão de que era muito importante para si falar comigo.

Qualquer apetite que Lysandra tivesse desapareceu num instante. Pôs de lado o seu bolo encetado e olhou a mulher que dispunha do seu futuro sem sequer saber.

– Miss Manning... – começou.

– Vivien – disse a outra suavemente.

Lysandra pestanejou. Nunca tratara uma mulher com posição ou poder pelo nome próprio. Mas Vivien parecia oferecer-lhe esse privilégio sem qualquer

ideia ou motivo ulterior.

– Vivien – corrigiu-se, com pouco à-vontade. – Peço desculpa por lhe ocupar a casa e o tempo sem convite, mas encontro-me numa situação desesperada que temo ser a única pessoa que possa resolver.

Vivien inclinou a cabeça.

– Estou a ouvir.

Lysandra respirou fundo antes de prosseguir.

– Sabe, minha senhora, ou...ouvi dizer o que a senhora... é. O que... faz.

– Ah! – Vivien olhou-a de frente. – E o que é isso? Só para que não nos compreendamos mal à medida que esta conversa continuar.

Lysandra hesitou. Nunca dissera em voz alta o tipo de palavras que seriam necessárias para descrever a vida e a profissão de Vivien Manning. Meu Deus, envergonhava-se só de pensar nelas.

Mas estava ali e era a mulher que estava a perguntar.

– Eu... Bem...

Vivien recostou-se na cadeira e sorriu-lhe, gentil e paciente.

– Leve o tempo que quiser, Lysandra.

Foi o uso do seu nome próprio que pôs Lysandra à vontade. Estivera durante tanto tempo longe de alguém que conhecesse tão intimamente que usasse o seu primeiro nome, exceto a mãe, que lhe soou doce aos ouvidos.

– Sei que é, ou tem sido, amante de muitos homens da elite – conseguiu articular, com o sangue a subir-lhe às faces e queimando-lhe o rosto.

Vivien sorriu.

– Vários, mas não diria *muitos*.

A outra mulher inclinou a cabeça e Lysandra percebeu que esperava que prosseguisse. Reuniu forças, aclarou a garganta apertada e continuou.

– Ouvi também rumores de que... bem, que apresentou mulheres que desejam tornar-se amantes de homens de posição.

Os olhos de Vivien abriram-se de surpresa.

– Não fazia ideia de que se sabiam essas coisas fora do meu próprio círculo.

Lysandra abanou a cabeça.

– Acho que não. Simplesmente ouvi alguém falar disso numa casa em que servi.

Uma casa de horrores, mas pelo menos fornecera-lhe o nome daquela mulher. Se Vivien a ajudasse, talvez tivesse valido de alguma coisa o tempo

que passara como criada.

– E foi *por isso* que aqui veio – concluiu Vivien suavemente.

Lysandra deixou pender a cabeça. Também nunca pronunciara em voz alta as palavras que se preparava para dizer. E era muito mais difícil fazê-las passar pelos seus lábios, pois, uma vez ditas, nunca poderiam ser retiradas. Mudariam não só a forma como se via a si mesma, mas também quem era.

– Sim – sussurrou finalmente. – Vim aqui para lhe pedir que me apresentasse a um cavalheiro. Um protetor. Se não fosse demasiado incômodo para si.

Capítulo Dois

Agora que o chocante pedido fora pronunciado em voz alta, Lysandra ficou espantada por verificar que se sentia na verdade melhor. Receara aquele momento durante dias, desde que compreendera que era a única via de ação que lhe restava, mas agora que o formulara, uma inesperada paz envolvera-a como um cobertor quente depois de um inverno muito frio.

Uma paz que foi rapidamente substituída pela ansiedade, quando percebeu que Vivien Manning ficara a observá-la. Simplesmente a *observar*, quase como se tivesse nascido a Lysandra uma segunda cabeça, ou tivesse dançado uma animada jiga em cima da mesa perante a Rainha.

– Ofendi-a – disse Lysandra baixinho, quase mais para si própria do que por esperar uma resposta de Vivien.

A outra mulher pestanejou algumas vezes, mas depois um lento sorriso ergueu-lhe as comissuras dos lábios.

– Não, não me ofendeu. *Surpreendeu-me*, algo que há muito tempo ninguém fazia.

Lysandra cobriu o rosto com as mãos.

– Lamento.

Vivien riu-se.

– Não lamente. É uma sensação de que gosto bastante.

Lentamente, Lysandra deixou cair as mãos e olhou para Vivien. A outra mulher não apresentava malícia na sua expressão, nem troça. De facto, havia uma ternura no seu rosto que surpreendeu de novo Lysandra. Não fora

educada a pensar que mulheres como Vivien pudessem ser tão... variadas.

Ou que pudesse gostar de uma como começava a gostar de Vivien.

– Mas, minha querida, aquilo que está a pedir... é muita coisa.

Lysandra tentou ignorar o aperto no peito e a comichão das lágrimas que lhe picavam os olhos.

– Eu compreendo.

Mas Vivien abanou lentamente a cabeça.

– Tenho quase a certeza de que não compreende. Está a ver, embora eu tenha apresentado certas senhoras como amantes a certos cavalheiros, não me limito a ligar qualquer mulher com qualquer homem. Não há nisso nada de casual.

Lysandra apertou com força as mãos juntas. Sentiu-se quase como uma miúda de escola face à sensata atitude de Vivien.

– Não, claro que não. Se fizesse isso, não teria tido o sucesso que por aí se diz ter tido.

Vivien sorriu enquanto prosseguia:

– A menina e eu acabámos de nos conhecer. Como hei de ter ideia da sua disposição? Dos seus valores?

Lysandra conseguia sentir a recusa final a pairar na frase seguinte de Vivien. Para afastar essa inevitabilidade, pôs-se em pé de um salto.

– Eu podia dizer-lhe! Eu dir-lhe-ia tudo o que desejasse saber, pode ter a certeza!

O sorriso de Viven desvaneceu-se, substituído pela preocupação.

– Lysandra...

Sem pensar, Lysandra caiu de joelhos em frente da outra mulher e agarrou-lhe ambas as mãos.

– Por favor, por favor, não me recuse.

– Está a tremer – murmurou Vivien.

– Esta é a minha única hipótese – disse Lysandra, igualmente baixinho. – Por favor, se houver alguma coisa que eu possa fazer ou dizer, alguma coisa que possa convencê-la a ser a minha salvadora, eu faço.

E só então notou que as lágrimas lhe tinham começado a correr pelas faces abaixo.

Vivien estalou a língua e libertou uma das mãos das mãos de Lysandra para tirar um lenço do bolso do seu casaquinho.

– Vá, pegue nisto – disse-lhe enquanto lho entregava.

Lysandra retomou o seu lugar e limpou as lágrimas.

– Desculpe. Não era minha intenção vir aqui depositar-lhe as minhas dificuldades à porta.

Vivien abanou a cabeça.

– É evidente que está numa posição difícilíssima e, embora eu não conheça os pormenores, compreendo muito bem. Já passei por isso. Mas não estou segura de que saiba exatamente aquilo que está a pedir-me. E estou a hesitar em introduzi-la nesta vida, se a menina não estiver pronta para tudo aquilo que ela acarreta.

Lysandra apertou os olhos com força. Fizera todos os esforços para não pensar naquilo que aquela vida acarretaria. Imagens nubladas invadiram-lhe o cérebro, mas espantou-as. Naquilo não poderia fraquejar.

– Miss Manning, asseguro-lhe que, embora talvez não seja tão experiente como algumas das senhoras suas conhecidas, sei perfeitamente o que lhe estou a pedir. E só espero que me possa ajudar, pois as minhas alternativas são muito mais desagradáveis.

Vivien cerrou os olhos e ficou assim sentada durante quase um minuto antes de suspirar.

– Suponho que, se se encontra numa situação tão apertada, então essas alternativas seriam terríveis. Detestaria ser eu a colocá-la nesse caminho. Portanto, sim, se insiste neste curso de ação, eu ajudá-la-ei.

Lysandra estava sentada, mas agarrou-se aos braços da cadeira enquanto era inundada por um entontecedor alívio, numa onda quase incontável.

– Graças a Deus – suspirou.

Vivien sorriu de novo, mas desta vez com alguma tristeza na expressão.

– Terei de lhe fazer algumas perguntas para melhor a poder ajudar.

Lysandra recompôs-se e mordeu o lábio.

– Evidentemente.

– Isto é delicado, mas que experiência *tem*?

Lysandra tentou ignorar o bater acelerado do seu coração. Ali estava a dificuldade. Se dissesse a verdade a Vivien, facilmente poderia perder a oportunidade que por fim alcançara. Se mentisse, poderia acabar por ser desmascarada. Mas era melhor a segunda do que a primeira.

– Não muita, como referi – respondeu por fim. – Mas estou ciente das expectativas que dizem respeito a uma amante.

Mais uma vez, Vivien ficou calada durante muito tempo, simplesmente a

observar Lysandra com um olhar velado e quase imperscrutável. Para surpresa e alívio de Lysandra, não insistiu na questão, mas disse em vez disso:

– E o que espera de um protetor?

Agora era a vez de Lysandra ficar silenciada pela surpresa. Não pensara muito nesse assunto, sobretudo porque nunca lhe passara pela cabeça que uma amante pudesse exigir o que quer que fosse ao seu protetor. Não seria ele a deter todo o poder, juntamente com a carteira?

Mas, pensando bem nisso, não desejaria as mesmas qualidades num amante que esperava num marido?

– Um homem gentil – respondeu quase sem se ouvir. – Que não seja cruel. Que cuide de mim e que não se importe por eu ter outras... responsabilidades.

A expressão de Vivien suavizou-se.

– Uma criança?

Ela abanou a cabeça.

– A m...minha mãe. Está muito doente.

Lentamente, Vivien assentiu com a cabeça.

– Compreendo.

Houve novo silêncio entre as duas mulheres. Lysandra não conseguia deixar de pensar na mãe e suspeitava que os pensamentos de Vivien também eram sobre as pessoas que amara e pelas quais se sacrificara.

Por fim, a outra mulher abanou a cabeça como se estivesse a sacudir os seus pensamentos e disse:

– Não lhe posso prometer nada, Lysandra. Deixe as suas informações com o Nettle, o mordomo que lhe mostrou o caminho, e eu entrarei em contacto para se encontrar comigo no máximo dentro de uma semana.

Lysandra agarrou na bolsinha com ambas as mãos e ergueu-se. Uma semana era muito tempo para estar à espera, em especial considerando a sua presente situação, mas não podia pedir mais a Vivien.

– Obrigada – murmurou. – Aprecio imenso a sua ajuda.

Vivien acenou com a mão, como se a sua ajuda tivesse pouca importância, mas, enquanto Lysandra deslizava pela sala, a onda de emoção que a avassalou não podia ser ignorada. Aquela mulher, se pudesse realmente ajudar Lysandra, poderia salvar-lhe a vida.

E, por causa disso, nunca poderia pagar a sua dívida a Vivien.

Andrew suspirou quando a sua carruagem se aproximou da propriedade londrina que ocupara há quase cinco anos. Não havia nada de errado com a bela casa em si. De facto, muitos cumprimentavam-no e invejavam-lhe a sua luxuosa posição próximo do Parque de St. James. Mas, apesar disso, não ansiava por aquelas viagens trimestrais à cidade. Se dependesse dele, abandonaria aquele lugar e viveria permanentemente no campo.

Mas o pai exigia-lhe as visitas. E ele respeitava-o demasiado para se recusar, mesmo que lhe custasse.

A carruagem parou e ele desceu, encontrando os principais membros do seu pessoal alinhados e à sua espera. Com um sorriso forçado, cumprimentou cada um deles pelo nome e fez uma pergunta pessoal, contudo sem significado, acerca da família ou de uma doença, conforme lhe ocorria.

E, como sempre, viu aquele vislumbre de piedade e preocupação nos seus olhares, antes de conseguirem suprimir a reação. Outrora, aquelas coisas faziam-no zangar. Agora, eram apenas embaraçosas e cansativas.

O último serviçal da fila era o seu mordomo, Pruett. Ao contrário dos outros, era capaz de eliminar qualquer emoção do rosto, graças a muitos mais anos de experiência ao serviço. Estava com a família de Andrew há muitos anos.

– Bem-vindo a casa, visconde Callis – disse o homem mais velho, inclinando o tronco numa pequena vénia.

– Obrigado, Pruett – respondeu Andrew enquanto entrava à frente dos outros. Os outros criados dispersaram-se pelos seus deveres, deixando-o a sós com o mordomo no átrio.

– E há algumas mensagens? – perguntou.

Era hábito perguntar por elas ao chegar quando, na verdade, só esperava alguma do seu pai. Os seus antigos amigos já tinham desistido de o tentar arrastar para as suas vidas dissolutas e ele não procurara fazer muitos novos amigos desde que... bem, há já muito tempo.

– Sim, senhor, há – disse Pruett e, para surpresa de Andrew, entregou-lhe duas missivas.

Andrew franziu o sobrolho, confuso. Duas?

– Obrigado – agradeceu. – Vou levá-las para o quarto. É tudo por agora.

Subiu as escadas pensativamente, mal ouvindo a resposta de Pruett. A carta

de cima era a que esperava do pai, claro, mas quando voltou a segunda, estava escrita numa letra que não reconhecia. Era feminina e o papel cheirava tenuemente a água-de-colônia ligeiramente perfumada.

Esperou até estar só no quarto para quebrar o selo e abri-la. Enquanto percorria as palavras no seu interior, não pôde evitar sentar-se junto à lareira com um som abafado.

A mensagem era de Vivien Manning.

Não era que ele não conhecesse a famosa antiga cortesã. Fora amante de pelo menos dois amigos da sua juventude e sempre gostara dela.

Mas não a via há quase três anos e muito menos lhe falara de modo a encorajar qualquer correspondência.

E, contudo, ali estava, perguntando-lhe se a poderia visitar o mais cedo possível, à sua conveniência.

Olhou para o pedido uma e outra vez, tentando decifrar-lhe o sentido por detrás daquele simples convite de uma só frase. Não havia razão para ela querer vê-lo. Não tinham qualquer relação para além de um vago conhecimento, nem nunca ele expressara qualquer desejo de o expandir. Todos sabiam que levava uma vida monástica, por escolha própria. Tinha-o tornado abundantemente claro àqueles poucos amigos que se haviam atrevido a questionar o seu estilo de vida.

Mas como poderia declinar o seu convite? Não desejava ser indelicado com Vivien, mesmo apesar de se ter divorciado há muito tempo do estilo de vida que ela representava. Talvez fosse melhor simplesmente visitá-la, tornar gentilmente claro que não tinha interesse em dar-se com ela e acabar com aquilo.

Não ansiava por aquela recusa, pois duvidava que Vivien ouvisse a palavra «não» muitas vezes. Era uma mulher bela e poderosa. Que ele não podia deixar de respeitar.

Com um suspiro, retirou uma folha de papel da mesinha ao lado da cama e rabiscou uma nota rápida, indicando que iria a sua casa à hora do chá, no dia seguinte. Mas, quando chamou um criado para levar a nota e tratar da sua entrega, Andrew teve de conter a curiosidade e a excitação que lhe enchia o peito.

Deixara aquela vida há muito tempo. Não tinha intenção de regressar.

Capítulo Três

Andrew sentou-se na sala de estar de Vivien, observando o delicado papel de parede. O padrão vermelho-escuro e rosa retratava algo em que a maioria das pessoas não repararia: atrevidas cenas de homens e mulheres entrelaçados. Lembrava-se de ter ido ali a uma festa há muitos anos e ter tentado descobrir todas as imagens escondidas.

Numa outra vida. Antes de ter desposado Rebecca. Antes de tudo na sua vida ter mudado. Mal conseguia recordar o homem que fora nessa altura. Não *queria* recordar. Em retrospectiva, parecia uma existência frívola e vazia.

A porta atrás de si abriu-se e ele pôs-se de pé e voltou-se para Vivien quando esta entrou. Era inegavelmente uma das mais belas mulheres que já conhecera e aquela beleza sempre fora acompanhada pelo seu rápido sentido de humor e penetrante inteligência. Não admirava que fosse tão requisitada pelos homens do seu círculo.

Caramba, há uma década ele próprio a desejara. Mas agora não. Agora, ela não o afetava, nem sequer lhe acelerava o sangue nas veias.

Mesmo que tal acontecesse, qualquer desejo teria sido esmagado quando ela lhe sorriu e a pena que ela sentia por ele se tornou tão clara e óbvia como o seu cabelo ou a cor dos seus olhos.

Como era cansativo ter de estar sempre a deparar-se com aquela maldita expressão.

Forçou-se a sorrir de novo, embora fosse falso.

– Boa tarde, meu caro senhor – disse ela, enquanto fechava a porta atrás de

si e se dirigia a ele, de mãos estendidas.

– Boa tarde, Vivien. – Pegou-lhe nas mãos e ela depositou-lhe um beijo em cada face, antes de recuar e de o olhar de alto a baixo.

– Há tanto tempo que não o via; estou tão contente por aqui estar – disse ela, indicando as duas cadeiras junto à lareira. – Por favor, sente-se. Posso arranjar-lhe um chá ou outra bebida? Gostava sempre de *bourbon*, não era?

Andrew inclinou a cabeça. Diabo, ela era boa.

– Receio bem que, para mim, ainda seja um pouco cedo para *bourbon*.

Ela riu-se.

– Tem razão. Estou simplesmente encantada por aqui estar. Tenho de admitir que fiquei um pouco surpreendida por ter respondido à minha missiva e ainda por cima tão depressa. Estava quase à espera que me ignorasse. Ou, pelo menos, que recusasse o meu convite para uma visita.

Andrew franziu o sobrolho. Vivien sempre fora direta, disso não havia dúvida.

– Quem se lhe pode recusar?

O sorriso dela tornou-se mais amargo.

– Ouvi dizer que se recusa a muitos, se não a todos, os seus velhos amigos, hoje em dia.

Andrew cerrou os lábios. Sabia o que diziam sobre ele as suas antigas relações. Recebera pelo menos duas cartas acusatórias de velhos amigos, que lhe chamavam toda a espécie de nomes por os evitar repetidas vezes. Mas não desejava entrar numa longa discussão sobre esses factos com Vivien. Afinal de contas, mal conhecia a mulher e recusava-se a discutir a sua vida pessoal mesmo com a sua própria família; por que razão haveria de a expor agora?

Encolheu os ombros.

– Talvez simplesmente goste mais de si.

Ela inclinou a cabeça.

– Se for verdade, sinto-me lisonjeada.

– *Mas* – sublinhou ele – hoje tenho pouco tempo. Há de haver alguma razão para me ter convidado para além de me querer pressionar sobre a razão pela qual já não me dou com os nossos amigos mútuos.

Vivien assentiu com a cabeça enquanto se levantava.

– E há. Quer seguir-me até ao terraço, para que clarifique as minhas razões?

Andrew franziu a testa. O terraço? Que estranho convite. Estranho e de algum modo intrigante. Levantou-se e foi atrás dela, passando pelas portas envidraçadas que conduziam a um soalheiro terraço. Havia uma mesa e umas cadeiras, mas Vivien passou por elas e foi até à balaustrada do terraço. Inclinou-se e olhou sobre os jardins.

Lentamente, Andrew juntou-se-lhe. Não fazia ideia do que se passava, mas parecia-lhe de algum modo que lhe preparavam uma armadilha. Embora não fizesse ideia de como Vivien pretendia engodá-lo. A emboscada nunca fizera parte da sua personalidade; de facto, era precisamente o oposto: Vivien caçava com mel e não com vinagre.

– Do que se trata? – perguntou, talvez um pouco mais exaltadamente do que desejara.

Ela não reagiu ao seu tom mais vincado.

– Tem ouvido dizer muitas coisas sobre os seus velhos círculos, agora que se divorciou da vida que dantes levava?

Andrew titubeou. A mulher era astuta e sintetizara exatamente o que ele acabara de fazer.

– Nem por isso – acabou por admitir em voz baixa.

– Então talvez não saiba que já não sou amante de qualquer homem de Sociedade. – Sorriu e ele viu uma fagulha de alívio na sua expressão que não esperara. Vivien sempre parecera satisfeita com o seu papel no mundo. – Mas continuo a manter-me nesse mundo. Recentemente, comecei a apresentar jovens meninas a protetores.

Andrew assentiu.

– Ah, sim, acho que posso ter ouvido algo sobre isso de passagem.

Não conseguia recordar minimamente quem o dissera, mas achava que não era uma informação nova.

– Mas o que tem isso a ver comigo?

Vivien indicou os jardins lá em baixo.

– Está a ver a rapariga junto ao roseiral lá em baixo?

Andrew seguiu a direção da sua elegante mão e ficou surpreendido ao ver que estava, de facto, uma mulher no jardim lá em baixo.

– Sim?

Voltou-se para Vivien e viu que ela lhe oferecia um binóculo.

– Olhe um pouco mais de perto, mal se consegue distinguir qualquer pormenor de cá de cima.

Ele inclinou a cabeça, numa confusão crescente.

– Vivien...

– Por favor – insistiu num tom firme.

Com um resmungo, Andrew tirou-lhe o binóculo da mão e espreitou para a mulher que estava lá em baixo. Quando lhe focou o rosto, ficou sem respiração.

Era absolutamente adorável. Cabelos castanhos encaracolados emolduravam um rosto com malares altos e lábios cheios, para não falar dos olhos azul-porcelana, que se iluminavam de prazer quando parava para cheirar esta ou aquela flor. O seu vestuário estava gasto, mas, quando se virava para olhar em volta, acentuava curvas suaves.

Andrew agitou-se quando uma sensação inabitual lhe começou a revolver os quadris. O desejo, quente e poderoso, pulsava-lhe nas veias e baixou o binóculo, chocado. Há anos que não tinha uma reação tão forte a uma mulher.

– Presumo que gostou do que viu – disse Vivien baixinho.

Andrew cerrou os dentes. Não havia como esconder o inchaço do seu membro através das calças apertadas que vestia e Vivien era demasiado ciente de coisas desse tipo para deixar de reparar.

– Ela é, obviamente, muito bonita – concordou ele com frieza, enquanto devolvia o binóculo a Vivien e se voltava.

Tentou pensar em qualquer coisa, em *qualquer pessoa*, que pudesse forçar o inconveniente sangue a ir para cima.

– Ela está à procura de um protetor – explicou Vivien atrás dele. – Pensei que pudesse ser o par perfeito para ela.

Andrew deu uma volta, já sem se preocupar com a sua ereção óbvia.

– Como disse? – vociferou.

Perante o seu ultraje, esperava que Vivien recuasse ou vacilasse. Em vez disso, permaneceu no seu lugar e manteve o olhar firmemente focado no seu.

– Chama-se Lysandra Keates e chegou sem ser convidada à minha porta, há alguns dias. Ainda não conheço os pormenores da sua situação, mas tenho a impressão de que se encontra numa situação muito difícil. Pediu-me que lhe apresentasse um homem.

– Eu não ando à procura de uma amante! – retorquiu Andrew, mas não conseguiu evitar uma breve e poderosa imagem da rapariga do jardim... na sua cama, com as pernas à sua volta enquanto a penetrava.

– Foi o que pensei – afirmou Vivien. – Mas receio que esta jovem tenha talvez uma experiência limitada dos aspetos físicos da paixão. Quanto muito, terá tropeçado num homem que lhe prometeu uma vida e depois a abandonou. Poderá mesmo ter sido forçada. Ela acha que conseguirá lidar com tudo aquilo que compete a uma amante, mas duvido muito. Os homens no meu círculo esperam que as suas amantes sejam ousadas, atrevidas, apaixonadas. Lysandra poderia ser engolida por eles.

Andrew ficara a olhar, hipnotizado, enquanto Vivien lhe contava os pormenores do pedido de Lysandra, mas depois repeliu o seu interesse.

– E, mais uma vez, o que tem isso a ver comigo?

– Preciso de um homem que a introduza gentilmente no prazer. Que seja paciente com os seus receios e, ao mesmo tempo, suficientemente experimentado para a transformar numa amante que qualquer homem deseje.

Andrew abriu a boca, mas não encontrou nada para dizer durante um momento. Mais uma vez, as imagens bombardeavam-lhe o espírito. Coisas ilícitas. E muito mais condicentes com o homem que ele fora há anos.

– Não! – gritou, mais para si próprio do que para ela. – Não. Precio que esteja a ajudar esta jovem à sua maneira, mas não vou ser *eu* a tomá-la sob a minha proteção.

Vivien aproximou-se e Andrew gemeu. Aquela mulher era uma feiticeira. Sabia olhar para um homem e abalá-lo. Ele não era totalmente imune àquela capacidade, apesar de não desejar ir com ela para a cama.

A outra mulher, porém... *Lysandra*... já era outra história.

– Meu caro senhor – disse ela suavemente. – Andrew, conheci-o já antes... – fez uma pausa – ... antes de tudo mudar. Conheço os desejos que perseguia e o apetite que então tinha pelas mulheres e pela vida. Detesto vê-lo agora: isolado e obviamente magoado.

Andrew voltou o rosto, com o desejo extinto num instante. Ele *não* falava dessas coisas com ninguém. Nunca.

– Disparate – retorquiu.

Vivien hesitou por um momento, depois recuou com as mãos erguidas.

– Muito bem, posso estar enganada. Mas seria um favor para mim e para Lysandra. E poderia também ajudá-lo a si.

Andrew caminhou até à beira do terraço e olhou de novo para os jardins lá em baixo. Lysandra sentara-se num banco no meio do jardim e tinha agora uma rosa na mão. Deslizava-a de modo ausente pela face e o desejo que fora

suprimido invadiu de novo Andrew numa onda entontecedora.

Passara anos imerso na sua própria dor e culpa, sabendo que as merecia. Agora, a ideia de que a dor pudesse desaparecer por um momento... Era sedutora. Era tão tentador pensar que uma pessoa o pudesse fazer esquecer, mesmo brevemente.

– Não haveria qualquer expectativa de que esta... *situação* pudesse ser permanente? – perguntou baixinho.

Consegui distinguir o sorriso no tom de Vivien quando ela disse:

– Não. Lysandra aprenderia sob a sua tutela, nada mais. Poderá mandá-la de regresso para mim quando lhe aprouver. Embora, se acabar por gostar dela e desejar fazer dela sua amante mais permanentemente, então eu, claro, deixaria os pormenores dessa combinação convosco.

Andrew abanou a cabeça sem tirar os olhos de Lysandra.

– Não. Não irei ficar com uma amante permanente. Um mês, é tudo. Apenas um mês com esta mulher e asseguro-lhe que fica pronta para um homem com as mais elevadas expectativas na sua cama.

Vivien hesitou antes de dizer:

– Muito bem.

Andrew desviou-se da direção de Lysandra e endireitou o casaco.

– Pode enviá-la para a minha casa de Londres amanhã às duas. Diga-lhe que não se atrase.

Vivien assentiu.

– Vou fazê-lo. Obrigada, meu caro senhor.

Andrew quis olhar para Lysandra uma última vez, mas obrigou-se a não o fazer. Em vez disso, caminhou a passos largos para as portas que davam para a casa.

– Tenho de pedir desculpa, mas tenho outro compromisso.

Vivien seguiu-o até à sala.

– Claro. Gostei de voltar a vê-lo, caro senhor.

Andrew largou uma graça qualquer, não tinha a certeza de quê, dirigiu-se ao átrio e saiu de novo para a rua, onde a sua caleche o esperava. Mas, quando subiu para o faetonte e incitou os cavalos para casa, não conseguiu evitar que as imagens de Lysandra no jardim lhe ocorressem ao espírito.

Ela era absolutamente desejável, mas interrogava-se se não viria a lamentar a sua opção em render-se àqueles instintos mais básicos. Afinal de contas, o primeiro homem também sucumbira ao desejo num jardim.

E não tinha corrido nada bem.

Lysandra seguiu o mordomo de Vivien, Nettle, até à sala onde a encontrara pela primeira vez, alguns dias antes. Fora uma longa manhã, em que havia sido ali chamada apenas para ser mandada para o jardim, para aguardar o seu destino. E, embora apreciasse a beleza do lugar... bem, continuava a sentir um peso no peito. O peso do medo de que Vivien tivesse reconsiderado a sua ajuda e de que fosse por isso que fora forçada a esperar tanto tempo.

Quando entrou no aposento, ficou surpreendida por ver que Vivien já lá estava. Havia uma expressão inescrutável no seu rosto, mas não era desagradável.

– Boa tarde, Lysandra.

Lysandra arredou os seus receios e forçou-se a entrar na sala.

– Boa tarde. Obrigada por me receber de novo.

Vivien fez primeiro sinal ao serviçal para que saísse e depois indicou as mesmas cadeiras onde Lysandra confessara pela primeira vez o seu embaraçoso segredo. Corou quando se sentou.

– Tenho novidades – referiu Vivien, com um sorriso que parecia de um gato ao pé do leite.

Lysandra remexeu-se, incerta sobre se poderia confiar na óbvia satisfação de Vivien.

– S...sim? – gaguejou.

– Há alguns momentos, saiu um homem daqui de casa. Talvez conheça o seu nome. Visconde Andrew Callis?

Lysandra abanou a cabeça com uma forte dose de hesitação.

– Não, receio que não me seja familiar. Eu não frequentava a elite, compreende?

As sobrancelhas de Vivien ergueram-se delicadamente.

– Minha querida, uma boa amante tem de conhecer os homens de posição e poder. Mas não se rale, tudo isso fará parte da sua instrução. E não me esquecerei de lhe enviar um exemplar do *Debrett's*, depois de estar instalada.

– Instrução? – ecoou Lysandra com voz fraca.

– Sim. Está a ver, aquilo que um homem espera da sua amante está para além, penso eu, daquilo para que está preparada. – Vivien sorriu-lhe gentilmente para suavizar as palavras. – Mas este homem, o visconde, é um

homem de vasta experiência em termos de prazer. E concordou em instruí-la durante um mês para a aprontar para um protetor mais permanente. Irá ter com ele a sua casa amanhã.

Lysandra agarrou-se aos braços da sua cadeira com ambas as mãos, com força suficiente para que os nós dos dedos lhe embranquecessem e a dor lhe subisse até aos ombros.

– Oh!

Vivien inclinou a cabeça.

– Não era o que desejava?

Lysandra engoliu com dificuldade.

– É, evidentemente. Como disse, não tenho alternativas.

Vivien inclinou-se para a frente e cobriu as mãos de Lysandra com as suas.

– Por favor, não se preocupe. Este homem tomará conta de si como um homem cuidaria de uma amante. Não terá de se preocupar com dinheiro, nem com sítio onde ficar, nem com roupas, enquanto estiver sob o seu cuidado. E será gentil consigo.

Lysandra assentiu com a cabeça. A ideia de ser aliviada dos seus fardos financeiros era pelo menos reconfortante. O resto... bem, fora ela que o pedira.

– E – prosseguiu Vivien – irá também ajudá-lo a ele.

Lysandra ficou a olhar para ela. Não devia ter compreendido bem aquela frase.

– Ajudá-lo? Como?

A expressão de Vivien suavizou-se de pena.

– O visconde tem uma história triste. Ele poderá não perceber, mas precisa tanto de si como você precisa dele.

Lysandra enrugou os lábios.

– Não tenho a certeza de estar a compreender.

– Há de compreender. Um dia. Bem, porque não tomamos um chá e eu vou ver se um dos meus vestidos será apropriado para levar amanhã?

Lysandra sorriu enquanto Vivien saía rapidamente da sala para pedir o chá e tratar de outras disposições. Não tinha a certeza de acreditar em Vivien quando ela dissera que Lysandra um dia compreenderia. Mas a ideia de poder ajudar alguém durante aqueles tempos de provação na verdade ajudava-a.

E estava tão nervosa que precisava de toda a ajuda que conseguisse obter.

Capítulo Quatro

As mãos de Lysandra tremiam enquanto seguia o mordomo ricamente uniformizado até uma sala que era muito maior do que o conjunto inteiro de divisões que ela alugava presentemente. E, meu Deus, o mobiliário! Sentia quase medo de se sentar nas cadeiras, pois tinham claramente custado uma fortuna e eram destinadas a convidados importantes e não a mulheres absolutamente vulgares a tentar tornar-se amantes.

– Posso oferecer-lhe um qualquer tipo de refresco? – perguntou-lhe o mordomo, num tom frio mas educado, que não revelava a sua opinião acerca de ela se encontrar num lugar a que evidentemente não pertencia.

– N...não, obrigada. – Lysandra abanou a cabeça.

Na verdade, não sabia se conseguiria reter qualquer coisa que ingerisse naquele momento. O seu nervoso impedira-a de comer o que quer que fosse durante a maior parte do dia.

– Muito bem. Lorde Callis em breve comparecerá.

E, com isso, o mordomo deixou-a. Lysandra percorreu a bela sala, tentando forçadamente não olhar para todos os dispendiosos objetos à sua volta. A venda de um só deles poderia provavelmente ajudar a pagar tanto a renda da sua mãe como a sua durante meio ano.

Não que ela tivesse chegado ao ponto de considerar o roubo como uma solução possível para o seu problema. Humilhar-se era uma coisa, mas roubar... não.

Atrás dela, a porta abriu-se e Lysandra voltou-se para enfrentar o seu

temporário protetor. Aquilo que viu deixou-a sem fôlego e recuou até quase cair na lareira.

Era o homem mais bonito que alguma vez vira. Loiro e alto como o Adónis dos mitos gregos que o pai lhe contava quando era pequena, com um rosto cinzelado, duro e bastante bronzado, apesar do facto de ser nobre e provavelmente nunca ver o sol, exceto durante algumas visitas ao campo todos os anos. E, depois, havia os olhos.

Eram do verde mais luminoso que alguma vez vira e estavam focados nela, percorrendo-lhe o corpo de cima a baixo, embora não refletissem qualquer resposta acerca do que pensava dela.

Mas que poderia ele pensar? Ela era uma mulher muito abaixo dele, usando o vestido de uma mulher caída, que ela fora forçada a aceitar *emprestado* e estava ali para lhe pedir para aceitar sexo em troca de dinheiro e treino. Não havia grande coisa a esperar desses factos.

– Lysandra Kates, presumo? – perguntou e a sua voz rouca pareceu abrir caminho até ao seu peito. Sentiu-se esquisita quando olhou para ele, quente, pouco à vontade e deslocada, mas nenhuma das sensações era desagradável, apenas inesperada.

Inclinou a cabeça quando ela não respondeu de imediato.

– Parto do princípio de que consegue falar.

O sangue quente subiu às faces de Lysandra e disse rapidamente que sim com a cabeça.

– Oh, sim, desculpe. O se...senhor é Lorde Callis?

Os lábios dele adelgaçaram-se, de novo chamando a atenção dela para o seu desenho. Partindo do princípio de que, desiludido com a sua aparência, não a correria a pontapé da sala, ele iria beijá-la com aquela boca. Achou bastante excitante pensar quando e como o faria.

– Andrew – disse ele suavemente. – Nas nossas circunstâncias bastante invulgares, acho que seria melhor limitar o formalismo. Em público, uma amante dirigir-se-ia ao seu protetor pelo título, claro, mas, em privado, o seu nome próprio ou um diminutivo combinado será apropriado.

Lysandra assentiu. Ah, pois, então aquilo iria ser o treino que Vivien prometera que ela receberia daquele homem. Pelo menos, parte dele.

– Seja, Andrew – disse baixinho.

Ele voltou-se para fechar a porta atrás de si e depois deu um grande passo para mais perto dela.

– Não pertence aqui – afirmou ele, quase num sussurro.

Lysandra cerrou os olhos com força. Portanto, era óbvio e seguir-se-ia a inevitável rejeição.

– Por favor, não me mande embora – disse, humilhada por ter de implorar, com o tom de voz rachado pela emoção.

Quando abriu os olhos, ficou surpreendida ao verificar que Andrew se aproximara ainda mais. Agora, separava-os uma distância ínfima. Conseguiu cheirar o odor quente e amadeirado da sua pele, sentir o calor do corpo dele enquanto ele se inclinava para ela e fazia com que ela se quisesse aproximar.

– Não estou a mandá-la embora – disse enquanto a sua mão lhe envolvia o ombro. – O que quero dizer é que é bela de mais para estar aqui. Deveria ser protegida, mas não à maneira de Vivien. Mas o que sucedeu afinal para que se decidisse por isto?

Lysandra olhou para ele, chocada por lhe perguntar uma coisa daquelas, por ele se importar com aqueles pormenores da sua insignificante vida.

– Foi um conjunto de coisas complicadas que me conduziu até à sua sala – respondeu.

Dir-lhe-ia mais se ele insistisse, mas estava hesitante em fazê-lo. Entretecia-se um quente enfeitiçamento naquela sala, fazendo com que o mundo encolhesse até ficar reduzido só aos dois. Se lhe contasse todos os tristes pormenores da sua vida, receava que o encanto se rompesse e nunca viesse a saber o que poderia acontecer.

E, para surpresa de Lysandra, a sua curiosidade nada tinha a ver com os deveres e o desespero que a haviam conduzido até ali. Nascera dos seus próprios pensamentos proibidos.

A mão dele deslizou do ombro para a sua clavícula. Lysandra moveu-se. Ele não calçava luvas e o decote do vestido que Vivien lhe emprestara era chocantemente pronunciado, pelo menos para ela. A pele dele nua parecia demasiado quente contra a sua, porém as costas dela arquearam-se, ainda que ligeiramente, e soltou um suspiro.

O olhar de Andrew passou rapidamente para o seu rosto e, pela primeira vez, surgiu uma emoção naqueles olhos cativantemente verdes. Algo caloroso, escuro e apaixonado que ela não sabia nomear, sobretudo porque nunca vira antes uma expressão assim.

– É muito reativa – afirmou ele calmamente. – Isso vai ser muito bom para si.

– Reativa? – repetiu Lysandra, concentrando-se no treino que supostamente ele lhe estava a dar, para não ficar entontecida pelo seu próprio corpo.

Ele assentiu antes de a sua mão deslizar mais para baixo e lhe rodear o seio.

Os joelhos de Lysandra quase cederam com o toque íntimo. Todo o seu corpo lhe doía, mas não era uma sensação de modo algum desagradável. Sentia-se em fogo, viva e queria mais. Mais o quê, não conseguiria expressar.

– O seu mamilo já ficou rijo – explicou ele e roçou o polegar nesse mesmo mamilo enquanto falava.

Os olhos de Lysandra fecharam-se de novo, desta vez não por embaraço, mas de absoluto prazer. Nunca antes tivera uma sensação como aquela. Aquela sensação de se sentir quente e a tremer ao mesmo tempo, de perder de tal maneira o domínio do seu corpo que arqueou as costas e gemeu suavemente, sem querer fazer nenhuma das duas coisas.

– Acho que a sua instrução será suave – disse ele aproximando-se mais um passo, forçando Lysandra a recuar também um passo em resposta.

Foi contra um sofá e desequilibrou-se caindo sentada. Ele sentou-se junto a ela.

– Mas a minha tarefa é testar – prosseguiu, com a sua voz rouca tão sedutora como as suas mãos.

Lysandra não conseguia articular palavras. Não conseguia sequer pensar em quaisquer palavras enquanto observava aquelas mãos mágicas a regressar ao seu corpo. Rodeou-lhe então ambos os seios, erguendo-lhos e massajando-lhos com uma requintada gentileza.

Luminosas explosões de prazer e desejo percorreram-na e estremeceu com as sensações que aquele homem despertava nela. Sempre imaginara aquele arranjo nos seus aspetos mais desagradáveis, mas aquilo... *aquilo* era celestial.

Ficou a observar, de lábios entreabertos, enquanto ele removia uma mão quente do seu seio e a deslizava mais para baixo, até ao vértice do seu corpo. A pulsação do seu coração duplicou, pois sabia que ele se dirigia aos lugares mais secretos do seu corpo. Os seus tesouros mais privados, que sempre lhe tinham ensinado que eram proibidos, exceto a um marido.

Mas, apesar de ter sido educada para rejeitar aquele tipo de carícias, especialmente de um quase estranho, Lysandra não sentiu medo, apenas uma

trememente antecipação. Uma emoção que se intensificou ainda mais quando Andrew lhe apanhou uma mão-cheia da saia e começou a fazer deslizar toda a saia do seu vestido para cima. A bainha enrugou-se acima do joelho e a meio da coxa antes de ele lhe mergulhar a mão por baixo.

– Andrew – arquejou, quando a carne quente dele encontrou a carne dela igualmente quente. Não teria ficado surpreendida se mais tarde tivesse olhado e verificado que ele a marcara em brasa com a sua mão, como se fosse sua para sempre.

Mais surpreendente ainda foi não ter receado aquela ideia de ser dele. Ser marcada por ele. Render-se por completo ao que aquela combinação, aquela decisão de se tornar uma amante implicava.

E então todos os pensamentos se desvaneceram quando ele fez escorregar a mão mais até acima, até os seus dedos encontrarem o sítio onde as suas pernas se uniam.

– Molhada – sussurrou ele, quase mais para si próprio do que para ela. – Já pronta.

Lysandra repousou a cabeça no braço do sofá e agarrou a almofada mais próxima, enquanto ele a acariciava através do fino tecido das suas cuecas. Era verdade que ela estava molhada, um facto que ao mesmo tempo a excitava e envergonhava. Queria perguntar-lhe se aquilo era normal, mas não pretendia revelar demasiado acerca da sua inexperiência naquelas matérias. Só queria mais dele.

E ele deu-lhe. Sem aviso, abriu-lhe as cuecas pela fenda e os seus dedos mexeram-se lá dentro, tocando-a da forma mais íntima possível.

Lysandra não conseguiu conter o grito de surpresa e prazer quando as pontas dos dedos dele acariciaram as pregas do seu centro feminil, persuadindo-a a abrir mais as pernas e a submeter-se às suas perversas manobras.

E ela abriu. Separou as pernas sem vergonha e cerrou os olhos enquanto ele a explorava. Era tão gentil no seu exame, mal lhe roçando as mãos pelas regiões exteriores do seu núcleo, mas cada toque inspirava luminosas explosões de sensação celestial. Surpreendeu-se a si mesma a soerguer-se e a estirar-se na sua direção, desejando mais, embora sem ter uma ideia clara do que significaria esse mais.

– Quero vê-la a vir-se – murmurou ele.

Os olhos dela abriram-se de repente, enquanto suspirava:

– Vir?

Ele olhou-a durante um longo momento e depois disse:

– Nunca ninguém fez com que se viesse?

Lentamente, ela negou com a cabeça.

– Nunca se tocou e provocou essa reação? – perguntou ele.

O sangue a escaldar subiu-lhe às faces.

– N...não.

Ele exibiu-lhe um lento sorriso.

– Nesse caso, terei o prazer de lhe proporcionar a primeira experiência. Deite-se para trás e descontraia-se, Lysandra. Deixe que lhe dê prazer assim.

Ela mordeu o lábio por um breve momento e depois recostou-se de novo. Não sabia o que ele queria dizer, mas descobriu estar imensamente curiosa.

Uma sensação que desapareceu quando ele se afastou do sofá e se pôs de joelhos no chão à sua frente. Agarrou-lhe as ancas e puxou-a para a frente, até ela ficar perante ele. Lysandra olhou para baixo. Ele tinha os olhos ao nível do seu corpo meio nu e o prazer que ela sentira antes foi substituído por uma absoluta humilhação naquela nova posição.

Ela mexeu-se, mas ele manteve-a quieta com uma mão sobre as suas coxas.

– Não. Não – disse ele. – Isto faz parte da sua instrução. Não tem nada que ter vergonha.

– Não devia estar... a ver-me desta maneira – protestou, embora a sua voz fosse enfraquecida pelo contacto das mãos dele na sua pele.

Ele sorriu-lhe.

– Se vou ser seu amante, é assim exatamente que devo vê-la. Isto será uma dádiva que me dará, algo que não partilhará com mais ninguém, pelo menos enquanto estivermos juntos. Entregue-se a mim e deixe que eu lhe dê algo em troca.

Ela ficou calada, incapaz de falar, incapaz de pensar em como reagir, mas isso não pareceu incomodar Andrew. Continuou a olhá-la nos olhos, mas baixou a cabeça, cada vez mais próximo dela. Depois, para seu completo choque, pressionou a boca contra o vértice das suas coxas.

Ela gritou de surpresa, mas também de prazer. A sua boca estava ainda mais quente do que as mãos.

– Chiu – murmurou ele, ao mesmo tempo que essas mesmas mãos lhe massajavam as coxas abertas, num ritmo apaziguador.

Ela deixou-se cair para trás no sofá e ficou a olhar para o teto, enquanto ele continuava a acariciar e a beijar os seus lábios inferiores. As suas mãos mexeram-se e ela arquejou de novo, enquanto ele a separava delicadamente, revelando a fenda que abria para o seu sexo.

Ele emitiu um som surdo de prazer do fundo da garganta e depois devolveu-lhe a boca. Mas, desta vez, foi menos gentil, mais insistente. Lambeu-a como se ela fosse um doce e as costas dela arquearam-se numa explosão de sensações que nunca imaginara.

A sua reação não o abrandou; pelo contrário, a língua dele tornou-se mais insistente, a sua boca mais exigente. Separou-lhe a abertura com a língua, saboreando cada centímetro da sua carne exposta, desde a roseta do seu traseiro até ao topo da sua fenda.

E aí hesitou.

– Sabe o que é isto? – perguntou ele, olhando para ela, enquanto pressionava o polegar.

Ela gritou, pois a pressão do seu toque enviou um choque elétrico de intenso prazer através dela.

– N...não – arquejou.

Ele sorriu.

– O seu clítoris, Lysandra. E é a chave para o seu prazer. Vou tocá-lo, sugá-lo, até que grite pelo meu nome.

Os olhos dela abriram-se, mas ele não lhe deu hipótese de reação, apenas baixou a boca de novo para ela. Cumprindo o que dissera, sugou o entrelaçado escondido de nervos entre os lábios e começou a trabalhá-lo com a sua perversa língua. Acariciou, sugou, arranhou-a suavemente com os dentes. E Lysandra depressa percebeu que começara a erguer as ancas em harmonia com o seu toque.

Depois, sem aviso, o prazer que sentira multiplicou-se descontroladamente. As suas ancas retesaram-se, enquanto maravilhosas e espantosas sensações a invadiam, afastando-a de todas as preocupações, de todos os medos, deixando-a imponderável e tremente, quando fez exatamente aquilo que Andrew previra:

Gritou o seu nome na silenciosa sala.

Não fazia ideia de quanto tempo passara espaiada no sofá de Andrew, exausta e saciada, mas lentamente começou a perceber que ele já não estava posicionado entre as suas pernas. A certa altura, levantara-se e caminhara até

à lareira, de onde a observava com uma expressão séria e inescrutável.

Ela mexeu-se, para alisar o vestido sobre o seu corpo exposto, mas verificou que ele já o fizera. Corada, recompôs-se, sentando-se e ficando a olhá-lo.

Ele sorriu, mas a expressão não exibia calor, nem uma felicidade genuína. Em vez disso, era tensa e falsa.

– Acho que chega de instrução por hoje – disse num tom de voz retesado.

Lysandra pestanejou. Era tudo? Toda aquela paixão surgira num crescendo, sim, mas ele não a possuía, não a requisitara de uma forma derradeira. De facto, percebia agora, ele nem sequer a beijara... pelo menos, não propriamente na boca.

– Eu... – começou ela, mas depois deteve-se.

Que havia de dizer? Pedir algo que não conseguia expressar convenientemente? Pedir-lhe que levasse aquela estranha e erótica tarde até ao seu esperado fim? Não se atrevia a tanto.

– Irei arranjar um sítio para nos encontrarmos. Permanecerá lá durante o decurso do nosso... treino – disse ele.

A sua voz era fria e distante, como se estivesse a combinar um lanche e não um encontro amoroso.

Ela pestanejou, enquanto olhava em redor.

– Não nos encontraremos aqui?

Ele abriu os olhos surpreendido.

– Não.

Lysandra voltou-se. Que ideia parva. Claro que um cavalheiro não mantinha uma amante em sua casa. Devia ter feito uma figura de absoluta idiota.

Com um aceno de cabeça, respondeu:

– Bem, então deixarei a minha morada ao seu mordomo, à porta, para que me possa transmitir o endereço e quando quer que me mude para lá.

– Não, o meu cocheiro conduzi-la-á à sua presente morada e depois poderá entregar-lhe a minha mensagem.

Ela abanou a cabeça.

– Oh, não, não é necessário incomodar o seu criado. Eu apanho uma tipoia. Os lábios dele estreitaram-se.

– Se vou ser seu protetor, mesmo que seja por pouco tempo, tem de deixar que a proteja, Lysandra. Acabaram-se as tipoias. Irá permitir que o meu

cocheiro fique hoje ao seu serviço e arranjar-lhe-ei um para si, assim que for possível.

Ela abriu a boca, mas ele franziu uma sobrancelha e silenciou-a apenas com o olhar. Ela assentiu.

– Muito bem. Obrigada pela... hã, proteção.

Pela forma como ele se mexeu, conseguia perceber que se sentia tão pouco à vontade com aquela conversa como ela. Teria ela feito algo de errado? Seria a sua paixão demasiado calada? Demasiado exuberante? Ou um homem com aquela experiência e poder ficaria simplesmente indiferente com uma rapariga da sua condição?

Qualquer que fosse a razão da sua súbita frieza, não era bom sinal.

Pegou na sua bolsinha e inclinou a cabeça na direção dele.

– Uma boa tarde, meu caro senhor.

– Uma boa tarde, Lysandra – disse ele suavemente, enquanto ela deslizava para fora da sala.

Quando chegou ao átrio, esfregou o rosto com uma mão. Nunca se sentira tão confusa e pouco à vontade na sua vida. Mas também nunca se sentira tão viva e apaixonada. E era claro que, independentemente do que acontecesse a seguir com Andrew, nunca voltaria a ser a mesma pessoa que era quando entrara na sua sala.

Assim que a porta se fechou atrás de Lysandra, Andrew começou a percorrer a sala. Parecia que o seu mundo girava descontroladamente, deslocado do seu eixo pelo leve empurrão de uma mulher que acabara de conhecer.

Desde a morte de Rebecca, há três anos, que estivera adormecido. Fora sua escolha viver de uma forma que o deixava satisfatoriamente entorpecido e morto para o mundo. A sua mulher merecia, depois do que ele fizera, do que ele não fizera.

Mas agora, no espaço de uma hora com Lysandra, era como se tivesse sido despertado. As emoções fervilhavam no seu interior, cruas e com tanto prazer que bordejavam a dor.

Pior, queria mais daquela mulher. Desejava o seu corpo de uma forma que não lhe acontecia desde... Deus, mesmo antes de ter casado. Desde que fora um devasso do mais alto grau e quando apenas pensava nos prazeres deste mundo.

Não fazia ideia da razão pela qual aquela mulher lhe inspiraria tão fortes reações, a não ser algo de muito complicado nela. Algo muito perturbador.

Sim, ela era refinadamente reativa, mas havia também nela uma certa inocência. Ele tivera amantes antes do casamento e todas elas haviam sido mundanas e não espantadas e trémulas de prazer. Receava que Lysandra fosse comida viva no mundo em que habitavam mulheres daquele género.

Um forte ímpeto para a proteger despertou nele e deixou-se cair na cadeira mais próxima para refletir. Vivien pedira-lhe que instrísse Lysandra nas vias do prazer para a preparar para a vida de uma amante. Mas talvez, no decurso dessa instrução, ele pudesse despertar Lysandra para a realidade com o seu contacto, o seu beijo, a sua paixão.

Talvez pudesse convencê-la de que aquele caminho não era o indicado para ela. E, durante esse processo, saciar aqueles indesejados desejos e sentimentos.

De qualquer forma, as próximas semanas prometiam ser recheadas de prazeres. E ele nunca ansiara, nem receara, tanto uma coisa.

Capítulo Cinco

Lysandra levantou a cabeça quando lhe bateram à porta. Esperara por aquele som durante dois dias e, agora, chegara o momento. Apenas uma pessoa sabia onde vivia; nem sequer a mãe estava completamente ciente das suas circunstâncias e por escolha de Lysandra. Isso fazia com que apenas um homem tivesse razões para a contactar ali.

O bater na porta soou de novo, desta vez mais alto, e Lysandra levantou-se da puída cama que estava encaixada no estreito canto do quarto da hospedaria e correu para a porta.

A senhoria, uma mulher repugnante, com uma verruga no nariz do tamanho de um seixo, estava à porta, com uma carta presa aos seus sujos dedos.

– A menina Finezas tem uma missiva – cuspiu a mulher.

Lysandra encolheu-se.

– Obrigada, Mistress Cringle.

Esticou a mão para o bilhete, mas a mulher manteve-o fora do seu alcance.

– O papel parece caro, querida.

Normalmente, Lysandra era intimidada pela mulher. Afinal de contas, ela poderia pô-la na rua, a qualquer momento, sem qualquer causa nem preocupação. Mas, naquele dia, não estava com disposição para a maldade da mulher e uma força, que geralmente estava adormecida, ergueu-se nela.

Os seus olhos estreitaram-se.

– Dê-me a minha carta, Mistress Cringle.

Com um respigo da garganta, a senhoria entregou-lhe a carta.

– Os homens ricos são difíceis de agarrar, sirigaita.

Lysandra bateu com a porta na cara da mulher e rodou encostando-se à ombreira da porta. A bruxa horrorosa aproximara-se na realidade mais da verdade do que imaginava. Mas a tarefa de Lysandra não era a de conservar Andrew. Era a de aprender com ele, na esperança de poder garantir um futuro para si e para a sua mãe.

Encaminhou-se para a cama e sentou-se para abrir o selo que mantinha as folhas fechadas. A mensagem era no mínimo breve, apenas uma morada onde se deveria dirigir de imediato e a instrução de que poderia abandonar os aposentos que alugava, pois aquela casa seria considerada sua durante a duração do seu caso.

Lysandra colocou o bilhete de lado e soltou um suspiro que sentiu ter retido desde sempre. Uma parte dela ficou aliviada. Poderia abandonar aquele lugar horrível e, se a sua vida corresse como planeado, nunca mais teria de olhar para trás.

Mas havia uma parte mais forte dela que receava aquilo que a curta missiva de Andrew exigia.

Durante dois dias, só fora capaz de pensar nele. No seu toque, na sua boca tão quente sobre a sua carne que perdera todo o domínio do seu corpo e a sua despedida quando o primeiro encontro terminara. Não sabia grande coisa acerca dos requisitos de uma amante, mas tinha a leve suspeita de que não deveria pensar no seu amante noite e dia.

– Talvez ainda haja outra maneira de ganhar dinheiro – disse, enquanto dobrava o bilhete e o colocava no bolso do vestido.

Mas como? Já dera voltas à cabeça durante os meses antes de ganhar coragem para falar com Vivien e não conseguira pensar em nada senão naquele fim. Só não contara com aquele homem que a fizera sentir-se tão trememente e fraca.

– Mãe – sussurrou baixinho, enquanto afastava mais uma vez aqueles indesejados pensamentos sobre Andrew.

Não, não podia contar à mãe os pormenores daquilo que estava a fazer, mas por vezes apenas estar junto à mãe ajudava Lysandra a ver a vida de forma mais clara.

Pegou na bolsinha, enrolou-se num xaile e deslizou pelo quarto para fora da malvada hospedaria. Tinha uma última oportunidade de se desviar daquele caminho e só esperava que um momento com a pessoa que mais amava pudesse clarificar as suas escolhas.

Quando Lysandra pedira aos primos August e Marta Ingram para acolherem a mãe, sabia que o fariam com relutância e com um olho no dinheiro que Lysandra conseguisse poupar ao fim do mês para lhes pagar a cama e os cuidados. Mesmo assim, esperava sempre que eles lhe dessem em troca um lar carinhoso para a sua mãe.

Agora, enquanto estava de pé na sua sala, com a mobília ridiculamente exagerada e o seu bricabraque, a tentar imitar a sofisticação de uma elegante sala como a de Andrew, ficou preocupada. A criada que lhe mostrara a entrada fora gelada como um vento do norte e parecera perturbada por ter de ir buscar a mãe de Lysandra.

Mas a porta por fim abriu-se e Lysandra avançou para abraçar a mulher que a criara e amara. O coração caiu-lhe aos pés.

Regina Keates nunca recuperara completamente da morte do seu amado marido, há mais de oito anos. Durante os primeiros, tentara seguir em frente, mas a doença e a dor da lenta e crescente pobreza atingira-a e sucumbira ao efeito de ambas.

Agora a sua mãe estava pálida, com olheiras escuras sob os seus outrora vibrantes olhos azuis e a sua silhueta era tão magra que Lysandra teve de reter as lágrimas quando a viu. Era sempre um grande choque para ela vê-la assim.

– Mãe – disse, ocultando a sua reação o melhor que podia e avançando para oferecer à mãe o braço para a ajudar. Pousou um beijo na face magra da mãe e ajudou-a a sentar-se numa cadeira.

– Minha querida – retorquiu a mãe com um sorriso que era ainda o mesmo que Lysandra recordava da sua infância, mesmo que tudo o resto fosse diferente. – Não te esperava hoje.

Lysandra teria servido uma chávena de chá à mãe nesse momento, mas os criados não lho tinham levado. Em vez disso, inclinou a cabeça com um sorriso que lhe era muito próprio.

– Simplesmente, apeteceu-me vê-la.

– É tão bom. – A mãe recostou-se na cadeira e fechou os olhos brevemente, como se o cansaço da visita estivesse já a afetá-la. – O teu patrão foi simpático em dar-te um dia de folga. Como é a tua vida de aia pessoal? Há algumas intrigues sobre as vidas dos condes de Culpepper?

Nesse momento, Lysandra ficou feliz por os olhos da mãe estarem fechados, para não olhar para ela enquanto formulava a melhor mentira. Não contara à mãe que fora despedida pelo conde de Culpepper havia mais de seis meses. E certamente que não lhe contaria porquê.

O resultado dessa única mentira fora um perigoso enredo de outras mentiras que se vira obrigada a entretecer de cada vez que visitava a mãe.

– Oh! Nada de grande interesse – disse Lysandra com os lábios subitamente secos. – Apenas as festas e as refeições do costume, para agradecer à condessa.

A mãe olhou para ela.

– Ah, bem, parece tudo tão encantador. Desejava mesmo que não tivesses sido obrigada a entrar na vida de serviçal mas, uma vez que entraste, fico satisfeita por pareceres assim feliz.

As lágrimas picaram os olhos de Lysandra, mas tornara-se uma especialista a escondê-las da mãe e, em vez disso, forçou um sorriso fraco.

– E a mãe? Continua a ser feliz aqui? O August e a Marta tratam-na bem?

Houve um momento de hesitação em que Lysandra juraria ter visto um vislumbre de medo no olhar da mãe, mas depois desapareceu. Porém, só a ideia de que ocorrera era terrivelmente perturbadora e fitou a mãe enquanto esta falava.

– São gentis em me aceitar – disse ela baixinho. – Família ou não, percebo que sou um fardo na minha presente condição.

Lysandra cerrou os lábios. Quando pedira aos primos para acolherem a mãe em sua casa, pensava que eles a receberiam bem. O seu primo August ganhava bem na sua loja e nunca parecia faltar o que quer que fosse à sua mulher e aos miúdos.

Contudo, sempre houvera uma tensão naquela casa. Uma sensação de que a mãe não era desejada, apesar de ser gentil, comer muito pouco e não causar problemas.

Lysandra cerrou os punhos ao lado do corpo.

– Mãe, não pode ser um fardo...

Deteve-se antes de poder terminar a frase e ficou a olhar. Quando a mãe se mexeu, a manga do seu gasto vestido escorregou-lhe pelo braço e revelou uma nódoa negra por debaixo do tecido. Uma nódoa negra com a forma de dedos, como se alguém a tivesse agarrado e lhe tivesse torcido o braço.

Lysandra pôs-se de pé.

– Como fez essa marca? – perguntou.

A mãe agarrou a manga e puxou-a para baixo, enquanto uma cor quente lhe inundava as faces e as fazia brilhar de vergonha.

– Foi uma parvoíce – respondeu a mãe, baixando o olhar. – Dei uma pancada a sair da banheira.

Lysandra cerrou os dentes.

– Tem a certeza?

Lentamente, a mãe ergueu o olhar para Lysandra e encarou-a com a dignidade que lhe restava.

– Claro.

Lysandra quis confrontá-la, dizer à mãe que sabia que não fizera aquela marca a sair da banheira. Exigir-lhe que lhe contasse a verdade. Mas o que poderia fazer, ainda que soubesse? Não tinha os meios para a levar daquele lugar. Dentro em pouco, nem sequer teria o suficiente para a manter ali.

E era *por isso* que estava a fazer aquilo. Era *por isso* que recorrera a Vivien Manning e a Lorde Andrew Callis. Porque, com o rendimento que obteria como amante, poderia salvar a mãe. E também salvar-se a si.

– Lysandra, querida, estás bem? – perguntou a mãe, interrompendo-lhe os pensamentos. – Ficaste muito calada e distante.

Lysandra espantou aqueles pensamentos e concentrou-se de novo na mãe.

– Desculpe, mãe. Estava a pensar numa tarefa que tenho de realizar. Não tinha a certeza de conseguir, mas agora percebi que tem de ser e que conseguirei, aconteça o que acontecer.

A mãe sorriu-lhe.

– Foste sempre tão determinada, minha querida. Sempre admirei isso em ti. Quando o teu pai morreu, parece que eu perdi a força, mas tu encontraste a tua.

Lysandra pestanejou por causa das lágrimas que em geral conseguia dominar. Encontrara a sua força? Por amor de Deus, nunca se sentira assim naqueles últimos oito anos infernais. Nunca se sentira tão fraca.

A porta atrás delas abriu-se e ambas se voltaram. O seu primo August estava de pé à entrada, com um rosto vermelho e irado, como de costume. Lysandra levantou-se, mas, pelo canto do olho, captou um vislumbre da mãe e a sua expressão era de medo.

– Disseram-me que estavas aqui – rosnou o primo. – Quero falar contigo. Vem comigo.

Lysandra suspirou. Acabara-se o encontro com a mãe.

– Deixa que me despeça e já vou ter contigo.

Ele fez um gesto a despachá-la e dirigiu-se ao corredor para ficar à espera, embora deixasse a porta aberta, roubando qualquer privacidade que ela poderia ter tido na sua despedida.

– Mãe – disse suavemente. – Farei tudo o que puder para... melhorar as coisas para si.

A expressão da mãe ensombrou-se e baixou o queixo num gesto tão próximo da derrota que partiu o coração a Lysandra.

– Não é assim tão mau – sussurrou a mãe. – Não quero que te preocupes.

– Mas preocupo. – Lysandra aproximou-se para a abraçar e ficou de novo surpreendida com a magreza e a fragilidade da mãe. – E hei de preocupar-me sempre. Vá para cima e descanse. Virei de novo visitá-la quando puder.

A mãe assentiu com a cabeça e Lysandra abraçou-a uma última vez, antes de se encaminhar para o corredor, onde estava o primo à espera. Ele fez-lhe sinal para que o seguisse e dirigiu-se ao seu escritório, algumas portas à frente.

Não ofereceu a Lysandra uma cadeira, nem chá, enquanto a fitava do outro lado da sua grande secretária de carvalho.

– Sabes, quando recebemos a tua mãe, não percebemos o fardo que estávamos a assumir – começou ele, sem preâmbulos. – Nem que a sua presença durasse tanto.

Lysandra franziu o sobrolho.

– O que queres dizer, August? Sabias perfeitamente que eu aceitara um emprego como serviçal e que não poderia ser capaz de lhe oferecer uma casa. Como poderias não saber que ela ficaria aqui durante mais de meio ano?

– Pensámos que ela morreria – afirmou o primo, frio como gelo.

Lysandra deixou-se cair na cadeira que ele não lhe oferecera e ficou a olhar para ele, num misto de horror e raiva.

– Como podes dizer isso? – conseguiu perguntar, depois de um longo momento à procura de voz.

O primo encolheu os ombros.

– Ela está frágil e mal de saúde.

Lysandra engoliu tudo aquilo que lhe apeteceu dizer quando pensou na nódoa negra no braço da mãe e no medo nos seus olhos. Não tinha como levar a mãe para um sítio mais seguro, por isso tudo o que podia fazer era não

tornar aquele sítio ainda pior.

– Eu pago-te, não pago? Todos os meses, sem falhar. Esse dinheiro é para cobrir as tuas despesas e garantir que ela está *bem*. – Lysandra sublinhou a última palavra, para que o primo percebesse que a mãe poderia já não estar a ser bem tratada naquela casa.

Ele reagiu com um sorriso trocista.

– O que me dás tu? Umas libras por todos os nossos cuidados e maçadas? Era exatamente sobre isso que eu pretendia falar-te hoje, Lysandra. Acho que tu e a tua mãe se estão a aproveitar da bondade da minha família.

O pensamento de Lysandra regressava sempre àquelas marcas em forma de dedos no braço da mãe, enquanto fitava o primo em silêncio.

Ele parecia não se importar com a sua ausência de reação e prosseguiu:

– E a sua estadia aqui tornou-se um fardo financeiro para nós.

Lysandra lutou para manter a calma na voz.

– O que estás a querer dizer?

– Precisamos de mais dinheiro para continuarmos a cuidar dela – disse ele, clara e simplesmente.

– Mais quanto?

Ele cruzou os braços e sorriu. Nesse momento, Lysandra compreendeu que ele estava a desfrutar daquela conversa.

– O dobro daquilo que pagas agora.

Lysandra baixou a cabeça. Todo o seu dinheiro estava dividido entre as suas escassas despesas e o pagamento que naquele momento destinava aos cuidados da mãe.

Só quando se mudasse para a casa de Andrew deixaria de ter o encargo da hospedaria. Isso não cobriria o dobro do preço que ela pagava agora pelos cuidados com a mãe, mas estava lá perto.

– Mas poderemos resolver isso de várias maneiras – comentou o primo enquanto se inclinava para mais próximo dela. – Por exemplo, em espécie. Sempre tiveste algumas coisas que eu admirei.

Lysandra pestanejou admirada e depois seguiu a linha da sua visão até aos seus seios. Deu um salto e pôs-se de pé com um grito.

– Tu és casado!

Ele encolheu os ombros.

– Como a maior parte dos homens. Estou meramente a oferecer-te uma maneira de cobrires as tuas despesas, minha querida.

Lysandra cruzou os braços à frente do peito e abanou a cabeça.

– Não, eu hei de arranjar outra forma de cobrir as despesas. Agora, se me dás licença, tenho outros assuntos para tratar.

Rodou nos calcanhares e abandonou a sala com a feia gargalhada do primo atrás de si. Assim que saiu do escritório, já no corredor, desatou a correr. Saiu porta fora para as escadas sem olhar à sua volta. Só queria afastar-se dali. Afastar-se dos seus receios acerca do bem-estar da mãe, que não tinha forma de resolver. Afastar-se do nojo que os avanços do primo lhe causavam.

Daí para a frente, não havia como olhar para trás.

Capítulo Seis

A carruagem que Andrew enviara a buscá-la deteve-se e Lysandra atreveu-se por fim a puxar para trás a cortina e a espreitar a casa em que viveria, embora brevemente. O que viu deixou-a sem respiração.

Era uma casinha no meio de uma fila de outras casinhas, mas era tão bonita... Os jardins fronteiros estavam bem tratados, com rosas claras e o branco da cerca a destacarem-se das paredes de tijolo. Lysandra já ouvira falar do bairro. Bikenbottom Court situava-se logo a oeste dos bairros mais elegantes de Londres e gabava-se dos comerciantes ricos e filhos segundos de lordes que viviam das heranças e dos nomes dos seus pais.

E, pelos vistos... amantes.

A porta da carruagem abriu-se e o condutor estendeu a mão para a ajudar a descer. Lysandra respirou fundo e aceitou a sua ajuda.

– Vamos descarregar as suas malas, menina, e levá-las para os seus aposentos – disse o cocheiro, depois de ela ficar parada a olhar para a casa durante demasiado tempo. – Por favor, entre. O Carlsworth está à sua espera. E diga-me se quiser ir hoje a algum lado.

Lysandra contrariou-o com um abanar de cabeça.

– Oh, não posso pedir-lhe que fique, Mister Wilkes. Tenho a certeza de que Lorde Callis irá precisar dos seus serviços e da sua carruagem.

O condutor pestanejou.

– Só Wilkes, menina. E... eu sou o *seu* cocheiro, menina. Este coche é para si.

Lysandra olhou para o homem vestido com uma bela libré e para a linda carruagem em que chegara.

– O meu cocheiro? – repetiu, antes de compreender como aquelas palavras a tinham feito fazer figura de parva.

Ele sorriu, com uma expressão muito gentil.

– Sim, menina. Lamento não ter sido mais claro.

Lysandra engoliu em seco e depois devolveu-lhe o sorriso.

– Obrigada, Wilkes. Agradeço a sua ajuda. Um bom dia.

– Bom dia, menina. – Tocou a aba do chapéu e depois foi descarregar as poucas malas que ela preparara para a mudança.

Lysandra avançou, mas, antes de poder bater à porta, esta abriu-se e revelou outro serviçal.

– Boa tarde, Miss Keates. Chamo-me Carlsworth, sou o seu mordomo.

A cabeça de Lysandra andava-lhe à roda. Não tinha o privilégio de ter criados desde... bem, já nem se lembrava há quanto tempo. E, mesmo em casa do pai, nunca tivera um mordomo! Havia uma cozinheira, uma criada que ela e a mãe partilhavam e um homem que o pai usava em todos os tipos de tarefas, mas era tudo.

– Sente-se bem, Miss Keates? – perguntou Carlsworth enquanto dava um passo na sua direção. – Está muito pálida.

– Desculpe, Carlsworth – disse ela, ofegante. – Não pretendi assustá-lo. Acho que estou um pouco esgotada.

– Claro – disse ele, num tom o mais simpático possível. – Deve estar muito cansada. Lorde Callis mandou dizer que virá dentro de meia hora. Deseja esperá-lo na sala, enquanto lhe aprontamos o quarto? Eu mando servir-lhe um chá.

Lysandra pestanejou. Iria ser servida como uma princesa?

– Menina? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça. Os criados iam pensar que ela era de facto uma princesa pateta se continuasse a olhar para eles como uma idiota.

– Obrigada, isso seria muito simpático. – Seguiu a indicação dele para uma das portas do corredor e entrou numa sala.

Imediatamente, ficou apaixonada. A sala não era imponente como a de Andrew, nem ridícula e pretensiosa como a do primo, mas era perfeitamente adequada. Fora pintada em quentes cinzentos e azuis, com uma bela mobília, ao mesmo tempo confortável e bonita. Havia poucas decorações, à exceção

de alguns quadros e de um relógio sobre a cornija da lareira, mas a ausência de adornos não incomodava Lysandra. Estava demasiado ocupada com o efeito absolutamente hipnótico pelo facto de, pelo menos durante algum tempo, poder desfrutar daquela casa como se fosse sua.

Atrás dela, houve um pigarrear de garganta e ela voltou-se e deparou com uma criada que entrava com uma bandeja com chá e algumas sanduíches.

– A cozinheira não tinha a certeza do que gostaria – explicou a rapariga, enquanto colocava a bandeja sobre o aparador. – Por isso, apresentou-lhe algumas escolhas. Quando a menina se encontrar com ela, terá de lhe dizer o que prefere.

Lysandra pestanejou, incrédula, e ficou a olhar para a rapariga.

– O...olá.

Ela sorriu.

– Chamo-me Candace, menina. Sou a sua criada de casa.

– A m...minha criada de casa? – repetiu ela, de novo apalermada na sua confusão e incredulidade.

A rapariga assentiu com a cabeça.

– Faço as limpezas e as arrumações. A criada da menina é a Faith e está lá em cima a preparar-lhe o quarto. A cozinheira é a Eliza, mas todos lhe chamamos Cook, porque lhe dá vontade de rir. Já conhece o Carlsworth e o Wilkes, claro.

Lysandra continuava a assentir, apesar de os olhos já lhe começarem a doer de estarem tão arregalados.

– Estamos todos aqui para a servir, Miss Keates – insistiu a rapariga. – Toque quando precisar de nós, a qualquer altura.

– Obrigada – agradeceu Lysandra, soltando o fôlego. – Eu toco.

Disse as palavras, mas mal conseguia imaginar-se a fazê-lo. Tocar para a ajudarem, como a senhora de uma mansão! Quando nessa manhã acordara no desconfortável aperto de uma das piores hospedarias de Londres.

– Tenho de ir. Lorde Callis deve estar a chegar.

Lysandra teve de esforçar-se para voltar a sua atenção para a rapariga e sorrir-lhe, enquanto Candace saía da sala. Depois de ela sair, Lysandra deixou-se cair na cadeira mais próxima e expulsou todo o ar de dentro de si.

«Meu Deus, sou uma palerma», disse para si mesma. «Vão falar de mim e faltar-se de rir lá em baixo na cozinha.»

Isso ela sabia com certeza. Afinal de contas, fizera o mesmo na casa dos

seus antigos patrões. Mesmo antes de ele...

Bem, não servia para nada estar a pensar nisso. Agora, não. Tinha de preparar-se para a chegada de Andrew. Viu como estava. O seu vestido usado não condizia realmente com aquela bonita casa, mas era o que tinha e não valia a pena sentir-se mal por causa disso.

Viu um espelho pendurado sobre a lareira e pôs-se à frente dele. Fez uma careta. Mas, para além das ténues olheiras, que pareciam ter-se tornado permanentes, achava que estava bastante bem. Mas «bastante bem» seria *suficientemente* bem? Uma amante não deveria ser escandalosamente bela e atraente? Sedutora e sofisticada como Vivien?

Beliscou as faces até adquirirem alguma cor e endireitou o vestido. Estava a verificar como tinha os dentes quando a porta atrás dela se abriu e, através do reflexo do espelho, viu Andrew a entrar na sala.

Voltou-se do espelho toda corada e deixou cair os braços ao lado do corpo. Bonito: agora fora apanhada a examinar os dentes, como se fosse um cavalo.

Se ele notara, não fez menção disso. Apenas se voltou para trás e fechou a porta da sala com um estalido sonoro. Ficaram a olhar um para o outro durante um longo momento, o suficiente para Lysandra se agitar. Talvez fosse suposto ela dizer qualquer coisa. Começar a sedução. Mas o quê?

– Olá – conseguiu dizer e suspirou.

Olá? Era *aquilo* o melhor que conseguia fazer?

Mas, por muito parvo que fosse, pareceu quebrar o feitiço. Andrew deu um longo passo na sua direção.

– Olá, Lysandra. O Carlsworth disse-me que acabou de chegar, mas espero que aquilo que até agora viu da sua casa seja suficientemente satisfatório para si.

Lysandra pestanejou.

– Não pode estar a falar a sério. É uma casa linda, ninguém lhe poderia apontar defeitos.

Ele inclinou a cabeça e houve um vislumbre de algo no seu olhar que ela não conseguiu compreender completamente.

– Perguntei porque a casa é um pouco mais pequena que aquilo que algumas amantes exigem. Só pensei que, como apenas partilharemos esta ligação durante um curto período...

As suas palavras começaram a sumir-se e Lysandra franziu o sobrolho.

– Claro que não iria investir numa grande mansão para mim. E, se o tivesse

feito, não saberia o que fazer com ela. Ter tantos criados e uma casa tão linda só para mim já é quase demasiado. Obrigado, senhor, por me ter disponibilizado.

Ele ficou a olhar para ela e por fim assentiu.

– Não tem de quê, mas devo dizer que não deverá mostrar-se excessivamente agradada quando aceitar um protetor. Há de querer que a persigam, que sejam levados a dar-lhe mais.

Lysandra fitou-o.

– Mas, desde que tenha aquilo de que preciso, será tudo o que peço. Não seria capaz de exigir algo a uma pessoa, como sugere. Porque haveria de o fazer?

– O desafio, minha querida – disse Andrew suavemente, enquanto dava mais um passo na sua direção. – Tem de fornecer um desafio a estes homens, caso contrário perderão o interesse. E, uma vez que o desafio não envolve os prazeres do seu corpo, deverá envolver algo mais. O seu conforto. A sua companhia. A sua aprovação.

Lysandra abanou a cabeça.

– Compreendo o que está a dizer, mas tenho dificuldade em imaginar-me a ser tão exigente.

Um canto dos lábios de Andrew ergueu-se num meio-sorriso.

– Há muito para ensinar. Mas, primeiro...

Calou-se e aproximou-se mais, mais, até Lysandra poder cheirar a fragrância masculina da sua pele e sentir o seu calor. Suficientemente perto para poder esticar o braço e agarrar-lhe a mão. Devagar, puxou-a para si e depois contra si.

Lysandra estremeceu, enquanto o seu espírito recordava os beijos íntimos com que ele inundara o seu corpo arquejante, apenas há alguns dias. O corpo que continuava a reagir ao mesmo tempo ao seu contacto e às suas recordações, arrepiando-se enquanto a área entre as suas coxas ficava húmida e quente de antecipação.

– Não a beijei da última vez em que nos encontramos – disse ele e a sua voz rouca tornou-se ainda mais rouca. – Pelo menos, não desta forma.

Ele lançou-lhe um olhar perverso e depois a sua boca baixou até à dela.

Lysandra ficou petrificada, enquanto os lábios dele pressionavam os seus. Já fora beijada antes, mas tinham sido tentativas desajeitadas e, frequentemente, muito desagradáveis. A boca de Andrew, porém, estava

firme e quente contra a sua. Descontraiu-se perante a pressão dos seus lábios e a forma como coincidiam tão perfeitamente com os seus.

E depois ele separou-os e traçou o contorno da sua boca com a língua, de uma maneira muito semelhante àquela que utilizara com os seus lábios feminis da última vez em que se tinham encontrado. A boca dela abriu-se com aquela sensação e ele tocou a língua dela com a sua.

Ela gemeu contra os seus lábios, enquanto lhe enlaçava o pescoço com os braços e devolveia o beijo num puro instinto. As suas línguas colidiam e dançavam, acariciando-se e saboreando-se ao mesmo tempo que Andrew a ia puxando cada vez mais para si, com cada um dos seus toques. As suas mãos percorreram-lhe as costas e agarraram-lhe o traseiro, levantando-a contra si.

Lysandra arfou, primeiro com a intimidade e paixão do toque e depois ao sentir algo duro e quente contra a sua barriga quando ele a esmagou contra si.

– Os criados disseram-me que os seus aposentos estariam prontos para nós – murmurou Andrew, afastando-a e fitando-a com uma expressão quente e pesada. – Vamos para lá agora.

Lysandra engoliu em seco quando ele lhe pegou na mão. Deixou que ele a conduzisse para o segundo piso da casa. Havia algumas portas fechadas, mas não era altura para curiosidades. Não quando estava a ser conduzida para um quarto com uma enorme cama com colunas, encostada à parede. Era um quarto espetacular, próprio de uma princesa com a qual antes se comparara, mas não teve tempo de examiná-lo ou desfrutá-lo porque Andrew fechou a porta atrás deles e prontamente a pressionou contra a sua dura superfície, levantando-a contra si mais uma vez, enquanto a beijava, beijava, beijava, até à sua submissão entontecida. Ela agarrou-se a ele, indefesa perante a tempestade, incapaz e relutante em se separar e quebrar o feitiço que ele entretecia com o seu quente contacto.

Os dedos dele desapertaram-lhe os botões à frente do vestido, libertando-os de tal modo que dois deles rolaram pelo chão, por causa da linha ordinária. Porém, ele pareceu não reparar. Parou de a beijar o tempo suficiente para lhe abrir o vestido à frente.

A sua camisa era tão modesta como o vestido, sem enfeites, apenas um grosseiro tecido de algodão contra a sua pele nua. Ele enfiou-lhe as mãos por baixo dos ombros do vestido e das finas alças da camisa interior e puxou-os pelos seus braços, despiendo-a da cintura para cima.

Lysandra tremeu de vergonha e ergueu as mãos para se cobrir por puro instinto. Andrew tocou-lhe as mãos e baixou-lhas, enquanto por fim lhe olhava o rosto.

– No passado, talvez isto fosse uma humilhação para si – murmurou, num tom hipnótico no quarto silencioso. – Nunca mais será. Aprecie o facto de, quando olhar para si, isso me enlouquecer de desejo. Quando *qualquer* homem olhar para si deste modo, poderá ter tudo aquilo que desejar. Será *esse* o poder que deterá como amante.

Lysandra fechou e abriu os olhos. Sentia-se tudo menos poderosa naquele momento. Estava enfraquecida pelo desejo, misturado com uma forte dose de ansiedade por causa daquilo que sabia que iria acontecer e pela vergonha causada pelo seu presente estado de nudez. E, porém, a ideia de poder levar um homem sofisticado e experiente como Andrew à loucura apenas com um vislumbre dos seus seios desnudados... era um pensamento inebriante.

– E, agora, vou remover o resto do seu vestido – disse ele, enquanto enganchava os dedos no tecido e lho separava das ancas. – Não se volte. Não se tape.

Ela fechou os olhos enquanto o vestido caía, mas mesmo assim conseguia sentir o seu abrasador olhar sobre ela, tão quente como se lhe tocasse a pele. O contacto veio a seguir. Ele esticou as mãos e envolveu-lhe os seios, massajando a carne com a quantidade perfeita de pressão.

– Andrew – arquejou ela e ele sorriu.

– Já está a gritar pelo meu nome? Ainda estamos a começar.

Ela não conseguiu encontrar fôlego para responder, mas isso não parecia ter importância. Ele guiou-a para trás através do quarto, até as suas costas baterem contra a cama. Então, levantou-a ao colo e colocou-a à beira do elevado colchão. Abriu-lhe as pernas, exibindo-lhe o corpo tal como fizera quando a lambera até ao orgasmo alguns dias antes, e deu um passo para o espaço entre elas.

Beijou-a de novo e todos os pensamentos, toda a vergonha e toda a ansiedade voaram quando ele a saboreou, roçou a sua língua com a dele, lhe seduziu os sentidos com a sua boca.

Agarrou-lhe as mãos enquanto a beijava e baixou-lhas até aos botões que lhe apertavam as calças.

Ficaram a olhar um para o outro durante um longo momento, com as suas respirações alteradas a ecoar no quarto silencioso.

– Abre-as – ordenou ele.

Os dedos dela tremiam-lhe enquanto hesitava, olhando-o suplicantemente. Não era que não compreendesse as palavras, mas sentia-se tão esmagada por tudo o que estava a acontecer que parecia paralisada.

– Lysandra – disse ele, fixando o olhar nela. – Abre-as.

Ela fez que sim com a cabeça num gesto desajeitado que a fez regressar à realidade. Os botões estavam apertados e ela descobriu porquê depois de ter desabotoado alguns. O seu membro fazia pressão contra eles, duro como granito. Quando a braguilha se abriu, saltou liberto, golpeando-lhe a mão com o seu fogo de aço sedoso, enquanto ela recuava.

– Toca-me – gemeu ele.

Ela olhou para ele sem saber o que havia de fazer.

– Nunca tinhas visto o pénis de ninguém? – perguntou-lhe ele, pois ela não fazia qualquer movimento para lhe tocar.

Ela negou com a cabeça. Devagar, ele tocou-lhe o queixo para que o olhasse.

– Eu ensino-te.

Sem mais palavras, pegou-lhe na mão e apertou-lhe os dedos em torno dele. Com um gemido, fez com que a palma dela o percorresse uma, duas vezes. Quando a largou, ela continuou a passar-lhe a mão ritmicamente, hipnotizada pela forma como ele dobrava as ancas na sua direção a cada puxão, como os seus olhos rolavam para trás.

Nesse momento, percebeu que era *aquilo* que ele queria dizer quando lhe dissera que ela tinha poder como amante. Aumentou a cadência e reparou que estava a contrair e a relaxar os músculos internos do seu corpo ao ritmo dos seus movimentos. A sensação era extremamente agradável e começou a suspirar.

Ele olhou-a.

– Chega – disse, com uma voz rouca, enquanto lhe retirava a mão.

Ela encolheu-se.

– Fiz alguma coisa mal?

– Não, mas se continuasses eu vinha-me. E eu quero ter-te, Lysandra. Quero possuir-te.

Ela abriu a boca para responder, mas ele não lhe permitiu. Esmagou a sua boca com a dele, puxando-a para cima da cama e cobrindo-lhe os lábios. Ela sentiu a cabeça dura do seu... como lhe chamara? Pénis. Sentiu-lhe o pénis à

sua entrada e depois ele enfiou-o nela. Os primeiros segundos foram celestiais, com todo o seu corpo a abrir-se e a fazê-la estremecer.

E então uma furiosa explosão de dor fez com que largasse um grito.

Capítulo Sete

Andrew ficou gelado quando Lysandra gritou, não de prazer, mas de dor. O seu rosto contorceu-se de surpresa e agonia, enquanto os seus dedos se lhe enterravam nos ombros.

Com grande esforço, ele libertou-se do seu corpo anelante e quente, vendo o revelador vestígio de sangue no seu membro. O sangue de uma virgem.

Com um rugido de frustração e culpa, afastou-se dela. Estava em brasa de desejo e teve de se forçar a recuar três passos. Apesar do que sabia agora, continuava a desejá-la. A acabar o que tinham começado.

Mas não podia.

Durante um longo momento, ficaram a olhar um para o outro. Lysandra pestanejava, nitidamente a tentar dominar as lágrimas. E Andrew estava demasiado perturbado para conseguir articular palavras naquela altura.

– Por...porque parou? – perguntou por fim, com a voz entrecortada pela emoção.

– Como é capaz de me fazer uma pergunta tão ridícula? – retorquiu. Ela encolheu-se, enquanto ele abanava a cabeça. – Sangue de virgem, Lysandra? Dor de virgem?

Ele apertou os olhos, mas não antes de se aperceber de uma dor muito mais profunda do que a dor da virgindade perdida. Lentamente, ela esticou um braço, a mão a deslizar pela cama até encontrar uma almofada. Cobriu com ela a sua nudez e abanou a cabeça.

– Claro que não. Não sei do que está a falar.

Andrew aproximou-se um passo e ergueu um dedo a tremer.

– Não me minta, Lysandra. Faça o que fizer, não me minta.

Ela debateu-se por um momento, mas finalmente encolheu os ombros.

– Muito bem, não mentirei.

Ele fitou-a.

– A menina é... *era* uma inocente! Como pôde esconder-mo? Como mo pôde esconder Vivien?

Ela enfrentou o olhar dele com o dela.

– Vivien não sabia. Penso que ela partiu do princípio de que eu devia ter alguma experiência quando apareci e lhe pedi para me encontrar um protetor. Afinal de contas, que género de virgem seria tão ousada? Eu não corrigi essa ideia errada, tal como não corrigi a sua.

Ele passou uma mão pela cara. Não conseguia encontrar palavras que expressassem a que ponto se sentia zangado e culpado. Duas emoções que não pretendia associar àquele tipo de agradável tarefa. Tinha que lhe chegasse das duas na sua vida de todos os dias.

– Caramba, Lysandra! – explodiu por fim.

Ela expirou longamente algumas vezes seguidas para se acalmar e depois olhou-o bem na cara. Ele percebia como ela se esforçava por fazê-lo e como desejava afastar o olhar dele. Mas manteve-se calma e dominada.

– Ralhe comigo tudo o que quiser, mas agora que a verdade foi revelada, continuo a precisar deste treino. Talvez mais do que nunca. Vai ajudar-me? – perguntou, com uma voz tão firme como o seu olhar.

Ele pestanejou.

– Não pode esperar seriamente que continue consigo, agora que sei que é uma inocente.

Ela inclinou a cabeça.

– Como disse há pouco, *era* uma inocente. Posso não saber grande coisa, mas estou perfeitamente consciente de que não posso dar duas vezes aquilo que acaba de me tirar. Por isso, o problema da minha virgindade, como parece ter percebido, agora desapareceu. Qual é então a diferença em relação à altura em que pensava que eu fora usada e deitada fora?

– *É* diferente – insistiu ele, mas dificilmente conseguia imaginar quaisquer razões para isso.

A mulher era inteligente, tinha de lhe conceder isso. Sabia defender um argumento. Não que não fosse retorcido. Mesmo assim, continuava a querer enterrar-se dentro dela e acabar aquilo que tinham começado. Só lhe faltava

agora andar a desflorar virgens.

– Porquê?

Ele pôs as mãos nas ancas.

– A menina não é uma mulher da rua. É evidente que foi cuidadosamente criada e educada. Uma mulher assim, com nada que lhe manche o caráter, não se devia virar para uma vida de amante. Há outras opções.

Ela contraiu os lábios e ele viu no seu olhar um relampejo de tristeza e ao mesmo tempo de inesperada raiva.

A sua voz soou distante quando disse:

– Não. Esta é a única opção para mim.

– Isso não pode ser verdade – insistiu ele com um suspiro. – Há outros caminhos.

Ela fitou-o e o seu queixo ergueu-se teimosamente.

– E o que sabe sobre isso, *meu amo*? Teve uma vida privilegiada desde o dia em que respirou pela primeira vez. Nunca viu o dinheiro da sua família desaparecer, nunca foi forçado a tornar-se criado em casa de outras pessoas e depois ver que elas queriam... mais de si.

Ela encolheu-se e as palavras de censura evaporaram-se dos lábios de Andrew. Fitou-a.

– Foi isso que lhe aconteceu?

Ela assentiu com a cabeça, apenas uma vez.

– Trabalhava para um homem muito influente na Sociedade e pensava, esperava, que fosse uma forma de me sustentar a mim e àqueles que amava. Mas quando ele me solicitou que lhe prestasse outros serviços para além dos da casa... – Arrepiou-se. – Eu... eu recusei-me.

– Mas não é isso que irá fazer tornando-se uma amante? – perguntou-lhe ele.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Se me tornar a amante de um homem, será por minha escolha. E há benefícios a juntar-se a esse título, não há? Muito melhores do que os de uma criada de quem o patrão se serve nas costas da mulher. Já percebi que, nesta situação, terei algum domínio... algum poder.

Andrew engoliu em seco. Ao olhar para ela, para as suas curvas mal cobertas pela almofada da cama, o rosto corado enquanto falava sobre exercer o seu próprio género de poder sensual... o seu membro começou a dar-lhe razão. Raios partissem se não tinha razão. Ela tinha poder. Pelo menos

algum.

– Este homem que eu servi ficou enraivecido quando lhe disse que não. Pôs-me na rua nesse mesmo dia e recusou-se a dar-me boas referências. De facto, fez mais ainda. As suas palavras venenosas garantiram que eu nunca mais voltaria a trabalhar numa boa casa. E, para uma criada, isso é a morte de uma carreira.

– Compreendo – disse Andrew baixinho.

Ele muito raramente pensava naqueles que estavam ao seu serviço. Tratava-os bem, oferecia-lhes dinheiro e um teto e ajuda quando a pediam. Por vezes, esquecia-se que havia outros que não tratavam assim tão bem o seu pessoal. E nunca refletira nas consequências que poderiam sobrevir àqueles que eram postos na rua.

– Não estou certa que compreenda – prosseguiu ela. – Se não me ensinar a ser uma amante, serei simplesmente forçada a percorrer esse caminho de outra forma. Se for preciso, com outro homem. – Estremeceu com a ideia. – Ficarei na rua se não for assim e ficará também...

Interrompeu-se e abanou a cabeça, como se se tivesse arrependido de falar tanto. Andrew olhou-a.

– Quem?

Ela abanou a cabeça.

– Não importa. Não lhe estou a pedir que tenha pena de mim. Apenas ajuda.

– Quem? – perguntou ele de novo, em voz baixa e firme.

Ela engoliu.

– A minha mãe – confessou.

Ele recuou surpreendido.

– A sua mãe?

Ela encolheu-se e depois saiu da cama para ir buscar o vestido.

– Sim. Eu tenho uma mãe, sabe. Mesmo as pessoas das classes inferiores são humanas, meu amo.

Ele avançou na sua direção enquanto ela se debatia com o vestido. Quando lhe tocou, a pele dela queimou a sua, espevitando o fogo que se extinguiu quando lhe descobrira o segredo.

– Não quis ofendê-la, Lysandra – disse, suavemente. – Independentemente daquilo que pensa de mim ou da minha «classe», sei muito bem o que é a responsabilidade familiar. A minha própria família é... complicada.

Ela deixou de tentar afastar-se dele e, em vez disso, olhou-o.

– Se compreende, isso quer dizer que, apesar das suas reservas, me irá ajudar?

– Irá mesmo prosseguir neste caminho, se eu não a ajudar? – perguntou.

Não tinha a certeza de qual seria a resposta que desejava ouvir quando formulou a pergunta. A ideia de ela estar com outro homem... bem, era uma tortura. Queria saboreá-la primeiro. Um momento. E queria ter a certeza de que seria – treinada – por alguém que compreendesse a sua necessidade e fosse gentil nas suas instruções.

– Vou – disse ela sem hesitar. – Tem de ser.

– Então eu ajudo-a – sussurrou ele.

Ela hesitou e ele percebeu que era de alívio. Pela primeira vez, viu o desespero dela e assustou-se um pouco. Agarrou-lhe o cotovelo e puxou-a mais para si.

– Mas tem de compreender que, se vou fazer isto, tenho de ir até ao fim. Irei ensinar-lhe aquilo que um homem deseja... *tudo* o que um homem deseja. Poderá ser demasiado intenso para si.

Ela engoliu em seco e ele percebeu que o seu aviso a assustava e excitava ao mesmo tempo. De novo, ficou rijo como uma pedra apenas com o seu morder de lábio e a curiosidade dos seus olhos.

– Para mim será melhor ficar a conhecer todos os aspetos do desejo de um homem – disse ela por fim. – Por isso apreciarei tudo aquilo que me ensinar.

– Veremos – sussurrou ele e em seguida rendeu-se ao desejo que começara a percorrê-lo de novo. Colou a boca à dela, conduzindo a língua por entre os lábios dela, enquanto moldava as suas curvas ainda meio despidas ao seu corpo.

O vestido que ela tinha nas mãos caiu e soltou um pequeno gemido nos seus lábios quando ele emaranhou os dedos no cabelo dela e a puxou mais para si.

Andrew arfou pelo ar que ela lhe roubara. Ela poderia ser inocente, mas era absolutamente reativa e fantasticamente erótica. Com apenas um toque, arquejava e gemia, e viera-se tanto e tão depressa da primeira vez em que ele a tocara, que ele ficara ainda mais convencido de que ela teria alguma experiência sexual.

Mas agora competia-lhe instruí-la. Agradar-lhe. Treiná-la. E ele pretendia desfrutar de cada um dos momentos, ao mesmo tempo que a ensinaria a fazer

o mesmo. Não tinha de estar agora a pensar que ela aplicaria essas lições eróticas numa relação com outro homem, um protetor mais permanente. Isso eram pensamentos para outro dia.

Naquele dia, tratava-se apenas daquilo.

Manobrou-a de novo para a cama e, de imediato, encontraram-se onde tinham ficado, antes de ele descobrir a verdade. Ela empoleirou-se na beira da cama, arfando enquanto olhava para ele.

– Gostou da sensação antes... – Hesitou e sentiu o remorso. – Antes da dor?

Ela assentiu.

– G...gostei.

– A dor é temporária – explicou ele, enquanto a deitava. – Algo que acontece a primeira vez que um homem a penetra, mas nunca mais, nem com esse nem qualquer outro homem. Se soubesse que era virgem, teria sido mais gentil, mais cuidadoso. Teria tratado essa oferta como a dádiva que é. – Afastou-lhe uma madeixa de cabelo castanho encaracolado do rosto. – Mas, agora que sei... bem, prometo-lhe que farei desta primeira vez algo de que se recorde.

Ela olhou-o pestanejando.

– Acho que posso dizer com toda a certeza que isso já aconteceu.

Ele riu-se.

– Isso parece ser um desafio.

Ele não esperou pela sua resposta, mas aproximou a boca da sua. As palavras dela morreram-lhe nos lábios e ele beijou-a, saboreando e explorando a sua boca até ela ficar descontraída sobre a cama. Depois, começou a deslocar-se mais para baixo. Acariciou-lhe o pescoço, sorvendo-lhe a pele com pequenas dentadas e arranhões com os dentes. Ela arquejou, agarrando-lhe os ombros, enquanto a respiração lhe ressoava vinda dos pulmões, num ritmo quebrado e forte.

Um ritmo que se deteve quando ele lhe sugou um mamilo ereto entre os lábios.

– Meu Deus! – gritou ela e as suas ancas empinaram-se.

Ele sugou com mais força em resposta e ela lamuriou-se, agarrando-se a ele, implorando-lhe algo que ele sabia que ela não compreendia totalmente. Mas ele ia mostrar-lhe. E já.

Endireitou-a sobre a cama e colocou-se sobre ela. Desde que lhe rasgara o

hímen, o pior da sua dor passara, mas possivelmente continuaria dorida. Abriu-lhe as pernas e continuou a sugar-lhe e a excitar-lhe o mamilo e então apertou o seu membro contra ela.

Inchou quando sentiu os seus lábios feminis a receberem-no, quentes e escorregadios, para o seu interior. Ele olhou-a no rosto e viu-lhe os olhos fechados, gemendo e arfando ao sentir a sua língua no seu mamilo. Podia penetrá-la agora, depressa e a quente, para ela não ter tempo de se contrair e tornar a sensação desagradável.

Deslizou até ao fundo dela e os seus olhos abriram-se de choque com a sensação, embora, desta vez, não se encolhesse nem gritasse de dor. Durante um longo momento, ele deteve-se assim dentro dela, apesar de as suas paredes internas, apertadas, quentes e a pulsar, o impelirem a entrar dentro dela, sem grande delicadeza ou domínio.

– Estás bem? – ofegou.

Ela fez que sim.

– Sim. A dor é mínima – disse ela.

– Quero fazê-la desaparecer – rosnou ele. – Quero fazer-te vir. Fazer com que te sintas tão bem como te sentiste quando te lambi.

Ela estremeceu e o seu corpo dobrou-se, provavelmente sem ela sequer dar por isso. Era demasiado. Andrew penetrou-a numa única longa investida e grunhiu com o prazer que lhe deu.

– Meu Deus, és o paraíso – gemeu contra o seu pescoço. – Agarra-te bem a mim, Lysandra.

Ela fez como ele disse, cravando-lhe as mãos em torno do pescoço, enquanto ele rodava as ancas uma segunda vez. Dobrou-se e deteve-se, lutando para se manter dominado, calmo, gentil, mas o seu membro há muito negligenciado queria mais. Mais da sua fenda lacrimejante. Há tanto tempo que não se perdia.

– É uma sensação... – arfou ela debaixo dele e ele contraiu-se.

Se dissesse dolorosa, pararia, embora não fizesse ideia de como conseguiria fazer uma coisa dessas naquele momento. Quando estava mesmo no limite.

– ... boa – gemeu. – Tão boa.

Aquelas palavras dispararam-no para além do limite em que se mantivera equilibrado e Andrew perdeu o domínio. Penetrou-a, tomando-a, reclamando-a, investindo até não sentir nada mais senão o olvido do prazer.

E precisamente no momento em que já não conseguia dominar-se mais,

Lysandra contraiu-se por baixo dele, com o rosto contorcido numa máscara de maravilhamento e prazer, enquanto estremecia na sua descarga, gritando o seu nome enquanto o apertava com mais força contra si.

Ele explodiu, mal sendo capaz de se retirar do corpo quente, para libertar a sua semente nos lençóis em vez de ser no fundo dela. Depois deixou-se cair sobre as almofadas e puxou-a contra o peito.

Estava feito. Ela era sua de uma maneira que nunca seria de outro homem. E, apesar de a ideia lhe ter originalmente criado reservas, agora sentia-se triunfante ao pensar que ele seria o único a possuí-la pela primeira vez, o primeiro a dar-lhe prazer.

Independentemente do que viesse a acontecer, esse facto pertencer-lhe-ia a ele para sempre. E ela recordá-lo-ia para sempre. E ele também.

Capítulo Oito

Há muito anos que Lysandra não tomava banho à frente de outra pessoa. E *nunca* tomara banho à frente de um homem. Mas agora estava sentada numa grande banheira no meio do seu novo quarto e Andrew encontrava-se sentado ao pé, vendo-a a ensaboar-se. A única proteção da sua pele nua era a água com espuma o que, na realidade, era uma fraca cobertura.

Um facto que Andrew parecia estar a apreciar. Posicionara-se de forma a observá-la de cima. Ela não tinha a certeza se havia de se retorcer de vergonha, ou de corar com o surpreendente e intenso desejo que ele lhe inspirava. Não conseguia deixar de pensar na paixão que tinham acabado de partilhar há ainda não uma hora e baixou o olhar.

– Não desvies os olhos de mim – disse ele baixinho.

Ela lançou-lhe um olhar interrogador.

– Desculpe?

– Isto é o teu treino.

Ela franziu o sobrolho.

– Foi a nossa... a nossa...

– Queca? – terminou ele a frase.

Ela nunca ouvira antes aquele termo, mas percebeu intuitivamente que não era uma palavra educada ou apropriada para ser usada perante outros.

Quando ela se encolheu, ele disse:

– Ou poderás chamar-lhe fazer amor, se achares a outra palavra demasiado vulgar.

Ela mordeu o lábio. Fazer amor parecia-lhe uma expressão demasiado íntima para aquilo que tinham feito. O amor não fazia parte daquela equação, em nenhum sentido. Na verdade, ela mal conhecia aquele homem, quanto mais ter qualquer sentimento por ele. Mas tendo de escolher entre os dois termos...

– Fazer amor não fazia parte do meu treino? – perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça lentamente.

– Oh, sim. É uma parte muito agradável, que será um marco para tudo aquilo que partilharmos desde este momento até que nos separemos. Mas, agora que já não és virgem, temos de passar a lições mais exigentes acerca de expectativas, desejos e o futuro que insistes que deves ter.

Os olhos de Lysandra estreitaram-se. Estaria ele a tentar assustá-la para que alterasse a sua decisão? Ele argumentara tão apaixonadamente contra a sua decisão de se tornar amante antes de acabar de... *fazer amor* com ela que não podia errar acerca da sua opinião sobre o assunto.

Mas ela não se deixaria convencer. Portanto, ergueu o queixo e olhou-o de frente.

– Porque não devo desviar o olhar?

Ele suportou calmamente o seu olhar.

– Como amante, não deves ser tímida nem envergonhada. Um cavalheiro encontra muito disso nos salões de baile e de conversação quando procura uma mulher para ser sua esposa. Uma amante tem de oferecer algo diferente. Algo excitante e novo para iluminar a vida aborrecida de um cavalheiro.

Lysandra mexeu-se dentro de água. Conseguiria ela fazer isso? Ser excitante e diferente para homens que tinham muito maior poder e experiência do que ela?

– Mas nem todos os homens querem a mesma coisa, pois não? – perguntou.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– De certo modo, sim. Todos os homens querem a doçura do teu corpo. Mas, por outro lado, não. Todos têm desejos diferentes.

– Então, talvez acabe por me tornar amante de um homem com uma esposa que seja uma debochada. – Encolheu os ombros. – Talvez *esse* prefira uma amante recatada.

Andrew ficou a olhar para ela durante um longo momento e depois começou a rir. Era um som agradável, embora um pouco rouco, quase como

se não o soltasse há muito tempo.

– Minha querida, se usares esse espírito com qualquer homem com que acabes, verás que te irá servir tão bem como o teu corpo – disse ele, quando conseguiu retomar a fala.

Lysandra corou de prazer. Não era cumprimentada pelo seu espírito desde os dezoito anos. O pai tinha então morrido há um ano e ela e a mãe tinham-se agarrado à esperança de que ela encontrasse um marido adequado que as salvasse dos seus crescentes problemas. Havia feito uma breve incursão na Sociedade da classe média londrina. Os cavalheiros tinham todos afirmado adorar a sua companhia, mas acabaram por casar com raparigas aborrecidas com grandes dotes.

E talvez fosse aí que Andrew pretendia chegar.

– Está, portanto, a dizer que os homens são frequentemente forçados a alianças que prefeririam não ter escolhido, se não tivessem de obter herdeiros apropriados para os seus títulos e encher os seus cofres com os dotes das suas mulheres. Quando escolhem uma amante, procuram alguém muito diferente da mulher que têm em casa, ou da mulher que sabem que terão de cortejar – disse ela com espanto.

Ele assentiu.

– Precisamente.

– Isso é muito triste para eles – disse Lysandra, abanando a cabeça. – É muito triste que os homens tenham de casar com alguém que nunca poderão amar e é muito triste para as mulheres, que nem sequer poderão esperar despertar a atenção dos maridos.

Andrew cerrou os lábios.

– Nem tudo é assim tão sombrio. Há casamentos de amor entre a elite, como tenho a certeza de que acontecem na classe média. Só que são mais raros.

Ele desviou o rosto e Lysandra ficou a olhar para ele. Houvera um breve momento de dor no rosto dele que fora inconfundível. Lembrou-se de que Vivien lhe contara qualquer coisa sobre a sua «triste história», mas poderia ter algo a ver com um casamento? Meu Deus, ela nem sequer sabia se ele *era* casado. Partira do princípio de que não, por a ter recebido em casa, mas poderia estar completamente enganada.

– É casado? – deixou escapar.

Ele forçou o olhar de novo na sua direção e fitou-a durante um longo

momento. Depois, abanou lentamente a cabeça.

– Não. A minha mulher morreu há três anos.

Lysandra engoliu em seco. Pelo menos, não seria a «outra mulher» a ajudar à dolorosa deterioração de um casamento, mas não conseguia ficar contente com a razão. Sabia bem como a morte do marido destruíra a sua pobre mãe.

– Lamento – disse baixinho.

Ele levantou-se.

– É exatamente disso que estou a falar, Lysandra. O teu dever é afastar essas ideias dolorosas, essas provas da realidade, do espírito do teu protetor. Criar um mundo de fantasia e prazer, nada mais. Será isso que ele desejará.

Ela fitou-o. Estava zangado. Zangado com ela ou zangado consigo próprio, não tinha a certeza. Mas, antes de poder perguntar, ele voltou-se para ela.

– Levanta-te – ordenou-lhe.

Ela encolheu-se com o tom rude, mas obedeceu, erguendo-se da água vaporosa. Continuava a sentir o desejo de se cobrir, mas começava a desvanecer-se. Afinal de contas, Andrew já a vira de uma forma muito íntima.

– Alguma vez te tocaste? – perguntou-lhe.

– Tocar-me? – repetiu ela.

Ele fitou-a.

– Como eu te toquei. Se te tocaste intimamente.

Ela respirou fundo algumas vezes seguidas antes de responder, para que ele não ouvisse o tremor na sua voz.

– Não – admitiu.

Ele franziu o sobrolho.

– Nunca? Nem na escuridão do teu quarto?

Ela mordeu o lábio.

– Não.

– *Huum*, muito bem, então a tua primeira lição irá servir-te para o resto da tua vida. Conheceres o teu corpo. – Sorriu, mas maliciosamente. – Para criares prazer nos outros, tens de experimentá-lo. Pega na toalha que está na mesa ao pé da banheira, seca-te e estende-te no divã.

Lysandra tremeu, mas fez o que lhe disseram. Depois de estar seca, foi para o divã, um canapé que estava colocado em frente do lume brilhante. Depois de se reclinar, fitando-o com a antecipação a aquecer-lhe o sangue, ele foi ajoelhar-se à ponta do divã.

– Abre as pernas, Lysandra, e toca-te.

Ela endireitou-se um pouco e olhou para ele.

– Toco-me consigo a ver-me?

Ele respondeu roucamente:

– Normalmente, dir-te-ia apenas que o fizesses na privacidade do teu quarto, mas o nosso tempo juntos é limitado. Serei o teu guia para encontrares formas de atingires o orgasmo e depois deverás fazê-lo todas as noites, quer eu te visite ou não. Mantém o teu corpo pronto e aproveitarás melhor os teus deveres como minha amante. – Deteve-se e abanou a cabeça.

– Como *uma* amante.

Lysandra mordeu o lábio. Não fazia ideia sobre como havia de proceder para se tocar intimamente. Mas, quando Andrew inclinou a cabeça a encorajá-la, percebeu que ele não ia dispensá-la da sua ordem.

Entortou os joelhos e separou um pouco as pernas. Ele abanou a cabeça.

– Não. Tudo.

– Expor-me de uma forma inteiramente imprópria de uma senhora? – deixou escapar Lysandra, horrorizada.

Ele sorriu.

– Poderás ser uma senhora no salão, se o desejares, na realidade, deverás fazê-lo, qualquer que seja a posição que venhas a ocupar na vida. Mas, no quarto, em privado ou com o teu amante, deverás querer ir mais longe. Querer esquecer as convenções que te dizem para não olhares, não tocares, não *sentires*. Caso contrário, terás com certeza relações muito curtas e pouco satisfatórias.

Ele chegou-se à frente e agarrou-lhe os joelhos e depois puxou-lhos para fora, até ela os ter separado sobre o sofá, numa posição muito reveladora.

– Agora coloca as tuas mãos sobre ti e pensa naquilo que te deu prazer – prosseguiu, embora a sua voz se tornasse cada vez mais rouca, a cada nova ordem.

– Andrew – sussurrou ela, sobretudo porque estava com medo.

Medo de tudo aquilo que aquela nova vida implicaria e, pior, como poderia mudá-la. Já naquele momento ela ansiava pelo seu contacto, por mais dele, e isso não a tornava numa impudica?

– Para de pensar em tudo aquilo que te mete medo e faz isso – incitou Andrew, penetrando os seus pensamentos como se tivesse uma janela aberta para a sua alma atormentada.

– Como sabia o que eu estava a pensar? – perguntou ela.

Ele riu-se.

– Tens um rosto expressivo, Lysandra. Agora, deixa-te de delongas e faz o que te mando.

Lysandra ergueu a mão. Tremia-lhe quando a pousou sobre a barriga e a deixou lá pousada. Os dedos nunca lhe tinham parecido tão pesados nem tão quentes. Olhou para eles, quase como se pertencessem a um estranho inoportuno.

– Endireita-te e toca os seios – disse ele, fitando a mão dela tão atentamente como ela.

Lysandra respirou fundo e, lenta e hesitantemente, deslizou a mão sobre o vértice do seu corpo até que a sua palma direita cobriu ao de leve o seu seio direito. Mais uma vez, ficou espantada com a estranheza da sensação. Claro que se tocara inocentemente antes, no banho ou quando estava a vestir-se... mas aquilo era muito diferente. Agora reparava em como o seu seio era pesado e suave. Como o seu mamilo estava rijo quando a sua palma o roçava e como apenas aquele contacto superficial a fazia ser percorrida por um sobressalto de prazer.

Arfou e afastou bruscamente a mão.

– Não – ensinou ele, suave e sedutoramente. – Não pares.

Ela estremeceu e depois voltou a pousar os dedos sobre a pele. Começava agora a senti-los menos estranhos, o que lhe permitia deliciar-se com o roçar na sua pele, com o calor que aumentou quando pousou a mão onde já estivera e começou a pressionar suavemente a carne nesse sítio.

Pensou em Andrew e naquilo que lhe fizera das duas vezes em que a tocara desse modo. Beliscou o seu mamilo e arfou quando o prazer que o seu superficial contacto causara duplicou, triplicou.

– Estás a ver como te tornas muito mais consciente do teu corpo quando te rendes aos seus desejos? – perguntou-lhe Andrew.

A sua voz era tão grave e sedutora que parecia dançar-lhe pela espinha e pelos nervos até lhe excitar as pontas dos seios e a área entre as pernas, que ela não começara sequer ainda a explorar.

– Diz-me qual é a sensação – encorajou-a ele.

– Quente – admitiu ela numa respiração entrecortada. – Excitante.

– Muito bem, é exatamente assim que deves sentir o teu prazer. Agora, mais abaixo. Desloca a tua mão até entre as tuas pernas e toca-te aí.

Ela estava agora demasiado hipnotizada pelas suas próprias ações para recusar a sua ordem. Deslizou a mão pelo corpo abaixo, reparando na sensação do seu contacto, em como o seu corpo reagia. Por fim, hesitou, mesmo acima do triângulo de pelos que marcava o início do seu monte.

– Pensa em como te soube bem quando eu te saboreei – disse ele, deslizando para mais perto. – E quando eu estive dentro de ti. Não gostarias de sentir esse tipo de prazer à tua vontade, sempre que te apetecesse?

Ela fechou os olhos. Ele era como um demónio sedutor, desafiando-a a ser mais do que aquilo que era. E não conseguia resistir-lhe. Cobriu o sexo com a mão e suspendeu a respiração.

– Não sei como... tocar-me aqui – admitiu.

Ele encostou-se ao longo do divã até ficar com o rosto a centímetros do seu sexo. Afastou-lhe os dedos para a revelar e sorriu. Depois, cobriu os dedos dela com os seus, afastando os seus lábios feminis e fazendo-lhe deslizar os dedos contra a humidade que ocultavam.

– Sentes como já estás excitada? – perguntou ele, esfregando-lhe a mão para cima e para baixo ao longo da sua entrada. O formigueiro que sentira quando tocara os seios voltou com uma intensidade ainda maior.

Engoliu com força.

– Quer dizer a humidade?

– Sim. É assim que o teu corpo se prepara para a intrusão de um amante. E é muitíssimo agradável sentir essa humidade quente em torno do meu pénis, garanto-te. – Retirou os dedos e Lysandra prosseguiu a tarefa que ele iniciara, esfregando o exterior do seu próprio sexo de uma forma rítmica e repetitiva.

– Agora, pressiona um dedo dentro da tua bainha – ordenou ele. – Como se fosse o meu pénis dentro de ti.

Ela lamuriou-se, mas fez o que ele lhe mandara. O seu dedo indicador entrou lá dentro sem resistência e sentiu as suas paredes molhadas a contraírem-se com força.

– Oh, meu Deus – murmurou, encolhendo-se contra a crescente onda de paixão. – E agora?

Ele aproximou-se e pressionou-lhe o clítoris com o dedo. – Lembras-te de quando te falei desta protuberância? Quando ta lambi e te fiz vir a primeira vez?

Ela assentiu bruscamente.

– Sim.

– Toca-lhe como eu.

Ela pressionou o polegar sobre o feixe de nervos e começou a moê-lo. O seu corpo erguia-se e as suas ancas acompanhavam ritmicamente aquele novo prazer malicioso, quase como se soubessem o que haviam de fazer, mesmo que ela não tivesse ideia. Ela gritou, empurrando com mais força, enfiando o seu dedo mais fundo e o muro do orgasmo cedeu brusca e poderosamente.

Gritou quando se veio, tremente e de ancas erguidas, vibrando à medida que uma onda de prazer após outra rebentava, transportando-a até se deixar ficar exausta sobre o divã a ofegar.

Antes de conseguir recuperar o fôlego ou dizer uma palavra, ele levantou-se como um deus, despiu as calças e a camisa que voltara a vestir quando a chamara para o banho e fitou-a. Ela ficou de olhos arregalados quando olhou para ele. Era absolutamente lindo e, agora, o seu pénis rijo, destacando-se sobre a barriga, já não a preocupava. Ansiava por ele.

Ele fez-lhe a vontade sem que ela o pedisse. Inclinou-se sobre ela e aproveitou ela já ter as pernas abertas. Com um golpe fácil ficou enterrado dentro dela até ao fim. Ela arfou com a sensação, ainda chocada pela maneira como a sua penetração a fazia sentir-se completa, feminina e totalmente enlouquecida.

Ele baixou a boca para ela e começou a possuí-la com a língua e o pénis. Ao contrário da última vez, não houve suavidade no seu contacto, estava a ser possessivo, penetrando-a com força e sugando-lhe a língua, saboreando-lhe a boca com a mesma autoridade. Ela rendeu-se ao seu domínio sem hesitar. Ergueu as ancas ao encontro das suas arremetidas, arquejando e gritando enquanto ele a possuía com força e rapidez.

O prazer que ela experimentara com a sua própria mão ainda lhe formigava nos rins e, após algumas fortes investidas, ele despertou de novo o fogo dentro de si. Tirou a boca da dele para gritar contra o seu ombro e ele rugiu em resposta e depois retirou-se para se vir fora dela.

Lysandra deixou-se cair de novo sobre o divã, escorregadia do suor, com o odor do sexo em seu redor. Mas nunca estivera tão satisfeita em toda a sua vida. E, se *aquilo* era o que implicaria a vida de amante, começava a desconfiar de que, afinal de contas, não seria uma vida assim tão má.

Capítulo Nove

Andrew sentou-se na mesma cama para onde levara Lysandra três horas antes. Ela estava aninhada com os lençóis entalados em redor da cintura, dormindo pacificamente.

Ele não tencionara possuí-la depois de ela ter dado prazer a si própria. Nem tencionara possuí-la uma terceira vez, depois de terem partilhado uma decadente ceia no quarto. Nem uma quarta. Já não era aquele libertino que fodia uma mulher até ficarem ambos exaustos.

Só que fora exatamente isso que fizera naquela noite. Sem um pensamento. Sem uma hesitação.

Agora, remorso... bem, isso era uma história completamente diferente.

Fitou-a. Não era nada comparável com a sua falecida mulher, Rebecca. Nesse aspeto, ficou satisfeito. Nem sequer eram parecidas. Rebecca era loira e Lysandra morena.

Mas havia algo em Lysandra que o atraía como uma borboleta para a sua sedutora chama. Havia a sua beleza, claro, a sua sensualidade que ele era capaz de despertar e exigir por causa do treino que lhe estava a dispensar. Mas existia algo mais. Uma espécie de doce inocência que ela conservava, mesmo quando lhe abria o seu corpo com crescente fervor.

E existia uma tristeza em torno dos seus olhos que ele queria... curar.

Afastou o olhar e pôs-se de pé.

Curá-la? Era ridículo. Não era possível. Aquele acordo entre eles incluía sexo e nada mais. Podia ajudá-la a tornar-se uma apreciada amante para um

protetor a longo prazo, ou ajudá-la a perceber que não estava apetrechada para essa vida. Mas era tudo. Não fazia intenções de criar nada mais do que isso entre os dois.

Rodou nos calcanhares e abandonou o quarto silenciosamente. Não disse nada aos criados e encaminhou-se para a carruagem que estava à sua espera e indicou ao cocheiro a morada do pai. Era tarde, mas não demasiado tarde para visitar o velho senhor e isso dar-lhe-ia juízo. Fá-lo-ia recordar quem era e por que razão fora a Londres. E não tinha sido para iniciar um romance com Lysandra Keates.

Faria bem em recordar esse facto.

Depois de um longo percurso serpenteando por ruas apinhadas de carruagens que se dirigiam aos teatros ou aos serões pela cidade, a sua caleche deteve-se em frente da casa do seu pai em Londres.

Enquanto descia, olhou a grande e imponente residência, tão diferente do modesto refúgio do qual acabara de escapar. Nunca lhe agradara a jactância daquela casa, nem mesmo das suas casas ali em Londres e no campo. Mas tinham-lhe chegado juntamente com o título e a sua mulher desejara que fossem impressionantes, por isso fizera aquilo que era esperado dele.

No entanto, havia algo de mais caloroso, de mais *real*, na nova casa de Lysandra.

A porta abriu-se e o mordomo do seu pai saudou-o. Foi conduzido de imediato ao escritório. Quando abriu a porta, o conde ergueu o olhar da secretária e os seus olhos abriram-se. Levantou-se enquanto Andrew fechava a porta atrás de si.

– Callis, não esperava vê-lo esta noite.

Andrew encolheu-se. O pai tratava-o sempre pelo seu presente título, Callis, tal como os seus pares. Nunca Andrew. Colocava uma distância entre eles que sempre o magoara um pouco.

– Boa noite, senhor – disse ele, com a mesma formalidade. – Peço desculpa se interrompo os seus planos para esta noite, não me tendo feito anunciar.

– Claro que não – respondeu o pai, enquanto se sentava e pegava num charuto para oferecer a Andrew. Este abanou a cabeça. Não fumava, embora o pai parecesse nunca se recordar desse facto. Enquanto acendia o seu próprio charuto, o pai disse: – O que o traz aqui?

Andrew pestanejou. Não sabia realmente responder àquela pergunta.

– E...estava apenas de passagem.

O pai franziu o sobrolho.

– Pois. Bem, fico satisfeito por ter feito uma paragem em minha casa, a caminho de onde quer que vá. A um serão?

Andrew cerrou os lábios. O pai não fizera segredo de que achava que Andrew deveria regressar plenamente à Sociedade. Talvez devesse mesmo casar de novo, para produzir o herdeiro que o conde tão desesperadamente desejava, apesar do facto de Andrew ter um irmão mais novo, que poderia perfeitamente cumprir esse papel, se Andrew não o fizesse.

– Não. – Desviou o olhar. – Para casa. Ia para casa.

– *Hum.* – O pai mordida nervosamente o charuto. – Viu o seu irmão desde que chegou a Londres?

Andrew olhou para ele.

– O Sam? Não.

– Ele anda a sério com uma rapariga. É bonitinha, acho que se chama Adela. É filha do duque de Wimberly. Talvez casem este ano. E, quando tiverem um filho, poderá tornar-se o primeiro na linha de sucessão se você se recusar a cumprir o seu dever.

Andrew fitou o pai. Este acabara de largar a grande novidade de que o seu irmão poderia casar em breve, tentando incitar uma certa competição para produzir um herdeiro.

– O que pensa o Sam acerca dela? – perguntou calmamente.

O pai encolheu os ombros.

– Quem sabe? Fala dela com bastante frequência; penso que acha que está apaixonado por ela. Mas é adequada. É isso que me importa. Se casarem, ligar-nos-á a mais uma importante família.

– Bem, eu não o vi – disse Andrew com um leve suspiro. – Mas tenho de ir ter com ele para lhe dar os parabéns. Se ele estiver feliz, eu fico feliz.

– Vocês os dois... – O pai sacudiu a mão impacientemente. – São muito parecidos com a vossa mãe. A senhora tinha muitas qualidades admiráveis, mas era ridiculamente romântica. Inculcou em vocês ideias erradas sobre o casamento. É um acordo de negócios, meu rapaz. Nada em que fiquemos a matutar durante três anos.

Andrew encolheu-se.

– Eu sei que pensa que estou de luto há muito mais tempo do que aquilo que acha apropriado. Mas estou no meu direito de decidir como deverá ser respeitada a minha mulher e por quanto tempo.

O pai fitou-o e Andrew viu um breve vislumbre de preocupação no seu rosto. Apesar de todas as suas bravatas e divagações acerca das fusões das propriedades e dos negócios, Andrew sabia que o velho senhor se preocupava consigo. Talvez não com o óbvio afeto que a sua falecida mãe revelara aos filhos, mas o pai gostava deles tanto quanto poderia gostar de alguém.

E a sua resmunguice e franqueza eram frequentemente provocadas tanto pela preocupação como pela propriedade, ou por um desejo de herdeiros, ou por qualquer outra coisa de que falasse.

Ele abanou a cabeça.

– Por favor, não voltemos a repisar esta discussão. Eu sei quais as expectativas que tem a meu respeito.

O pai expeliu um anel de fumo.

– Não se devia isolar, rapaz. Não é saudável.

Andrew assentiu.

– Sim, eu compreendo que pense assim. Mas venho aqui sempre que me pede, de cada vez que exige a minha presença. Não me peça mais.

O pai abriu a boca, mas depois abanou a cabeça, como se tivesse pensado melhor. Abruptamente, mudou o assunto para a propriedade que Andrew governava em Huntington. Enquanto o conde falava, os pensamentos de Andrew voltavam-se para Lysandra, adormecida na cama que ele lhe providenciara. Inesperadamente, nesta sua mais recente visita a Londres, obtivera mais do que aquilo que esperara. E era absolutamente confuso.

Lysandra olhava pela janela enquanto a carruagem chocalhava pelas ruas de Londres, mas mal reparava nos edifícios e nas pessoas por que passava. Nem sequer conseguia apreciar o conforto do veículo, tão diferente da última vez em que fizera aquela viagem.

Não, a única coisa em que conseguia concentrar-se era em Andrew. Pelo segundo dia consecutivo, acordara sozinha na bonita casinha que ele lhe dera. Não ouvira palavra dele e era demasiado tímida para lhe enviar uma palavra sua. Não sabia se as amantes sequer faziam coisas como contactar um protetor em sua casa.

Na verdade, essa era apenas uma das milhentas questões para as quais não sabia a resposta, razão pela qual ia naquela carruagem. E também a razão pela qual a carruagem parou à porta de Vivien Manning.

Wilkes depressa abriu a porta e ajudou-a a descer. Sorriu-lhe.

– Esperarei pelo seu regresso, *miss*. Mande chamar-me quando estiver pronta.

Lysandra mal conteve uma gargalhadinha nervosa. Como era diferente aquela viagem da última que ali fizera.

– Obrigada, Wilkes – conseguiu por fim dizer com alguma dignidade.

Ele assentiu e ela subiu a escadaria. O mordomo Nettle cumprimentou-a muito mais efusivamente do que durante o seu primeiro encontro e conduziu-a à mesma sala, onde esperara por Vivien da outra vez. Andou de um lado para o outro no aposento, enquanto retorcia as mãos, à espera da chegada da sua salvadora.

Mas, enquanto andava ao longo da parede da sala, algo lhe despertou a atenção. Não reparara antes no papel de parede vermelho, à exceção da sua cor ousada. Mas, agora, via que, escondidos no padrão, havia...

Arfou e, no mesmo momento, a porta atrás de si abriu-se e Vivien entrou. Lysandra voltou-se para ela toda corada e encontrou a outra mulher a olhar para ela com ar entendido.

– Está a admirar o meu papel de parede? – perguntou Vivien, enquanto se colocava ao lado de Lysandra. – Fui eu própria que o desenhei. Custou uma fortuna, mas dá que falar, não dá?

Ficaram ambas a olhar. Lysandra mal conseguia respirar, a olhar para as ténues e artísticas imagens de homens a penetrarem por trás as suas companheiras, mulheres com o pénis dos seus amantes entre os lábios, dois homens com uma mulher... a cabeça andou-lhe à roda.

– Esta é a minha favorita – disse Vivien, indicando uma imagem de um homem e uma mulher a dar prazer oral um ao outro, ao mesmo tempo.

Lysandra ficou de olhos arregalados. Já sabia como a boca de Andrew lhe sabia, mas não considerara completamente meter o pénis de Andrew na sua boca. Especialmente ao mesmo tempo que ele lhe desse prazer a ela. Gostaria de uma coisa daquelas?

Poderia acrescentar essa às suas perguntas, uma lista que crescia a cada segundo.

– Mas duvido que tenha cá vindo para examinar o meu papel de parede – disse Vivien com uma gargalhada. – Não que não lhe pudesse fornecer excelentes ideias sobre como dar e receber prazer de um homem. Está tudo bem?

Lysandra forçou-se a desviar o olhar do malicioso papel de parede e voltou a sua atenção para Vivien.

– Eu... bem...

Vivien inclinou a cabeça enquanto Lysandra se esforçava por continuar. Preencheu gentilmente o silêncio embaraçoso.

– As minhas fontes contaram-me que Andrew lhe deu uma casa para viver durante o seu treino. Assumo que isso significa que iniciaram a vossa relação.

Lysandra corou.

– Sim. Foi ter comigo há duas noites e nós... *hum*, fizemos amor pela primeira vez. Mas nunca mais voltou. Receio ter errado nalguma coisa.

Vivien fitou-a.

– Compreendo. Qual era a disposição dele quando a deixou?

Lysandra mexeu-se. Ele ficara tão zangado quando ela revelou o seu segredo, mas depois essa emoção parecera ter-se desvanecido. Tinham partilhado a sua cama repetidas vezes, sem qualquer menção a ele ter ficado aborrecido.

– Eu não fui completamente sincera consigo nem com ele, – explicou ela lentamente. – Por isso, durante algum tempo, ele ficou muito zangado comigo nessa noite.

– Não foi inteiramente sincera... o que quer isso dizer? – perguntou Vivien, num tom desconfiado.

– Antes de ele estar comigo, eu e... era inocente – admitiu Lysandra, corando de novo fortemente. Aqueles eram tópicos acerca dos quais nunca pensara falar tão livremente, mas ali estava ela, a discuti-lo pela segunda vez em dois dias.

Vivien ergueu-se de repente e cobriu a boca com a mão.

– Oh, meu Deus. Andrew deve ter ficado furioso.

Lysandra assentiu com a cabeça.

– Não ficou lá muito satisfeito quando descobriu a verdade.

– E foi-se embora? – perguntou Vivien.

– Não. – Lysandra voltou-se. – Conversámos e depois ele fez amor comigo. E depois outra vez. E depois outra vez.

As sobrancelhas de Vivien ergueram-se e um pequeno sorriso bailou-lhe nos lábios.

– Compreendo. Mas se fez amor consigo três vezes...

– Quatro – balbuciou Lysandra.

A outra mulher pestanejou.

– *Quatro* vezes, mesmo depois de ter descoberto o seu segredo, e ainda pensa que fez alguma coisa de errado?

Lysandra mexeu-se.

– É evidente que ele tem muita experiência. E é óbvio que eu não. O facto de não ter regressado, nem sequer me enviar um recado, faz-me pensar que perdeu o interesse por mim.

Vivien abanou a cabeça.

– Ou que ficou tão surpreendido com a sua própria reação como a menina ficou.

– A sua reação? – repetiu Lysandra.

Vivien riu-se.

– É evidente que teve uma reação.

Lysandra franziu os lábios. Tinha estado tão absorta nas suas próprias emoções, nas sensações que ele despertara nela e nas suas reações que na verdade não pensara muito nas dele.

– Ocasionalmente, senti que tinha uma pequena quantidade de poder – admitiu. – Mas, de resto, não tenho experiência suficiente para saber em que poderia consistir a sua reação a mim.

Vivien recostou-se para trás na sua cadeira com um suave suspiro.

– Ser uma amante significa mais do que apenas usar o corpo como um instrumento de prazer – começou. – Com o tempo, as melhores amantes começam a saber coisas acerca das pessoas. Contam-lhes coisas. E a mim contaram-me coisas sobre Callis que terá de compreender.

Lysandra inclinou-se para a frente.

– Sim?

– Sabia que a mulher dele morreu?

Ela assentiu.

– Ele disse-me.

As sobrancelhas de Vivien ergueram-se.

– Isso é já em si mesmo muito interessante. Está a ver, ele não fala disso com muitas pessoas. Do mesmo modo, o tempo que passa em Londres é limitado. Normalmente, esconde-se na sua propriedade no campo, em Rutholm Park. Corre o rumor de que nunca mais teve uma amada desde a morte da mulher, ou, se teve, foi coisa de uma noite, sem se incomodar a

repetir.

Lysandra pestanejou. Ele dissera-lhe que a mulher morrera há três anos. Era difícil imaginar que um homem sensual como aquele permanecesse celibatário tanto tempo.

– Mas, se ele prefere manter-se afastado dos outros, porque concordou em...

Vivien encolheu os ombros.

– Partilhar esta ligação consigo? Não faço ideia. Exceto que, quando o trouxe aqui, quando lha mostrei enquanto passeava pelos jardins, houve algo que se acendeu no seu olhar. Ele sentiu-se atraído por si desde o princípio e acho que a intensidade dessa atração deverá perturbá-lo. Recordá-lhe o homem que foi outrora e toda a gente sabe que ele evita isso com toda a força.

– O que era ele outrora? – perguntou Lysandra.

– Um libertino, minha querida. Repleto de frivolidade e luxúria. – Vivien riu-se. – Nessa altura, era muito divertido, embora nunca tivesse sido meu amante. Percorriamos de facto os mesmos loucos círculos e eu observei-o a levar esse papel de libertino ao seu limite. O facto de ter feito amor consigo quatro vezes numa única noite de paixão faz-me pensar que talvez tenha despertado nele o antigo libertino.

Lysandra engoliu com força. Não estava segura se aquelas coisas que Vivien dizia eram cumprimentos ou maldições.

– Mas se ele não quer que essa parte dele viva de novo... – começou.

Vivien afastou a sua preocupação com um elegante gesto de mão.

– Tretas. Não podemos renegar aquilo que somos, por muito que tentemos. O problema dele era que não acreditava poder ser um homem decente e um homem de prazer. Se lhe conseguir mostrar que pode ser ambas as coisas, então poderá ajudá-lo.

– E como faço isso? – perguntou Lysandra, com um trejeito de cabeça.

– Obrigue-o a render-se a esses prazeres contra os quais luta tão encarniçadamente. – Vivien sorriu. – Arraste-o de cabeça para o prazer.

– Acho que não sou capaz de obrigar aquele homem a fazer seja o que for – murmurou Lysandra, pensando na personalidade ousada e na forte vontade de Andrew.

– Irá ficar surpreendida – retorquiu Vivien. – Já disse que sentia algum poder sobre ele, não disse? Por mínimo ou breve que seja, poderá ser

aumentado. Mas terá de desenvolver alguma fé nos seus próprios poderes como mulher.

– Como? – perguntou Lysandra, erguendo-se. – Foi por isso que aqui vim. Para determinar o que poderia ter feito de errado e obter respostas sobre como hei de agir.

Vivien inclinou a cabeça, enquanto olhava para Lysandra longa e penetrantemente.

– Não sei se estará pronta... mas como sabemos se estamos prontas?

Ela falava para si mesma, claramente, mas Lysandra não podia deixar passar uma tão intrigante frase sem resposta.

– Pronta? Para quê?

– Penso que a melhor maneira de se adquirir qualquer nova capacidade é através da observação... e da prática – explicou Vivien, enquanto se levantava e fazia sinal a Lysandra para que a seguisse. – Por isso, vou levá-la a um sítio onde poderá fazer a primeira dessas coisas. A segunda será consigo.

Lysandra franziu o sobrolho, seguindo Vivien através da sala e até ao átrio.

– Não tenho a certeza de ter percebido – comentou, apressando-se atrás da outra mulher, com o coração a acelerar a cada passo.

– Vai perceber. – Vivien subiu as escadas e retirou um anel de chaves do bolso do vestido. Abriu a porta de um aposento e fez sinal a Lysandra para que entrasse.

Era um pequeno quarto com apenas algumas cadeiras espalhadas. Nem sequer poderia ser descrito como uma sala, na verdade, pois o aposento não parecia ter qualquer finalidade. As cadeiras estavam todas viradas para uma parede, para começar, e não voltadas umas para as outras, para se poder conversar.

– Sente-se – disse Vivien suavemente.

Quando Lysandra se sentou, a outra mulher aproximou-se da parede. Enquanto Lysandra a observava, Vivien retirou um quadro que estava pendurado e revelou um buraco na parede que permitia que uma pessoa numa sala visse para a outra.

– O quê?... – começou a dizer Lysandra, mas, antes de poder prosseguir, a porta na outra sala abriu-se. Entrou primeiro uma mulher, num vestido absolutamente revelador, suspenso nas curvas dos seus seios e com uma abertura que revelava todo o comprimento da perna. Atrás dela entrou um

cavalheiro. Coxeava pronunciadamente e tinha uma cicatriz na cara ainda vermelha e viva, como se fosse de um ferimento recente.

Vivien inclinou-se mais para ela.

– Esta é uma amiga minha, Annalisa. Era uma cortesã muito popular, mas já ganhou o seu dinheiro e já não se entrega a esse estilo de vida. O homem que está com ela é o major Gabriel Crook. Foi ferido na guerra, o ano passado. Encontraram-se aqui numa das minhas festas e gostam de voltar a visitar o quarto onde pela primeira vez... *se encontraram*.

Enquanto Lysandra observava, o major voltou-se para trás para fechar a porta do aposento. Annalisa saracoteou-se na direção dele e inclinou-se, pressionando a sua boca contra a dele com um fervor apaixonado, enquanto chocavam juntos contra a porta.

Lysandra voltou-se.

– O que é isto?

– Ao fazer amor com ele, está a ajudá-lo a curar-se. A recordar-lhe um pouco como a vida pode ser boa. – Vivien sorriu. – Estão absolutamente apaixonados... e não se importam que os observem. A *menina* vai observá-los.

Capítulo Dez

Lysandra ficou de boca aberta. Observar aquelas pessoas enquanto faziam amor? Mas, antes de conseguir protestar, Vivien chamou:

– Annalisa, major, estamos na sala ao lado.

Os dois, que tinham continuado a beijar-se loucamente, pararam e Annalisa voltou-se para o outro aposento. Lysandra recuou, corando quando a outra mulher a procurou, como uma professora primária à procura de uma menina malcomportada.

– Oh, excelente – disse ela, com uma pronúncia espanhola. Era absolutamente bela, com olhos escuros e brilhantes e uma boca cheia e vermelha. – Major, vamos ter público.

Ele sorriu e Lysandra ficou surpreendida ao ver que, apesar da cicatriz, era também muito atraente. E, quando começou a rodear Annalisa por detrás com os seus braços e a massajar gentilmente os seus seios através do minúsculo tecido do seu vestido, não havia dúvida de que era um homem sensual.

– Essa pessoa quer vir juntar-se a nós? – perguntou Annalisa, de respiração entrecortada, enquanto os seus mamilos começavam a enrijar-se com as manobras do major.

Lysandra fitou Vivien horrorizada.

– Não! – exclamou. – Tenho de ir-me embora, não consigo...

Vivien voltou-se para ela.

– Minha querida, confie em mim, não há par mais apaixonado do que estes dois. Observá-los ajudá-la-á a obter as respostas a muitas das perguntas que

me fez hoje. Annalisa é ousada e a menina é tímida. Observe-a. Veja a maneira como ela agrada a este homem e como essa experiência pode ser intensa e comovente para ambos. Faça isso e depois transponha o que vir para Andrew. Não se irá arrepender.

Desviou-se de Lysandra e chamou:

– Esta ratinha ainda não está pronta para brincar com os gatarrões, Annalisa. Mas encenem um bom espetáculo para ela. Está a tentar aprender.

Lysandra olhava pela abertura entre os dois aposentos, chocada, enquanto o major começara a beijar o pescoço de Annalisa. Ela riu-se e disse algo que Lysandra não conseguiu ouvir. Não havia dúvida de que observá-los era hipnotizador. A sua paixão era completamente espontânea.

– Eu vou afastar-me – disse Vivien baixinho. – Assim, permito-lhe a privacidade das suas reações. Venha ter comigo quando acabar. Gostaria de ouvir as suas opiniões sobre o que vai ver.

Lysandra engoliu em seco e tentou balbuciar um último protesto, mas Vivien ignorou-a e saiu da sala, fechando a porta atrás de si, com um clique que soou aos ouvidos de Lysandra como uma conclusão.

Concentrou de novo a atenção no casal na sala ao lado. Eles sabiam que ela estava ali, a observá-los, contudo isso não parecia abrandar a sua paixão minimamente que fosse. Annalisa voltou-se para ele, roçando o seu corpo no dele para cima e para baixo, enquanto o beijava com um fervor e uma paixão crescentes.

Ele resfolgava e suspirava, enquanto lhe enfiava a língua entre os lábios e lhe agarrava o traseiro para a manter firmemente contra si. Separaram-se e Annalisa sorriu-lhe, maliciosa e com intenção.

Afastou-se um pouco e começou a despir o amante. Ele apertava as mãos ao lado do corpo, como se quisesse participar no ato, mas permitia-lhe que tomasse o controlo. Ela retirou-lhe o casaco, depois a camisa.

Lysandra ficou sem fôlego. A cicatriz que tinha na cara repetia-se numa série delas sobre o corpo. Havia, com certeza, passado por um inferno. E, contudo, existia algo naquele corpo duramente tratado, ao ser acariciado e amado por aquela bela mulher, que era absolutamente excitante. Mesmo apesar de não querer que isso acontecesse, os próprios seios de Lysandra começaram a formigar de prazer, o seu sexo tornou-se húmido e apeteceu-lhe, desesperadamente, tocar-se.

Em vez disso, inclinou-se mais na cadeira e observou, enquanto Annalisa

despia as calças ao seu amante. Lysandra não conseguiu impedir-se de soltar um gritinho. Passara a vida inteira a ser protegida da visão de um homem nu e excitado. Agora, vira dois em menos de uma semana. Preferia o membro grosso de Andrew, mas o major constituía um espécime muito próprio.

Annalisa sorriu.

– Oh, o teu pénis. Sonhei com ele durante dias, Gabriel.

Ele roçou-se nela, pressionando contra a sua perna, enquanto a beijava de novo.

– E eu sonhei com todas as coisas perversas que tu fazes a esse pénis, meu amor.

– Então, deixa que torne esses sonhos realidade – disse Annalisa baixinho. Beijou-o uma última vez, agarrando-lhe o membro e começando a agité-lo.

Os lábios subitamente secos de Lysandra separaram-se. A outra mulher imitava o ritmo do sexo nas suas lentas e rítmicas sacudidelas e o major deixava cair a cabeça para trás, enquanto soltava um silvo:

– Ssssssim.

Mas isso não chegava a Annalisa. Arrastou a boca pelo seu pescoço, peito, barriga e, finalmente, ajoelhou-se perante ele. Lysandra tinha uma perspetiva perfeita quando Annalisa olhou para cima, para ele, de olhos brilhantes. Ele fitou-a enquanto ela espetava a língua e lhe lambia lentamente a glândula.

Lysandra deu um salto. Aquilo era exatamente como nas figuras escondidas no papel de parede de Vivien, na sua sala. Annalisa seguiu com a língua os contornos do membro do amante e depois envolveu-o com os lábios e engoliu-o profundamente na boca.

Ele mergulhou os dedos no seu cabelo com um grito distorcido e espetou as ancas ainda mais para a frente, com um ímpeto que parecia querer possuir-lhe o corpo. Mas Annalisa não parecia perturbada por isso. Gemeu no fundo da sua garganta e esfregou a mão livre ao longo da coxa dele, possuindo-o com longas e húmidas investidas da boca e da língua.

Lysandra não sabia o que havia de sentir sobre aquele ato quando pensava nele, ou quando o vira no papel de parede, mas agora o seu corpo reagia à forma apaixonada como Annalisa o dava ao seu amante e à forma como ele, por sua vez, gemia e se contraía. Aquilo era para ele um puro prazer e a sua imaginação não conseguia evitar fixar-se em Andrew e naquilo que ele faria se ela o tomasse na boca da mesma forma. Arrepiou-se à imagem do seu quente e aveludado membro entre os seus lábios, a saborearem-no.

Deu um salto quando percebeu que começara a tocar a sua própria perna, massajando e acariciando a coxa. Não, não ia fazer aquilo, não com duas pessoas apenas a uns metros de distância, sabendo que ela estava ali.

Voltou a concentrar-se neles. Annalisa continuava atarefada com a sua boca, tomando-o cada vez com maior velocidade. O major gritou e, subitamente, ergueu-a.

– Dentro de ti – arfou e puxou-lhe o vestido. O tecido abriu-se com facilidade e ele atirou-o para o lado. Ela estava nua por baixo e arqueou-se quase como se estivesse orgulhosa daquilo que ele estava a ver.

Lysandra mordeu o lábio. Aquilo era a marca de uma mulher com experiência, não era? Não vacilara nem tentara cobrir-se. Gostava quando o seu amante olhava para ela. Gostava de tudo o que estava a acontecer.

E, verdade fosse dita, depois de a confusão inicial e de a dor se ter desvanecido... também Lysandra gostara. Estremecia de cada vez que pensava no corpo de Andrew sobre ela, dentro dela, na sua boca a saboreá-la.

De novo os seus dedos se moveram, desta vez para a área entre as suas coxas. E não se conteve. De modo ausente, acariciou-se ali mesmo, enquanto continuava a observar o casal na outra sala.

O major fez com que Annalisa desse meia volta, de modo que ficaram ambos virados para a janela entre os aposentos. Ele sorriu e Lysandra deu um salto. Conseguiria ele vê-la na sombra? Essa pergunta deveria ter feito com que soltasse a mão de dentro de si, mas em vez disso os seus dedos apressaram-se. O contacto era absorvido pelo vestido, mas mesmo assim sentia o prazer a acumular-se no seu interior.

– Força – arfou Annalisa, enquanto ele se posicionava atrás dela. Ela agarrou-se às costas de uma cadeira que estava à sua frente e segurou-se, com o rosto contorcido de prazer e tenso de antecipação.

Não teve de pedir segunda vez. Sem preâmbulos, ele penetrou-a. Ela vacilou contra a cadeira, com os nós dos dedos embranquecidos enquanto ele investia contra ela, com força e rapidez, por trás.

Lysandra conseguia perceber o seu orgasmo a preparar-se no seu rosto. Contorcia-se de prazer, com o acumular da sensação no fundo de si. No mesmo momento, o corpo da própria Lysandra reagiu de forma semelhante. Enquanto trabalhava com a sua mão, com os dedos sobre o clítoris, houve uma explosão de prazer, reprimindo um grito enquanto Annalisa soltava o seu.

Um grito que se fundiu com o do major. Penetrou-a com mais força, com mais velocidade, gritando o nome dela, agarrando-se às suas coxas nuas, enquanto se vinha com ela.

Durante um longo momento, os únicos sons que se ouviram em qualquer das salas foram os ofegares do prazer. Os do casal e os da própria Lysandra. Corou à ideia de ter tido tanto prazer com a união de outro casal, mas fora esse o resultado da observação.

E também lhe ensinara muitas coisas.

Viu o casal a deixar-se cair no chão. Embrulharam-se um no outro, abraçados com uma intimidade que rivalizava com a intensidade da sua cópula.

– Amo-te – sussurrou Annalisa.

Lysandra retraiu-se. *Agora* estava a imiscuir-se.

– Não sou um homem completo – disse ele em troca, mas puxou-a para si.

Lysandra levantou-se. Poderiam ter-se recordado que ela estava na sala enquanto estavam a ter sexo, mas aquela conversa não era para ser ouvida por estranhos. Deslizou pela porta, ouvindo Annalisa a dizer:

– Provaste que isso não era verdade repetidas vezes. Quem me dera que acreditasses nisso.

Ela fechou a porta atrás de si e encostou-se contra ela, com falta de ar. Aquilo que vira fora instrutivo... aquilo que ouvira fora... bem, também fora. Era muito fácil permitir que as emoções se fundissem com os aspetos físicos de uma ligação. Parecia que andavam de mãos dadas, não era? Paixão e amor.

Mas não podiam. Com ela não.

Afastou-se da porta e foi percorrendo o seu caminho vacilantemente pelas escadas abaixo. Nettle estava lá ao fundo de pé, quase como se estivesse à sua espera, mas, se sabia aquilo que ela estivera a fazer, não mostrou. Limitou-se a fazer uma breve vénia e disse:

– Miss Manning está no escritório. A terceira porta à esquerda. Disse que fosse ter com ela antes de se ir embora.

– O...obrigada – agradeceu ela, ainda demasiado perturbada para não gaguejar. – Importa-se de dizer ao meu cocheiro que se prepare para partirmos? Vou embora mal acabe de falar com Miss Manning.

Ele assentiu e deixou-a à procura do escritório. Hesitou antes de bater e ouviu a voz de Vivien do outro lado da porta.

– Entre, Lysandra.

Ela abriu a porta e encontrou Vivien sentada a uma grande secretária, parecida com as que vira em casas de homens. Estava a olhar para um livro de contabilidade, mas pô-lo de lado quando Lysandra entrou.

– Olá de novo. Isto significa que acabou?

Lysandra corou.

– Sim.

– E aproveitou alguma coisa das suas atividades voyeurísticas? – Vivien sorriu. – Para além dessa cor nas suas faces que me diz que gostou daquilo que viu?

Lysandra ergueu as mãos para cobrir o rosto e desviou o olhar.

– É muito óbvio?

Vivien encolheu um ombro.

– Para mim é, mas por que razão há de estar envergonhada? Não viu como tanto Annalisa como o major gostaram de se juntar? Como isso lhes deu prazer? E como ela estava ativa e desejosa?

– Sim. – Lysandra sentou-se em frente a Vivien. – Vi como ela foi ousada e como ele apreciou essa ousadia. É uma lição que deverei conservar comigo enquanto continuar o meu treino com Andrew.

Vivien assentiu.

– Muito bem. E viu como a paixão deles foi restauradora para ambos? Como foi curativa?

Lysandra hesitou.

– Sim. Acho que foi... mas também vi uma nova armadilha nesta ligação.

Vivien inclinou a cabeça.

– Armadilha?

– A emoção – murmurou Lysandra. – Há algo de mais profundo entre os dois do que o mero sexo. E é uma fonte de dor e de conflito para ambos. Vi como é fácil alguém se apaixonar por um homem que foi um protetor ou um amante.

Vivien ergueu-se e houve um momento em que a dor se estampou no seu rosto normalmente controlado e simpático.

– Sim, o que diz é verdade. A emoção é um grande inimigo das mulheres na nossa posição. O amor cresce facilmente, mas é difícil mantê-lo vivo. E a maioria dos homens não o quer das suas amantes, pois causa-lhes uma infinita inconveniência.

Lysandra aquiesceu. Era como pensava. Uma amante poderia oferecer tudo menos o seu coração a um homem. E faria bem em recordá-lo no calor da paixão e do prazer.

– Obrigada por me ter mostrado isto – disse com um arrepio. – Resisti a fazer algo de tão chocante, mas, no final, acho que foi uma grande lição.

– E uma missão – riu-se Vivien, expulsando as suas emoções mais sombrias.

Lysandra fitou-a, confusa.

– Uma missão?

A sua amiga assentiu com a cabeça.

– Seduzir Andrew. Sugue a paixão dele, dê-lhe a sua. Quanto mais cedo participar plenamente quando fizerem amor, mais depressa apreciará o seu treino e se tornará uma boa amante para ele... ou para aquele com que acabe a longo prazo.

Lysandra engoliu em seco. Uma coisa era observar uma mulher que possuía essa ousadia, outra era tornar-se assim.

– Eu não sei... – começou.

Vivien aproximou-se.

– Não diga isso. Não se derrote a si própria mesmo antes de começar. Apostava que tem feito isso toda a sua vida. Isso tem de acabar. É capaz de paixão e desejo e de tudo aquilo que quiser alcançar. Acredite nisso e ele será forçado a fazer o mesmo.

Lysandra assentiu. Tinha falta de fé em si mesma, mas Vivien tinha razão. Precisava de acreditar para conseguir.

– Vou fazê-lo – afirmou baixinho enquanto se levantava. – Obrigada, Vivien.

– Não tem de quê – disse a outra mulher, acompanhando Lysandra pelo corredor até ao átrio. – Tenho prazer em ajudá-la naquilo que puder. Visite-me de novo, se tiver perguntas. Ou talvez nos vejamos na Baixa. Acho que Andrew em breve começará a sair consigo e a mostrar-lhe o que uma amante faz quando anda de braço dado com o seu protetor em público.

Lysandra teve um vislumbre daquilo que acabara de ver Annalisa e o major fazerem, mas afastou a imagem. Isso não podia ser correto. Não para um verdadeiro cavalheiro.

Embora, enquanto deixava a casa e permitia que Wilkes a ajudasse a subir para a carruagem, não conseguisse evitar arrepiar-se com a ideia de ela e

Andrew serem de tal forma transportados pela paixão que não se importassem com quem os observasse.

Capítulo Onze

Andrew agitou-se na cadeira e olhou mais uma vez para a porta. Chegara a casa de Lysandra há uma hora, mas disseram-lhe que a senhora tinha saído para ir visitar – veja-se lá! – Vivien.

Não sabia o que havia de pensar sobre aquilo. Em parte estava preocupado por ela ter podido mudar de ideias acerca do seu relacionamento com ele, com o seu treino. Poderia ser melhor para ela a longo prazo, mas a ideia de aquilo que tinham partilhado poder estar acabado...

Bem, era um pensamento muito mais perturbador do que aquilo que deveria ser. Franziu o sobrolho quando ouviu a porta abrir-se no átrio e os sons abafados da voz de Lysandra enquanto falava com o mordomo, Carlsworth. Ergueu-se, ouvindo como as suas palavras abafadas eram primeiro genéricas e depois cheias de surpresa, quando, pensou, o mordomo lhe falara da sua presença lá em casa.

Alisou o casaco e endireitou os ombros quando a porta se abriu e Lysandra entrou. Sem que o desejasse, ficou sem fôlego. Por amor de Deus, estava ainda mais bonita do que ele se lembrava... e a sua imagem era a de uma das mais belas mulheres que já conhecera. O seu cabelo castanho estava apanhado de uma maneira que provavelmente envolveria a ajuda de uma das criadas que ele lhe providenciara. Continuava a envergar um vestido velho, fora de moda, que lhe fez franzir o sobrolho, mas ela suplantava o vestido. Melhor do que alguma coisa que jamais vira.

– Olá – disse ela baixinho. – Peço desculpa pela demora, não fazia ideia

que tencionava cá vir hoje, se não não teria saído.

Andrew olhou-a mais de perto. As suas faces estavam ligeiramente coradas e a sua respiração estava entrecortada por... seria excitação? Nunca a vira com aquele aspeto e gostava.

– Não mandei recado – disse ele, encolhendo os ombros. – Não havia razão para que conhecesses as minhas intenções.

Na verdade, nem ele próprio as conhecera. De algum modo, o seu cavalo tinha-se... *desviado* para ali, terminando dias de debate consigo mesmo para saber se estaria em condições de continuar com aquela ligação, que lhe causava tanta confusão e lhe dava tanto motivo para reflexões indesejadas.

Lysandra sustentou o olhar dele durante um longo momento, depois tateou atrás de si e fechou a porta da sala. Andrew arqueou uma sobrancelha. Aquilo era inesperado.

– Quer saber onde fui? – perguntou, aproximando-se mais.

– O que eu sei é que estás a olhar para mim como se eu fosse leite e tu uma gata – disse ele, mantendo o tom de voz baixo, para não trair o interesse e o desejo que estava a sentir.

O canto do lábio dela ergueu-se ligeiramente, num sorriso sabido e sensual.

– Na verdade, isso é muito apropriado – respondeu ela. – Os gatos lambem o leite, não é?

A voz dela estava a tremer e Andrew sorriu, apesar da excitação crescente que sentia devido à sua ousadia. Poderia estar a fingir, mas continuava a ser a mesma mulher tímida que desejara cobrir o corpo nu, para que ele não a visse. Gostava dessa mulher.

E também gostava daquela nova mulher.

– Foi isso que andaste a fazer? A aprender a lamber? – perguntou ele.

As suas faces enrubesceram-se, mas avançou para ele e agarrou-lhe as lapelas do casaco. Puxou-o para si e fez que sim com a cabeça.

– Foi isso mesmo. – Ergueu os lábios para os dele e beijou-o com calor e paixão... e um vislumbre de desespero que ele reconheceu muito bem. Quando ela recuou, estava com a respiração ainda mais alterada. – Quero agradar-lhe, Andrew. Quero tanto.

Ele arqueou uma sobrancelha quando o sentido das suas palavras se tornou evidente. Ela estivera sozinha dois dias, esperando que ele voltasse para ela. E pensara que o desapontara. Era exatamente o contrário, mas como podia ela

adivinhar? Não era uma amante com experiência, era mais uma rapariga inocente que ele cortejava. Tinha de tratá-la com o cuidado com que se trata uma potencial noiva, não como um engate temporário, ou ela sentir-se-ia rejeitada e confusa.

E, embora não se devesse ralar, não lhe queria fazer isso. Queria deixar a sua ligação melhor e não pior.

Ergueu-lhe o queixo, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Lysandra, garanto-te, fiquei extremamente agradado desde a primeira vez que te toquei.

O alívio perpassou-lhe o olhar, provando tudo aquilo que ele já sabia, mas depois desapareceu, substituído mais uma vez por uma Lysandra mais ousada. Tinha uma missão e não se podia desviar.

– Mas acho que lhe posso agradar ainda mais – murmurou, fazendo deslizar as mãos pelo interior do casaco dele. Despiu-lho sem grande delicadeza e atirou-o para o lado.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– O que estiveste a *fazer* em casa de Vivien? – perguntou.

Ela desviou o olhar dos botões da camisa que estava a abrir de novo para o rosto dele.

– Como sabe que fui a casa de Vivien?

– Os teus criados – explicou ele, retirando-lhe os desajeitados dedos, para ele próprio abrir a camisa. Despiu-a e sorriu enquanto ela fitava o seu tronco nu.

Ficou satisfeito por passar muito do seu tempo ao ar livre no campo, executando trabalho físico na sua propriedade, que o seu pai considerava de serviço e ele considerava curativo. Pelo menos, fazia com que deixasse de pensar. E se os resultados se revelavam no seu corpo e faziam com que Lysandra lambesse os lábios daquela forma... bem, era mais uma razão para fazer aquilo que fazia e não ligar às expectativas sociais.

Lysandra pestanejou.

– Os meus criados disseram-lhe?

Ele assentiu.

– Quando cá cheguei e não estavas, perguntei.

Ela franziu os lábios.

– E, como lhes paga os salários, são na verdade seus criados e estão às suas ordens da forma que escolher.

Ele franziu o sobrolho.

– Isso incomoda-te?

– Não – disse ela, recuando. – Só que poderia ter querido ser eu a contar-lhe. Como surpresa. Agora, tenho a certeza que adivinhou porque lá fui.

– Não – disse Andrew, agarrando-lhe a mão e puxando-a suavemente para si. Colocou cada uma das suas palmas sobre o seu peito e soltou um sopro de prazer. – Mas gosto do resultado.

Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas ele beijou-a. Achava que não conseguia suportar mais – *descrições* – daquilo que ela fizera nessa tarde sem explodir. E queria sentir algo muito mais agradável do que uma conversa antes disso.

E tinha a ligeira impressão de que Lysandra precisava do mesmo. Para aliviar qualquer tensão que lhe tivesse permanecido no corpo depois da sua visita a Vivien... e para reparar qualquer dano que tivesse provocado ao fazê-la acreditar que a rejeitara.

Ela beijou-o com fervor e paixão, pondo-se em bicos de pés para ficar mais perto, deslizando-lhe os dedos pelos cabelos e inclinando a boca para um melhor acesso. Ela sabia a mel e a desejo, uma mistura inebriante que tornava os joelhos de Andrew moles e o membro rijo como granito nas desconfortáveis limitações das suas calças.

Libertou-a do abraço para enfiar as mãos por dentro das calças e aliviar-se, mas ela agarrou-lhe os dedos. Com um sorriso, murmurou:

– Deixe-me ser eu a fazer.

Ele observou-a enquanto ela libertava cada uma das presilhas cuidadosamente e lhe abria a braguilha das calças. O seu membro estava tão pronto que lhe saltou da abertura que ela criara. Ela lambeu os lábios enquanto lhe retirava os seus últimos vestígios de roupa e ele ficou diante dela, nu.

– Já percebo porque me pôs nua enquanto ficou vestido – disse ela com uma gargalhada. – É muito excitante estar aqui, perfeitamente arranjada, enquanto está nu.

Ele sorriu ligeiramente. Aquela provocação, aquela leveza, era exatamente aquilo que lhe serviria como amante e ele estava satisfeito por ver isso.

Poderia ter-lhe dito qualquer coisa, aproveitar a oportunidade para incluir uma lição no seu treino, mas, antes que pudesse fazê-lo, ela ajoelhou-se e agarrou-lhe o membro com a mão.

– Lysandra – soltou ele num fôlego de choque e prazer, enquanto ela o afagava uma e depois outra vez.

– Sim? – Ela olhou para cima, toda inocência, mas nos seus olhos azul-escuros ele viu malícia, uma perfeita compreensão daquilo que lhe estava a fazer.

E ela gostava.

– Uma gata à frente do leite, hem? – murmurou ela, referindo-se àquilo que ele dissera quando ela entrara na sala. – Acho que, se fosse gata, o iria lamber assim...

Espetou a língua e roçou suavemente a glândula do seu membro. As estrelas explodiram à frente dos olhos de Andrew e ele rugiu de prazer. Uma mulher não o saboreava assim há... anos. E era melhor do que aquilo de que se lembrava.

– Ou será melhor assim? – perguntou ela, inteiramente séria. – Ainda estou a aprender, percebe?

Enrolou a língua em torno da ponta do seu membro, molhando-o com calorosas pancadas e lambidelas.

– Lysandra – gemeu ele.

– Isso quer dizer que gosta, ou que não estou a fazer bem? – perguntou ela.

Ele fitou-a, incerto sobre se ela estava a ser sincera ou apenas a provocá-lo.

– Não faças muitos jogos, minha querida. Ou poderás acabar a implorar.

Ela encolheu os ombros enquanto o afagava mais uma vez.

– Não estou a fazer jogos. Tem de me treinar, não é? Eu quero aprender. Ver e fazer são duas coisas muito diferentes.

Ele reprimiu um novo gemido estrangulado à ideia de que ela estivera a *ver* outros a realizar aquele ato e concentrou-se.

– Excitar a ponta é uma boa maneira de começar – ofegou ele. – Mas pensa em como eu te possuo, entrando completamente no teu corpo. Sinto-te desde a cabeça até à base do meu pénis.

– Então cada milímetro sente o contacto – disse ela, olhando para ele como se estivesse a estudar uma matéria escolar. – E este contacto... – espetou a língua e lambeu-lhe de novo a cabeça – ... é tão bom como este.

Encostou a língua esticada à parte lateral do seu membro e percorreu-lhe o comprimento.

Andrew tateou atrás de si para se apoiar à cadeira mais próxima.

– Sim – conseguiu arfar. – Sim.

Ela assentiu.

– E depois há isto.

Sem aviso, enfiou-o na boca, tomando-o profundamente até à garganta.

– Oh, meu Deus – tartamudeou Andrew. – Sim. Sim, é isso mesmo. Agora vai e vem. Toma-me na boca como se fosse no teu sexo.

Os olhos dela iluminaram-se, como se tivesse compreendido completamente a ligação entre aquilo que vira e aquilo que estava agora a fazer. Lentamente, começou a ir e vir como ele lhe dissera, enfiando e tirando o membro que agarrava pela base.

Andrew fechou os olhos e rendeu-se ao seu contacto. Toda a sua mente se esvaziou, pensando apenas naquela mulher e na boca dela sobre si. Nos seus miados baixinhos enquanto lhe dava prazer.

Olhou para baixo, vendo que também ela fechara os olhos e trabalhava no seu membro com abandono e absoluto prazer. Ela *gostava* de realizar aquele ato e, com alguma prática, seria uma mestra. Ele já estava prestes a vir-se.

Mas não queria fazê-lo. Não antes de a possuir. De lhe provar que a queria, que ela nunca o desapontara.

Pegou-lhe pelos ombros e levantou-se, afastando-a do seu membro. Ela gemeu de desprazer.

– Eu estava a fazer mal? – perguntou, com os olhos a refulgir quando ele a olhou, ofegando e fazendo tudo ao seu alcance para não explodir já ali.

– Não – disse ele, num tom retesado de tensão. – Mas, se não te possuir agora, irei arrepender-me.

Arrancou-lhe o feio vestido, puxando o tecido, sem considerar que poderia estragá-lo. De qualquer forma, ela precisava de roupa nova e a ideia de o fazer em farrapos para obter o corpo dela tornou-se subitamente apetecível.

Ela arfou quando alguns botões saltaram e uma das mangas soltou um som de costuras rompidas. Mas não protestou quando ele lhe puxou o vestido para as ancas e enterrou a cabeça nos seus seios expostos.

* * *

Lysandra não sabia como se dera aquela rápida transformação. Num instante, estava a pôr em prática as lições que aprendera naquele dia. Gostava de engolir Andrew com a boca, pois era evidente que isso lhe dava a ele grande

prazer. Mais surpreendente era a que ponto isso a excitava a *ela*. Dar prazer era quase tão intenso como recebê-lo.

Mas agora, enquanto Andrew lhe sugava os mamilos com uma pressão que se situava mesmo no limite correto entre o prazer e a dor, as suas costas arqueavam-se e a sua mente esvaziava-se. Era espantoso como o seu contacto, tão longe do seu sexo, conseguia fazer com que o seu corpo formigasse e as suas pernas abanassem enquanto ela vacilava à beira do orgasmo.

Ele puxou-lhe o vestido para o chão e depois ergueu-a, cruzando-lhe as pernas atrás das suas costas, atravessando a sala, beijando-a a cada passo. Ela viu-se subitamente com as costas contra a porta do aposento.

Arfou quando ele empinou as ancas e a espetou com o seu membro numa única arremetida.

– Já estás pronta para mim – rugiu, enquanto lhe esfregava a garganta com o rosto. – Como eu gosto.

Empurrou-a e pressionou-a contra a porta ainda com mais força, eliminando qualquer distância que houvesse entre eles. Lysandra arfou ao sentir-se tão preenchida, tão possuída. Não havia espaço entre os dois, nenhum ar entre os dois, à exceção da respiração que partilhavam. O rosto dela estava à altura do dele e os seus olhos encontraram-se. Por um momento, ele deixou de se mover e ficou apenas a fitá-la, quase como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

Inclinou a cabeça e beijou-a, mas havia pouca rudeza de posse naquele beijo. Era gentil, como o primeiro beijo de um noivo. Roçou-lhe os lábios tenuemente, como uma asa de borboleta e depois fez com que as suas investidas imitassem esse suave contacto. Moveu-se lentamente dentro dela, rodeando gentilmente as suas ancas, mantendo-a quieta enquanto deslizava na sua húmida bainha.

O prazer do seu contacto, da intimidade do seu beijo, cresceu súbita e rapidamente e rebentou dentro do corpo dela sem aviso. Lysandra arqueou-se contra a porta com um grito estrangulado, que sem dúvida chegou ao corredor e aos ouvidos dos criados, mas naquele momento nada disso lhe interessava. O corpo escapava-lhe ao controlo, dando solavancos de prazer que pareciam originar-se no seu núcleo e espalhar-se como dedos quentes, fazendo cada parte do seu corpo doer deliciosamente.

E Andrew não lhe deu tréguas dessas sensações. Continuou a investir

contra o seu corpo, com as suas arremetidas a aumentar novamente de intensidade. Lysandra pensou no rosto do major nesse dia, quando se viera. Como parecera perdido nessa sensação. Fitou Andrew, de olhos apertados e fechados, o rosto retesado de tensão e prazer e percebeu que estava tão embrenhado no prazer como ela.

Rodeou-lhe o rosto com as mãos e beijou-o, enfiando-lhe a língua na boca enquanto uma nova explosão de bênção orgástica fez com que as suas ancas se empinassem desenfreadamente.

Andrew gritou contra os lábios dela e pousou-a, parando-a e saindo dentro dela, com a sua quente semente a derramar-se entre os seus corpos. Encostou a testa à dela, os seus corpos ruborizados, e mantiveram-se de pé durante longos momentos.

As suas respirações igualaram-se e fundiram-se e Lysandra soltou um longo suspiro de prazer. Aquela proximidade... nunca sentira nada como aquilo. Havia um calor entre os dois que rivalizava com o prazer do orgasmo.

Colocou-lhe os braços em torno do pescoço e sorriu.

– Oh, Andrew... – começou.

Mas não prosseguiu, pois ele libertou-se do seu abraço e afastou-se dela, levando o seu calor, as suas alegres sensações, com pouco mais do que um olhar de soslaio.

Capítulo Doze

Andrew agarrou nas calças e atravessou a sala até à lareira, onde começou a vesti-las. Conseguia sentir Lysandra a fitá-lo do outro lado do aposento e a sua dor era palpável. Mais uma vez, arrancara-se a ela.

Mas não tinha alternativa. Aquele momento contra a porta deveria ter sido de puro sexo, de pura paixão. Tinha-se transformado noutra coisa. Houvera uma ligação entre os dois. E ele não podia permitir que essa ligação se estabelecesse.

Mais precisamente, não queria.

Acabou de abotoar as calças e voltou-se, encontrando Lysandra a apanhar o vestido da pilha amontoada no chão. Usava-o como um escudo à sua frente, enquanto examinava a manga rasgada e os botões arrancados.

– Vou coser isto – disse ela, mais para si própria do que para ele.

Ele aproximou-se, abanando a cabeça.

– Não te maces, Lysandra.

O seu olhar saltou para o dele e afastou os lábios. Com o cabelo revoltado e a face enrubescida, a ação foi absolutamente sensual. Diabos o levassem se não queria colocá-la de novo contra a porta e possuí-la uma segunda vez. E ainda mal se tinham separado há cinco minutos.

O que se passava com ele? Não sentira aquela espécie de ânsia por possuir uma mulher desde que fora um jovem a descobrir o prazer pela primeira vez. Era suposto ser esse o papel de Lysandra, não o seu.

– Está a dizer que já não me quer mais aqui? – perguntou ela e as suas

palavras a tremer chamaram-lhe a atenção para ela.

– O quê? – perguntou ele, abanando a cabeça. – Não é isso. Claro que não. Estava a dizer que não te maçasses a arranjar o vestido. Precisas de vestidos novos. Deveria ter arranjado uma costureira de imediato, mas não pensei nisso.

Lysandra pestanejou.

– Vestidos novos? Não, não tenho dinheiro para isso.

Ele ficou de olhos arregalados.

– Pensas que estava a sugerir que fosses tu a pagar? Meu Deus, és *mesmo* inocente quando se trata da ligação entre amante e protetor. O teu protetor faz imensas coisas, Lysandra. É ele quem paga a tua casa, a tua comida, os teus criados e assegura que tenhas toda a roupa e joias de que precisas.

Ela cruzou os braços.

– As necessidades, compreendo. Mas vestidos? Isso é pura frivolidade. Não posso permitir que pague...

Ele cortou-lhe a palavra erguendo a mão.

– Não podes ser vista comigo ou com qualquer outro homem de sociedade com um vestido que já está fora de moda há três épocas, um número acima e concebido para a filha de um comerciante de classe média.

Ela susteve a respiração e voltou o rosto como se ele lhe tivesse dado uma bofetada. Durante um longo momento, permaneceu calada e de olhar fixo no chão. Depois, assentiu com a cabeça.

– Muito bem. Irei ter com a sua costureira. Não quero envergonhá-lo.

Ele cerrou os olhos. Mais uma vez, magoara-a quando estava a tentar dar-lhe algo como uma oferta. E não se deveria ter preocupado, mas preocupou.

Suavizou o tom.

– Tu tens uma conta corrente para as despesas da casa, Lysandra. Portanto, não precisarás de me pedir dinheiro para as coisas de que precisares. E também tens dinheiro para os teus alfinetes. Precisas apenas de escrever ao solicitador, cujo nome e morada te deixarei com o mordomo. Esse dinheiro é para coisas como roupa, sapatos, chapéus, almoços com amigas, aquilo que quiseses. E vou certificar-me de que haverá um depósito extra para os vestidos.

Lysandra agitou-se, absolutamente nua, mas ele percebia que o seu desconforto resultava mais da ideia de ele lhe fornecer dinheiro do que com a nudez. Achou que esse seria mais um passo em frente no seu treino.

– Andrew, deverá ser meu «protetor» apenas durante algumas semanas, não é? Não quis mais do que isso. Como poderei alguma vez compensá-lo por me dar todo esse dinheiro?

Ele franziu o sobrolho.

– Não estou a pedir-te que me compenses em nada para além da tua companhia e do teu desejo. É esse o núcleo da ligação entre protetor e amante. Por pouco ou muito que dure, há paridade nos papéis, asseguro-te.

Ela abanou a cabeça e aproximou-se do vestido, cobrindo as suas luxuriantes curvas com o feio tecido. Abotoou-o o melhor que pôde, com um movimento de cabeça que indicou a Andrew que não confiava completamente na sua descrição da ligação deles.

Ele suspirou.

– Não voltaremos a falar disto, Lysandra. O dinheiro é teu e espero que o gastes de acordo com isso.

Ele viu que ela pretendia continuar a argumentar, mas que, em vez disso, pressionou os lábios e fez brevemente que sim com a cabeça.

– Muito bem. Obrigada.

Ele assentiu. Bem, aquilo estava resolvido. Pelo menos havia algo naquela complicada relação que estava resolvido.

– Gostaria de te levar à ópera daqui a alguns dias – disse ele, enquanto enfiava a camisa. – Irei certificar-me de que a costureira que cá mandarei se concentre nesse vestido para estar pronto quando formos.

Lysandra engoliu em seco e quaisquer resquícios da ousadia que mostrara anteriormente se dissolveram num instante.

– À ópera? Vivien disse que iria começar a levar-me à rua, mas...

Ela ficou sem palavras e Andrew fitou-a.

– Pareces verdadeiramente preocupada com isso, Lysandra, mas debes ficar a saber que sair faz parte do dever da amante. E vais adorar a ópera. Há pessoas que vão apenas para coscuvilhar, mas há uma cantora com uma voz linda no atual espetáculo e tenho a certeza de que gostarás.

Ela assentiu com a cabeça, mas ele continuava a perceber que hesitava, que achava que se iria sentir deslocada junto à nata da Sociedade. E ele queria confortá-la. Dar-lhe confiança. Protegê-la para além daquilo que implicava o papel de «protetor».

Abanou a cabeça. Já chegava daquilo. Tinha de se afastar dela e do enfeitiçamento em que ela nitidamente o enredava. Antes que se perdesse e

aos seus objetivos por completo.

– Venho buscar-te no sábado à noite. Transmitirei aos teus criados os pormenores lá mais para o fim da semana. Até lá, eu... – Deteve-se, pois não conseguia pensar em nada melhor para dizer. – Adeus.

Ela assentiu e aceitou o breve beijo que ele lhe colocou na face quando passou por ela e deixou a sala, mas, quando pediu o seu cavalo, Andrew sabia que, mais uma vez, a magoara. E, nesse processo, parecera magoar-se a si próprio.

Lysandra estava à espera da costureira, evidentemente, mas não duas horas depois da partida de Andrew de sua casa. Contudo, ali estava ela, de pé em cima de um banco no seu quarto, com Madame Bertrande, tirando-lhe as medidas para os vestidos e tagarelando agradavelmente com o mais bonito dos sotaques franceses que Lysandra alguma vez ouvira. Mesmo que soubesse que ela era a amante de Andrew, Madame Bertrande tratava-a da mesma forma e era educada e gentil sob todos os aspetos.

– Tem uma ótima figura – disse a mulher, enquanto media a circunferência do peito a Lysandra. – Exatamente da proporção que um homem aprecia, sem ser demasiado ostensivo.

Lysandra corou. Aquele comentário respondia à pergunta por fazer acerca do seu conhecimento de ela ser uma amante. De algum modo, duvidava que ela o dissesse às esposas ou às filhas dos homens a quem tirava medidas para os vestidos.

– E é tudo, minha querida – disse ela, enquanto oferecia uma mão a Lysandra para que descesse do banco. – O seu vestido de baile será feito em primeiro lugar, conforme as instruções de Lorde Callis. Virei cá para uma segunda prova daqui a dois dias e entregarei o vestido quatro dias antes do dia da ópera.

– Deverá ver-se aflita para fazer isso tão depressa – referiu Lysandra, corando.

Madame Bertrande riu-se.

– Acho que sim, mas Lorde Callis paga extremamente bem por esse privilégio.

Lysandra conteve um suspiro. Mais uma vez, tratava-se de dinheiro. Andrew despejava-lho em cima, apesar de, na melhor das hipóteses, ser

apenas uma amante temporária. Para não mencionar o facto de quase não ser capaz de se manter no mesmo aposento com ela depois de fazerem amor.

– Ele escolheu também um lindo tecido para esse vestido – prosseguiu Madame Bertrande, inconsciente dos pensamentos de Lysandra. – Vai ficar-lhe muito bem. Mas, para os outros cinco vestidos, preciso que escolha o tecido. Trouxe amostras.

Lysandra ficou de boca aberta. Não devia ter ouvido bem.

– Cinco vestidos? Disse *cinco*?

A costureira fez que sim, com a confusão no olhar.

– Sim. Sua Senhoria disse que precisava de um guarda-roupa completo. Isto será um começo e chegará para a maior parte dos eventos. Vou levar duas semanas a completá-los, mas hei de conseguir.

Lysandra abanou a cabeça, enquanto o mundo andava à roda à sua frente. Ela tivera um vislumbre de uma folha do livro de encomendas de Madame Bertrande quando estava a medi-la e das quantias de cada vestido. Pelo preço de apenas um poderia pagar aquilo que o primo pretendia pelos cuidados com a sua mãe durante dois meses ou mesmo três!

– Aprecio o seu desejo e o de Lorde Callis de me verem bem vestida – disse ela, prossequindo cuidadosamente por não querer ofender Madame Bertrande, que estava a ser tão gentil. – Mas não posso encomendar cinco vestidos. Seis, se contarmos com o vestido de baile.

A outra mulher inclinou a cabeça e olhou-a de cima a baixo.

– Minha querida, é evidente que precisa dos vestidos.

Lysandra teve de reprimir um desabafo. Era a segunda vez que o seu vestido fora desdenhado num espaço de algumas horas. Sabia que não estava preparada para se encontrar com a rainha, mas, por amor de Deus, também não estava vestida como se fosse um saco de batatas.

– Sim, parece que sim – concordou, de dentes cerrados. – Mas porque não começamos pelo vestido de baile – pensou no vestido que Andrew rasgara – e só mais um que eu possa vestir no dia a dia. E, depois de esses estarem terminados, podemos falar de novo.

Madame Bertrande olhou-a com franqueza, mas depois encolheu os ombros enquanto arrumava as coisas.

– Muito bem. Se é assim que deseja. Tive muito prazer em conhecê-la, Miss Keates. É uma mulher muito interessante. Enviarei recado para marcar uma sessão quando estiver pronta para fazer uma nova prova.

Lysandra aquiesceu e acompanhou-a até à porta do quarto.

– Obrigada. Estou ansiosa por ver os vestidos. O vestido que traz é tão bonito, sei que me sentirei como uma princesa numa história de fadas.

As palavras fizeram com que a expressão da mulher se suavizasse e sorriu enquanto se encaminhava para o corredor.

Lysandra fechou a porta atrás dela e encostou-se-lhe por um momento. Que dia. Desde espiar os amigos de Vivien até ao seu encontro erótico com Andrew e agora os vestidos... era demasiado.

Mas os pensamentos acerca da mãe trouxeram-na de novo para terra. Não podia gastar o dinheiro que Andrew lhe dava tão frivolamente. Não fazia ideia se iria encontrar outro protetor... ou que fosse tão generoso... depois de acabar o seu tempo com Andrew. Tinha de se certificar de que protegia a mãe antes de mergulhar numa vida superficial, em que as suas maiores questões seriam qual o vestido que havia de vestir numa qualquer ridícula *soirée*.

Sentou-se à pequena secretária na sua área de vestir e retirou uma pesada e dispendiosa folha de papel. Escreveu nela um pedido ao solicitador e forneceu a morada do seu primo, juntamente com as instruções para o seu uso. Soltou um suspiro enquanto dobrava o papel e tocava à campainha para que uma criada a fosse buscar.

Pelo menos, abandonaria aquela ligação com o futuro da mãe assegurado durante alguns meses. Mesmo que fosse tudo aquilo que obtivesse, já ficaria satisfeita. Afinal de contas, sabia que não poderia esperar mais do que isso.

Capítulo Treze

Lysandra remexeu-se nervosamente e olhou para o espelho uma última vez. O vestido de baile que Madame Bertrande lhe fizera assentava-lhe na perfeição e era feito de um lindo cetim escarlate debruado a rosa velho. O decote não era demasiado cavado, mas o suficiente para Andrew poder desfrutar de um vislumbre dos seus seios. O cabelo fora encaracolado e enrolado e manobrado num belo penteado e as suas faces tinham sido tenuemente maquilhadas, apenas o suficiente para darem uma ligeira coloração à sua pele pálida.

Sentia-se... linda. Atraente. Sentia como se uma estranha tivesse forçado a sua presença no espelho e estivesse a olhar para si.

Houve uma suave pancada na porta e Lysandra deu um salto. Quando a criada espreitou para dentro do quarto, ela sorriu.

– Lorde Callis está à sua espera, *miss*. Está na salinha.

Lysandra conseguiu fazer um gesto de assentimento com a cabeça e fitou-se de novo. Gostaria daquilo que ia ver ou ficaria desapontado? Ligaria sequer? Parecia que, quando não estavam mergulhados no sexo, ele era capaz de se desligar completamente de qualquer interesse por ela.

«Oh, para de empatar e desce as escadas, minha palerma», admoestou-se a si mesma ao espelho, antes de se virar e descer os degraus.

Tinha descido os três primeiros, quando Andrew surgiu vindo da sala e se aproximou das escadas. Olhou para cima e os seus olhares encontraram-se.

Lysandra continuou a movimentar-se, mas não fazia ideia como, com o

olhar de Andrew a queimá-la como fogo. Ele não disse nada, porém ela soube que ele gostava realmente da forma como ela surgira nos seus novos preparos. O desejo acendeu-se no seu olhar... e uma fração de orgulho. Ambos fizeram com que o seu coração inchasse inesperadamente.

– Boa noite – disse ela, quando chegou ao átrio.

Ele ofereceu-lhe uma mão e, quando lhe pegou, recuou.

– Meu Deus, estás uma visão.

Lysandra corou e baixou a cabeça.

– Obrigada. O vestido é divino.

– Um vestido são uns bocados de tecido juntos por uma costureira com talento. – Andrew fez-lhe escorregar a mão até à dobra do seu braço. – *Tu* estás divina.

Lysandra esperou que ele não percebesse como o seu cumprimento a fizera estremecer como uma miúda de escola. Há tanto tempo que ninguém lhe dizia que estava bonita, pelo menos sem ser de uma forma lúbrica e desagradável, que ela nem se conseguia lembrar. E certamente que o último homem a fazê-lo não fora nenhum Andrew Callis.

– Vamos? – perguntou ele, despertando-a do seu devaneio.

Ela assentiu.

– Claro.

Ele escoltou-a de casa até à sua carruagem. Era maior do que aquela em que ela andava e muito mais requintada, com o seu brasão na porta e os criados dispendiosamente uniformizados para os ajudar a entrar para o interior de cada um dos lados.

Depois de a porta estar fechada e de o veículo ter dado um solavanco em frente, Andrew deslizou para se sentar ao pé dela. Ergueu-lhe o queixo. A luz era ténue, mas ela viu-lhe os olhos a brilhar, enquanto lhe examinava o rosto. E, quando os lábios dele se deslocaram para os dela, não precisou de luz, nem de ar, nem de qualquer espécie de sustento a não ser o seu beijo.

Após um momento, porém, ele recuou.

– Mais um pouco e serei forçado a mandar a carruagem para trás e, em vez disto, passar toda a noite a fazer amor contigo.

– E porque não? – sussurrou Lysandra, com o corpo a tremer só com a ideia.

Ele riu-se.

– Era o que eu faria, mas temos de nos encontrar com uma pessoa na ópera

e ela iria à minha procura.

Ela endireitou-se.

– Ah sim? Quem?

Ele mudou de novo para o seu assento e o muro de distância que tão frequentemente se abatia entre os dois voltou lentamente a erguer-se.

– O meu irmão mais novo, Samuel Callis. – O seu tom não refletia qualquer emoção acerca desse assunto.

Lysandra agitou-se, quando uma súbita ideia a invadiu.

– Mas eu... Como lhe explicará... Quer dizer, ele vai saber...

– Que és minha amante? – terminou Andrew por ela. – Eu disse-lhe que te levaria comigo esta noite, por isso sim.

Lysandra levou a mão aos lábios e pestanejou com o ferrão das lágrimas da humilhação. Não era que ela não soubesse que aquele momento chegaria, mas, agora que ali estava, era mais difícil do que supusera.

– Lysandra, não tens nada de que te envergonhar – disse Andrew suavemente. – O meu irmão não te julgará por causa da tua... posição na vida. Ele teve amantes no passado, tal como a maioria dos homens de categoria e poder.

Lysandra remexeu-se. Não pensara nisso.

– E ele levará a sua amante com ele esta noite?

Andrew hesitou.

– Não. O meu irmão não está presentemente ligado a qualquer amante. Está noivo há pouco tempo.

– Então, leva a noiva? – perguntou ela.

Ele ficou calado durante um longo momento e Lysandra pensou na pergunta que acabara de fazer. Claro que não haveria noiva na ópera nessa noite. Nenhum homem levaria a sua inocente futura noiva para um evento onde estaria a amante do irmão. Ela era uma senhora. Lysandra não era. Os dois mundos não podiam, nem deviam, colidir.

Ela abanou a cabeça.

– Desculpe. Foi uma pergunta parva.

– Não – disse ele. – Não foi. Em circunstâncias normais, porém, um homem não...

Lysandra ergueu a mão.

– Claro. Não é preciso explicar. – Quando Andrew não disse nada, ela encolheu os ombros. – Tem de compreender que eu ainda me estou a adaptar

ao meu novo lugar no mundo. Mas percebo que seria improvável que conhecesse a noiva do seu irmão se ainda fosse uma criada. Porque haveria de conhecê-la como amante, uma posição muito mais chocante?

Andrew agitou-se.

– Se ajuda, eu também ainda não conheci Adela.

Lysandra recuou.

– A futura mulher do seu irmão?

Ele aquiesceu.

– Estou mais frequentemente fora da cidade do que cá e, desde que regressei, tenho andado ocupadíssimo a tratar dos meus negócios e... contigo. – Ele suspirou e voltou o rosto para olhar pela janela, para as luzes da cidade por que passavam. – E receio que o meu irmão possa andar a escondê-la de mim.

Lysandra ficou a olhar por um momento. Estaria Andrew de facto a oferecer-lhe um pequeno vislumbre da sua vida que ia para além dos seus prazeres?

– Porque haveria ele de fazer isso? – perguntou. – Não se dão bem?

– Sam e eu? – perguntou ele, com uma verdadeira surpresa na voz só com a ideia. – Não. Eu adoro o meu irmão e sei que ele gosta de mim. Mas é por isso que poderá esconder a rapariga. Para me proteger. Para não deixar que eu fique magoado com a sua existência. Por causa da morte de Rebecca.

Lysandra susteve a respiração.

– A sua mulher.

Andrew voltou bruscamente o rosto para ela. Hesitou e depois disse:

– Desculpa, não devia ter levantado esse assunto.

Ela ergueu o lábio.

– Não faz parte dos meus deveres como amante? Oferecer-lhe algum tipo de conforto nas suas... dificuldades?

– Não. – O seu tom era firme e sem admitir discussões. – Talvez alguns homens gostassem disso, mas eu não.

Lysandra abateu-se no encosto do assento, esvaziada. Sabia tão pouco de Andrew para além da sua ligação na cama. Aquilo que não sabia, intrigava-a, mas ele mantinha-a de fora, lembrando-lhe continuamente que ela era uma companheira de cama, não de vida.

A carruagem deteve-se e Andrew sorriu-lhe, como se aquela conversa nunca tivesse ocorrido.

– E cá estamos nós. Estás pronta?

Lysandra forçou um sorriso e assentiu, enquanto o lacaio lhe abria a porta e a ajudava a sair. Assim que se viu cá fora, as suas preocupações com Andrew desvaneceram-se. Ergueu o olhar para o grande e magnificamente iluminado edifício da ópera, com as suas colunas helénicas e escadarias de mármore. Pessoas impecavelmente vestidas apinhavam-se nas escadas e na entrada lá em cima, falando e rindo até o som não ser mais do que um estrépito no ar.

– É... espantoso – suspirou.

Andrew sorriu e pegou-lhe na mão, conduzindo-a pelas escadas.

– Espera até chegares lá dentro – disse-lhe ele.

Ela ficou tensa quando se aproximaram do cimo das escadas. As pessoas começavam a olhar para eles. As conversas abrandavam e os seus olhos pousavam primeiro em Andrew e depois nela. As senhoras erguiam os leques e falavam por detrás deles e mesmo os cavalheiros erguiam as sobrancelhas e murmuravam baixinho entre si.

A sua tensão espelhava-se em Andrew. Os seus lábios adelgaçaram-se quando se aproximaram dos grupos de pessoas.

– Estão a falar de nós – sussurrou Lysandra.

Ele concordou.

– Estão mesmo. Provavelmente, mais sobre mim do que sobre ti. Eu raramente surjo na Sociedade.

Ela poderia ter insistido nesse assunto, mas, antes de poder fazê-lo, uma voz de homem ressoou atrás deles.

– Callis!

Andrew voltou-se, manobrando-a consigo e o seu rosto iluminou-se num largo e verdadeiro sorriso. Lysandra não conseguiu evitar fitá-lo. Ele era sempre lindo, claro, um Adónis enviado pelos próprios deuses para a tentar. Mas quando sorria... era incrível como o seu grave rosto se transformava. Havia ali leveza, riso, um vislumbre de um homem completamente diferente.

– Sam – exclamou ele, estendendo a mão e libertando Lysandra.

O outro homem, aparentemente o seu irmão Sam, evitou a mão e envolveu o irmão num forte abraço. Bateu-lhe nas costas várias vezes e depois afastou-se.

– Drew, Drew, já tinha saudades dessa cara feia. – Sam riu-se. – Devias vir mais vezes a Londres.

Lysandra susteve a respiração. Drew. Sam. Eram alcunhas de infância, de

uma época muito mais inocente. Mal conseguia imaginar Andrew como um garoto com sardas, a correr em volta do irmão. Mas, quando o fez, foi obrigada a sorrir.

– Londres tem as suas atrações, é verdade – disse Andrew, agitando-se desajeitadamente. – Mas vir aqui dá-me pouco prazer para além de te ver.

O jovial rosto de Sam contraiu-se uma fração e, por um breve momento, Lysandra viu toda a sua tristeza pelo irmão surgir no seu rosto. E preocupação e... surpreendentemente, *medo*, não dele... mas por ele. Voltou a sua atenção para Andrew. Por que razão havia o irmão de mostrar medo quando olhava para ele?

– Mas chega de falar de ti – troçou Sam. – A tua adorável companhia parece ser um assunto muito mais interessante. A menos que a queiras só para ti durante a noite inteira.

Andrew sorriu e tocou o cotovelo de Lysandra.

– Mister Samuel Callis, permita que lhe apresente a minha amiga, Miss Lysandra Keates.

Sam pegou-lhe nos dedos e inclinou-se sobre eles, depositando um beijo no topo da sua mão enluvada.

– Miss Keates, é um prazer conhecê-la.

Ela sorriu e a expressão não era forçada. Havia algo em Sam que a punha absolutamente à vontade. Possuía uma afabilidade que não era de modo algum falsa. E, apesar de Andrew lhe ter dito que ele sabia que ela era uma amante, não a tratou de forma diferente do que teria tratado qualquer outra pessoa.

– O prazer é meu, garanto-lhe – afirmou Lysandra. – Fiquei contentíssima quando soube que nos faria companhia esta noite. E ouvi dizer que será apropriado dar-lhe os parabéns pelo seu recente compromisso?

Sam pestanejou e Lysandra ficou tensa. Seria um assunto em que não deveria ter tocado? Dizia respeito àquele outro mundo, o mundo correto que aqueles homens habitavam, enquanto ela se mantinha nas suas franjas.

– Obrigado – agradeceu Sam. – Estou muito feliz.

Andrew aproximou-se.

– Estás mesmo?

Sam voltou a sua atenção para o irmão e Lysandra viu de novo a preocupação e o medo.

– Sim, Drew. Muito feliz.

– Ainda bem – disse Andrew com um suspiro de alívio. – Gostava de conhecê-la, sabes.

Sam engoliu em seco.

– Gostavas? Estava receoso que fosse... difícil para ti.

O sorriso de Andrew desvaneceu-se.

– Não precisas de me proteger, Sam. Eu sou o irmão mais velho, não sou? Não sou eu que tenho de me preocupar contigo? Se me substituis nos meus deveres, fico sem nada para preencher o meu tempo.

O olhar de Sam deslocou-se para Lysandra.

– Tenho a certeza que hás de pensar nalguma coisa. Mas, sim, adorava que conhecesses Adela. Vamos combinar isso hoje. Mas estou a ver que as luzes já estão a piscar. Temos de entrar e ocupar os nossos lugares.

Fez sinal a Andrew e a Lysandra para que fossem à frente. Andrew deu-lhe o braço e entraram no iluminado átrio. Lentamente, a multidão ocupava os seus lugares, baixando-se sob as cortinas que protegiam os camarotes e percorrendo os corredores da plateia. Claro que Andrew tinha um camarote e puxou a cortina para o lado, para deixar que os outros entrassem.

Lysandra observava. O camarote era privado, com três confortáveis e almofadadas cadeiras viradas para o palco. Havia uma garrafa de champanhe num balde cheio de gelo. Sam agarrou a garrafa enquanto Andrew a acompanhava a uma das cadeiras. O irmão fez saltar a rolha e serviu, a cada um, um pouco do álcool borbulhante. Ergueu a sua taça.

– Ao meu irmão e à sua escolha em viver de novo – disse, a sua jovialidade temperada durante um instante por um tom sério.

Lysandra olhou para Andrew pelo canto do olho. Parecia muito sério, com o maxilar contraído pela frustração ou pela raiva.

As luzes da sala baixaram de intensidade e Sam ocupou o seu lugar ao lado de Andrew, enquanto a cortina subia e a música começava. Lysandra recostou-se e observou as cantoras magnificamente vestidas a flutuar pelo palco, cantando em italiano sobre o amor e a perda, a morte e o nascimento. Queria perder-se na música, mas não conseguiu evitar, de vez em quando, alguns olhares na direção de Andrew. Apesar de estar determinado a manter ocultos dela o seu coração, o seu passado e a sua vida, naquela noite estava a saber cada vez mais. E, com cada indício da sua dor, sentia uma ânsia mais forte para o ajudar. Para o curar, como Vivien lhe dissera que poderia fazer.

Mesmo que ele resistisse às suas tentativas.

Andrew não ansiava pelo intervalo, quando seria forçado a descer aos átrios e a conversar com os outros espetadores, mas não pôde evitá-lo logo que as luzes se reacenderam a meio do espetáculo. Voltou-se para Lysandra com um sorriso forçado.

– Estás a gostar da ópera? – perguntou-lhe.

Ela assentiu com a cabeça ainda cheia de um prazer enlevado. Uma expressão bastante excitante, na verdade, pois lembrava-o daquele momento em que ela atingira o clímax.

– A voz da soprano é admirável – comentou ela com um suspiro feliz. – Sempre desejara vir à ópera. Tinha ouvido dizer coisas maravilhosas e era tudo verdade. Obrigada por me incluir esta noite.

Andrew viu o irmão voltar o olhar para Lysandra e depois para Andrew, com um ar interrogativo. Andrew franziu o sobrolho. Informara Sam que Lysandra era sua amante, mas não que a situação era temporária, nem que Lysandra pouco mais era do que uma inocente. Agora, o irmão parecia confuso e estava certo de que iria ser bombardeado com perguntas assim que ela se afastasse.

– Venham, vamos juntar-nos às pessoas no vestíbulo, está bem? – disse, lançando um olhar ao irmão por cima da cabeça dela, a indicar-lhe que deixasse o assunto em paz. Não que isso ajudasse. Sam, quando filava, não largava.

Lysandra ficou tensa, mas deu-lhe o braço com toda a calma que conseguiu reunir. Ele tinha de lhe admirar a coragem. Estava com medo, isso era evidente, e insegura naquela situação. E como não haveria de estar?

Era de uma família de classe média, e com pouco dinheiro, se as coisas que contara e a situação em que presentemente se encontrava servissem de indício. Nunca fora a uma ópera nem a um baile de cerimónia. Nunca tivera contacto com a elite da moda e todos estavam a ver que ela era a amante de alguém do seu meio.

E, no entanto, apesar de tudo isso, mantinha o queixo erguido. Poderia tremer, mas não quebrava. E era preciso coragem para isso.

Ele apertou-lhe ligeiramente a mão e inclinou-se mais para ela, quando se juntaram à multidão no átrio da entrada.

– Estás a ir muito bem.

– Não devia ter feito perguntas ao seu irmão sobre a sua noiva – disse ela, com um pequeno suspiro. – Foi demasiada ousadia.

Ele abanou a cabeça.

– Foi um gesto caloroso e feito sinceramente. Não te preocupes com isso.

Ela olhou-o, de olhos abertos e cheios de tantas emoções que ele mal conseguia separá-las a todas. Ela endireitou as costas e olhou em redor o átrio apinhado de gente, mas então os olhos iluminaram-se-lhe.

– Olhe a Vivien – disse ela, indicando um local do outro lado do salão.

Andrew seguiu o aceno dela e descobriu a celebrada cortesã recebendo a corte de uma mão-cheia de homens. Parecia completamente aborrecida e Andrew não fazia ideia da razão das tentativas dos homens. Toda a gente sabia que ela já não aceitava protetores, nem mesmo amantes, para além de ocasionais singulares noites de amor.

– Gostava de ir cumprimentá-la – disse Lysandra. – Posso?

Andrew pestanejou.

– Não precisas de me pedir licença. Por favor, vai cumprimentar a tua amiga. E dá-lhe também os meus cumprimentos.

Ela sorriu-lhe e depois deslizou por entre a multidão. Andrew não pôde deixar de notar que vários homens a seguiram com os olhos, enquanto ela se juntava a Vivien. Ressentiu-se com a atenção deles, mas, afinal, era exatamente isso que desejava, não era? Ajudá-la a tornar-se mais atraente para o tipo adequado de homem. Um que tomasse conta dela por mais do que algumas semanas e a tratasse bem. Muitos dos homens interessados eram exatamente do género que ela procuraria «apanhar».

– É uma mulher linda – afirmou Sam.

Andrew abanou a cabeça. Esquecera-se por completo de que o irmão estava ali.

– E muito... *interessante* – prosseguiu o irmão.

Andrew manteve-se calado, mas isso não deteve Sam.

– Confesso que fiquei surpreendido quando me disseste que ias trazer uma mulher, a tua nova amante, contigo à ópera. Mas não fiquei infeliz, apenas surpreendido. Mas depois de a conhecer...

Hesitou e Andrew cerrou os lábios.

– Espero que não estejas a sugerir algo de desmerecedor acerca de Lysandra com aquilo que estás a dizer.

Sam abanou a cabeça.

– Não, pelo contrário, gosto muito dela. Mas não é como a maioria das mulheres que adotam esse papel, pois não? Parece um pouco deslocada.

Claro que o irmão iria apontar o óbvio. Sam nunca fora capaz de evitar um ponto que lhe merecesse a curiosidade.

– Como se conheceram? – insistiu Sam. Olhou para Lysandra, que abria caminho até junto de Vivien. – Através de Vivien?

– Sim – respondeu Andrew, através dos dentes cerrados.

Sam inclinou a cabeça e pensou naquilo por um momento.

– Suponho que ela seja a melhor fonte para coisas dessas, mas não sabia que andavas à procura de uma amante. Pensava que tivesses eliminado todas essas atividades. Decidiste viver uma vida monástica, castigando-te lá no campo. Foi a última coisa que ouvi dizer.

Andrew cerrou os punhos ao lado do corpo.

– Deixa isso em paz.

Sam hesitou com o tom, mas ignorou a ordem que continha.

– Não, receio querer saber. Como é que, em primeiro lugar, te aproximaste de Vivien, quanto mais para arranjares uma amante tão diferente daquelas que tiveste no passado?

Andrew fechou os olhos. Não havia ninguém em quem confiasse mais do que no irmão, mas falar com ele sobre o que fosse despertava as mais dolorosas emoções e assuntos que preferiria ver encerrados. Contudo, uma vez que parecia que Sam não estava disposto a deixar cair o assunto, parecia não ter outra solução senão explicar-lhe a estranha situação em que se encontrava.

– Lysandra nunca foi amante – suspirou, vencido. – Ela é... *quase* completamente inocente. Vivien pediu-me o favor de a introduzir nesse estilo de vida, embora temporariamente.

– Temporariamente como?

Claro que o irmão tinha de se concentrar naquela parte da frase.

– Um mês no máximo. Disse a Vivien que não poderia ser por mais tempo, pois tencionava regressar à província assim que a questão com o pai estivesse tratada.

Os olhos do irmão abriram-se.

– Então a tua relação com esta mulher é caridosa?

– Não – retorquiu Andrew, moderando depois o tom. – Claro que não. Viste esta mulher. Como poderia não desfrutar da sua companhia e de tudo

aquilo que esta... que esta combinação implica?

Sam ergueu ligeiramente o sobrolho.

– E, contudo, insistes em que deverá ser temporária.

– Não pode ser mais do que isso. – Andrew encolheu os ombros. – Nada mudou na minha vida.

O sobrolho de Sam franziu-se mais.

– Tretas.

Andrew arregalou os olhos. O som da voz do irmão era baixo, mas mesmo assim não era o termo que se empregasse no meio das pessoas na ópera.

– Desculpa? – perguntou.

– Ouviste-me. Caramba, Drew, por quanto tempo te vais encerrar longe da família, da vida, naquela sombria propriedade? Durante quanto tempo te vais castigar? – Sam abanou a cabeça. – Pensei que, quando me falaste de Lysandra, isso significasse que irias viver de novo, mas isto é ainda pior. Concedes a ti próprio um vislumbre de prazer, para o abandonares de novo.

– Estou a ajudá-la, tal como disse – referiu Andrew, virando-se para o lado.

– Não, isso seria nobre. O que estás *realmente* a fazer é continuar a torturares-te e estás a usá-la para o fazeres. – Sam suspirou. – Rebecca está morta, Drew. Há três anos que estás a tentar saltar para dentro da sepultura com ela, mas isso tem de acabar. Caramba, eu nunca quis...

O irmão teria prosseguido, mas atrás deles houve um pigarrear de garganta. Voltaram-se e deram com Lysandra ali de pé. Estava pálida, de olhos postos em Andrew e ele estacou, subitamente exposto de uma forma que tentava evitar há meses, há anos. Há quanto tempo estaria ali?

– Desculpem intrometer-me – disse ela, com a voz ligeiramente instável. – Mas as luzes estão a piscar e a maioria das pessoas já entrou. Acho que o intervalo acabou.

Andrew olhou em volta. Na verdade, o átrio estava quase vazio, à exceção de alguns curiosos que pareciam mais interessados na conversa deles do que em regressar para o último ato da noite.

Fez uma careta enquanto dava o braço a Lysandra e começava a encaminhar-se para o seu camarote.

– Sim – disse por cima do ombro para que o irmão ouvisse. – *Isto* acabou.

Capítulo Catorze

Lysandra nunca passara por uma altura mais embaraçosa do que o tempo que demorou a chegar a casa na carruagem com Andrew. Ele foi sempre a olhar em frente, enquanto o veículo serpenteava pelas escuras e silenciosas ruas da cidade, sem falar, sem se mover e, aparentemente, sem ver.

Tinha estado assim distante durante horas. Desde a altura em que ficara a sós com o irmão e ela fora falar com Vivien. Não quisera ouvir a sua conversa, mas sabia que tinham falado sobre a falecida mulher de Andrew... e dela.

A sua mente voltou-se para Vivien. Ela dissera que Lysandra poderia ajudar Andrew, mas, pela conversa de Sam e Andrew, não parecia que estivesse a fazê-lo. A menos que conseguisse fazê-lo esquecer, ajudá-lo a render-se ao prazer em vez de dançar em seu redor, nunca conseguiria.

– Andrew? – disse baixinho.

Ele deu um salto e olhou para ela.

– Sim.

– Porque disse o seu irmão que me estava a usar para se magoar? – perguntou.

Ele virou a cara.

– Não faças perguntas atrevidas como essa.

Ela abanou a cabeça.

– Não a faria, só que esta tem muito a ver comigo e com a nossa combinação.

Houve uma longa hesitação.

– Sam falou sem saber.

– Não foi isso que revelou o seu rosto – respondeu ela suavemente. – Quando ele fez essa acusação, quando falou da sua mulher, pareceu... *quebrado*, Andrew. Se é isso que o nosso tempo juntos provoca...

Antes de ela conseguir acabar a frase, ele puxou-a pelo braço e fê-la saltar de um lado ao outro da carruagem para o seu colo. Deixou cair a sua boca na dela, zangado e acalorado, enfiando-lhe a língua entre os lábios com uma pressão castigadora. E, contudo, o assalto aos seus lábios não fez com que recuasse. O corpo dela reagiu por conta própria.

Era incrível como aquele homem a tornava fraca. Alguns dias antes, nem sequer imaginava fazer amor; agora, bastava um leve contacto e ela ficava a ofegar para tê-lo dentro de si.

Ele correspondeu ao seu silencioso desejo com poucos preâmbulos, subindo-lhe a delicada saia sobre as coxas e pressionando a mão entre elas. Não usava nada por debaixo, em parte por causa do feitio do vestido e em parte por sugestão da criada, que lhe lançara um olhar sabido e dissera algo acerca de «surpresas».

Agora, estava contente por lhe ter dado ouvidos, em especial quando Andrew deslizou dois dedos para o interior da sua bainha e a acariciou gentilmente.

Ela arqueou-se contra ele, indefesa perante a onda de desejo e prazer.

– Não compreendes? – rosnou-lhe ao ouvido. – Isto é tudo o que quero. Tudo o que posso ter.

Ela encolheu-se com as suas palavras zangadas, cheias de dor, tão diferentes do profundo contacto no seu interior.

– Eu quero ajudá-lo – murmurou ela em resposta.

Estava a desafiá-lo, sim, e não conseguia acreditar em como estava a ser ousada. Mas tinha de fazê-lo. Havia um ímpeto dentro dela para curar aquela dor, tão fundo como o ímpeto para se juntar a ele.

– Não podes – disse ele, mas a sua voz falhou. – Ninguém pode.

Ela abriu a boca para continuar, mas ele interrompeu-a com novo beijo zangado e as suas palavras e pensamentos derreteram-se. Agarrou-se a ele, puxando-o para mais perto, enquanto ele manobrava para que ela o montasse. Abriu as calças e em seguida deixou-a cair sobre o seu membro pronto e à espera.

Suspiraram ao mesmo tempo e ela começou a mexer-se. Estar sobre ele dava-lhe o poder que ele se recusava a entregar em qualquer outra faceta da sua combinação e ela agarrava-se a isso, rolando as ancas num círculo, buscando o prazer e forçando-o a ele ao mesmo tempo.

Ele erguia-se debaixo dela, de respiração rouca e pesada nos apertados limites da carruagem. Ela sentiu-o a perder o domínio e montou-o mais depressa, com o seu corpo a estremecer com a súbita explosão da descarga que a fez saciar-se, espremendo-o com os seus músculos internos, enquanto bombeava as suas ancas mais depressa, ao ritmo do seu orgasmo.

Ele esmagou-a contra si com um súbito rugido e depois explodiu, com a sua semente quente a fluir dentro dela pela primeira vez. Ficaram assim durante um momento, a olhar um para o outro à ténue luz que entrava pelas janelas da carruagem. Depois, ele abanou a cabeça e pousou-a suavemente ao seu lado.

– É melhor arranjares-te – disse ele sem a olhar. – Estamos quase em casa.

Lysandra estremeceu, alisando o vestido e compondo o cabelo. Casa. Aquela palavra era tão quente, tão acolhedora... mas a casa que ele lhe dera não era um lar. Havia amor num lar. Família. E, com ele, era claro que nunca haveria nenhuma dessas coisas.

Andrew não falou enquanto escoltava Lysandra até ao átrio. Não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse irado, acusador... e demasiado revelador dos seus sentimentos. Ela usara a sua ligação física para obter algo que ele não queria partilhar. A sua emoção. Ele dissera demasiado, sentira demasiado e agora queria desesperadamente retirar isso.

– Temos de falar acerca daquilo que um homem espera da sua amante – disparou enquanto se dirigiam à sala.

Carlsworth ia-se aproximar para lhes levar os agasalhos, mas deu imediatamente meia volta e deixou a sala. Lysandra encolheu-se, de faces coradas, e Andrew reprimiu uma imprecisão. Mais uma vez a emoção elevada fizera-o perder o domínio.

Esperou que Lysandra dissesse alguma coisa ou mesmo que chorasse perante aquela nova humilhação, mas, em vez disso, avançou pela sala em silêncio. Ele seguiu-a e observou-a a fechar a porta atrás deles, para isolar a sua conversa dos criados. Encaminhou-se para a lareira sem falar e ficou ali

de pé, de braços cruzados.

– Concordo – disse, simples e muito calmamente. Pela primeira vez, apresentava o ar frio e contido de uma amante experimentada.

Andrew não tinha a certeza de gostar daquilo.

– A tua tarefa, minha querida, é dares-me prazer. É tudo. Não é explorares os meus sentimentos, nem intrometeres-te no meu passado – disse ele, odiando a dureza e a fealdade do seu tom.

Mas Lysandra não reagiu à emoção implícita na sua voz.

– Isso não é verdade.

Ele ficou a olhar. Mas agora ela é que o instruí a ele?

– O quê?

– O dever de uma amante é fornecer o conforto que um cavalheiro não consegue obter noutro lado – afirmou ela baixinho. – Conforto físico, sim. Fazer amor será certamente uma grande parte daquilo em que consistirá o meu papel seja quem for o homem com quem eu acabar. Mas não pode dizer-me que esse é o meu único papel. Se fosse, então seria mais fácil um cavalheiro contratar uma mulher para uma noite. Seria muito menos dispendioso e teria muito menos complicações potenciais a longo prazo.

Ele franziu o sobrolho. Maldição se ela não tinha razão. Um facto que o frustrou ainda mais.

– Lysandra – disse com um suspiro.

Ela abanou a cabeça.

– Posso não ter experiência, mas não sou parva.

Ele afastou-se uns passos, passando a mão pelo cabelo antes de olhá-la de novo. Sim, tinha o vestido novo amarrotado e o cabelo despenteado do sexo e nunca estivera tão bela. Uma tentação a que nunca se podia entregar por completo.

Talvez o irmão tivesse razão e tivesse aceitado aquela combinação como uma espécie de castigo. Exceto quando a tocava, aí sentia que era uma recompensa.

– Lysandra – sussurrou. – O dever de uma amante é oferecer ao seu protetor a combinação que ele desejar. Tens razão quando dizes que, na maioria dos casos, tal envolverá alguma espécie de... ligação emocional. Quanto a mim, não pode ser. Peço que partilhes a tua cama para o prazer e o meu braço para me fazeres companhia durante este breve período que partilhamos. Para além disso, não posso fazer mais nada. Se precisares de

treino nos aspetos emocionais do papel de amante, terás de pedir a outra pessoa.

Ela fitou-o e, para seu horror, a pena brilhou-lhe nos olhos. Pena e compreensão, como se ela tivesse acabado de quebrar um código qualquer.

– Muito bem – declarou ela, sem desviar o olhar. – Honrarei o seu pedido.

Ele assentiu, embora aquela vitória lhe parecesse vazia. Mas não. Era o que ele queria, do que precisava. Endireitou os ombros.

– Madame Bertrande disse quando estarão prontos os teus novos vestidos? – perguntou, desesperado para mudar de assunto. Ela voltou o rosto, mas não sem antes ele lhe vislumbrar culpa. Uma culpa que não compreendeu.

– O meu vestido estará pronto amanhã – respondeu ela sem o olhar.

Andrew inclinou a cabeça, perplexo.

– O teu primeiro vestido, muito bem. E os outros?

Ela engoliu em seco.

– Não há outros.

– O quê? – perguntou ele, com a frustração que acabara de sentir a vir de novo ao de cima. – Eu expliquei bem àquela mulher que precisavas de um guarda-roupa novo. Francamente, se não consegue arranjar tempo depois do dinheiro extra que lhe paguei...

– Andrew – interrompeu-o Lysandra, agarrando-lhe o braço. – A culpa não é dela. Eu disse-lhe que me fizesse apenas mais um vestido.

Andrew deteve-se e fitou-a.

– Desculpa, não percebo.

– Só preciso de um vestido para substituir o mais velho que se rasgou – explicou em voz baixa. Libertou-lhe o braço e afastou-se alguns passos. – Mais do que isso é uma compra demasiado extravagante.

Ele cerrou os olhos. Aquele treino estava a ser muito mais complicado do que alguma vez esperara.

– Lysandra, pensava que já tínhamos discutido isto. O dinheiro está na conta para esse fim.

– Disse que estava lá para qualquer fim – argumentou ela, continuando a fitar as chamas. – Que era o meu dinheiro. Não poderia justificar gastá-lo em vestidos.

Ele olhou para ela. Tinha as costas a tremer enquanto olhava para o lume.

– Gastaste o dinheiro noutra coisa? – perguntou ele, retraindo o seu tom.

Ela hesitou por um momento, depois assentiu com a cabeça.

Ele ia agarrá-la, mas deteve-se. Se lhe tocasse, ela poderia encolher-se. E ele queria muito conhecer a resposta à sua próxima pergunta.

– Em que o gastaste?

Ela contraiu-se e depois voltou-se para ele.

– Em nada de imoral, garanto-lhe.

Ele sustentou-lhe o olhar.

– Em que o gastaste?

Ela engoliu em seco.

– A minha mãe – murmurou. – Tinha de ajudá-la, se não...

Andrew recuou. Ela mencionara a mãe na primeira noite em que tinham feito amor, apresentando-a como a razão para a sua decisão de entrar naquela vida. Ele não a pressionara na altura, havia muitas outras questões para resolver e, para ser sincero, não levava aquilo muito a sério. Mas agora...

– Acho que é altura de falarmos um pouco sobre a tua família, Lysandra – disse ele, sentando-se em frente à lareira.

Ela voltou-se para ele.

– Recusa-se a falar comigo sobre tudo o que seja pessoal, mas pede-me que o faça?

Ele cerrou os lábios. Ela não estava errada.

– A diferença é que eu posso realmente ajudar-te, Lysandra.

Ela abanou a cabeça.

– Não, não pode.

– Eu tenho outras formas de descobrir a verdade – replicou ele, encolhendo os ombros. – Se não quiseses ser tu a contar-me.

Ela cruzou os braços.

– O que faria? Mandar-me-ia espiar?

Ele aquiesceu.

– Sim, tal como faria qualquer outro homem que se tornasse teu protetor.

Lysandra ficou sem respiração e recuou um passo.

– O que quer dizer?

– Houve homens muito poderosos que foram arrastados pela lama por causa de más amantes ou de amantes com certo tipo de segredos. A relação poderá não ser tão permanente como com uma esposa, mas poderá ser igualmente prejudicial. Mas estás a mudar de assunto. Eu quero saber coisas da tua família. – Fitou-a nos olhos. – Por favor.

Lysandra afastou-se do lume, afastou-se dele, indo até à janela que dava

para a rua escura lá em baixo. Ficou calada durante muito tempo, mas Andrew via bem, pela forma como curvava os ombros, que lhe diria aquilo que ele precisava de saber. Por isso não a pressionou, contrariando o instinto de lho exigir.

– O meu pai era um homem bom – começou ela, olhando para ele por cima do ombro. – Quero que isso fique claro. Amava-nos. Era comerciante, mas não dos mais ricos. E queria ser. Queria mais, mais, sempre mais. Comprava tudo o que podia para dar a imagem de um homem próspero, ao mesmo tempo que fazia maus investimentos e se afundava cada vez mais em dívidas. Claro que eu e a minha mãe nada sabíamos disso até ele cair morto com uma apoplexia quando eu tinha dezassete anos.

Andrew fitava-a. Os ombros dela tremiam, mas a sua voz era forte. Era uma admirável e estranha combinação de fragilidade e força.

– Como descobriram o que ele andara a fazer? – perguntou, depois de ela ficar silenciosa durante muito tempo.

Ela abanou a cabeça.

– Quando chegaram os credores. Quando começaram a levar as nossas coisas, quando os nossos criados começaram a ir-se embora, afirmando que não eram pagos há semanas, há meses. Quando perdemos a nossa casa. Levou alguns anos até que tudo se desmoronasse, mas, a pouco e pouco, as nossas vidas foram reduzidas a nada e estávamos na rua.

– Não tinham família que vos pudesse ajudar? – perguntou ele.

Ela encolheu os ombros.

– A maioria das pessoas do lado do meu pai estava numa posição pouco melhor do que a nossa. A família toda nunca foi capaz de se aguentar. E a minha mãe casara com o meu pai contra os desejos da família. A maioria não lhe falava há anos. As únicas que a receberiam seriam os meus primos. Por isso, ocupei um lugar numa família da Sociedade como criada de quarto e ela foi viver com eles. Enviava-lhes, todos os meses, metade do meu salário para cobrir as despesas e os cuidados e, durante algum tempo, pensei que sobreviveríamos.

– Metade do teu salário? – repetiu Andrew sem acreditar. – Os teus primos *cobravam* para cuidar dela?

Ela encolheu os ombros.

– Ao princípio, era uma quantia razoável, mas a cada mês parecia aumentar. E depois fui despedida e agora... agora ele quer mais. Muito mais.

Ela estremeceu e Andrew saltou e ficou de pé enquanto ela mostrava uma expressão agoniada.

– *A ti?*

O seu silêncio e a forma como ela voltou a cara tornaram clara a resposta à sua pergunta. Ele cerrou os punhos ao lado do corpo.

– Estupor – cuspiu.

– Em mais que um aspeto. Eu vi... – Deteve-se e, pela primeira vez, a voz faltou-lhe e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. – Vi nódoas negras nos braços da minha mãe. Receio que eles a maltratem. Foi por isso que tive de lhes dar mais dinheiro. Para a manter segura.

Andrew rodou nos calcanhares e dirigiu-se à lareira onde ela estivera há alguns momentos. Inspirou várias vezes profundamente, tentando acalmar-se antes de voltar a falar, mas a raiva fervia e borbulhava no seu interior.

Aquela mulher vivera um inferno nos últimos anos. Ele também, mas tivera um pai e um irmão que se preocupavam com ele. E tinha dinheiro e privilégios. Nunca tivera de pensar nas questões que afligiam cada momento de vigília da vida de Lysandra. Ela estava absolutamente só com as suas dores e os seus medos.

Ou estivera. Mas agora já não.

– Lysandra – disse baixinho. – Desculpa. Não fazia ideia.

– Porque haveria de fazer? – perguntou ela. – Andrew, o meu dever como amante é tornar a sua vida mais interessante, mais apaixonante. Não é contar-lhe histórias tristes.

– A minha função como protetor é assegurar-me de que tenhas poucas histórias tristes – contrariou ele.

Olharam um para o outro, separados pela distância da sala. E, porém, ele sentiu-se espantosamente próximo dela, agora que sabia algo da mulher que ela era e como se tornara essa mulher.

– Sabe bem dizer estas coisas em voz alta – admitiu por fim Lysandra.

Ele aquiesceu. Conseguia imaginar como seria depois de sofrer em silêncio.

– Portanto, agora conhece o meu segredo – concluiu Lysandra. – Lamento não ter gasto o dinheiro da maneira que pretendia.

Ele acenou com a mão.

– O dinheiro era teu para o gastares como quisesses.

Claro que rapidamente remediaria a decisão dela, mas isso não era

discussão para aquele momento. Por agora, apenas queria tocá-la. Confortá-la.

Esticou uma mão na sua direção. Ela sorriu enquanto percorria a distância que os separava e agarrou-lha. Ele olhou para os dedos entrelaçados durante um momento e depois abanou a cabeça. Aquela ligação era precisamente o que estava a tentar evitar.

Sem aviso, puxou-lhe a mão. Ela tropeçou contra o seu peito e ele colou a boca à dela, num beijo apaixonado. Era tudo o que podia fazer para quebrar o feitiço entre eles. O que partilhavam era o sexo. Nada mais.

– Vamos para o teu quarto – disse ele. – Continuar o teu treino.

Lysandra recuou, examinando o rosto dele por um momento tão longo que Andrew se mexeu desconfortavelmente, mas depois assentiu, pegou-lhe na mão e conduziu-o desde a sala até ao seu quarto.

Lysandra tremia enquanto se desembaraçava das suas últimas roupas e olhava para Andrew. Ele também se despira e encontrava-se de pé junto à sua cama, observando-a. Estava encantada com a ideia de ir fazer amor de novo, mas estava também com uma sensação incómoda.

O sexo fora sempre a única coisa que os ligara intimamente, mas nessa noite ela sentia Andrew a afastar-se de si. A usar o sexo como uma forma de se separar e não de se moldar a ela.

E, no entanto, não conseguia resistir à atração da paixão que era uma força constante quando estava perto daquele homem.

Ele fez-lhe sinal para que avançasse, os seus olhos a queimar os dela a cada passo que dava. Percebeu que estava a menear as ancas um pouco mais, a erguer os seios, tudo para lhe dar prazer. Aquele homem despertava nela algo absolutamente perverso.

– O que me vai ensinar hoje, Andrew? – perguntou, pressionando o seu corpo contra o dele e erguendo os lábios para um beijo ardente.

Ele enfiou a língua na sua boca, penetrando-a uma e outra vez, como se fosse o seu membro dentro dela. Ela gemeu perante o assalto, agarrando-se a ele quando os joelhos lhe enfraqueceram e o corpo lhe ficou húmido.

Ele fitou-a à luz da lareira, com olhos escuros de desejo.

– Poderás ainda não estar pronta para tudo o que tenho para te ensinar – murmurou ele.

Ela riu-se.

– Se não estiver pronta agora, quando estarei? – Pôs-se em bicos de pés para o beijar. – Andrew, se quer algo de mim que lhe dê prazer, mostre-me. Eu quero aprender.

Ele empurrou-a na direção da cama e fê-la deitar-se contra as almofadas.

– Se eu fizer algo que não queiras, diz-me para parar.

Ela sentiu os olhos a abrir-se. Em que estaria ele a pensar que exigisse tal aviso? Mas, quando olhou para ele, tão intenso na sua concentração sobre ela, não pôde deixar de acreditar em que não faria nada que a magoasse. Aquilo em que estava a pensar era prazer e não dor.

– Eu... eu confio em si – disse ela, palavras difíceis de encontrar depois de tantos anos de desapontamentos com homens em que deveria ter podido confiar. Mas eram verdadeiras em relação àquele homem. Poderia ser brusco, mas não cruel. Era honrado.

A sua expressão tornou-se em descrença, dor. Era tão raro ele mostrar-lhe qualquer emoção para além do desejo que ela se deliciava nos momentos em que ele o fazia. Provavelmente, mais do que deveria.

– Não trairei a tua confiança – disse ele baixinho.

Pressionou os seus lábios contra os dela, desta vez suavemente, e deslizou devagar a boca pelo seu pescoço. Ela descontraíu-se com o contacto. Estava a tornar-se familiar e ela antecipava todo o prazer que aconteceria quando ele lhe sugasse o mamilo ou a beijasse intimamente.

Foi precisamente o que ele fez, girando a língua em torno dos seus mamilos, com lânguidas lambidelas e dentadinhas. Ela estremeceu com aquelas sensações tão fortes e concentradas que lhe perpassavam o corpo e a faziam sentir-se tão fraca. Como podia o contacto no seu seio ecoar tão alto lá em baixo? Como podia o seu beijo fazer com que as pernas lhe tremessem e a sua bainha se entesasse? Era espantoso.

Ele prosseguiu para baixo, roçando a sua face áspera contra a pele suave da sua barriga e descrevendo um caminho com a língua ainda mais para baixo. Ela abriu as pernas como um convite e ele pressionou-a suavemente com a cara, antes de lhe enfiar a língua na húmida e quente entrada.

– Tão doce – murmurou ele contra o seu corpo. As suas palavras reverberaram contra a carne aquecida e ela arqueou-se irremediavelmente, enquanto ele usava os polegares para a abrir e começar a lambar e sugar diligentemente. Estava a conduzi-la ao orgasmo, era óbvio. Ainda mais óbvio

era que ela não conseguia lutar contra essa ânsia, nem queria.

Debateu-se contra as almofadas, esmurrando a coberta e retorcendo-se enquanto o prazer se acumulava e depois explodia num crescendo que envergonharia a ópera dessa noite.

Ele continuou a lambê-la até os tremores do seu corpo terem acalmado e por fim soçobrado, depois beijou-a no interior da coxa.

– Agora, vira-te – pediu ele suavemente.

Ela apoiou-se nos cotovelos, ofegante enquanto o olhava interrogativamente. Virar-se?

Os seus pensamentos recuaram até à altura em que estivera em casa de Vivien. Vira o major a possuir Annalisa por detrás. Fora uma exibição animalesca, mas a outra mulher parecera apreciar.

Voltou-se sobre a barriga e espreitou para ele por cima do ombro.

– Assim?

– Arqueia as costas. Para eu poder ver-te – explicou ele, enquanto lhe colocava uma mão por debaixo das ancas e a punha em posição, de modo a que o traseiro ficasse erguido e a cabeça repousasse na almofada, apoiada pelos braços.

Lysandra corou. Sentia-se tão exposta naquela posição. Já se exibira perante ele antes, mas agora exibia-se ainda mais.

– Sei que gostas que te lamba aqui – disse ele, passando-lhe os dedos pelo sexo ainda húmido.

Ela deu um salto quando a sensação que acabara de se desvanecer espreitou de novo.

– Sim – arfou.

Ele esfregou os dedos de uma forma gentil e circular, molhando-os com os seus sucos. Ela arqueou-se na sua direção, pressionando-os de tal forma que eles entraram mais um pouco dentro de si.

– Olá se gostas – brincou ele, com o riso na voz.

Libertou os dedos e fê-los deslizar até mais acima, traçando círculos na roseta do seu traseiro.

Lysandra arquejou com aquele novo tabu e desviou-se dele por puro instinto.

– O quê...? – começou.

Ele fitou-a, paciente, enquanto ela o olhava por cima do ombro, a tremer.

– Quando te beijei a primeira vez onde tu agora gostas de sentir a minha

língua, não achaste estranho? – perguntou.

Ela fez que sim. Ficara chocada com aquilo que ele fizera, mesmo assustada. Mas a recompensa fora na verdade fantástica e agora ela sonhava em ter a sua boca sobre ela.

– Também achas isto estranho. Mas vai saber bem. Prometo-te que me irei assegurar disso – sussurrou-lhe, agarrando-lhe as ancas e fazendo-a aproximar-se.

Ela tremia enquanto regressava à posição que ele lhe mostrara e fechou os olhos quando ele lhe pressionou os dedos húmidos de novo no seu traseiro. Agora que o choque se desvanecera, tinha de admitir que aquele estranho toque não era desagradável. Os seus dedos estavam quentes, suaves, enquanto lhe afagava o minúsculo orifício em pequenos círculos.

Arfou sem querer quando ele fez mais força e um súbito e inesperado choque de prazer a abalou. Era diferente de quando tivera o seu orgasmo, mas igualmente poderoso.

– Muito bem – praticamente ronronou, pressionando com mais força, fazendo com que a ponta do dedo entrasse no canal proibido.

Lysandra arrepiou-se, enterrando o rosto na almofada e apertando os olhos, concentrando-se meramente na sensação. O contacto dele na sua pele, depois dentro dela centímetro a centímetro, até ao primeiro nó do seu dedo, depois o segundo.

– Qual é a sensação? – perguntou ele, de voz tensa.

Ela voltou a cara para o lado.

– Cheia. Um... um bocadinho de dor, mas ainda assim... *bom*, de certa maneira.

– Dançar à beira da dor quase sempre sabe bem – afirmou ele. – Algumas pessoas levam isso muito mais longe, embora eu duvide de que Vivien alguma vez combine um arranjo contigo com alguém dado a esse tipo de atividades. Quer dizer, pelo menos até teres muito mais experiência.

Lysandra arregalou os olhos. Dor como prazer? Ainda mais dor do que aquela sensação excitante no seu traseiro. Como podia ser isso? E, no entanto, pensar nisso fazia com que o seu corpo ficasse ainda mais húmido.

Voltou a virar a cara para a almofada para esconder a sua reação de Andrew. Parecia-lhe indecente gostar tanto daquele contacto.

Mas ergueu a cabeça quase com a mesma rapidez com que a enterrara na almofada quando sentiu a glândula do seu membro a deslizar contra a sua

entrada, ao mesmo tempo que lhe enfiava o dedo ainda mais profundamente no traseiro.

– Andrew – ofegou.

– Chiu – disse ele suavemente. – Alguns homens enfiam o pénis no sítio onde está agora o meu dedo, mas acho que não estás pronta. Embora seja tão apertado e quente que me faz querer vir só de pensar nisso. Vou contentar-me em preencher-te de todas as maneiras. Assim.

Lysandra arquejou quando ele introduziu o membro profundamente no seu interior. Com o dedo também dentro dela, sentia-se desesperadamente preenchida e a sentir o prazer e a dor misturadas na proporção exata.

– Eu vou devagar – gemeu ele. – Enquanto puder. Diz-me para parar se te magoar.

Ela mordeu o lábio, pronta para mais. Ansiando por mais, embora não se atrevesse a pedi-lo. Poderia já não ser de maneira nenhuma inocente, mas não era suficientemente ousada para pedir aquilo que desejava. Aquilo não.

Ele impeliu o membro ao mesmo tempo que retirava um pouco o dedo. Lysandra gritou com a fricção do seu dedo e do seu membro a esfregar um no outro através da fina barreira entre as duas entradas.

Ele gemeu.

– Queres... que... pare?

Ela abanou a cabeça.

– Não, por favor. Não pare.

Ele riu-se baixinho e depois investiu de novo, mantendo o movimento do membro e do dedo em sentidos opostos. Lysandra viu-se a fazer força para trás, rolando as ancas num círculo e a colar-se ao seu corpo invasor, enquanto ele a possuía de todas as formas. O orgasmo atingiu-a, duplicado em intensidade pelo facto de ele estar dentro dela de forma tão completa.

As suas investidas aceleraram enquanto ela se arqueava e gritava ao ritmo das suas crises e depois ele juntou-se-lhe na descarga, afastando-se do seu corpo para derramar a semente em cima das suas costas nuas, antes de se deixar cair na cama e a puxar contra si, ofegante.

Ela fitou-o na penumbra. Ele nunca terminara uma sessão de amor abraçando-a. Tornara claro, muitas vezes, que não podia, nem permitiria, tê-la tão perto de si.

Ela enroscou-se na cova do seu ombro e deslizou-lhe o braço pelo peito nu e suado. Dentro de alguns momentos, de algumas horas, ele lembrar-se-ia da

razão pela qual a afastava e ir-se-ia embora. Mas, até lá, ela iria desfrutar daquela proximidade e não tentar pensar no que aconteceria quando aquilo acabasse de uma vez para sempre.

Capítulo Quinze

Andrew não se sentia particularmente satisfeito consigo mesmo quando se sentou na carruagem que chocalhava através de Londres, enquanto, lá fora, uma chuva fria corria pelas janelas. De facto, sentia-se um merdoso.

Depois de uma noite em que Lysandra se entregara de todas as formas que ele pedira, ele deslizara da sua cama assim que ela adormecera e fora-se embora sem uma palavra de adeus. Sem dúvida que aquela partida a magoaria. Parecia que ele só era capaz de fazer aquilo, mas como poderia falar com ela depois do que tinham partilhado? Tanto emocional como fisicamente.

Nunca desejara tanto uma mulher. Continuava a pensar nisso, embora jamais o dissesse em voz alta. E, de cada vez que esse pensamento lhe atravessava o espírito, odiava-se por isso.

Não deveria ter desejado mais Rebecca? Não lhe devia isso, viva ou morta, depois de tudo o que ela sacrificara para casar com ele e dar-lhe aquilo que ele desejava?

E, contudo, não era assim. Não a honrava. Para dizer a verdade, mal pensava nela desde que tocara Lysandra.

Não que alguma vez viesse a permitir que Lysandra o soubesse. Preservava aquele muro entre os dois, recusando que ela se aproximasse, recusando dar-lhe o que quer que fosse. Tudo o que conseguia fazer era aceitar. Aceitar o seu corpo e aceitar a sua história, como fizera na noite passada, em que praticamente a obrigara a contar-lhe os problemas acerca da sua família.

Doera-lhe falar dessas coisas, expor os pormenores dolorosos que ele apostava que ela mantivera secretos durante anos.

Sabia um pouco o que isso era.

E, no entanto, a carruagem parava agora em frente de uma casa de classe média, num bairro que nunca visitara. Saiu antes de o cocheiro o poder ajudar e ergueu o olhar com uma fungadela de desdém.

Havia uma coisa que *podia* fazer por ela.

– Espere aqui por mim – disse. – Não me demoro.

– Sim, senhor – respondeu o condutor com uma elegante vénia, de pé em sentido junto à cabeça do cavalo.

Andrew endireitou o casaco e dirigiu-se à porta. Bateu e sorriu quando o criado abriu e recuou com surpresa e respeito, mesmo antes de ele lhe entregar o seu cartão.

– P...posso ajudá-lo... Vossa Senhoria? – perguntou o serviçal, adivinhando corretamente que ele era nobre.

Em poucas ocasiões Andrew gostava de exibir o peso do nome e da fortuna da família. Normalmente, provocava uma atenção que não procurava e um falatório que não desejava. Naquele dia, porém, estava a adorar cada momento.

– Pode sim. Diga ao seu patrão que o visconde Callis está aqui para falar com ele. – Arremeteu pelo átrio. – *Já*.

O criado tartamudeou, aceitando um dos cartões enfeitados a ouro de Andrew.

– Sim. Vou. Imediatamente, Vossa Senhoria. Permita-me que o conduza à sala para esperar por Mister Ingram.

Andrew seguiu o criado até ao aposento e, quando a porta se fechou, olhou em volta. A sala era a exibição mais espalhafatosa de novo-riquismo que alguma vez vira. Desde debruns a ouro por todo o lado até aos sofás estofados em demasia e à – arte – desconexa nas paredes, tudo estava concebido para gritar *dinheiro*. No fim, falhava. Tudo o que Andrew via era falta de gosto e de decoro.

E gostou ainda menos do homem que estava prestes a conhecer, se isso fosse possível.

Dentro de instantes, a porta da sala voltou a abrir-se e um homem gordo e transpirado irrompeu na sala.

– Lorde Callis – disse ele, estendendo uma mão com uma palma

perturbadoramente húmida que Andrew ignorou. O homem titubeou e depois baixou a mão. O seu rosto ficou ainda mais encarnado. – Peço desculpa por tê-lo feito esperar. Malditos criados.

Andrew cerrou os lábios à ideia de que August Ingram era capaz de culpar um pobre serviçal por aquela breve espera. Fez com que ficasse ainda mais irritado.

– Não tem importância – disse, sentando-se e encarando ameaçadoramente o homem.

– É uma honra ter um cavalheiro da sua importância em nossa casa – continuou o homem a perorar, enquanto titubeava até à sua cadeira. – Embora não saiba o que possa ter feito para merecer tal honra. Ouviu falar da minha loja?

Andrew abanou a cabeça. Na pesquisa que fizera sobre aquele homem desde a noite anterior, ficara a saber que possuía uma livraria com algum sucesso no mesmo bairro em que vivia. Nada de espetacular, mas fazia um número de vendas mensal decente. O suficiente para viver mais do que confortavelmente.

Sem contar com a contribuição de Lysandra por causa da mãe.

– A sua loja não me interessa nada – retorquiu com franqueza. – De facto, o senhor não me interessa para nada.

O outro homem aclarou a garganta desconfortavelmente e remexeu a sua gorda silhueta na cadeira demasiado estofada.

– Compreendo. – Hesitou e em seguida abanou a cabeça. – Não, não compreendo. O que... o que deseja então de mim Vossa Senhoria?

– Estou aqui por causa de Lysandra Keates e da sua mãe – disparou Andrew.

Para seu grande prazer, Ingram engoliu em seco e enfiou a mão no bolso para retirar um lenço bordado para secar a testa suada.

– A minha tia – disse ele. – É a sua filha, sim. A minha querida tia vive connosco, acolhemos a pobrezinha depois de grandes infelicidades que bateram à porta da sua família. O que é um prazer para nós, garanto-lhe.

– Um prazer – repetiu Andrew, cerrando os punhos. – Compreendo. Um prazer, diz. É por isso que cobra à filha uma exorbitância todos os meses pelo quarto e comida da sua *querida tia*?

Ingram esforçou-se para se levantar, mas Andrew foi muito mais rápido. Quando se ergueu por completo, Ingram não tentou levantar-se e deixou-se

cair de novo na cadeira com um tremor submisso.

– Vejamos, Vossa Senhoria. Vossa Senhoria não conhece as circunstâncias – argumentou, embora o seu tom fosse bastante débil. – Só pretendo cobrir as minhas despesas no que diz respeito à minha tia. Ela não está bem. Não imagina o fardo que é. Que nós assumimos de boa vontade, claro, mas não deveremos ser compensados por tudo o que fazemos? E poderei perguntar o que sabe acerca da minha prima e da nossa combinação para vir a minha casa com uma tal atitude?

– Sou amigo da Miss Keates – disse Andrew friamente. – E estou aqui porque vou levar a sua tia desta casa e mudá-la para uma situação melhor. E espero que devolva todas as quantias que lhe foram entregues para os seus cuidados por Miss Keates. Percebe o que lhe estou a dizer? *Todas as quantias*. Com juros.

– Juros de quê? – balbuciou Ingram.

– De ser um estupor – retorquiu Andrew. – E um porco.

Agora Ingram conseguira levantar-se.

– Eu não tenho de aturar isto, caro senhor. Em minha casa, não. Agora compreendo como Lysandra o convenceu a agir em nome dela. Deve depois pagar-lhe de outra forma, mas...

Não conseguiu terminar. Andrew esmurrou-o, atingindo-o em cheio no queixo e enviando-o a esbracejar por cima da cadeira de onde acabara de se levantar e esparramando-se sobre o soalho da sala, enquanto as vistosas quinquilharias que tinham sido dispostas sobre uma mesinha se despedaçavam em seu redor.

– Se volta a dizer alguma coisa menos merecedora acerca de Lysandra farei muito pior do que bater-lhe – ameaçou Andrew baixinho. – Mister Ingram, posso destruir-lhe o negócio num instante, se me apetecer. O seu sustento, a sua vida, poderão ir pelo cano abaixo com a mesma facilidade que o mijo lá fora na rua.

Ingram agachou-se no chão, agarrado ao maxilar já a inchar e assentiu.

– Sim. Sim, Vossa Senhoria.

– Agora vai mandar os seus criados emalar as coisas de Mistress Keates. Deverão estar prontas daqui a uma hora e serão guardadas com o mesmo cuidado como se fossem *minhas*, porque se faltar alguma coisa a Mistress Keates ou se algo estiver partido, destruí-lo-ei.

O gordo agarrou-se à cadeira virada e ergueu-se.

– Sim, Vossa Senhoria.

– Quanto ao dinheiro, pode enviá-lo ao meu solicitador, Mister James Gladwell, em nome de Lysandra. Terá de chegar dentro de uma semana ou destruí-lo-ei. Está a perceber o esquema, Mister Ingram?

Ingram assentiu, pestanejando por causa daquilo que Andrew percebeu serem lágrimas.

– Sim. Sim, Vossa Senhoria.

– Muito bem. Agora corra a fazer os recados. – Fez um sinal ao homem, mandando-o embora como se fosse um criado impertinente. – E diga a Mistress Keates para descer. Quero vê-la agora.

Lysandra desceu da carruagem e franziu o sobrolho. Havia outro veículo estacionado em frente à casa do primo, bloqueando metade da entrada. Encolheu os ombros, dirigiu-se para a porta e bateu.

Enquanto esperava que o criado abrisse, suspirou. Aquela era a primeira vez que veria a mãe desde que começara o seu caso com Andrew. A mãe conhecia-a melhor do que ninguém. Sentiria uma mudança em Lysandra? E se viesse a descobrir a que ponto chegara, a mãe continuaria a amá-la?

Estremeceu e depois olhou para a porta. Já há muito tempo que batera e ninguém respondera. Bateu de novo, desta vez com mais força. Lá dentro, ouviu um arrastar de pés e a porta abriu-se de repente, revelando o mordomo do tio, Clarence. Tinha o casaco descomposto e a testa suada.

– Que é? – gritou, com a pronúncia *cockney*, que geralmente era forçado a disfarçar, a revelar-se, devido àquilo que o estava a apoquentar. Depois abanou a cabeça e corrigiu-se, regressando a um tom e a uma pronúncia mais normais.

– Miss Keates. É a *menina*.

A sua voz era fria e ficou especado a olhar para ela. Não que alguma vez tivesse sido simpático para com ela, mas também nunca tinha sido tão francamente antipático.

Atrás dele, Lysandra viu vislumbres de criados a correr escadas a baixo e a cima e ouviu gritos e conversas abafadas.

– Sim, sou eu – disse, assentindo com a cabeça. – Mas o que se passa aqui?

Ele fez-lhe sinal para que entrasse.

– Venha comigo.

Ela seguiu-o pelo átrio, ainda absolutamente confundida pelo seu comportamento, pelo facto de todos os criados da casa andarem num alvoroço e metade deles ficar a olhar para ela quando passava por eles.

Ele abriu-lhe a porta do escritório do primo. August estava sentado à secretária, com o casaco atirado para o chão e o peitilho desapertado no pescoço. Suava profusamente e estava debruçado sobre um livro de contabilidade tomando notas furiosas e praguejando para dentro.

– Mister Ingram, Miss Keates. – O criado pareceu cuspir o nome dela.

O primo estacou e depois, lentamente, tirou os olhos dos papéis. Lysandra ficou tensa. Não fazia ideia do que se passava, mas tinha claramente a ver com ela. Preparou-se para o pior, mas ficou surpreendida quando ele contornou a secretária e lhe agarrou a mão.

– Fala com ele, Lysandra – disse, apertando-lhe com força os dedos até ela quase não conseguir senti-los. – Diz-lhe que não me destrua.

Ela abanou a cabeça e libertou a mão com um puxão. Esfregou as costas da mão doridas enquanto dizia:

– De que estás a falar, August? Mas que diabo se passa aqui?

– Tu deves saber! – disparou o primo. – Ele está cá. Bateu-me...

Lysandra recuou. O primo tinha de facto uma nódoa negra bastante feia no lado do queixo. Ela quase sorriu, mas estava demasiado confusa para sequer desfrutar da sua dor.

– *Quem* te bateu? – perguntou.

– E disse que, se não te devolvesse o dinheiro que acabaste de me dar, havia de fazer com que me tirassem tudo – prosseguiu o primo, ignorando por completo a sua pergunta.

Lysandra estacou. Devolver-lhe o dinheiro? Apenas uma pessoa sabia que ela acabara de entregar ao primo uma larga quantia de dinheiro.

Engoliu em seco, de mãos a tremer.

– Estás a dizer que Andrew... Lorde Callis esteve aqui?

O primo assentiu rapidamente.

– Ainda cá está, Lysandra. À espera para levar a tua mãe com ele. Está na sala. Fala com ele, Lys...

Ela voltou-se sem deixar que ele acabasse a frase e correu pelo corredor até à sala. O sangue subia-lhe aos ouvidos e entontecia-a. Andrew estava ali? Com a mãe? Tratava-se de uma brincadeira!

Ela irrompeu pela sala e travou de repente. Andrew e a mãe encontravam-se sentados a uma pequena mesa ao canto da sala, com um bule de chá e um prato de bolos entre eles. Estavam a sorrir e viraram-se para ver quem era o recém-chegado quando ela entrou no aposento.

Andrew levantou-se quando viu que era ela e o seu sorriso aumentou. Como se fosse dali! Como se ela devesse ficar satisfeita por vê-lo assim.

– Lysandra. Estava a usufruir da deliciosa companhia de sua mãe.

Ela ficou a fitá-los, incapaz de desviar o olhar. A mãe parecia muito... leve. Como se tivesse menos dez anos desde a última vez que Lysandra a vira. O seu sorriso era genuíno e a luz nos seus olhos brilhante.

– Mãe – sussurrou.

– Olá, minha querida – disse a mãe. – Que bom teres vindo ter connosco. Lorde Callis não me disse nada.

– Ele não sabia – retorquiu Lysandra, olhando para ele.

Andrew inclinou a cabeça, fingindo parecer confuso com o seu olhar fixo.

– Sente-se bem, Lysandra?

Ela fez-lhe sinal para que atravessasse a sala, com um sinal brusco da mão.

– Desculpe-nos, mãe – conseguiu dizer através dos dentes cerrados. – Tenho uma coisa importante para discutir com Lorde Callis no terraço.

Quando ficou suficientemente perto, agarrou-o pelo braço e desembestou pelas portas do terraço. Depois de fechá-las, voltou-se para ele.

– Que diabo está a fazer? – perguntou, forçando-se a falar baixo, para a mãe não a conseguir ouvir lá dentro.

Ele abanou a cabeça.

– A tomar chá com a tua mãe.

Ela cruzou os braços.

– O que está a fazer aqui, Andrew? Porque esmurrou o meu primo? Que disparate é este sobre dinheiro e levar a minha mãe daqui?

A cabeça andava-lhe à roda a cada pergunta que fazia. Dizer as palavras em voz alta fazia-a compreender a delicada posição em que se encontrava.

Andrew deu-lhe pancadinhas na mão.

– Acalma-te. Explicar-te-ei tudo assim que a tua mãe estiver a caminho do seu novo destino. Agora, respira fundo e vamos ter de novo com a tua mãe antes que ela comece a fazer perguntas, uma vez que não faz evidentemente ideia da nossa relação.

Lysandra ficou de boca aberta.

– Claro que ela não faz ideia da nossa relação...

Mas ele dirigia-se já ao interior da casa.

– Andrew – chamou ela, correndo atrás dele. – Andrew...

Ele abriu a porta e Lysandra calou-se. Seguiu atrás dele, a ferver de raiva, e forçou um sorriso à mãe.

– Minha querida, quando me ias contar que entraras ao serviço de Lorde Callis? – perguntou-lhe a mãe.

Lysandra fechou os olhos com força. Fora então assim que Andrew explicara aquilo? Supunha que, de certa forma, fosse verdade. Só que não andava propriamente a limpar-lhe o pó aos salões.

– Vim cá precisamente para lhe dizer – disse Lysandra com um encolher de ombros. – Fiquei surpreendida por Lorde Callis se ter dado ao trabalho de ter vindo ele próprio contar-lhe.

Fitou-o, mas ele ignorou-a.

– É evidente – disse ele. – Afinal de contas, desempenha um papel de tal modo importante em minha casa. E, uma vez que estávamos a tomar disposições para que a sua mãe fosse para a sua própria casa...

– Mas que surpresa – disse a mãe, com um sorriso rasgado. – Claro que aprecio a generosidade do meu sobrinho e da sua mulher, mas já me imiscui aqui durante demasiado tempo, acho eu. É maravilhoso que a tua posição me permita ter os meus próprios aposentos, Lysandra.

Lysandra ficou a olhar para ela. Parecia tão animada, tão descontraída. Mas por que espécie de inferno ela deveria ter passado para agora se mostrar tão feliz por ter uma nova casa, ou para não perceber que a combinação que Andrew estava a descrever não fazia sentido? Porque haveria uma mulher contratada para trabalhar em casa de um cavaleiro o levaria a visitar a sua mãe?

Era ridículo.

– Sim, mãe – anuiu ela, rendendo-se à história idiota que todos fingiam ser real.

– Foi uma gentileza de Sua Senhoria tomar as disposições para que se mudasse.

Houve uma leve batida na porta da sala e esta abriu-se para trás, revelando August. Fez uma ligeira vénia.

– Lorde Callis, a carruagem está carregada com as coisas de Mistress Keates, tal como ordenou.

- Muito bem – respondeu Andrew, oferecendo o braço à mãe de Lysandra.
- Então, vamos embora.

August recuou para o corredor para lhes dar passagem e a mãe hesitou.

- Obrigada pela tua hospitalidade, sobrinho. E agradece também à tua mulher.

Ele cerrou os lábios e Lysandra percebeu que tivera vontade de fazer um comentário sarcástico. Porém, a presença de Andrew manteve-lhe a gorda boca fechada. E, pela primeira vez, ela desfrutou verdadeiramente do momento.

- O prazer foi nosso, tia. Espero que nos possa visitar em breve, pois teremos saudades da sua companhia.

A mãe ergueu as sobrancelhas de incredulidade, mas não disse nada, enquanto passavam pelo átrio até lá fora.

- Duas carruagens? – perguntou a mãe quando se dirigiam para a rua.

Lysandra lançou um olhar a Andrew. Como iria explicar aquilo?

- Ah, pois – retorquiu. – Uma é para as suas coisas, Mistress Keates. Nós iremos na carruagem da Lys... na outra.

Fez sinal aos cocheiros e falou com eles em voz baixa, antes de abrir a porta da caleche mais pequena de Lysandra e ajudar primeiro a mãe e depois Lysandra a subir.

Lysandra cerrou os punhos ao lado do corpo. Não podia fazer nada com Andrew na carruagem e com a mãe sentada ao seu lado, sorrindo como se tivesse fugido da prisão. Mas aquilo ainda não acabara.

Capítulo Dezasseis

– A tua mãe gosta da sua nova casa – disse Andrew, enquanto se instalava de novo no assento da carruagem e suspirava.

Fora um longo dia, ajudando Mrs. Keates a familiarizar-se com as suas duas criadas e a instalar-se na sua nova casa, um local pequeno e bonito num bairro de classe média, não muito longe da casa mais extravagante que comprara para Lysandra.

A felicidade e a absoluta simpatia de Regina Keates fizeram com que tudo tivesse valido a pena.

– Como pôde fazer isto? – explodiu Lysandra.

Andrew fitou-a. Ela estivera a ferver de tensão desde que chegara a casa do primo há horas, mas ele não esperara aquela explosão momentos depois de estarem a sós na sua carruagem. Ela não vira como a mãe estava feliz? Não percebia que Andrew libertara a mãe da fealdade da casa dos Ingram para *ajudar* Lysandra?

– Dar à tua mãe um lugar para viver que não obriga a que entregues três quartos do teu dinheiro e evitar que seja maltratada? – perguntou ele suavemente. – Sim, sou um monstro, já sei.

Lysandra abanou a cabeça.

– Como pôde imiscuir-se na minha vida? Faz ideia das explicações que terei de arranjar?

Ele encolheu os ombros.

– A tua mãe pareceu aceitar a história de que vieste trabalhar para mim e

que fez parte do nosso acordo que eu te ajudasse a encontrar uma pequena casa para ela.

Lysandra rolou os olhos.

– Ela aceita isso agora porque está encantada por fugir ao bastardo do meu primo. Mas, daqui a algumas semanas, quando o seu entusiasmo arrefecer, não acha que começará a fazer perguntas? Ela não é parva, sabe.

– Francamente, Lysandra, eu pensei que talvez lhe tivesses contado os teus magníficos planos para a salvação – ironizou Andrew. – Não fazia ideia que ela pensasse que continuavas a trabalhar para o teu antigo patrão ou que eras criada de quarto.

Lysandra deixou escapar uma gargalhada que não continha amor nem calor.

– Por que razão haveria de contar à minha mãe que me iria prostituir para que ela escapasse aos pecados do marido? Para a salvar? Para me salvar a mim?

Andrew retraiu-se.

– É assim que lhe chamas? Prostituir-te?

Ela abanou a cabeça.

– Não sei. Quando estou consigo, não sinto isso. Mas, quando me dá dinheiro, uma casa não só para mim, mas para a minha mãe, roupas... Nunca lhe poderei pagar de modo algum. Apenas de um. – Suspirou. – E, mesmo nesse aspeto, deixarei a desejar. Talvez não passe de uma prostituta, vestida de algo mais.

Andrew agarrou-lhe o queixo e ergueu-lhe o rosto para que ela fosse obrigada a olhar para ele. Parecia derrotada e ele odiou-se por isso. Era ele, afinal de contas, que fazia com que ela se sentisse assim. Apesar das suas boas intenções.

– Observei-te hoje com a tua mãe, Lysandra – disse suavemente. – Como foste paciente, como fizeste com que se risse. Hoje, não foste nenhuma amante. Foste apenas uma mulher boa e decente a tentar fazer bem à sua mãe.

Ela pestanejou, com as lágrimas a brilhar-lhe quando a luz do crepúsculo penetrou pela cortina que cobria a janela da carruagem.

– Mas não lhe fiz bem. O senhor é que fez. Levou-a de casa dos meus primos e para casa dela. E o que acontecerá quando tiver acabado comigo? Como vou pagar aquele sítio?

Ele inclinou-se e beijou-lhe gentilmente os lábios.

– Resolveremos isso, Lysandra. Prometo-te.

Ela afastou-se e fitou-o.

– Diga-me uma coisa, Andrew. Porque fez isto por ela?

– Não foi por ela – admitiu ele, sabendo que não devia dizer aquelas palavras, mas fazendo-o apesar das consequências. – Fi-lo por ti.

Ela olhou-o no silêncio da carruagem e percebeu que ele estava de respiração suspensa. À espera que ela reagisse à sua revelação. Por fim, afastou-se e deslocou-se para a outra ponta da carruagem.

– Por favor, não faça isso – murmurou.

Ele inclinou a cabeça.

– Não faço o quê?

– Não finja que gosta de mim minimamente, quando se vai embora mal acaba de saciar os seus desejos – disse ela, de voz a tremer.

– Gosto mais do que aquilo que tu pensas e mais do que aquilo que gostaria – retorquiu ele e depois susteve a respiração.

Por que raio tinha dito aquilo?

Ela fitou-o, depois abriu a boca e ele atirou-se a ela, desesperado por deter aquela conversa da única maneira que sabia. Arrastou-a pela carruagem até si e beijou-a com força. Para sua surpresa, ela respondeu com tanta paixão e raiva como ele. Afastou-lhe a camisa, abrindo-a e deslizando as mãos contra o seu peito, com um silvo de respiração que se fundiu com o dele.

Montou-o, subindo as saias em torno das coxas tal como fizera da última vez que tinham feito amor naquele mesmo veículo. Enquanto o beijava, começou a contorcer-se em cima dele, roçando-se no seu membro até ele fazer força contra o tecido e a magoar deliciosamente.

Ele agarrou-lhe a nuca para a beijar de novo, mas ela afastou-se e abanou a cabeça. Ele suspendeu-se, por muito difícil que fosse, e ficou a vê-la. Esperava que ela o montasse ou se despisse, ou qualquer outra coisa, menos o que ela fez a seguir.

Pôs-se de joelhos no chão e extraiu o seu ansioso pénis de dentro das calças. Com um rápido olhar na sua direção, meteu-o na boca.

Ele arqueou-se contra o assento, impelindo-a na sua boca e perdendo um pouco o domínio. Se o seu movimento a incomodava, ela não protestou. De facto, soltou um pequeno gemido de prazer da garganta, que lhe reverberou pelo membro e por todo o seu corpo.

– Meu Deus, Lysandra – arfou quando ela girou a língua em torno dele num lento círculo e o incendiou num fogo de prazer.

Ela não abrandou a cadência, começando a enfiar a boca nele uma e outra vez, com vigor e paixão. Ele apertou os olhos enquanto onda após onda de prazer crescia dentro de si e por fim desabou. Tentou sair da boca dela enquanto se vinha, mas ela agarrou-lhe a base do membro e sugou-o até à última gota.

A carruagem parou enquanto ela limpava a boca e regressava ao assento em frente ao dele. Andrew apressou-se a cobrir-se e só conseguiu fazê-lo quando o cocheiro abriu a porta e ajudou Lysandra a descer. Ela voltou-se e ergueu a mão quando ele se preparava para sair.

– Estou com uma certa dor de cabeça, senhor – disse ela suavemente. – Por isso, dou-lhe as boas-noites.

Não esperou que ele respondesse, rodando nos calcanhares e dirigindo-se para casa sem sequer olhar para trás.

Andrew ficou a pestanejar, incrédulo. Então ela fazia uma coisa tão ferozmente apaixonada e depois... ia-se embora? Sentiu-se rejeitado. Sentiu que fora usado. Sentiu-se...

Exatamente como a fizera sentir de cada vez que se afastava dela.

Abanou a cabeça enquanto fazia sinal ao cocheiro para o levar para casa. De algum modo, aquela ligação supostamente breve transformara-se numa coisa muito maior do que antecipara. E agora não fazia ideia do que havia de fazer a esse respeito.

– Menina, posso ajudá-la? – perguntou a criada de Lysandra, espreitando pela frincha da porta do seu quarto.

Lysandra parou de andar de um lado para o outro o tempo suficiente para apresentar à rapariga um sorriso superficial.

– Não, Faith. Esta noite dispo-me sozinha.

A criada arregalou os olhos com a estranha ordem, mas depois assentiu antes de desaparecer do quarto e deixar Lysandra a sós.

Sim, ela sabia que era uma parvoíce não deixar que a criada a ajudasse, mas ver a rapariga recordava-lhe que Andrew tanto pagava pela rapariga como por ela. E, uma vez que pagara, podia agora exigir aquilo que lhe apetecesse. Quer fosse o seu corpo, ou os seus segredos, ou entrar numa vida

que ela preferia manter separada daquela.

Sim, ela apreciava que a mãe estivesse agora a salvo. Confortável. Mas como não percebia ele como isso a colocava numa posição precária? E se o seu próximo protetor se recusasse a manter a mãe naquele sítio? E se ela nunca mais encontrasse outro protetor depois de Andrew se desembaraçar dela? Ela ficaria ainda pior e a mãe acabaria por ir parar à rua, depois da rudeza com que Andrew tratara August.

Não que ela não tivesse apreciado aquela pequena cena, mas mesmo assim. O prazer temporário que lhe provocara o medo e a humilhação de August poderia facilmente transformar-se num problema a longo prazo. Mas Andrew não tinha de pensar nessas coisas. No seu espírito e no seu mundo, tomava aquilo que queria e pronto, acabou-se.

Mas naquela noite, ela tinha-lhe trocado as voltas.

Parou de andar e pensou na sensação de o ter na sua boca. Na forma como ela lhe roubara o domínio num pequeno aspeto. Fora um ato de vingança... e um ato de prazer. Ele ficara chocado com ele, chocado com ela, isso fora claro pela forma como reagira quando ela se despedira daquela forma.

Sofreria as consequências. Talvez. Mas, pelo menos, pela primeira vez desde há muito tempo, tomara as rédeas da sua vida. Recusara a curvar-se perante as exigências de outra pessoa, perante as regras de outra pessoa.

E isso, tanto como o pénis de Andrew, dera-lhe de facto um grande prazer.

Capítulo Dezassete

Depois de uma noite irrequieta, com voltas e reviravoltas e revivendo a apaixonada possessão de Lysandra e a sua derradeira rejeição, Andrew não tinha disposição para mais nada que não fosse estar sentado no seu escritório a cismar. De facto, estava ainda a acordar quando o seu criado lhe bateu à porta.

– Entre – rosnou, irritado com a interrupção, com a cabeça a doer-lhe e o espírito desconcentrado.

– Peço perdão por lhe interromper o trabalho, Vossa Senhoria, mas está aqui o seu pai para falar consigo – disse o mordomo, abrindo uma fresta da porta. Ele arqueou uma sobrancelha. – Mencionei que estava a trabalhar, mas ele insistiu bastante.

Andrew franziu o sobrolho.

– O conde está aqui?

O mordomo assentiu, apenas uma vez, e pela sua expressão fechada Andrew percebeu a que ponto o pai tinha sido «insistente».

Resmungou. Aquele não era o dia apropriado para ouvir os juízos e as sugestões do pai, mas que podia fazer? Mandá-lo embora? Isso desencadearia com certeza uma interessante reação. Mas não que a quisesse enfrentar presentemente.

– Mande-o entrar para aqui – disse ele, enquanto ia buscar uma garrafa à ponta da secretária e se servia de uma bebida forte.

O mordomo fez uma vénia enquanto saía. Andrew levantou-se, tomando

um gole de genebra. Endireitou o casaco e rezou para que o pai não se apercebesse da sua desconcentração.

A porta abriu-se e o conde entrou e tomou conta do aposento como tomava sempre de qualquer aposento onde entrasse, provavelmente desde que nascera. Andrew sempre admirara essa qualidade no pai, que criava uma presença tão forte. Mas também lhe causava um nó no estômago.

O conde franziu o sobrolho quando Andrew rodeou a secretária e lhe estendeu a mão.

– Pai – disse ele. – Não o esperava tão cedo.

O pai apertou-lhe a mão e, ao mesmo tempo, olhou-o de cima a baixo. O seu exame não era de modo algo discreto e, pelo seu ar, não haveria como evitar a sua opinião sobre aquilo que estava a ver.

– Há alguns dias que não o vejo, Callis – comentou o idoso senhor. – Não sabia se havia de ficar preocupado, principalmente depois de todo o falatório que tenho ouvido.

Andrew regressou à sua cadeira atrás da secretária e fez sinal ao pai para que se sentasse à sua frente.

– Aceita uma bebida?

O pai olhou para a garrafa com um franzir de sobrolho.

– Para mim, é um bocado cedo. E para si também.

Andrew afastou lentamente o copo do pé de si.

– Diz que há falatório? O que quer isso dizer?

– Toda a cidade anda a comentar que arranjou uma nova amante – referiu o pai.

Andrew ficou satisfeito por não ter começado a beber, pois teria cuspid o álcool pela sala. Aclarou a garganta.

– Direto como sempre, pai.

O conde sorriu ligeiramente.

– Bem, sempre acreditei em ir direito ao assunto. Não vale a pena andar com rodeios sobre a questão, não é?

Andrew ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

– Não, acho que não. Mas qual a razão para me chamar a atenção para esse rumor em particular? Afinal de contas, a maioria dos homens no nosso círculo tem amantes. De facto, também eu as tive no passado e nunca lhe mereceram reparo.

O pai assentiu.

– É verdade. E, francamente, quando ouvi a história, admito que até fiquei satisfeito. Ando a dizer-lhe há anos que deve encontrar uma mulher para sair desse desânimo. Mas, depois, ouvi dizer mais sobre essa... essa *pessoa* com quem se envolveu.

Qualquer humor que Andrew pudesse ter encontrado naquela situação desvaneceu-se num ápice com aquela frase e com o tom de voz que o pai usou ao pronunciá-la.

– Pessoa – repetiu lentamente.

O pai assentiu.

– Sim, chama-se Lysandra Keates, não é?

– O que sabe de Lysandra? – perguntou, tentando manter um tom calmo e imperscrutável.

O pai observou cuidadosamente a sua expressão.

– Sabia que ela foi criada?

– E então? – perguntou Andrew, provavelmente com mais ênfase do que devia.

O pai recostou-se na cadeira, mas não havia nada de indiferente na ação, nem no que disse a seguir.

– Foi criada do meu amigo, o conde Culpepper?

Andrew inclinou-se para a frente.

– Culpepper? – repetiu, incrédulo.

Nunca perguntara a Lysandra quem fora o seu anterior patrão. Parecia odiar discutir os pormenores para além de que o homem pisara o risco em relação a ela. Na verdade, Andrew não tinha querido pressioná-la sobre esse assunto, quando já exercia tanta pressão sobre ela em relação a outros tópicos e «lições».

Mas agora que sabia... Culpepper era praticamente da idade entre a dele e a do seu pai. Andrew nunca gostara dele. Era um homem pomposo com mau temperamento, mas Andrew respeitava-o... ou tinha-o respeitado.

Ele abanou a cabeça. Não valia a pena entrar em todos aqueles pormenores com o pai. Pelo menos, enquanto não tivesse a certeza absoluta dos motivos do conde.

– E então? – insistiu. – Muitas mulheres começaram como criadas e voltaram-se depois para a vida mais lucrativa de amante ou cortesã. Em especial, quando se é tão jovem e atraente como Lysandra.

– Sabe porque abandonou ela o seu emprego? – perguntou suavemente o

pai.

Andrew cerrou os lábios. Não ia contar segredos que não lhe cabiam contar.

– Não.

– Ela fez uma tentativa descarada para seduzir Culpepper – revelou o pai, com o desdém a escorrer de cada palavra. – E depois pediu-lhe uma exorbitante quantia para se manter calada acerca do assunto.

Andrew cerrou os punhos sobre a mesa e respirou fundo algumas vezes. Então era aquilo que Culpepper andava a dizer? Uma mentira interessante, considerando que Andrew sabia que Lysandra era virgem. Ou tinha sido. Mas aquelas afirmações, produzidas por um homem tão poderoso... não admirava que ela tivesse sido incapaz de arranjar trabalho como criada.

O estupor destruíra-a.

E Andrew sentiu um forte desejo de retribuir o favor.

– Mas o que importa mais é quando se olha para a sua história... O pai estava horivelmente endividado, a mãe vive com um primo, que é um comerciante do mais suspeito que existe. – O pai abanou a cabeça. – Toda a sua família é rude e gananciosa e parece que a sua maçã caiu precisamente dessa árvore.

Andrew lutou para se manter calmo, tanto na voz como na aparência.

– Vejo que fez a sua investigação, senhor.

– Não tive outra opção depois de ouvir o falatório durante os últimos dias e de Culpepper me apresentar as suas preocupações. – O pai encolheu os ombros.

Andrew abriu a boca para argumentar, mas voltou a fechá-la. Conhecia o pai demasiado bem para ir pedir desculpa por andar a espiar. Estava na sua natureza.

– Aprecio a sua preocupação... – começou Andrew.

– Preocupação? – interrompeu-o o pai com um resfôlego. – Chamar-lhe-ia mais do que isso. Só esta semana, em quatro festas diferentes, vieram falar comigo. Mães a perguntar se esta delicada situação significava que estava a pensar regressar ao mercado matrimonial, homens a dizer que Culpepper também lhes falara da situação. Que diabo, até alguns dos seus antigos comparsas abordaram o seu irmão.

– E como sabe isso? – perguntou Andrew.

O pai voltou a encolher os ombros.

– Ele falou-me sobre isso.

– Sam conheceu-a – insistiu Andrew. – Gostou dela.

O pai riu-se.

– Bem, o seu irmão gosta de toda a gente. Pode dar-se ao luxo de gostar de toda a gente. Não tem responsabilidades na vida, desde que cumpra o seu dever de produzir um herdeiro.

Andrew retraiu-se.

– Esta discussão não vale a pena. – O pai acenou com a mão. – A razão pela qual estou a falar consigo acerca disto é para lhe dizer que essa rapariga anda atrás do seu dinheiro. Pode estar demasiado enamorado para se aperceber, mas uma má amante pode arruinar um homem. Olhe para o Baird.

Andrew abanou a cabeça. Recentemente, o visconde Joseph Baird perdera grande parte da sua fortuna e o respeito que outrora granjeara por completo, devido à obsessão com uma mulher de reputação altamente negativa, Winifred Birch.

– Lysandra não é nada disso – retorquiu Andrew. – E de certeza que eu não sou como o Baird.

Exceto que, nesse aspeto, poderia estar errado. Baird aparecia em casa da mulher a altas horas da noite, pedindo em voz alta para a ver, mesmo depois de ela lhe ter reduzido a conta bancária a zero. Andrew quase conseguiu ver-se a si próprio a fazer o mesmo. Era certo que, depois de um dia longe de Lysandra, ansiava por tocá-la de novo, sem querer saber das consequências.

– Tenho a certeza que Baird pensava o mesmo. – O pai fungou. – De certeza que essa Birch era toda doçuras e delicadezas por causa das suas habilidades na cama. Mas, quando um homem fica toldado pelo corpo de uma mulher, por vezes faz coisas insensatas.

– E é isso que pensa de mim – concluiu Andrew, mal conseguindo manter uma calma respeitosa.

O pai encolheu os ombros.

– Faz já muito tempo que estive com uma mulher e tenho a certeza de que uma mulher do tipo dela oferece certas... vantagens quando se trata de prazer.

Nesse momento, Andrew saltou da cadeira e deixou-a balançar atrás de si.

– Já chega – exclamou, batendo com as mãos abertas em cima da mesa. – Não fale dela dessa forma de novo.

O conde recuou com aquele tom e ficou em silêncio durante muito tempo,

olhando-o com a mesma expressão de avaliação com que entrara na sala. Por fim, abanou a cabeça.

– Tem de terminar esse caso, meu filho.

Andrew encolheu-se. O pai nunca o tratara de outra forma a não ser por Callis. Devia estar verdadeiramente preocupado.

– Porquê? – perguntou atonamente, retomando o seu lugar.

– Porque já está confundido por ele. – O pai encolheu os ombros. – Arranje outra mulher. Ou faça como a Sociedade tem pedido e coloque-se de novo no mercado matrimonial. Se alguma coisa ficou provada com o erro que anda a cometer é que é extremamente pretendido. Nunca vi as senhoras a ficar tão encantadas com a ideia de que um homem poderá estar disponível.

Andrew tragou a bebida que tinha posto de lado num só gole.

– Não – disse, depois de acabar. – Não vou acabar com nada e com certeza que não vou regressar ao mercado matrimonial.

Naquele momento, foi a vez de o pai dar um salto, com a raiva e a frustração estampadas no rosto.

– Tenho sido paciente com este disparate, mas é evidente que não está capaz de raciocinar com sensatez. Exijo que acabe com isto.

Andrew abanou a cabeça.

– Não – repetiu, tão clara e calmamente quanto as enervantes circunstâncias o permitiam. – E agora tenho de pedir-lhe que saia, pai, uma vez que esta conversa é inútil e não conduzirá a nada de construtivo.

O conde ficou a olhar, de boca aberta. Andrew poderia ter rido, se a situação fosse diferente, pois nunca antes vira o pai ficar calado com o choque. Decerto que *ele* nunca conseguira esse feito.

Lentamente, o pai fez uma vénia rígida.

– Esta conversa não acabou, Callis – disse num tom frio e que não refletia qualquer emoção forte. – Não vou ficar a vê-lo destruir-se de novo.

Depois voltou-se e disparou pela sala, batendo com a porta atrás de si. Andrew encolheu-se, mas não seguiu o conde. Manteve-se sentado, olhando para o copo vazio à sua frente.

Durante os trinta anos que estivera nesta terra, Andrew nunca desafiara o pai tão diretamente. Mesmo nos anos em que andara na má vida, emendara-se de cada vez que o pai sugerira que o fizesse. Respeitava demasiado o conde para questionar a sua inquestionável autoridade.

Mas, agora, fizera-o. E por causa de uma mulher que supostamente Andrew

iria manter apenas algumas semanas no máximo. O mais surpreendente, mesmo para si próprio, era que poderia ter dito isso ao pai. O conde poderia não ter concordado com a sua tutela de Lysandra, poderia não ter mudado de opinião sobre os seus motivos, mas era um homem razoável. Andrew não duvidava de que, se lhe tivesse dito que aquele caso sempre fora entendido como temporário, teria aceitado e deixado cair o assunto.

Mas Andrew *não* o confessara. Nem sequer o dera a entender. E as razões por que não o fizera... Bem, não queria considerá-las em demasia. Faziam-no refletir demasiado. Questionar demasiado.

Isso era algo que faria mal em dar-se ao luxo de fazer, tratando-se de um caso que deveria ser apenas pecaminoso, mas que se transformara em algo mais, apesar das suas melhores intenções.

Lysandra estava deitada na cama, um livro a cair-lhe dos dedos, quando os seus olhos fechados se começaram a agitar e se abriram de repente. Tinha ali estado deitada durante quase uma hora, procurando encontrar o sono, que lhe escapava devido ao emaranhado de pensamentos e de memórias tórridas, até finalmente sobrevir.

Estava prestes a apagar a vela e a tentar encontrar o sono pela quarta vez quando ouviu bater à porta do quarto. Sentou-se direita num salto, acordada num instante, enquanto olhava para o relógio ao lado da vela. Era uma da manhã. Demasiado tarde para qualquer interrupção que não significasse que algo terrível acontecera.

Afastou a coberta e correu para a porta, escancarando-a para encontrar a criada que lhe viera dar a notícia de acidente ou morte. Mas, para sua surpresa, era Andrew quem estava do outro lado. Um Andrew bastante descomposto, que cheirava vagamente a *bourbon*.

— Andrew? — perguntou, confusa, e depois pestanejou. — A minha mãe está bem?

Ele fitou-a e depois assentiu.

— Sim.

Ela sentiu-se desfalecer, agarrando-se à maçaneta da porta com uma mão trémula.

— Graças a Deus. Pensei... — Abanou a cabeça. — Desculpe. A minha mãe entrou-me pelo quarto dentro a meio da noite quando o meu pai morreu.

– Desculpa. Não devia ter vindo tão tarde.

Ela abanou a mão e recuou.

– Entre.

Após um momento de hesitação, entrou no quarto, olhando em volta como se nunca antes o tivesse visto. Tinha os olhos turvos devido àquilo que estivera a beber e refletiam mais emoção do que alguma vez se permitira compartilhar. Não restavam dúvidas sobre a preocupação que o rodeava como uma nuvem. Ou da raiva.

Lysandra encolheu-se. Os pensamentos que a mantinham acordada há duas noites seguidas eram sobre as suas ações na carruagem de Andrew, depois de terem instalado a mãe na sua nova casa. Fora ousada, demasiado ousada. Usara o corpo como uma arma na guerra entre os dois.

Estaria ele ali por causa disso? Zangado por causa daquilo que ela fizera e de como se comportara devido à sua própria raiva e frustração?

Ele olhou-a de perto.

– Desculpa.

– Já disse isso – murmurou ela, enquanto lhe indicava uma cadeira. – Vá, sente-se antes que caia. Que quantidade bebeu, Andrew?

Ele ignorou o seu pedido e a sua pergunta.

– Não, Lysandra. Não peço desculpa por ter vindo tão tarde. Peço... peço desculpa pela forma como te tratei.

Ela pestanejou e deixou-se cair na cadeira que lhe oferecera. Aquela era a última coisa que esperava.

– Porque... porque pede desculpa? – perguntou ela, examinando-lhe o rosto. Estava enrugado pela dor que normalmente reprimia. Uma dor muito mais profunda do que aquela desculpa que lhe dirigia.

Ele agitou-se, pois o álcool não lhe roubara afinal toda a sua normal hesitação. Depois, disse:

– Eu não fazia... *isto*... estar perto de uma mulher, há muito tempo. Esqueci-me como se fazia. E o meu desconforto deixa-me às vezes duro. Sei que estou a ser confuso. Desculpa.

Depois de ter dito aquelas palavras, sentou-se na cadeira em frente à dela com um som abafado e ficou a olhar para ela. Ela moveu-se na sua direção, caindo de joelhos e rodeando-lhe o rosto com as mãos.

– Está bêbado, por isso não sei se se irá lembrar disto amanhã – disse ela baixinho. – Mas, Andrew, desde que me conheceu, tem sido um paciente

tutor. E meu amigo. Ajudou-me a mudar a minha mãe para um sítio seguro, forçou-me a aceitar prendas que nunca lhe poderei pagar. Se o meu dever é dar-lhe aquilo de que precisa, então não tem de pedir desculpa. Fui eu que não cumpri a minha parte do acordo.

Ele pestanejou e as palavras dela ficaram a pairar entre os dois durante um longo momento, antes de ele sussurrar:

– Não sei do que preciso.

– Esta noite, acho que precisa que tomem conta de si. De conforto.irá permiti-lo?

Capítulo Dezoito

Lysandra susteve a respiração, à espera que Andrew respondesse à sua pergunta, à sua súplica, para que a deixasse ajudá-lo.

Ele engoliu em seco, depois aquiesceu e o coração dela ficou inundado de alívio e de sentimentos de ternura. Inclinou-se, ajoelhada, atraindo o rosto dele para o seu, e beijou-o. Ele inclinou a cabeça para lhe dar maior acesso e soltou um suspiro tremente que a comoveu tão profunda e poderosamente como em qualquer das vezes em que a tocara intimamente.

As suas línguas tocaram-se, a princípio suavemente, explorando e saboreando como se fosse a primeira vez que se beijavam. Mas, à medida que o corpo de Lysandra começou a reagir ao beijo, perdeu o domínio. A sua boca movia-se com mais fervor, saboreava Andrew mais profundamente, enquanto se agarrava aos braços dele e se erguia para cada vez mais perto.

Ele gemeu contra os seus lábios e os seus dedos fincaram-se nos braços da cadeira. Ela recuou. Mesmo num estado inebriado, ele tentou refrear-se. Mantê-la à distância.

Mas naquela noite isso não aconteceria. Ela levantou-se e estendeu uma mão. Ele olhou para ela durante um momento antes de a aceitar e de deixar que ela o puxasse para se pôr de pé. Ela recuou na direção da cama e, quando as suas coxas a atingiram, puxou-o mais para si. Inverteu as posições para que ele ficasse com as costas voltadas para o colchão e depois empurrou-o suavemente.

Andrew sentou-se sem discutir e fitou-a. Foi então que ela compreendeu

aquilo que ele devia ver. A lareira estava mesmo por detrás dela e, na sua fina camisa, a luz passava através do tecido, revelando a silhueta do seu corpo.

– Gosta de olhar para mim? – sussurrou, erguendo os braços e arqueando ligeiramente as costas.

Ele assentiu, em silêncio, mas os seus olhos diziam tudo. Devorou-a com o olhar, de mãos trementes enquanto as cerrava sobre a cama. Quando olhava para ela assim, fazia com que se sentisse bela. Desejável.

Perversa.

Deslizou os dedos por debaixo das finas alças da camisa de noite e, lentamente, afastou o tecido. Levou o seu tempo, mostrando-lhe apenas um centímetro de pele de cada vez. Ele inclinou-se para a frente, a olhar, com os olhos cada vez mais abertos, à medida que o tecido lhe destapava os seios, para se amontoar na cintura. Abanou as ancas, fazendo com que a camisa lhe caísse aos pés.

– Meu Deus – suspirou ele, quase reverente, quando esticou as mãos para ela. Agarrou-lhe as ancas e puxou-a para mais perto. Ela esperava que ele a puxasse, que a arrebatasse, apesar das suas tentativas para o confortar com o seu toque. Em vez disso, ele ergueu o olhar para ela e depois pousou-lhe o queixo na barriga nua.

Ela acariciou-lhe o cabelo suavemente enquanto o olhava. Algo acontecera desde o seu último encontro. Algo o perturbara. E ela conhecia apenas uma maneira de lhe diminuir a dor. Fazendo-o esquecer.

Pressionou-lhe as mãos contra os ombros e empurrou-o de novo contra a cama. Ele não ofereceu resistência, mas puxou-a consigo. O cabelo dela, apenas frouxamente apanhado durante os seus preparativos para se deitar, soltou-se do alto em cascatas sobre e entre os seus corpos. Ela puxou-o para o lado e inclinou-se sobre ele para outro beijo profundo.

Enquanto as suas bocas se moviam uma contra a outra, Lysandra começou a despir Andrew. O seu peitilho já desaparecera, por isso a camisa foi facilmente removida com algumas torções do punho. Afastou o tecido caro e recuou para o olhar bem. Ela já o admirara, mas nunca detivera verdadeiramente o domínio, nem fora suficientemente ousada para explorar por completo toda a beleza da sua forma. Era musculoso, muito mais do que a média dos cavalheiros que vira. Nada nele era macio ou flácido. Aproximou-se e desenhoulhe os músculos do peito, deixando arrastar a unha sobre o mamilo.

Ele soltou um silvo e saltou para uma posição sentada. Livrou-se da camisa, agarrou-lhe a nuca e beijou-a com força e calor. Ela arqueou as costas, roçando os seus próprios mamilos enrijados contra o pelo duro que lhe ponteava o peito. A textura rude fez com que soltasse um silvo, enquanto interrompia mais uma vez o seu beijo para começar a tirar-lhe as calças. Ele descalçou as botas com os pés, enquanto ela lhe desabotoava os botões um a um, pronta e à espera do duro pénis escondido. Soltou-se então, já completamente pronto para ela.

Ela sorriu. Que diferença que alguns dias faziam. Tinha passado de estar nervosa e incerta sobre o que havia de chamar ao seu pénis, quanto mais sobre o que havia de fazer com ele, para estar ansiosa e pronta para o sugar, o acariciar e tê-lo dentro de si de todas as maneiras. Inclinou-se para ele e o cabelo caiu-lhe mais uma vez sobre o rosto, roçando na cabeça do membro dele. Ele contraiu-se, sustendo a respiração.

Ela voltou o olhar para ele e depois sorriu. Inclinou a cabeça, deixando que o cabelo roçasse para lá e para cá sobre ele. Ele silvava a inspirar e a expirar, enquanto fechava os olhos e o prazer suavizava o seu rosto anguloso.

O poder despertou nela. Oh, sim. Ela podia fazer com que ele esquecesse os seus problemas.

Inclinou-se para ele e agarrou-lhe o pénis com a mão. Puxou-o uma vez, duas vezes, vendo como inchava ainda mais com o seu contacto. Queria senti-lo em toda a parte. Moldar-se a ele.

Com um sorriso, começou a gatinhar-lhe por cima do corpo. O seio roçou-lhe no pénis e ele grunhiu de prazer, fazendo-a parar. Ali estava uma interessante descoberta.

Esfregou o mamilo uma segunda vez a todo o seu comprimento, deleitando-se em como o contacto da pele sobre pele de veludo enviava uma onda de prazer que lhe sobressaltava o corpo e o fazia agarrar-se desesperadamente aos lençóis, enquanto gemia. Ela repetiu a ação, deslizando os seios contra ele, num movimento suave e rítmico. Ele cerrou os olhos com uma imprecação abafada, depois inclinou-se para lhe apertar os seios um contra o outro, enquanto se ajeitava para fazer deslizar a sua ereção pelo vale entre eles.

Lysandra olhou para baixo e espetou a língua para lhe lambe a cabeça do membro enquanto ele mergulhava entre os seus seios, uma, duas, três vezes.

– Vou vir-me por todo o lado, se continuares a fazer isto – ofegou ele. – E

quero que estejas em cima de mim, à minha volta, quando isso acontecer.

Lysandra estremeceu, enquanto afastava as pernas e se colocava em posição sobre ele. Estava húmida de antecipação e prazer, enquanto o fazia deslizar contra a entrada do seu corpo, com algumas pancadas de preparação. Ele ergueu as ancas e metade do seu comprimento desapareceu dentro dela, fazendo-a esticar-se deliciosamente ao mesmo tempo que arqueava as costas contra uma onda de prazer. Mexeu-se e fez com que o resto lhe entrasse dentro e depois ficou imóvel a gozar completamente a sensação dos seus dois corpos fundidos numa única entidade de excitação.

Ela inclinou-se para trás contra os braços e observou o rosto dele quando começou a montá-lo com longas e lentas ondulações. Roçava contra ele, esfregando a sua pélvis em pequenos círculos e arfando quando o seu clítoris pulsava e latejava em resposta.

Ele abriu os olhos e fitou-a e então ela deu-lhe o melhor espetáculo que tinha para oferecer, arqueando as costas para exhibir os seios, mordendo os lábios enquanto tentava refrear o prazer crescente que lhe começava entre as pernas e se espalhava como uma chama pelo resto do corpo. O orgasmo dela condensava-se com cada movimento das suas ancas e abrandou para retardar o momento da explosão por quanto tempo aguentasse. Queria esgotar o prazer naquela noite. Fazê-lo ofegar, suar e implorar.

Mas o prazer assaltou-a, esmagando-lhe a vontade e os planos, fazendo-a montar cada vez com mais força, cada vez mais depressa. Arfou quando os primeiros espasmos a atingiram e lançou-se para a frente para esmagar a boca contra a dele. Sugou-lhe a língua enquanto se vinha, retesando as ancas para a frente e para trás, sem delicadeza, sem domínio, nada que não fosse o puro êxtase que lhe guiava os movimentos.

— Foda-se! — berrou Andrew e, num instante, virou-a e penetrou-a com tanta força e tão depressa que o orgasmo que começara a desvanecer-se dobrou de intensidade, até ela gritar, até chorar numa doce libertação.

Andrew endireitou-se, com o pescoço a contrair-se enquanto lhe enterrava os dedos nas ancas, magoando-lhe a tenra carne, mas, nesse momento, não tinha domínio sobre as suas ações. Era o seu pénis que comandava, marcando o ritmo sacudido de uma ordem:

Querer. Tomar. Minha.

O prazer apoderou-se dele e derramou a semente quente na profundidade da sua entesada bainha. Desmoronou-se sobre ela, ofegando de exaustão e absoluto prazer. Exaurido.

Ela mexeu-se debaixo dele, envolvendo-o com os braços. Quando ele tentou mexer-se, ela apertou-o contra si, percorrendo com os dedos as suas costas suadas.

– Vou esmagar-te – sussurrou ele, receoso de falar em voz alta no escuro, como se pudesse quebrar o feitiço criado pelo acasalamento erótico.

Ela ergueu o olhar para ele, com os olhos azul-escuros a brilhar à luz da vela.

– Gosto do seu peso.

Ele fitou-a por um momento, com o cabelo emaranhado no rosto e as faces coradas. Nunca vira uma mulher tão bela em toda a sua vida. Ela podia ombrear com qualquer diamante de primeira água e ganhar a batalha da beleza.

Beijou-a uma vez e depois rolou de lado, movendo-a consigo de modo a que a cabeça dela ficasse sobre o seu ombro. Ela pressionou uma mão contra o peito dele e começou a seguir-lhe o padrão dos músculos.

Passou algum tempo, ele não sabia dizer quanto, até ela falar de novo.

– Porquê?

Ele pestanejou, olhando-a.

– Porquê o quê?

– Quando chegou, disse que não estava com uma mulher há muito tempo. Porquê?

Ele fechou os olhos por um momento. Quando chegara, estava um pouco embriagado. O álcool soltara-lhe a língua antes de a paixão o tornar sóbrio. Mais uma vez, falara de mais. Mas, agora que o dissera, não podia exatamente retirá-lo, em especial porque não tinha vontade de a rechaçar e ir-se embora. Naquela noite, não.

– Outrora, fui um... – Hesitou, enquanto tentava pensar numa descrição...

– Um homem diferente. Era estouvado. Era um devasso.

Ela sorriu, mas não havia troça na sua expressão, mesmo quando disse:

– Vivien contou-me isso uma vez. Mas agora é tão sério que é difícil imaginá-lo um malandro. Embora a imagem que tenho seja muito interessante. – Inclinou a cabeça. – O que mudou?

– Casei-me – disse ele, num tom neutro e inexpressivo, que não

correspondia ao que estava a pensar. Pelo contrário, era uma massa emaranhada de pensamentos que normalmente tentava suprimir.

Ela continuou a fitá-lo, com uma expressão inescrutável, embora ele pudesse imaginar o que pensava. Ele nunca falava da mulher; ela tinha de estar curiosa.

– Ao que parece, o facto de estarem casados impede poucos homens de prosseguir com os seus prazeres – comentou ela baixinho.

Andrew lançou-lhe um olhar de lado, interrogando-se se ela estaria a pensar nos indesejados avanços de Lorde Culpepper, um homem casado da maior respeitabilidade. No mínimo, esperava que ela não o comparasse com aquele bastardo.

– Eu amava-a – viu-se a admitir, talvez pela primeira vez sem ser à própria Rebecca. – Mudei por ela. Quando ela morreu... não sabia que tipo de homem havia de ser.

Houve um longo momento de silêncio e ele susteve a respiração. Aquele era o ponto em que a maioria das pessoas lhe recordaria que Rebecca já falecera há muito mais do que aquilo que era o período de luto normal e sugeriam que ele fodesse uma cortesã, ou casasse com uma sirigaita dez anos mais nova do que ele e que prosseguisse com a vida que toda a gente esperava que ele levasse. A sua tristeza, a sua continuada luta, fazia com que se sentissem desconfortáveis e queriam que isso parasse.

Mas Lysandra tocou-lhe simplesmente a face.

– Ela só faleceu há alguns anos, não foi?

Ele aquiesceu mas não falou. Não confiava em si próprio o suficiente para o fazer.

Ela sorriu.

– Percebo que leve muito tempo a recuperar de uma perda dessas. Para alguém se restabelecer como homem, como pessoa.

Ele sobressaltou-se com aquela reação. Nunca ninguém o dissera tão sucintamente. Mesmo o irmão, que lhe dera o maior apoio durante o seu luto, nunca fora capaz de compreender completamente a sua reação e estava sempre a tentar incitá-lo suavemente a um regresso à sua vida «normal».

– Tu és a única a achar isso – murmurou ele baixinho.

Abanou a cabeça, pensando no pai nessa tarde. O velho senhor acabaria por levar a sua avante, de uma maneira ou de outra, se eles permanecessem juntos. Arranjaria forma de acabar com aquele caso em nome do «próprio

bem» de Andrew, se ele não acabasse com Lysandra de mote próprio.

Subitamente, ergueu-se apoiado no cotovelo e olhou para ela, atingido por uma ideia.

– Lysandra, devíamos ir para o campo.

Ela recuou com aquela súbita mudança de tom e de assunto.

– Para o campo?

Ele assentiu com a cabeça, com a excitação da ideia a aumentar a cada palavra que dizia.

– Sim. A minha propriedade é apenas a um dia e meio de viagem de Londres e há uma agradável hospedaria junto à estrada, que será apropriada para uma paragem. Poderemos concluir lá o teu treino.

Ela franziu o sobrolho, com uma expressão de confusão no rosto.

– Porquê?

– Lá não haverá distrações – explicou ele, pensando de novo no pai, na Sociedade que, aparentemente, adquirira um novo interesse nele e mesmo no irmão e na feliz união que estava a construir. Acabava com aquilo tudo. Pelo menos, durante algum tempo.

– Há uma grande privacidade, por isso posso ensinar-te ainda mais – prosseguiu, enquanto considerava essas possibilidades.

Céus, aquilo que ele lhe poderia fazer lá, quando a tivesse em sua casa, na sua cama. Poderia possuí-la de todas as maneiras e com certeza que *isso* o purgaria daquele desejo que continuava a sentir por ela. E em casa, na sua *verdadeira* casa, sentir-se-ia mais ele próprio.

Lysandra aquiesceu lentamente.

– Agora que a mãe está em segurança e feliz, livre do meu primo e dos seus humores, não vejo razão para não poder deixar a cidade durante algum tempo. Vou visitá-la amanhã e arranjar uma desculpa para o meu desaparecimento.

Ele sorriu.

– Então, vens comigo?

Ela concordou, mas ele sentiu uma hesitação que preferiu ignorar. Em vez disso, inclinou-se sobre ela e beijou-a, profunda, calorosa e fortemente. Ela descontraíu-se com o seu ataque apaixonado e ele deitou-a de novo sobre as almofadas.

– Depois de falares com ela – sussurrou ele –, partimos. Dentro de dois dias, estaremos lá. E tudo será diferente.

Mas, enquanto os seus dedos viajavam até ao local onde as pernas dela se encontravam e começava a acariciá-la suavemente, tentou ignorar a voz alta e persistente dentro da sua cabeça. Que lhe dizia que estava a fugir. Que lhe dizia que nunca seria capaz de fazer algo verdadeiramente diferente.

Nem com aquela mulher.

Capítulo Dezanove

Lysandra estava sentada à beira de um bonito sofazinho, preparando o chá enquanto esperava que a mãe se lhe juntasse. Olhou em volta com um suspiro satisfeito. A casa era pequena, mas perfeita para a mãe. As divisões eram bonitas, os criados simpáticos. Pela primeira vez, sentia que tudo o que estava a fazer, tudo o que sacrificara, valia a pena.

A porta da sala abriu-se e ela levantou-se quando a mãe entrou.

– Minha querida – disse ela, dando dois beijos nas faces da filha. Olhou para ela e Lysandra agitou-se.

Os seus novos vestidos tinham sido entregues nessa manhã. Não um, como tinha pedido, mas cinco. Andrew intervieria junto de Madame Bertrande e escolhera ele mesmo o tecido.

Eram vestidos maravilhosos, indo desde o vestuário de todos os dias até às calças de montar e, evidentemente, o seu espantoso vestido de baile, que estaria provavelmente a ser emalado pelos criados enquanto ela ali estava.

O que não eram, porém, os vestidos de uma criada. Nem mesmo de uma de alto estatuto, como Andrew explicara à mãe que ela era.

– Senta-te, Lysandra – pediu a mãe num tom suave. – Vamos tomar o chá. Ela assentiu.

– Está a gostar da sua nova casa?

A mãe sorriu.

– É um encanto. Na verdade, até cá tive amigas na semana passada. Imagina, poder ver uma amiga sem ter de pedir autorização.

Lysandra cerrou os olhos.

– Desculpe, mãe. Nunca compreendi completamente como era terrível para si a sua situação em casa de August e Marta. Se tivesse conseguido tirá-la de lá mais cedo...

A mãe abanou a cabeça e cobriu-lhe a mão por um momento.

– Lysandra, não foste tu que criaste esta situação. Tens de deixar de te culpar e de assumir a responsabilidade pelo seu remedeio. O teu pai fez más opções. Talvez eu devesse ter estado mais atenta a essas opções. Mas nunca foi teu dever salvares-me.

– Mesmo que fosse, não fiz um grande trabalho. Enfiei-a no meio de uma casa onde não havia calor nem cuidado consigo. – Lysandra suspirou. – Mas agora já de lá saiu.

– Ao que parece, com um elevado custo – referiu a mãe, olhando de novo para o vestido.

Lysandra apertou as mãos ao lado do corpo e depois ignorou o comentário.

– Isto vai ter de ser um chá muito rápido – explicou. – Vim dizer-lhe que vou sair da cidade durante algum tempo.

A mãe hesitou antes de aproximar a chávena de si.

– Compreendo. Para onde vais?

– Lorde Callis decidiu regressar à sua casa de campo durante um breve período. E vai levar tudo com ele.

– E também leva os criados consigo? – perguntou a mãe. – Pensei que tivesse lá uma outra equipa à espera dele no campo.

Lysandra hesitou. Bolas! Na sua excitação por ir deixar Londres e escapar-se para o campo com Andrew, não pensara de facto nessa parte da história lá muito bem.

– É... é por eu ser nova – começou ela. – Acho que ele pensa que preciso de treino...

– Não há criados em Londres que possam ensinar-te cá? – insistiu a mãe.

Agora fitava diretamente Lysandra, com os olhos com a mesma tonalidade severa que adquiriam quando Lysandra era pequena e se portava mal.

– Quer dizer... ou seja... – balbuciou.

– Por favor, para, Lysandra – exigiu a mãe com um suspiro. – É evidente que estás a mentir. As tuas faces têm essas duas manchas que têm sempre que dizes uma mentira.

Lysandra deixou cair o olhar sobre as mãos cruzadas no colo.

– N...não estou a mentir.

– Há quanto tempo és amante de Lorde Callis? – perguntou-lhe a mãe.

Lysandra ficou a olhar para a mãe. Nos últimos anos, Regina Keates tornara-se recolhida, quase frágil, mas, ao olhar para ela naquele momento, era como se estivesse a olhar para o passado, para a mulher que fora antes da morte do marido. Antes de ter perdido tudo. Tinha os braços cruzados, o queixo erguido e uma sombria determinação marcava-lhe a boca.

– Apenas há quinze dias – respondeu Lysandra baixinho.

– Estou a ver. – A mãe abanou a cabeça. – E quais são as intenções dessa relação? Parto do princípio que ele não planeie casar contigo, ou vocês os dois não se teriam dado ao trabalho de me mentir acerca de seres sua criada. És a sua amante?

– Não me sinto bem a falar disto, mãe – disse Lysandra, erguendo-se e caminhando até à janela. A mãe tinha uma estupenda vista da varanda para o parque do outro lado da rua. Lá fora, homens e mulheres passeavam de braço dado e custou a Lysandra ver como podiam ser abertos acerca das suas intenções e afetos.

– Tinhas uma boa posição na casa Culpepper – insistiu a mãe. – Como se tornaram as coisas tão desesperadas?

Lysandra voltou-se para olhar para a mãe. Parecia... desapontada e isso partiu-lhe o coração. Poderia ter suportado a ira. A tristeza teria sido melhor. Mas desapontamento... era o pior de tudo.

– Culpepper tentou abusar de mim – explicou. – Quando me recusei a ceder, despediu-me e arruinou qualquer hipótese de eu arranjar novo emprego. Tentei encontrar outro trabalho, mãe. Era demasiado «fina» para os cargos mais baixos. Culpepper tinha envenenado os mais elevados.

A mãe agarrou-se ao braço da cadeira, enquanto a dor se estendia por todo o seu rosto. Por fim, aquiesceu.

– Compreendo. Claro.

– Nunca teria pensado em fazer isto, em tornar-me amante de um homem, se a situação não fosse desesperada. – Lysandra suspirou. – August pedia cada vez mais dinheiro e favores para a manter lá em casa e eu não tinha outros fundos.

A mãe fitou-a.

– Porque não foste ter comigo? Pelo menos, terias partilhado as tuas aflições comigo. E talvez tivéssemos conseguido arranjar uma solução

alternativa.

Lysandra deixou-se cair de novo sobre a cadeira.

– Se calhar, tinha sido melhor, mas não queria afligi-la com os meus problemas. A mãe ainda estava tão triste, tão destroçada com o que acontecera.

Deteve-se antes de dizer mais. Tratara a mãe exatamente como Andrew descrevera que a família o tratara no seu luto. Como se eles é que soubessem como ele se devia sentir. Como se fosse de cristal.

– Desculpe – acrescentou. – Percebo agora que assumi esse problema, que era das duas, como se fosse apenas meu.

– Lamento que tenhas tido de carregar esse fardo sem teres ninguém com quem falar – retorquiu a mãe com as lágrimas a brilhar-lhe nos olhos. – Não haverá outra forma?

Lysandra abanou a cabeça.

– Mesmo que houvesse, desapareceu. Agora, segui este caminho, mãe. – Corou. – Há coisas que foram feitas que não podem voltar atrás. E, para dizer a verdade, não tem sido tão terrível como imaginei. Lorde Callis... Andrew... é um homem bom.

A mãe assentiu.

– Sim. Foi uma simpatia quando nos conhecemos. Um verdadeiro cavalheiro. Pelo menos fico a saber que tens um bom protetor.

Lysandra mordeu o lábio. A mãe pedira-lhe franqueza. E isso iria ser posto à prova naquele momento.

– Na verdade, mãe, ele não irá ser um verdadeiro protetor para mim. Eu visitei uma mulher – chama-se Vivien – e ela pediu-lhe que... Isto é indelicado, peço desculpa... Me treinasse naquilo que é suposto uma amante saber.

A mãe corou.

– Oh! Oh, estou a perceber.

– Mas ele tem sido gentil e generoso – apressou-se Lysandra a acrescentar.
– Tenho a certeza que me ajudará a encontrar um protetor mais permanente, quando o nosso período... acabar.

Hesitou em dizer a última palavra porque na realidade magoava-a dizê-la. Ao longo do tempo que tinham passado juntos, a ideia de que aquilo que partilhavam terminaria tornara-se cada vez mais estranha e menos agradável. Como poderia ela ser alguma vez com algum homem como fora com

Andrew?

A mãe inclinou a cabeça.

– Gostas dele.

Lysandra pestanejou.

– Não. Quer dizer, claro, gosto dele como uma pessoa gosta de outra. É meu amigo. Um bom amigo. Partilhou algo comigo que eu nunca poderia partilhar com outro.

– A cada frase, estás mais próximo de admitir que o amas – constatou a mãe, com um sorriso que era mais triste do que agradado.

Lysandra ergueu-se pela segunda vez.

– Não. Não o amo. Não há muitas regras que uma amante tenha de seguir, mas essa é uma delas. Apaixonar-me por um protetor seria... no mínimo, uma parvoíce. E aquilo que Andrew e eu partilhamos terá terminado dentro de algumas semanas. Regressarei a Londres, onde Vivien me juntará com um homem. – Lysandra olhou para a mãe. – Andrew, no entanto, garantiu que a mãe poderá ficar aqui. Nunca mais será obrigada a voltar para aquela horrível casa.

O rosto da mãe suavizou-se com o alívio, mas depois disse:

– A muito trabalho se tem dado ele por uma mulher com a qual não pretende ficar.

Lysandra encolheu os ombros.

– Talvez, mas ele é esse género de homem.

Houve um longo silêncio entre as duas e depois a mãe disse:

– Então, vai levar-te para o campo?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Sim. Por um breve período. Eu escrevo-lhe, para ficar a saber que estou bem e bem instalada. E os criados de cá têm a morada de lá, por isso pode escrever-me, ou se houver alguma emergência. Ah, e Andrew prometeu-me que August não será recebido aqui pelos criados, a menos que a mãe lhe permita a entrada.

A mãe riu-se.

– Ah, tenho a certeza de que August ficou muito infeliz com isto tudo.

Lysandra também se riu.

– Devia ter visto a cara dele. Andrew *bateu-lhe* e ele parecia um garoto a correr de um lado para o outro a tentar cumprir as ordens de «Sua Senhoria».

Por um momento, ficaram ambas às risadinhas. Depois, Lysandra moveu-

se em direção à porta.

– Mas Andrew está à minha espera. Tenho de ir.

A mãe levantou-se e seguiu-a até ao átrio. À porta, abraçaram-se e, quando se separaram, a mãe disse-lhe:

– Minha querida, tem cuidado. Eu não tenho experiência do mundo a que foste forçada a juntar-te, mas sei que essa... *ligação* física pode levar ao amor. E, se essa é a única regra que não podes quebrar, então fico preocupada contigo.

Lysandra tocou-a no rosto.

– Amo-a é a si, mãe. Desfrute da sua nova casa e eu escrevo-lhe assim que me tiver instalado no campo.

Virou-se para a carruagem ao fundo da rua. Mas, assim que entrou e Wilkes fechou a porta, o seu sorriso caiu.

A mãe estava muito mais perto da verdade do que aquilo que ela gostaria de reconhecer. Havia muitas regras na vida feitas para serem quebradas, mas receava que, se quebrasse aquela, estaria perdida.

Capítulo Vinte

Lysandra sempre ficara impressionada com a casa londrina de Andrew. Ao contrário do seu primo, que dependia de quinquilharias vistosas para gritar ao mundo a sua riqueza, Andrew era mais subtil. Mas a sua casa de campo... Deixou-a sem respiração, quando deram uma volta e entraram pelo portão.

A casa estava situada numa colina, com vista para um enorme lago e selvagens e verdes extensões de montes e vales. Havia colunas de mármore a suportar a estrutura. Era uma coisa saída de um conto de fadas. Ou de um daqueles livros de um autor anónimo que estava em voga nessa altura.

– O que achas de Rutholm Park? – perguntou Andrew, inclinando-se sobre o seu ombro, para apreciar a mesma vista que ela.

– É maravilhoso – ofegou ela. – Andrew, é lindo.

Ele sorriu enquanto se recostava.

– Tem sido da minha família durante centenas de anos e era o meu local favorito quando era miúdo. Quando tomei o título de visconde na minha maioridade, fiquei encantado por o meu pai me oferecer esta propriedade. Mas suponho que o fez por saber do meu amor por este local.

Lysandra olhou para ele pelo canto do olho. Já estava a saber muito mais sobre Andrew do que aquilo que ele teria partilhado em Londres. E, nas últimas horas, ele começara a ficar... descontraído. Como se lhe tivessem tirado um peso de cima.

– Ah, parece que o pessoal já está à nossa espera – referiu ele, quando olhou de novo pela janela.

Lysandra seguiu a sua linha de visão e ficou tensa. Pelo menos dez criados estavam alinhados junto à escadaria, quando a carruagem acabou por se deter.

– Oh, Andrew – disse ela, espremendo-se contra a parede da carruagem, como se isso a fosse fazer desaparecer. – Não estava à espera de uma audiência à minha chegada. O que irão eles pensar de mim?

Ele franziu o sobrolho quando olhou para ela.

– Pensar de ti? Vão pensar que és uma linda mulher que é minha convidada.

Ele desceu da carruagem e ofereceu-lhe a mão, mas, quando lha aceitou, Lysandra não pôde deixar de se maravilhar com o verdadeiro à-vontade com que Andrew tratava os criados. Ela não deixara de o ser ainda há muito tempo. Eles falavam sempre e teciam comentários nos aposentos da criadagem.

E isso sublinhava como o seu mundo era diferente do dela.

Forçou um sorriso enquanto se aproximavam da escadaria, para saudar os criados. Ele apresentou-a apenas como Miss Keates, sem qualquer outra explicação para a sua chegada. Eles deviam já saber que ela o acompanhava, pois Lysandra não descortinou qualquer sinal de surpresa ou de reação quando a cumprimentaram.

Lentamente, à medida que se descontraiam, começou a observar-lhes os rostos não segundo a sua reação a ela, mas a Andrew. Todos eles sorriam abertamente quando ele os cumprimentava, dando-lhe as boas-vindas a casa e dizendo-lhe como tinham sentido a falta da sua presença. E, para surpresa dela, a sua reação parecia absolutamente genuína. Não havia dúvida de que o pessoal adorava o patrão. Mas claro que sim. Ele provara repetidamente ser um homem decente, com um espírito generoso.

Mas havia também mais alguma coisa. Depois de passar por um criado, muitas vezes o olhar dele seguia-o durante um momento em demasia. Pareciam preocupados, apoquentados... receosos, tal como ela achara que Sam parecera com medo na ópera. Mais uma vez, interrogou-se sobre o que poderia causar aquele género de emoção profunda.

Acabaram por chegar ao cimo da escadaria, onde um mordomo os aguardava. Era um homem de meia-idade, com cabelo escuro e grisalho sobre as têmporas. Estava elegantemente vestido e tinha um ar sério que não era antipático, mas muito calmo. Não parecia o tipo de homem disposto a

suportar brincadeiras.

Em resumo, o criado perfeito para Andrew.

– Ah, Berges – disse ele com um sorriso aberto. – Espero que tudo tenha corrido bem durante a minha ausência.

– Bem-vindo a casa, senhor. E, sim. Tudo correu sobre rodas.

– Esta é Miss Keates. – Andrew fez um sinal na sua direção e o serviçal fez uma vénia com precisamente o nível adequado de deferência. Ao contrário dos outros criados antes dele, olhou-a durante ligeiramente mais tempo, embora Lysandra não conseguisse perceber se estava a julgá-la ou não.

– As malas estão já a ser levadas para o seu quarto, Vossa Senhoria – disse o mordomo. – Poderei oferecer-lhes uma bebida de qualquer espécie?

– Não, já tomámos chá em Crosswater, na Mistress Tate – disse Andrew com um sorriso.

– Ah, claro. Ela serve um bom chá na sua hospedaria – concordou o mordomo com uma leve vénia.

Lysandra ficou de olhos arregalados a vê-los falar. Como eram calorosos um com o outro. Claro que havia respeito, mas também algo mais profundo. Mas talvez fosse isso que acontecesse quando uma casa passava por uma tragédia como a morte de Rebecca Callis.

– Acho que Miss Keates e eu vamos dar um passeio pelos terrenos, apanhar um pouco de fresco depois da viagem – disse Andrew. – Parece que o tempo só vai estar bom durante mais um dia e eu detestaria não ver a propriedade antes de começar a chover.

– Evidentemente. O jantar será servido às sete. – O mordomo voltou-se então para ela. – Bem-vinda a Rutholm Park, *miss*. Se houver alguma coisa de que necessite durante a sua estadia, não hesite em pedir-me ou a alguém do pessoal. Estamos todos à sua disposição.

Andrew deu-lhe o braço enquanto o mordomo fazia uma rápida vénia e desaparecia de novo na casa.

Ele sorriu-lhe.

– Estás a ver, não há juízos.

Ela encolheu os ombros.

– As reações lá em baixo entre a criadagem e as outras cá em cima são frequentemente muito diferentes. Mas o seu pessoal parece muito simpático e tenho a certeza de que nunca me deixarão saber aquilo que andem a dizer por trás das minhas costas.

Andrew abanou a cabeça.

– Não acredito que isso seja verdade.

Ela riu-se.

– Isso é porque nunca estive verdadeiramente entre a criadagem, *Vossa Senhoria*. É uma sociedade completamente diferente da Sociedade de que faz parte. Mas igualmente impiedosa.

– Fico fascinado por saber que isso se passa precisamente debaixo do meu nariz – respondeu Andrew com uma risada correspondente, enquanto saíam para o relvado em direção ao lago que ela avistara da carruagem. – Nesse caso, gostava de ser mosca.

– Melhor não – discordou ela. – Provavelmente, falaria acerca *de si*. De facto, tenho a certeza de que o fazem.

O sorriso caiu-lhe do rosto e a sua passada abrandou.

– Imagino o que diriam.

Ela olhou-o pelo canto do olho e era óbvio que essa ideia o perturbava.

– Acho que sobretudo será a discussão acerca de quais as criadas que acham que tem um belo traseiro – troçou ela suavemente. – E tenho a certeza de que a resposta é: todas.

Ele arregalou os olhos de chocado e, por um momento, Lysandra pensou que fora demasiado longe com a brincadeira. Mas nessa altura ele desatou a rir.

– Nunca pensei que fosses tão atrevida, minha querida – disse ele, limpando os olhos. – Acho que gosto dessa tua faceta que vem ao de cima no campo. Mas preciso de saber uma coisa.

Ela inclinou a cabeça.

– Tudo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Oh, mais tarde trataremos disso, mas a minha pergunta agora é a seguinte: e de que lado te encontras tu acerca da opinião sobre o meu traseiro?

Ela libertou o braço do dele e olhou-lhe para o traseiro, como se o avaliasse.

– Provavelmente, conheço o traseiro em questão um pouco melhor do que as criadas. – Fitou-o com intensidade. – Ou não? Não há por aí criadas de quarto com vontade de me arrancarem os olhos, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– De certeza que não.

Ela suspirou num alívio trocista.

– Excelente. Bem, se fosse convidada para a discussão lá em baixo, diria que o traseiro em questão é, na realidade, de grande qualidade.

– Estou verdadeiramente aliviado – replicou ele, com nova gargalhada, que a aqueceu até ao âmago. Então, ele agarrou-lhe a mão e levou-a contra o seu peito. – Embora, neste momento em particular, a tua opinião seja a única que me importa. Talvez queiras explorar melhor a questão?

– Aqui? – perguntou ela, surpreendida com o seu ardor.

Ele assentiu.

Ela olhou em volta. Tinham subido uma pequena colina e caminhavam agora ao longo de um risonho riacho. Não se conseguia ver a estrada, nem a casa. Estavam completamente isolados.

Lembrou-se da perversa sensação de observar Annalisa e o seu major em casa de Vivien. Só que, desta vez, havia a hipótese de ser *ela* a observada. Uma inesperada excitação percorreu-a com essa ideia.

Pôs-se em bicos de pés e beijou Andrew à laia de resposta. Imediatamente, os braços dele apertaram-lhe a cintura e as suas mãos percorreram-na até lhe encontrar o traseiro e ele a erguer contra si. Ela sentiu-lhe o membro, já meio rijo, a pressionar-lhe a barriga e estremeceu ao imaginar que depressa estaria dentro dela.

Sem falarem, começaram a despir-se um ao outro, parando apenas para trocar beijos, à medida que a carne ia sendo exposta. Por fim, ele ficou de pé perante ela, totalmente nu e ela apenas na sua fina camisa. Ela olhou em redor, nervosamente, uma segunda vez. A ideia era excitante, mas...

– Ninguém nos verá – sossegou-a Andrew. Baixou-se para agarrar no casaco e espalhou-o sobre a relva, de modo a que o interior de seda formasse uma cama, depois puxou-a contra si e baixou-a até ao solo.

– A luz do Sol na tua pele – gemeu, abrindo-lhe as pernas e colocando-lhe lá a mão, apenas imóvel para a excitar, mas sem a acariciar. – Devíamos fazer isto todas as tardes.

Ela riu-se, embora ligeiramente estridente, do nervoso e da elevada emoção.

– E se chover?

– Então, lamberei todo o bocadinho de humidade da tua pele – sussurrou, numa voz baixa e rouca contra a sua garganta. – Devia treinar.

Pressionou-lhe a boca contra a garganta e começou a sugá-la, mordiscando-lhe a pele enquanto deslizava cada vez mais para baixo. Ela arqueou-se quando ele lhe contornou os seios, hesitando em lhe lambe cada um deles através da camisa sedosa. Sentir o seu calor através do tecido molhado fez com que o seu corpo se contraísse ainda mais. Depois de os seus mamilos ficarem rijos contra a seda húmida, foi mais para baixo, levantando-lhe a camisa e revelando o seu sexo.

Ela abriu as pernas e olhou para baixo.

– Por vezes, acordo a pensar que te estou a saborear na minha língua – disse ele, passando-lhe um dedo pela entrada molhada. – Sonho que te faço vir vezes seguidas, até implorares por mais, por menos.

Ela sacudiu-se quando ele se inclinou e expeliu um sopro de ar quente contra o seu sexo fremente. O seu clítoris pulsava, pedindo mais. E ela sabia que vinha mais. Só que não chegava. Queria receber a dádiva da sua boca, da sua língua, dos seus dedos. Mas também queria dar em troca.

– Al... guma vez viu o papel de parede da sala de Vivien? – arfou, enquanto ele a lambia uma, duas vezes.

Ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

– Ah, sim. Aquelas imagenzinhas indecentes que ela desenhou num inocente papel de parede vermelho. O que tem?

– Há uma com a imagem de duas pessoas... a dar prazer uma à outra com as bocas. Ao mesmo tempo – disse, corando fortemente. – Quero fazer isso. Agora.

Ele soltou um som profundo de prazer possessivo do peito e depois colocou-a sentada.

– A melhor maneira de fazermos isso – disse ele com um sorriso malicioso – é cavalgares a minha boca enquanto me chupas.

Ele deitou-se na manta improvisada que ela abandonara e puxou-a para um beijo. Ela saboreou a sua própria essência terrosa na língua dele, o que enviou uma onda de desejo molhado e calor para o seu sexo já encharcado.

Ele agarrou-lhe as ancas e ajudou-a a voltar-se, de modo a que o sexo dela ficou a pairar sobre a sua boca, ao mesmo tempo que ela olhava o seu pénis, rijo como pedra. Ela molhou os lábios, antes de lhe pegar e começar a acariciá-lo.

Ele tinha razão. Com a luz natural do sol sobre a pele, podia ver tudo de forma muito diferente. As sombras moviam-se, a luz rebrilhava sobre a água

borbulhante, que era o barulho de fundo da sua paixão.

Todos os pensamentos lhe abandonaram o espírito quando ele lhe afastou os lábios exteriores e começou a lambê-la com intensidade. Ela arqueou as costas, empurrando desesperadamente as ancas contra a sua língua, enquanto o prazer se lhe acumulava nos rins. A sua visão desfocou-se e ela arfou e gemeu com a sensação dele debaixo dela, dentro dela, penetrando-a com a sua perversa língua.

Mas ela tinha a sua própria tarefa em mãos. Olhou para o seu rijo membro e baixou a boca na sua direção, roçando-o apenas nos seus lábios fechados e desfrutando do seu aço acetinado. Ele deixou escapar um silvo contra o seu sexo, enquanto ela estremecia com o ar vaporoso que a encheu. Mas ele não hesitou durante muito tempo, regressando à tarefa de a saborear e excitar.

Ela meteu-o entre os lábios, lambendo apenas a cabeça com algumas lançadas da língua. Quando ele gemeu contra ela uma segunda vez, começou a intensificar a tarefa. Meteu-o na boca até poder e revolteou a língua ao seu comprimento. Ele comprimiu-se contra ela e a sua boca, reagindo, começou a trabalhar mais depressa.

Lysandra aceitou o desafio silencioso e ambos aceleraram o ritmo. Ela bombeava a cabeça sobre ele em sugadelas longas e lânguidas, usando a língua para lhe aumentar o prazer, de cada vez que o tomava profundamente até à garganta. E ele sugava-lhe o clítoris, acrescentando dois dedos à sua pulsante fenda. Agora era uma corrida, a ver quem se viria primeiro. Quem venceria, fazendo com que o outro explodisse de prazer?

Lysandra sabia que estava a perder a batalha. Quase desde o primeiro momento em que Andrew pressionara os lábios contra o seu sexo que ficara à beira do orgasmo. Toda a sua bainha estremecia de cada vez que ele a lambia. E o seu clítoris estava já a pulsar, entontecendo-a com a iminente onda de prazer, pronta a rebentar sobre a costa.

Quando aconteceu, arqueou as costas, com gritos abafados enquanto continuava a trabalhar o membro dele com a língua. Ele rosnou debaixo dela e a sua semente quente e salgada inundou-lhe a boca no mesmo momento em que as ancas dela se contraíram descontroladamente sobre ele. Ele continuou a lambê-la durante muito depois de o seu próprio prazer ter terminado e o seu orgasmo prolongou-se, arrastado pela sua talentosa língua e lábios até ela se deixar ruir, enfraquecida, contra a sua coxa.

Ele mudou de posição, erguendo-a e manobrando-a para que ela ficasse

encostada ao seu peito. Ficaram ofegantes em silêncio durante um longo momento, pois não havia nada a dizer. Nada que descrevesse aquilo que tinham feito no relvado beijado pelo sol. Lysandra só sabia que fora perfeito.

Mas parecia que tudo naquela ligação era perfeito. Só que em breve terminaria.

Capítulo Vinte e Um

Lysandra ajustou melhor o xaile em volta dos ombros e entrou em mais um longo corredor. Depois do jantar, Andrew fora chamado para se reunir com o caseiro acerca de como iam as coisas desde que se ausentara para Londres. Disse-lhe que desse uma volta pela casa e era exatamente isso que estava a fazer.

A propriedade era tão bonita no interior das paredes da sua mansão como no exterior. Cada aposento a encantava mais do que o anterior. Desde as bonitas e confortáveis salinhas até uma maciça biblioteca feita à medida de um bibliófilo e a uma sala de música com um piano de cauda à altura do mais talentoso músico, que não era certamente o caso de Lysandra.

Ao longo do corredor, passou por mais salas de estar. Havia uma porta alta e esculpida no final, que lhe despertou o interesse. Era pesada e custou-lhe abri-la, pensando que se tratava de mais um aposento, mas era afinal mais um longo corredor. Mas este estava iluminado por dúzias de candeeiros brilhantes. As paredes estavam cobertas de retratos.

– Oh! – murmurou. – A galeria da família.

Ouvira falar daquelas coisas quando estivera ao serviço do Lorde e da Lady Culpepper. Alguns dos criados tinham falado sobre a galeria que o antigo patrão tinha na sua casa de campo. Ao que parecia, havia alguns membros terrivelmente feios na sua família de quem os serviçais de mais elevado estatuto troçavam quando o tópico surgia entre a criadagem.

A família de Andrew, por outro lado, não parecia ter qualquer membro

feito. Lysandra percorreu lentamente o corredor, olhando para cada um dos retratos. Os seus traços mais atraentes estavam refletidos nos rostos dos seus antepassados. O nariz num dos homens, os lábios cheios numa senhora. Eram retratos severos, claro. Parecia ser da praxe. Mas havia momentos em que via um vislumbre de simpatia no olhar de um homem ou o indício de um sorriso no rosto de uma senhora.

Gostava bastante da história da sua família. Os retratos mais antigos incluíam frequentemente crianças ou cães e, num caso, um grande e fofo gato preto e branco, empoleirado nas costas de um sofá de veludo, por detrás de uma senhora que posava num austero vestido verde com um enorme colar. O artista capturara-lhe um reflexo no olhar, apesar da sua postura.

Sorriu ao ver a imagem e prosseguiu. Agora, aproximava-se dos retratos mais recentes. Havia um de uma família e ela parou, de respiração suspensa. O homem e a mulher não lhe eram familiares, mas os dois rapazes do retrato, de pé ao lado um do outro, eram definitivamente Sam e Andrew.

Observou a imagem que refletia a juventude de Andrew. Tinha uma expressão traquina, como se soubesse um segredo. Não desagradável, mas pateta ou frívolo, que os seus sérios progenitores poderiam não aprovar. Não havia indício da tristeza que agora carregava consigo.

Evidentemente que ela sabia porquê. Algo de terrível lhe acontecera entretanto. Algo o transformara. Estremeceu e seguiu em frente, mas o retrato seguinte pendurado na parede não contribuiu para lhe aclarar o espírito. Era de uma mulher. Não era parecida com as outras mulheres dos retratos da família. O seu cabelo preto estava penteado ao alto num estilo elegante e os seus olhos tinham um espantoso tom de azul, que quase parecia irreal, de tão vivo e vibrante.

E havia o seu vestido. Lysandra arfou, era um vestido de casamento. Poderia ser...?

O seu olhar moveu-se para o retrato seguinte e a sua suposição confirmou-se. A mesma mulher estava sentada numa cadeira. Andrew estava de pé a seu lado, com a mão pousada sobre o seu ombro, enquanto a mão oposta dela cobria a dele.

Aquela era a mulher que mudara a vida de Andrew para sempre. Cujas *morte* mudara a vida dele para sempre. A mulher acerca da qual Lysandra se interrogara e mesmo invejara secretamente, desde que soubera pela primeira vez da existência de Andrew.

Aquela era Rebecca Callis.

Inclinou-se mais para a imagem da noiva no dia do seu casamento. Rebecca fora uma bela mulher, disso não havia dúvida. Tinha maçãs do rosto altas e traços finos que pareciam ter sido traçados na mais delicada porcelana.

– Rebecca... – sussurrou Lysandra, só para ouvir o nome dito em voz alta.

– Sim.

Lysandra voltou-se quando ouviu a voz cortante de mulher que interrompeu o seu muito pessoal devaneio. Uma mulher alta e magra estava de pé junto à entrada do corredor. Envergava um vestido azul-escuro, com o cabelo escuro puxado para trás num carrapito que lhe descobria o rosto. Tinha uma expressão triste, enquanto olhava o mesmo retrato que tanto fascinara Lysandra.

– Não me apercebi de que entrara – disse Lysandra, com a mão sobre o coração sobressaltado.

A outra mulher fitou-a.

– Não quis assustá-la. Por vezes, venho aqui olhar o retrato da senhora.

– Compreendo – disse Lysandra baixinho.

Com outro breve relance ao retrato de Rebecca, a mulher sorriu-lhe.

– Chamo-me Hester Eversley. Era a criada pessoal de Mistress Callis.

– Oh. Oh. – Lysandra mexeu-se com desconforto.

Ali estava ela, a amante temporária do senhor daquela mansão com a antiga criada da sua esposa. Uma mulher que, com todo o direito, deveria ter ascendido a outra posição depois da morte da senhora.

Hester sorriu do seu silêncio.

– Deve estar a perguntar a si própria porque ainda estou aqui. Toda a gente o faz. Lorde Callis manteve-me. Mudou os meus deveres para outras questões.

Lysandra deu um passo em frente.

– Oh, não. Não é isso. Tenho a certeza de que é um membro muito importante da casa. Nunca me passaria pela cabeça questionar qual a razão pela qual alguém aqui está ou não.

A última coisa que desejava era dar uma ideia de uma atitude sobranceira que se transmitisse à criadagem. Era assim que alguém fazia com que lhe cuspissem na sopa.

– Obrigada – agradeceu Hester.

Viraram-se e ambas olharam silenciosamente o retrato de Rebecca.

– Ela era linda – afirmou Lysandra baixinho.

– Sim, maravilhosa – concordou Hester com um suspiro. – Tanto por dentro como por fora.

Lysandra observou-a pelo canto do olho. Aquela era uma oportunidade rara. Tinha perguntas acerca de Rebecca, perguntas a que Andrew decerto nunca responderia, como tornara abundantemente claro. Mas Hester conhecera muito bem Rebecca. E poderia ajudá-la a compreender algumas coisas sobre a mulher que falecera... e isso, por sua vez, ajudá-la-ia a conhecer Andrew.

– Poderia... – começou Lysandra, bem consciente de como a sua pergunta poderia parecer suspeita. – Poderia dizer-me mais alguma coisa sobre ela?

Hester manteve o seu olhar sobre o quadro durante um longo momento e em seguida os seus olhos escuros moveram-se cuidadosamente na direção de Lysandra.

– Compreendo que poderá parecer uma pergunta estranha dada a nossa... – Lysandra suspirou. Não valia a pena fingir que os criados não sabiam exatamente aquilo que ela era... – A nossa situação. Mas há tanta coisa dada a entender acerca de Mistress Callis e tão pouca coisa dita. Não posso deixar de estar curiosa, uma vez que ela constitui claramente uma tão grande influência sobre Lorde Callis.

– Na verdade, constitui. – Hester abanou a cabeça tristemente. – Até talvez em demasia, passados todos estes anos.

Lysandra arqueou as sobrancelhas, pois não percebeu a frase. Hester não a explicou, porém, apenas continuou a falar.

– Ela era filha de um duque, mas nunca a vi dar-se ares como alguns da sua posição. Amava a sua família. Nunca vi uma senhora ficar tão encantada por ir ser mãe em breve.

Lysandra susteve a respiração e fitou mais uma vez a imagem de Rebecca. Ia ser mãe?

– Hester.

Ambas as mulheres se voltaram e viram Andrew de pé à entrada da galeria. Estava meio encoberto pela sombra, mas Lysandra conseguia ver que tinha os maxilares contraídos e os punhos cerrados ao lado do corpo. Mas a sua voz era calma e mesmo gentil.

– Pode ir – disse.

Hester baixou a cabeça, enquanto se afastava de Lysandra. À porta, deteve-

se para olhar para Andrew. Ele fez-lhe uma festa no ombro numa silenciosa expressão de apoio e depois ela deixou-os a sós.

Lysandra permaneceu em silêncio enquanto Andrew se encaminhava na sua direção. Foi devagar, olhando para cada um dos retratos enquanto passava por eles. Parecia não ter pressa em alcançar Lysandra, em discutir aquilo que fora dito.

Ela olhou-o e por fim deu um passo que ele não daria.

– Andrew – sussurrou. – Uma criança?

Ele parou, embora continuasse a observar um retrato de um homem que seria provavelmente o pai. Lentamente, voltou o seu olhar firme e sem emoção para ela.

– Quero que isto fique muito claro, Lysandra – disse baixinho. – Trouxe-te para aqui para escapar precisamente a este tipo de intromissão. A minha mulher e...

Deteve-se por um momento e todo o seu rosto se transformara com uma tristeza tão poderosa que quebrou o coração de Lysandra. Nessa fração de momento, ela viu toda a sua perda, toda a sua angústia, todo o seu remorso e depois desapareceu. Tudo substituído pela sua expressão normal, calma e fria.

– Assunto encerrado – disse ele sossegadamente. Depois aproximou-se e pegou-lhe na mão. – Por favor.

Ela ficou quieta, refletindo sobre as suas opções e olhando para os dedos entrelaçados. Podia insistir, mas com que direito? Era uma amante, não um amor. Provavelmente, se o fizesse, o único resultado que obteria era ser enviada para casa. Ou poderia deixar o assunto em paz, como ele pedira. Essa resposta era desconfortável e desagradável, mas não estaria ele no direito de manter os seus segredos afastados da sua amante?

– Muito bem – concordou por fim.

Ele ergueu-lhe a mão até aos seus lábios.

– Acabei o meu trabalho desta tarde e estou muito cansado depois deste longo dia. Tens duas alternativas. Podes retirar-te para o teu quarto ou...

Inspirou como se aquilo que estava prestes a dizer fosse difícil.

– Poderás vir para o meu quarto. Durante o tempo que cá estiveres.

Lysandra fitou-o. Embora ele já tivesse estado na cama dela e ficado durante horas, nunca passara uma noite com ela. A ideia de acordar nos seus braços era enfeitiçadora.

Aproximou-se e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

– A sua cama deve ser mais quente e confortável. – Beijou-o. – Se lá for bem-vinda, é a minha escolha.

– Então, segue-me – disse-lhe ele contra os seus lábios. – Há ainda muito treino por fazer.

Andrew sentiu muitas coisas quando entrou no seu quarto com Lysandra a seu lado. Excitação, pois não partilhava aquela cama há muitos anos. Culpa, pois a última mulher que ali dormira fora a sua mulher. Mas a sensação esmagadora que sentia era de falta de domínio.

Lysandra e as perguntas que colocara a Hester tinham desenterrado memórias e sensações que ele há muito reprimira. Pensamentos sobre a sua mulher e a criança que iria nascer que ele enterrara profundamente dentro de si. Não quisera que Lysandra os conhecesse. Só que a levara para ali, o que era quase uma garantia de que ela descobriria o seu passado.

Abanou a cabeça enquanto olhava em torno do seu quarto. Queria recuperar o domínio. E conhecia uma forma de obtê-lo a que se poderia também chamar «treino».

Ela voltou-se para ele com um sorriso.

– É adorável. Toda a sua casa é uma obra de beleza. Percebo porque não gosta de sair daqui.

Ele forçou um sorriso em resposta. O facto de gostar da sua casa era apenas uma ínfima parte da razão pela qual se fechava ali. Mas não lhe iria contar isso.

Mesmo que ansiasse pela confissão de uma forma que nunca sentira antes.

– Sabias que há homens que gostam de exercer domínio sobre as suas amantes? – perguntou.

Ela olhou-o, ainda distraída pela exploração do quarto.

– Todos os homens dominam as suas amantes – disse com uma pequena gargalhada.

Ele franziu o sobrolho.

– Acho que isso é verdade. Mas isto é diferente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Em quê?

– Despe-te – ordenou, sem responder à sua pergunta.

Ela hesitou e houve um nervoso na sua expressão que ele nunca vira, desde a primeira vez em que lhe tocara.

Ele sorriu.

– Por favor.

Essa expressão adicional pareceu ajudar. Ela assentiu e levou os dedos trementes até aos botões da frente do seu vestido. Ele forçou-se a desviar o olhar do espetáculo da remoção das suas roupas e, em vez disso, dirigiu-se ao seu quarto de vestir. Abriu uma das gavetas inferiores do seu armário, há muito negligenciada e quase esquecida, e retirou de lá de dentro um par de amarras de veludo.

Olhou para elas. Não as usara a não ser com uma amante há muitos anos, que gostava de encontros sexuais rudes e potentes. Ele ficara encantado por ter um domínio absoluto, por vê-la contorcer-se. Mas, assim que acabava de tocá-la, esquecia-se inevitavelmente dela até ao encontro seguinte.

Com Lysandra, seria diferente.

Era sempre.

Voltou ao quarto e parou junto à porta entre os dois aposentos interligados. Lysandra encontrava-se de pé à sua espera, completamente nua. Estava de costas para a lareira e a luz desenhava-lhe perfeitamente a silhueta. Os seus seios tremiam, de mamilos já rijos e as mãos cruzadas sobre a barriga desenhavam uma seta perfeita apontada ao triângulo macio de caracóis que lhe cobriam o sexo.

Ele resistiu à ânsia que sentiu de deitar fora as amarras e de simplesmente a foder com força e rapidez contra a parede mais próxima, mas por pouco tempo. Em vez disso, foi na sua direção.

– Deverás manter-te nua durante todo o tempo que aqui estiveres – disse com uma pequena risada. – Por meu comando absoluto e para meu prazer.

Ela riu-se, embora a forma como as suas faces se enrubesceram enquanto se mexia lhe mostrassem que a sugestão a tinha excitado.

– O que iriam dizer os criados, Vossa Senhoria? – brincou ela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Por mim, até podiam assistir.

Ela estremeceu e ele sorriu. Oh, sim, ele adivinhara o seu pequeno segredo voyeurístico. O que quer que tivesse visto em casa de Vivien fizera com que ansiasse por ver e ser vista. Gostava bastante daquela tendência muito perversa numa jovem mulher em tudo o resto decente.

Iria apresentar-lhe outra.

– Deita-te – incitou-a.

Ela sorriu e ocupou o lugar na cama dele, reclinada sobre as almofadas para poder vê-lo enquanto ele caminhava pelo quarto. Ele aproximou-se da cama e inclinou-se sobre ela, pousando-lhe um forte e breve beijo nos lábios.

Ela deu um salto de surpresa com o vigoroso abraço, mas rendeu-se a ele. A sua mão esvoaçou quando se preparava para se agarrar à nuca dele, mas Andrew não deixou. Em vez disso, fez deslizar a amarra primeiro até ao seu punho e depois em torno de subtis ganchos escondidos na sua cama.

Lysandra puxou a cabeça para trás e olhou, primeiro para ele e, depois, para o pulso amarrado.

– O que está a fazer? – perguntou, com a voz um pouco estrídula devido à surpresa. Tentou remover a amarra com a mão livre, mas ele apanhou-lha.

– É *isto* que quero dizer com domínio – explicou ele, massajando-lhe suavemente a palma. – E poderás querer aprender a aceitar ser dominada, pois o teu amante poderá querer fazê-lo.

Ela ficou de olhos arregalados, claramente com medo.

Ele abanou a cabeça.

– Não te aleijo. Prometo-te que te vai saber muito bem. Durante muito tempo.

Ela tremeu, mas abanou a cabeça.

– E como sei eu que aquele que vier a ser o meu protetor não se aproveitará de mim nesta posição?

Ele retraiu-se. Detestava pensar em qualquer futuro protetor na vida de Lysandra.

– Te...tenho a certeza de que Vivien irá encontrar alguém que cuidará do teu prazer e nada mais. Independentemente de como o obtiver.

Uma série de imagens excitantes bombardearam Andrew. De Lysandra de pernas abertas para outro homem, um libertino qualquer que encontraria o seu mundo secreto de perversão. Desse homem a saboreá-la, a possuí-la, a atá-la, a alimentar os seus desejos e apresentando-lhe novos. As imagens no seu espírito eram ao mesmo tempo perturbadoras e extremamente excitantes.

Ela fitou-o.

– Tem um brilho muito sombrio nos olhos.

Ele sorriu e prendeu-lhe o outro punho.

– Tenho intenções muito sombrias.

Capítulo Vinte e Dois

Lysandra abriu a boca, sem saber como reagir. A ideia de estar completamente à mercê daquele homem era altamente excitante. E aterradora. Na verdade, estivera à mercê dele desde o primeiro momento em que o vira. Mas aquilo...

Aquilo levaria esse domínio até ao seu limite. E se ela se perdesse inteiramente? E se quebrasse todas as regras que deveria respeitar?

– Farás aquilo que eu te disser – exigiu ele, interrompendo os seus pensamentos com palavras igualmente desconcertantes. – Não discutirás. Porás toda a tua fé em mim. E eu oferecerei, em troca, prazer.

Ela engoliu em seco. Agora estava atada. Não podia recuar. E ele tinha razão acerca de outro homem poder querer aquilo. Pelo menos, confiava em Andrew para a levar até ali sem se aproveitar da sua fraqueza.

– Sim – sussurrou.

Ele sorriu e, por um momento, ela teve um vislumbre do devasso que afirmara ter sido. Que espécime deveria ter sido. Qualquer mulher teria implorado para estar no lugar dela.

Mas era ela que ali estava e assim dava-lhe um pouco mais de confiança do que sentira um momento antes.

– Vou dar-te prazer – explicou enquanto se movia na sua direção. – E tu não vais dizer nada. No momento em que falares, eu paro. Percebes? O teu prazer é meu e sou eu que te direi quando será o momento de o libertares.

Ela mordeu o lábio e abriu a boca para falar, mas ele ergueu a mão.

– A começar agora.

Ela fechou a boca e fitou-o. Depois fez que sim com a cabeça, sem palavras.

Ele saltou para cima da cama e escarranchou-se nela, amarrando-lhe cada uma das mãos de cada um dos lados da cabeça. Ele ainda estava vestido enquanto se debruçava sobre ela, enfatizando o seu domínio naquela situação e a correspondente ausência de domínio por parte dela.

Inclinou-se sobre ela com um novo sorriso ardente. Ela arqueou-se o máximo que as suas amarras lhe permitiam, inclinando-se para aceitar o beijo dele, mas ele desviou-se.

– *Tss, tss* – sussurrou-lhe ao ouvido. – Tu não tens domínio. Rende-te, Lysandra. Rende-te e deixa que as coisas aconteçam por si.

Ela fitou-o. Ele não podia compreender o que a ideia de «rendição» significava completamente para ela. Estava mais em jogo para ela do que o seu corpo. O seu coração estava agora envolvido naquela relação. A sua mãe tinha razão. Ela estava enamorada por aquele homem. E render-se significava aceitá-lo totalmente e todas as suas consequências, bem como o seu corpo.

Porém, não disse nada, enquanto ele lhe percorria o pescoço com a boca, mordiscando-lhe a pele suavemente, aproximando-se da orelha. Mordeu-a aí, com um contacto mais forte, e uma mistura de prazer e de dor percorreu-lhe o corpo, atingindo-a entre as pernas e fazendo com que o seu clítoris pulsasse e ficasse molhada. Ela arfou e ele afastou-se.

– Sem sons, Lysandra.

Ela mordeu os lábios, quando a verdade daquilo que ele pretendia se instalou. Ia ser uma tortura de prazer. E ela estremeceu com a ideia.

Ele desceu pelo seu corpo centímetro a centímetro, saboreando todos os seus pedaços. Sugou-lhe o pescoço de novo até a queimadura do prazer bordejar a dor, mas desta vez apenas se arqueou ligeiramente. Conseguiu engolir o seu grito de prazer.

Ele sorriu de novo contra a sua pele.

– Estás a aprender. Muito bem.

Quando ela não respondeu, o seu sorriso transformou-se num riso trocista, à medida que lhe percorria a clavícula com a língua. Ela ficou de novo tensa. Sempre fora tão sensível naquele sítio? Porém, não havia resposta para essa pergunta. Andrew estava já a arrastar a boca mais para baixo, até se colocar entre os seus seios.

Lambeu-a ali e o seu sexo reagiu apertando-se, quase como se a sua língua se tivesse instalado entre as suas pernas.

Ele demorou-se sobre os seus seios, traçando um rasto em torno de um deles, mas sem chegar a sugar-lhe o mamilo, e depois retirou-se para repetir a ação no seio oposto. Ela fechou os olhos com força, lutando para não lhe implorar por mais. Isso apenas resultaria num castigo. Retiraria a sua boca por completo. E, naquele ponto, isso iria provocar anda maior dor.

Ele inclinou-se para a olhar.

– Estás aflita para gemer, não é? – sussurrou. – Para que eu te sugue os mamilos.

Ela assentiu com a cabeça a ambas as perguntas.

– Gemer não pode ser – recordou-lhe ele. – Mas por seres uma amante tão competente...

Desceu e agarrou um mamilo enrijado entre os dentes. Ela estremeceu de alívio e prazer, enquanto ele sugava e sugava com mais força. Sugou com vigor suficiente para fazer com que as suas ancas se contraíssem e os tremores de um orgasmo lhe ondeassem pelo sexo.

Abriu os olhos de repente não conseguindo deter um arfar com aquela sensação. Como poderia ter estado tão perto de se vir apenas com a boca dele sobre o seu seio?

Ele ergueu a cabeça e encontrou os seus olhos.

– Respondest tão bem, Lysandra. E, normalmente, gosto tanto disso em ti. Gosto de te ouvir ronronar e gemer. Implorar e arfar. Quando deslizo dentro de ti, não há nada melhor do que a forma como exalas de prazer.

Ela arqueou-se ao som das suas palavras, tão sensual. Tão reveladora. Nunca pensara muito na sua reação quando faziam amor, mas agora que ele tinha de a refrear, tomava consciência das vezes que havia querido gritar, de arfar, de gemer de prazer. Tinha plena consciência das coisas que ele lhe fizera que a tinham feito querer fazer aquelas coisas.

Agora que o poder lhe fora retirado, ainda o queria mais.

Ele baixou de novo a boca para o seu seio e o espírito esvaziou-se-lhe. Fechou os olhos e simplesmente deliciou-se com a forma como ele a lambia, como girava a língua uma e outra vez em torno do seu rijo mamilo, sugando-a com a pressão exata para provocar e agradar em medidas iguais.

Então, tão subitamente como a tinha saboreado, retirou a boca e deslizou mais para baixo. Fez-lhe um carreiro até à barriga, mergulhando a ponta da

língua no seu umbigo, como se fosse o seu sexo. Ela sentiu-o a rodear-lhe a coxa com a cara e ficou tensa à espera que ele lhe saboreasse o sexo.

Mas não o fez. Ela abriu os olhos enquanto ele deslizava com a boca ainda mais para baixo, mordiscando e beijando-a atrás do joelho, na barriga da perna, mesmo ao longo do seu pé descalço. Cada toque gerava eletricidade contra a sua pele, enviando choques de prazer através de todo o seu corpo. Ansiava por ele como nunca tinha ansiado. Ansiava que a tocasse de novas formas, que lhe tomasse o corpo e lho reclamasse.

Mas, em vez disso, ele sentou-se de joelhos dobrados, ainda completamente vestido, e fitou-a. Ela inclinou-se para ele, quase contra vontade, até os seus braços retesarem as amarras e os pulsos lhe doerem quando o veludo lhe cortou a pele. Foi preciso dar o máximo de si para se manter silenciosa, submissa, mas fê-lo para que ele não lhe roubasse o futuro prazer que ela porventura já merecera.

Lentamente, ele ergueu as mãos e abriu a camisa. Atirou-a para o chão e passou às calças. Ela fitava-o enquanto a sua carne se revelava e apercebeu-se de que nunca observara verdadeiramente todo o espetáculo dele a despir-se. Estavam sempre a tocar-se ou ela distraía-se com os seus beijos. Mas, agora, podia vê-lo a despir-se para ela.

E era espantoso. Ver aquele corpo revelado centímetro a centímetro e saber que era seu, pelo menos durante algum tempo, era entontecedor. Ele atirou com as calças para o fundo da cama e ela ficou a olhar, sem pestanejar, para o seu pénis. Já estava rijo das suas provocações, colado à sua barriga, absolutamente pronto para a sua carne. Ela ergueu as ancas para ele, numa súplica muda.

Ele riu-se e gatinhou até estar posicionado exatamente entre as suas pernas. Agarrou-lhe o traseiro e levantou-a até as ancas dela repousarem sobre as coxas dele e depois penetrou-a com o pénis numa única investida longa e lânguida.

Ela mordeu o lábio até saborear o sangue, lutando para se impedir de gritar com o derradeiro prazer daquela ardente junção. Ele recuou, arrastando o membro pelo seu canal a esquentar com uma lentidão enlouquecedora e absolutamente gratificante. Sentia tão agudamente o seu comprimento que só queria mais e mais. Queria-o com força e rapidez, até não conseguir dominar o ímpeto das suas ancas, até o seu suor e os seus orgasmos se fundirem num só, tal como os seus corpos estavam agora fundidos.

Claro que não foi isso que ele fez. Agarrou com firmeza as suas ancas erguidas e prosseguiu nas suas investidas lentas e contínuas, conduzindo-a a pouco e pouco, e não aos repelões, até à sua descarga final. Quando ela tentou erguer-se para ele, para forçar a cadência, ele segurou-a com firmeza e abanou meramente a cabeça, fazendo *tss, tss* do fundo da garganta.

– Submete-te a mim – sussurrou. – Rende-te completamente.

Ela cerrou as mãos nas suas amarras. Aquela era a sua última oportunidade de se proteger, de proteger o seu coração.

Não aproveitou. Com um arrepio, libertou toda a tensão do seu corpo e entregou-se-lhe. O seu corpo. A sua alma. E o seu amor. O seu amor por ele abateu-se sobre ela ao mesmo tempo que o orgasmo, varrendo-a com um prazer tão poderoso que a esmagou e ameaçou destruir.

E não se importou. Preferia arder no fogo do seu amor do que afogar-se sem ele. Mesmo apesar de cedo ir terminar. Mesmo apesar de ele nunca *poder* amá-la de volta. Aquele momento era o suficiente.

Ele deve ter sentido a rendição e o orgasmo que a percorreu, pois as suas investidas tornaram-se mais fortes, enquanto a conduzia através do prazer.

– Agora, Lysandra – disse ele, através dos dentes cerrados. – Deixa-te ir. Deixa-me ouvir tudo o que tens guardado dentro de ti.

Ela berrou, mais alto do que alguma vez antes, depois de se ter mantido em silêncio durante toda a tarde. O seu corpo abanou com o poder da descarga, tanto física como vocalmente. E, quando o seu orgasmo terminou, caiu sobre as almofadas, com os braços pendurados das amarras, enquanto Andrew soltava a sua semente no fundo dela, com um grito tão elevado que pareceu fazer abalar o quarto todo à sua volta.

Andrew esfregou-lhe as ligeiras marcas vermelhas que indicavam o local onde as amarras tinham penetrado a pele de Lysandra. Ela sorriu enquanto ele lhe beijava os pulsos.

– Desculpa – murmurou. – Não fazia intenção de te aleijar.

Ela descerrou as pálpebras e fitou-o de olhos semicerrados.

– Aleijei-me a mim própria – sussurrou e por um instante pareceu não estar a falar apenas dos pulsos. – Não me aleijou.

Ele pressionou a mão dela contra o seu peito nu e descansou a cabeça na almofada com um suspiro satisfeito.

– Porque há de um homem com o seu tipo de poder querer mais domínio? – perguntou-lhe Lysandra, enquanto espalmava a mão sobre o peito dele uma e outra vez.

Ele olhou-a de soslaio.

– O que queres dizer?

Ela apoiou o queixo sobre o punho fechado e respondeu:

– Quero dizer que passa os dias a tomar conta das propriedades, a ocupar o seu assento na Câmara dos Lordes, a dar ordens a criados e trabalhadores, mais tudo o que faz...

Ele deu uma risada, mas permitiu-lhe que continuasse.

– Seria de esperar que não *quisesse* continuar esse domínio absoluto e completo no quarto com uma amante.

– Uma questão interessante – disse ele, ponderando sobre a resposta. – Talvez seja por as pessoas verem os homens de poder a terem tanto domínio que nós o exercemos. Afinal de contas, é verdade, gasto uma grande parte do meu tempo e da minha energia a ditar como as coisas deverão suceder. E, em muitos casos, é um exercício de futilidade. Pelo menos, quando exercemos domínio num quarto, tal termina em prazer e não em palavras iradas de frustração.

Lysandra pareceu considerar as suas palavras por um instante.

– Mas não seria também igualmente um alívio ceder o seu domínio a uma mulher? Deixar que ela lhe desse prazer e ditasse os termos?

Andrew arqueou uma sobrancelha olhando para ela. Estaria ela a sugerir...

Ela ergueu-se ligeiramente e agarrou-lhe o pulso. Beijou-o no seu interior suavemente e depois ergueu-lho até às amarras que ainda estavam dependuradas na cama. Fitou-o durante todos os momentos e apenas afastou o olhar para lhe fazer passar a mão pelo laço e lhe apertar a primeira amarra com um puxão.

Andrew inteiriçou-se. A ideia de se render era... estranha. Não inteiramente desagradável quando pensava como Lysandra ficaria com absoluto domínio. E não faria isso também parte do seu treino? E se um futuro amante quisesse que fosse ela a tomar o domínio? Andrew estaria em falta se nunca a deixasse experimentar.

Ficou em silêncio enquanto ela lhe colocava a outra mão na amarra e lha atava. Ficou ali deitado, a pensar no que sentia: sem domínio. À sua mercê. Absolutamente excitado.

Ela sorriu, enquanto observava o seu pénis a regressar lentamente à condição ativa.

– Como hei de dizer isto... – murmurou ela, enquanto se ajoelhava e colocava uma mão sobre cada uma das coxas. – Se se vier antes de eu autorizar, deixo-o aqui toda a noite e obrigo-o a ver-me dar prazer a mim própria até ficar a rebentar.

Andrew arregalou os olhos com a sua inesperada força.

– Lysandra, sua atrevida – riu-se ele.

Ela não se lhe juntou e foi nesse momento que ele percebeu que ela estava absolutamente a sério. O seu membro pulsou com mais força ainda com a ideia de ela ser tão... tão *ousada*.

Com um sorriso de pura malícia, ela pressionou as unhas contra as suas coxas e arrastou-as lentamente para baixo. Não com força suficiente para aleijar ou marcar a carne, mas um rasto de calor erótico que fez com que as ancas de Andrew se erguessem.

Ela olhou-o espantada.

– Fui eu que fiz isso?

Ele rangeu os dentes. A inocência dela, misturada com a sua malícia, era algo que podia fazer com que um homem explodisse sozinho.

– Isso e muito mais – respondeu ele, de voz tensa. – Como podes ver, estou já outra vez pronto para ti. Pareço um miúdo de escola com a sua primeira amante.

O sorriso dela tornou-se suave e tímido.

– Por minha causa? A sério?

Ele riu-se.

– Como posso mostrar-te que é verdade, a menos que termines aquilo que começaste? Se me vai roubar o domínio, Miss Keates, por favor faça-o.

Ela olhou-o durante um longo e significativo momento e depois inclinou-se para lhe segurar o rosto. Beijou-o, transmitindo todo o peso da sua paixão para o corpo dele, como se, de algum modo, pudesse ressuscitá-lo. Verdade fosse dita, ela *estava* a ressuscitá-lo, fazendo com que regressasse à vida com cada toque, com cada beijo. Poderia ser contra a vontade dele, mas era o que estava a acontecer.

Recuou e sorriu, escarranchando-se no seu colo. O seu membro roçava-lhe a entrada e ela suspirou, enquanto o posicionava adequadamente. Reclinou-se para trás ao mesmo tempo que ele entrava na sua bainha e estremecia dos pés

à cabeça.

Ele queria desesperadamente agarrá-la. Guiar as suas investidas, lambê-la e beijá-la enquanto a fodia até à inconsciência. As suas mãos amarradas impediam-no e mantinham-na no comando. Para sua surpresa, até estava a gostar. Tudo o que podia fazer naquele momento era sentir. Por isso, recostou-se e desfrutou da sensação.

Lysandra arqueou-se para trás, pressionando as mãos sobre as pernas dele enquanto o golpeava uma e outra vez. A cabeça pendia-lhe para trás, enquanto ronronava e gemia de prazer. A garganta apertava-se-lhe ao aproximar-se do clímax, com as veias finas a tornar-se muito mais visíveis à aproximação da descarga.

E então ele sentiu o pulsar dela à sua volta quando ela lhe extraiu prazer com longas e fortes investidas das ancas. Ela arrastou a sensação sobre o seu pénis até ele não aguentar mais a soberba tortura. Veio-se uma segunda vez com um rosnido de prazer e sorriu quando ela lhe caiu sobre o peito.

Ela esticou a mão sem olhar e libertou-lhe os pulsos, para ele poder abraçá-la. Os seus corpos estavam ainda moldados, respirando lentamente ao mesmo ritmo. Na semiobscuridade do quarto, ele abraçou-a. Algo mudara desde a sua chegada ao campo. Algo que mudava tudo.

Mas ele não ia pensar nisso. Não naquele momento.

Capítulo Vinte e Três

Lysandra suspirou enquanto afastava de si a bandeja de um bem merecido pequeno-almoço. Passara com Andrew três dias de absoluta bênção, dando e recebendo prazeres tais que o seu corpo parecia vibrar constantemente com desejo e libertação.

O melhor de tudo, e também talvez o mais perigoso, fora que, ao contrário do que acontecera em Londres, onde Andrew construía muros em seu redor, ali era aberto com ela. Passavam noites a conversar sobre livros, música e divertimentos de todos os géneros. Nenhum tópico era tabu, exceto um.

Ela já nem sequer tentava fazer perguntas sobre o passado de Andrew. As palavras de Hester acerca de Rebecca e do seu filho que não nascera mantinham-se suspensas entre eles durante os seus momentos mais felizes, troçando silenciosamente das perguntas e dos receios de Lysandra.

Mas ela rechaçava-os. Por ele. Porque ele lhe pedira que o fizesse. E, desde que confessara a si mesma que o amava logo na primeira noite em que ali tinham chegado, acabara por aceitar esse facto. Ela amava-o e era disso que ele precisava.

Se ela pudesse ao menos ignorar quanto isso doía...

Uma jovem criada entrou no quarto para levantar as bandejas. Ela sorriu para a rapariga.

– Obrigada... Polly, não é?

A rapariga corou de prazer por a ter reconhecido.

– Sim, *miss*. Tem boa memória para os criados. Já todos comentámos isso.

A cor que invadira as faces da rapariga espelhou-se em Lysandra com o cumprimento.

– Eu já trabalhei numa casa, embora não tão grande como esta – confessou, pois decidira não esconder nem se envergonhar por causa daquilo que era ou tinha sido. A opinião de Andrew acerca dela era tudo que, de qualquer modo, lhe importava.

A rapariga ergueu as sobrancelhas com a surpresa.

– Então, sabe.

Lysandra riu-se apesar do desconforto que sentia.

– Oh, sim. *Eu* sei.

A jovem colocou de lado a bandeja que tinha na mão e aproximou-se mais, aparentemente encorajada pela simpatia de Lysandra, ou talvez por não ser uma pessoa de posição e já ter servido como aquela rapariga.

– Menina – disse ela, olhando sobre o ombro com um olhar culpado. – Eu... eu queria dizer-lhe algo. Algo que todos dizemos lá em baixo, mas que ninguém lhe disse.

Lysandra contraiu-se. Não tinha a certeza de *querer* saber aquilo que os criados andavam a dizer sobre o seu apaixonado e, muitas vezes, *sonoro*, caso amoroso com o patrão.

– Sim? – perguntou, num sussurro mínimo.

– Eu fui aqui criada, compreende, nesta propriedade. A minha mãe é uma das criadas mais velhas. Quando atingi a idade, Lorde Callis contratou-me para eu não ter de a deixar, nem à minha casa.

Lysandra assentiu com a cabeça. Aquele tipo de bondade parecia mesmo próprio de Andrew. Mas o que tinha isso a ver consigo, não fazia ideia.

– O que quero dizer é que o conheço desde antes... e depois da... *da tragédia*. – A rapariga pestanejou como se dizer simplesmente aquelas palavras lhe levasse lágrimas aos olhos. – E parece agora mais feliz, consigo aqui, do que desde há muito tempo.

Lysandra mordeu o lábio. Estava nervosa por ter a certeza de que o falatório entre os criados seria sobre o seu caso com Andrew. Ou sobre a sua história. Ou sobre as suas roupas. Ou uma série de outras coisas sobre as quais ouvira dizer que os criados se lançavam como abutres, assim que as portas se fechavam.

Daquilo não estava à espera.

– Oh, compreendo – murmurou.

A rapariga assentiu, limpando as lágrimas que agora lhe começavam a cair pelas faces e prosseguiu.

– Ficámos muito preocupados com ele depois da morte de Mistress Callis. Especialmente quando ele tentou...

A porta que dava para a sala abriu-se e Berges irrompeu. Tinha o rosto vermelho e os olhos escurecidos por algo muito semelhante a raiva.

– Polly, deixa de dar à língua – disparou, num tom sombrio e sério, que fez mesmo com que Lysandra se encolhesse, como se tivesse feito alguma asneira.

A rapariga susteve a respiração entre os dentes, agarrou na sua bandeja esquecida e desapareceu do quarto com um chocalhar de bandejas e talheres.

Lysandra recostou-se na cadeira com um suspiro exasperado. Mais uma vez, tinha-lhe sido vedada a verdade acerca da mulher e do passado de Andrew. Tudo o que obtinha eram pedaços e indícios tentadores, mas nenhuma conclusão.

– Peço desculpa, *miss* – disse Berges, mantendo-se de pé junto à porta. – A Polly é uma jovem turbulenta e muitas vezes fala sem nexos. Não devia ter sido tão ousada consigo e isso ser-lhe-á recordado tanto pela mãe como por mim, assim que tiver a oportunidade.

Lysandra levantou-se.

– Oh, Berges, não seja demasiado severo com ela. É uma rapariga amistosa, é tudo. E, como eu já estive na posição dela, sente uma afinidade comigo. Isso poderá ter-lhe soltado mais a língua do que se estivesse a falar com uma senhora muito acima do seu nível.

Ele franziu os lábios.

– Sim, mas, no futuro, poderá soltar a língua perante alguém menos compreensivo e isso poderá causar problemas não só à casa, mas a Lorde Callis. A maioria das mulheres que aqui virá serão senhoras.

Lysandra contraiu-se e Berges deixou cair a cabeça.

– Perdão, *miss*, não queria ofendê-la.

Lysandra fez um sinal a ignorar o comentário.

– Eu sei que não quis. E tem razão. Virão aqui muito mais vezes senhoras do que mulheres como eu. A futura mulher de Lorde Callis ou... ou alguém com quem Lorde Callis venha a pensar casar. Alguém como a sua falecida mulher.

O mordomo ergueu o olhar e confrontou o dela com franqueza. Pela

expressão dele, sabia onde ia dar aquela conversa.

– Sim, *miss* – disse suavemente.

– O que aconteceu? – perguntou Lysandra calmamente. Quando ele voltou o rosto, ela continuou apressadamente. – Por favor, diga-me. Se eu soubesse, talvez pudesse ajudar mais Lorde Callis enquanto aqui estivesse.

Berges permaneceu em silêncio durante mais de um minuto, refletindo sobre aquilo que ela lhe perguntara. Depois, abanou a cabeça.

– Há uma parte de mim que gostaria de lhe contar – respondeu, com um suspiro triste. – Pois penso que, de algum modo, *poderia* ajudá-lo. Mas um serviçal do meu nível tem apenas uma coisa que o recomende, que é a confiança do seu patrão. Se trair isso, trairei tudo aquilo que sou. Tudo que prometi ser. Não me compete fazer isso.

Lysandra sorriu-lhe. Gostava muito daquele homem e, embora a sua recusa a frustrasse, depois de ela própria ter servido numa casa, compreendia o seu raciocínio.

– Peço desculpa – disse ele.

Ela abanou a cabeça.

– Não precisa de o fazer, Berges, eu não devia tê-lo colocado numa posição tão embaraçosa. O facto é que, se quiser saber alguma coisa sobre Lorde Callis, suponho que terei de lhe perguntar a ele. Tudo o resto será injusto para todos.

Ele olhou-a e ela percebeu que provavelmente de uma maneira mais direta do que alguma vez olhara para um hóspede durante toda a sua vida de serviçal.

– Miss Keates é uma boa pessoa – disse baixinho. – Uma ótima *senhora*.

Ela sorriu, percebendo que aquela era a sua maneira de lhe demonstrar respeito. O que apreciou muito.

– Obrigada.

– Miss Keates, espero verdadeiramente que encontre as respostas de que anda à procura. – Fez uma ligeira vénia e abandonou o aposento.

Lysandra dirigiu-se à janela. Depois de dois dias de chuva, ela e Andrew iriam desfrutar de um passeio juntos dentro de alguns momentos e, assim que estivessem a sós, ela iria finalmente forçar os assuntos que ele evitava. Chegara a altura de a verdade ser revelada e de as respostas a que Berges se referira serem encontradas.

Já era mais que tempo de Lysandra deixar de ser um corpo quente para

preencher a cama de Andrew e começar a ser uma verdadeira amante e companheira para ele.

Uma das coisas que Andrew acabara por apreciar na sua relação com Lysandra, desde que tinham chegado a Rutholm Park, era poderem partilhar um confortável silêncio tão facilmente como um beijo apaixonado. Exceto naquele dia, em que, enquanto passeavam de braço dado através dos canteiros das roseiras, Andrew não sentia conforto no silêncio entre os dois.

Sentia ansiedade em Lysandra na forma como ela se movimentava, na forma como estava constantemente a olhá-lo de soslaio. Algo se passava com ela, algo que ela hesitava em dizer ou perguntar-lhe.

E isso não podia ser.

Deteve-se e fez sinal para um banco retirado nas traseiras do jardim. As árvores em seu redor e os arbustos aparados que muravam o próprio jardim ofereciam-lhes alguma privacidade, no caso de um jardineiro ou qualquer outro serviçal se aproximar.

– Vamos sentar-nos por um momento? – perguntou ele.

Ela hesitou e depois assentiu.

– Sim, é capaz de ser melhor.

Assim que ela tomou o lugar ao seu lado e alisou a saia, ele pegou-lhe na mão.

– Há algo que obviamente te apoquenta, Lysandra – disse ele, fazendo-lhe uma carícia com o polegar ao longo da mão, até ela estremecer. Ele sorriu. Ela era tão absolutamente reativa.

Mas não se tratava de fazê-la estremecer, mas sim de determinar o que fazia com que ficasse tão nervosa. Algum dos criados lhe dissera alguma coisa? Ou recebera uma carta da mãe que a afligia? Precisava de saber para tratar do assunto. Para a ajudar.

– Andrew – disse ela baixinho. – Desde que cá cheguei... não, foi antes disso.

Ela mordeu o lábio e ele aproximou-se mais.

– Podes contar-me tudo. Alguém te disse alguma coisa? O teu primo apoquentou-te ou à tua mãe?

– Não, não se trata de mim – suspirou ela. – Se fosse, acho que seria mais fácil. Seria aberto comigo a esse respeito. Ajudar-me-ia, quer eu lho pedisse

ou não. Mas, quando se trata de si...

Ela vacilou e ele franziu o sobrolho, enquanto retirava lentamente as suas mãos das dela.

– Eu? O que se passa comigo?

Lysandra esticou a mão e agarrou-lhe os dedos, puxando-lhe as mãos para o colo e segurando-lhas suavemente.

– Andrew, desde o primeiro momento em que o conheci, fiquei impressionada não apenas com a sua beleza, não apenas com o facto de me deixar fraca... mas por carregar uma tristeza que ninguém pode tocar.

Ele encolheu-se e tentou afastar-se, mas ela segurou-o com força e obrigou-o a ficar sentado a seu lado.

– Por favor, deixe-me dizer isto – prosseguiu. – Não é apenas isso, mas é evidente que há outros que o amam e que também veem a sua dor. Magoa-os, tal como me magoa a mim, ver como guarda essa tristeza no seu coração. Mas há mais. Aquilo que sente também os *assusta*.

– Ridículo – interrompeu Andrew e libertou-se de Lysandra, dando alguns passos para longe. Não conseguia estar perto dela quando estava a violar o seu pedido para evitar abordar aqueles tópicos pessoais.

Ela seguiu os seus passos com o olhar por um momento e depois abanou a cabeça.

– Não, não é ridículo. O seu irmão não sente apenas piedade ou dor, mas havia *medo* nos seus olhos quando olhava para si naquela noite na ópera. E já o vi de novo com os seus criados aqui. – Cruzou as mãos sobre o colo. – Andrew, ouvi algumas coisas de si e ainda mais dos seus criados.

– Não devias bisbilhotar – retorquiu, voltando-se para ela.

– Eu não fiz isso – respondeu ela e, finalmente, o calor da sua voz igualou o dele. – Caramba, foi o *Andrew* que me trouxe para aqui. Trouxe-me para este sítio que partilhou com Rebecca. Para um sítio onde veria os seus retratos e interagiria com os seus criados. Trouxe-me para aqui e devia saber que, estando aqui, teria mais informações e, ao mesmo tempo, mais perguntas. Acho que o fez de propósito, para que esses segredos que tanto lhe pesam no coração fossem finalmente purgados.

Andrew fitou-a.

– O que estás para aí a dizer? Eu não quero falar sobre isto, por que razão haveria de te expor de propósito e esperar que tu me perguntasses?

– Talvez não *queira* falar disso.

Lysandra dirigiu-se lentamente até ele, como se montasse um cavalo irrequieto. Lentamente, levou a mão ao rosto dele. O calor do seu contacto percorreu-o, aliviando-o de uma forma que não gostaria de admitir.

– Andrew, acho que *precisa* de falar sobre isso. Com alguém que não estava presente durante o pior período da sua vida. Com alguém que está aqui para o seu prazer e para a sua dor. Uma amante. Eu.

Ele fitou-a, horrorizado pelo facto de as suas acusações, que ele tentava tão fortemente negar, poderem ser de facto verdadeiras. Tê-la-ia ele levado para ali para, a um nível profundo e secreto, confessar a sua alma? Para usá-la para se curar de uma forma que ele negava precisar? Seria possível?

– Portanto, por favor, diga-me, porque há medo nos olhos daqueles que o amam? – murmurou ela. – Porque sussurram os criados acerca de uma criança que a sua mulher esperava? Porque falam acerca de algo que tentou fazer que os horrorizou?

Andrew não conseguia mexer-se. Não conseguia falar. As imagens bombardeavam-no. Recordações há muito afogadas tão profundamente que ele rezava para nunca mais sentir os seus efeitos.

– Pode confiar em mim – afirmou Lysandra, acariciando-lhe a face, enquanto olhava para ele com uns olhos tão azul-escuros que ele se poderia perder para sempre. Ele *podia* confiar nela. Negara durante semanas que o queria fazer, mas ali estava. Ela estava ali, para ele. E, subitamente, quis confessar as coisas que enterrara profundamente no seu interior.

– Ela estava grávida – referiu ele, engasgado com as palavras. – Rebecca estava grávida de seis meses na noite... – Deteve-se porque as palavras eram impossíveis. – Discutimos. Foi por causa de uma parvoíce.

– O quê? – perguntou Lysandra baixinho.

Ele fechou os olhos.

– Quando ela me disse que estava grávida, entrei em pânico. Eu desistira da minha vida de libertino para estar com ela e sabia que um filho mudaria ainda mais as coisas entre nós. Mudar-me-ia *a mim* ainda mais. Eu saíra durante algumas noites seguidas com velhos amigos que estavam de visita ao condado. Ela queria que eu ficasse com ela. E eu queria, é essa a pior parte. Mas discutimos sobre a minha «liberdade». Fui-me embora e, passada uma hora, um criado apareceu à minha procura, dizendo-me que a minha mulher estava gravemente doente. Quando cheguei a casa, vi que tinha uma hemorragia. O bebé estava a nascer demasiado cedo e o médico não

conseguia fazer nada que o evitasse.

Ela cerrou os olhos.

– Oh, Andrew, mas não teve a culpa.

Ele abanou a cabeça.

– Não tive? Ela pediu-me que ficasse em casa. Talvez que, se o tivesse feito, pudesse ter feito algo. Ou talvez ela tivesse ficado mais calma e nunca tivesse adoecido.

A pena de Lysandra estava-lhe estampada no rosto. A mesma piedade que ele odiava ver em todos os que o olhavam desse modo. Ele não o merecia. Merecia o seu ódio. O seu julgamento.

– O bebé não sobreviveu? – sussurrou ela.

Ele abanou a cabeça.

– O meu filho nem sequer chorou. Morreu mesmo antes de ter a oportunidade de respirar pela primeira vez. E a hemorragia da minha mulher não pôde ser estancada. Morreu a seu lado meia hora depois de ele ter nascido.

Lysandra juntou-se finalmente a ele, procurando segurar-lhe a mão. Ele afastou-a. Não merecia ser confortado.

– Andrew – sussurrou. – Essas coisas acontecem. Sem qualquer razão. Sem culpa, por muito que queiramos culpar alguém.

– Ela precisava de mim e eu abandonei-a – replicou ele num tom pleno da dor que mantivera dentro de si durante três anos. – Eu sabia. Senti-o dentro da minha própria alma. Sonhei com ela durante anos a partir de então e sentia o ódio que ela me tinha nesses sonhos. E então eu...

Deteve-se. Nunca dissera aquilo em voz alta. A ninguém.

– O que fez? – murmurou ela.

– A razão pela qual aqueles que me amam me olham com medo é porque, há dois anos e meio, tentei acabar com a minha vida.

Ele soltou um longo suspiro. Para sua surpresa, era quase um alívio dizê-lo. Oh, já outros tinham tentado falar com ele acerca daquilo que fizera. O médico. O irmão. O pai. Os amigos. Mas ele sempre os afastara, nunca negando completamente a tentativa, mas também nunca a admitindo.

– Andrew! – gritou ela, dando um vacilante passo atrás, com o rosto contorcido pelo horror. – O que fez?

– Bebi até estar quase morto. – Engoliu em seco. – E, depois, peguei numa pistola e disparei contra a cabeça. Só que um bêbado atira mal. Só acertei de

raspão, nada mais.

Levantou uma secção de cabelo, revelando a cicatriz branca que lhe marcava o couro cabeludo quase até à têmpora. Lysandra engoliu e as lágrimas começaram a brilhar-lhe nos olhos, ao olhar para a evidência da profundidade do seu desespero nessa noite.

– Teria disparado de novo, terminado o trabalho, mas Berges, que devia estar de folga, regressara a casa mais cedo do que eu pensara. Ouviu o disparo, lutou comigo para me tirar a pistola das mãos e mandou um criado chamar o médico, enquanto se sentava em cima do meu peito, para evitar que eu fosse buscar a pistola de novo.

Os olhos de Lysandra estavam arregalados, não que ele a censurasse por isso. Aquilo que descrevera fora, sem dúvida, uma verdadeira cena. Recordava o caos, o sangue, os gritos...

– O que sentiu em relação a isso? – perguntou ela. – A ele o ter salvo?

Ele pestanejou. Nunca ninguém lhe colocara antes essa questão. Toda a gente falava com ele acerca daquilo que devia ou que não devia ter feito. Diziam-lhe que tivera sorte em ter sobrevivido, o que era verdade. Mas ninguém lhe perguntara em relação a terem evitado que ele se tivesse matado nessa terrível noite.

– Fiquei zangado durante quase seis meses – confessou lentamente. – Estive quase para despedir Berges uma mão-cheia de vezes por causa da sua interferência. Ele recusou-se a ir-se embora.

Apesar de as lágrimas continuarem a escorrer-lhe pelo rosto, Lysandra na verdade sorria.

– E depois?

Ele suspirou e retomou o seu lugar com um baque.

– Percebi que, se tivesse conseguido, tudo o que teria feito teria sido magoar a minha família ainda mais do que já tinha sofrido com a morte de Rebecca e do bebé. Foi uma inclinação egoísta para coroar uma vida plena de inclinações egoístas.

Lysandra fez uma expressão que mostrava não concordar inteiramente com a afirmação e depois disse:

– E há o facto de a sua vida ter valor e não dever ser desperdiçada.

– Sim. Acho que isso também. – Encolheu os ombros. Ainda não estava inteiramente certo do que ela afirmava.

Ela secou as lágrimas e depois fitou-o durante um longo momento de

avaliação.

– Fico contente por não ter conseguido – murmurou baixinho. – E não quer fazer uma coisa dessas outra vez, pois não?

– Não. Já não. – Ficou surpreendido por aquelas palavras serem verdadeiras. Já as dissera antes, evidentemente, a outros e mesmo a si próprio. Mas nunca tinham sido tão verdadeiras como enquanto olhava para aquela mulher.

Ela sorriu-lhe e o coração dele saltou. Virou-se e olhou de novo para as flores. Reconhecia aquele sentimento que crescia dentro dele. Sentira-o já antes. Levava-o a mudar tudo acerca de si mesmo. Transformara-o num homem melhor, ainda que brevemente.

Era amor.

Jurara não voltar a amar ninguém e tinha sido a sério. Mesmo que não o tivesse feito, um homem não ama a sua amante. Bem, alguns homens amaram, embora isso conduzisse inevitavelmente a segundas famílias e escândalos.

Era evidente que *ele* não amava uma amante. Especialmente, uma temporária como Lysandra. Ela deixá-lo-ia dentro de pouco tempo, passaria para outro homem com o qual se ligaria provavelmente durante anos. Tinha de deixá-la partir para seu próprio bem e também para o dele.

Voltou-se para trás e ofereceu-lhe o braço e um sorriso falso.

– Anda, vamos regressar a casa. Estou cansado.

Ela aquiesceu, mas, enfiando-lhe a mão na dobra do braço, inclinou-se para lhe beijar a face.

– Andrew, estou feliz por me ter contado. Sei que foi difícil, mas fico satisfeita por ter confiado em mim o suficiente para o ter hoje partilhado comigo.

Ele assentiu com a cabeça, embora não encontrasse suficiente confiança para falar. Lentamente, conduziu-a de regresso a casa. Depois de terem chegado, deu-lhe um beijo na face.

– Preciso de tratar de uma questão com Berges. Dás-me licença?

Ela olhou-o, com a incerteza no rosto.

– Está zangado comigo?

Ele tocou-lhe o rosto.

– Não. Longe disso.

Ela assentiu, embora os seus olhos dissessem que não acreditava nele

plenamente.

– Talvez vá ler um pouco para o nosso quarto.

Ele concordou e ficou a observá-la enquanto ela subia as escadas e desaparecia no corredor. Depois de ela se ir embora, dirigiu-se ao pequeno lanço de escadas que conduziām à área por debaixo da cozinha, que era a principal zona da criadagem.

Encontrou o mordomo na pequena divisão a que chamava o seu escritório. Um espaço apinhado, mas altamente organizado, que Andrew sempre admirara. A partir dali, o seu mordomo governava a casa como um rei em miniatura.

– Bom dia, senhor – disse o serviçal, retirando os óculos e pondo-se de pé quando Andrew entrou. – Não fui informado de que regressara do seu passeio com Miss Keates. Peço desculpa por ter sido obrigado a vir à minha procura.

Andrew fez um sinal a ignorar as desculpas e agitou-se desconfortavelmente.

– Ouvi dizer que Miles... *hum*, o marquês de Weatherfield veio visitar o irmão ao condado?

O sobrolho do mordomo franziu-se e Andrew não o censurou pela sua confusão. Weatherfield era um dos seus antigos comparsas dos dias anteriores ao seu casamento. O seu irmão mais novo possuía uma extensão de terras no condado e fora assim que se tinham conhecido. Mas o homem não atravessara a sua porta há anos, pois fora um dos amigos com quem Andrew saíra na noite em que a mulher morrera.

– Sim – confirmou Berges lentamente. – Ouvi um falatório qualquer a esse respeito.

Andrew concordou. Não ficou aliviado por saber que aquilo que ouvira era verdade. Contudo, prosseguiu.

– Compreendo. Envie-lhe um recado, está bem? Gostaria de vê-lo amanhã, se fosse possível.

O mordomo aquiesceu, com os seus movimentos lentos a mostrar mais uma vez confusão.

– Sim, senhor. Com certeza, senhor. Enviarei de imediato uma mensagem à sua mansão. Passa-se alguma coisa... *errada*, senhor?

Andrew hesitou. Estava tudo errado. Aquilo que estava prestes a fazer era errado. Mas era a única resposta.

– Não – disse, voltando-se para a porta. – Nada. Diga-me quando tiver a

sua resposta. Tenha um bom dia, Berges.

Em seguida, deixou o serviçal e foi ter com Lysandra. Cansado ou não, queria passar todos os momentos com ela. Antes que tudo mudasse.

Capítulo Vinte e Quatro

Lysandra estava sentada junto ao toucador, no quarto adjacente ao quarto de dormir. Olhava o seu reflexo, mas o seu olhar estava ausente. O seu espírito regressava a tudo o que Andrew dissera naquele dia. A todas as emoções que lhe tinham obscurecido os olhos e a disposição.

E depois tinha havido a confissão da sua desesperada tentativa de suicídio.

Estremeceu. Só aquela ideia fazia com que ficasse doente. Triste. E tão desesperada por salvá-lo, embora ele parecesse não querer ser salvo. Atolava-se na sua dor, no seu luto. Torturava-se, tal como o irmão dissera na ópera, naquela noite que parecia ter sido há um século.

E agora sabia porquê.

Subitamente, Andrew disparou pelo quarto dentro, bateu com a porta atrás de si e atravessou a sala, de olhos fixos nela. Ela levantou-se num instante, pronta para o saudar, embora não fizesse ideia do que havia de esperar dele, com aquela expressão no rosto.

– E...

Não conseguiu dizer mais nada. A boca dele esmagou a sua, os braços dele apertaram-na e levantou-a e puxou-a para si com tanta força que ela mal conseguia respirar. A boca dele assaltou-a, a sua língua penetrou-a entre os lábios, os lábios dele magoaram-na. Mas ela abriu-se para ele, como sempre fazia, e entregou-se ao duro e exigente beijo. Havia nele algo tão apaixonado, tão... desesperado.

Recuou com um salto. Era isso. Havia desespero no seu beijo, na sua

expressão, quando olharam um para o outro à luz da lareira.

– Andrew? – sussurrou.

Ele abanou a cabeça e começou a desabotoar-lhe o vestido.

– Já falámos que chegasse, Lysandra.

Ela fitou-o enquanto ele trabalhava sobre o vestido, com o olhar inteiramente empenhado na tarefa. Algo acontecera desde que tinham regressado a casa. Mas o quê? Ou estaria ele simplesmente a digerir aquilo que acontecera entre eles durante o breve período em que haviam estado separados e ficara em pânico por causa disso?

Abriu de novo a boca para falar, mas ele cobriu-lhe o rosto com um novo beijo ardente. Desta vez foi mais gentil, mas custou-lhe. Todo aquele desespero estava ainda presente naquele beijo, juntamente com todo o seu desejo por ela, todas as suas tentativas para lhe dar o maior prazer que conseguisse.

Ele fizera o que ela lhe pedira e contara-lhe a verdade. Se era de um ato amoroso ardente que ele precisava em resposta a isso, não seria ela que lho iria negar. Na verdade, negar-se-lhe era impossível, por isso descontraiu-se ao seu contacto numa absoluta rendição.

Nessa altura, ele afastou-se, enfiou as mãos por baixo da abertura do seu vestido e despiu-lho desde os ombros. Seguiu-se a sua camisa e depressa todas as peças do seu vestuário estavam no chão, deixando-a apenas com as meias e as sandálias.

Ela tentou tirá-las, mas ele abanou a cabeça.

– Não, gosto de ti assim – murmurou, antes de começar a tirar a sua própria camisa. Ela aproximou-se para o ajudar e depressa ele se encontrava tão nu como ela. Tão pronto como ela.

Ele beijou-a mais uma vez e, quando meteu a língua dentro dela, levantou-a, segurando-a contra si enquanto a conduzia de costas contra a parede próxima da lareira. As suas costas atingiram a superfície dura e ela pôs-lhe os braços em volta dos ombros para se equilibrar. Estavam agora frente a frente e ele continuou a fitá-la, erguendo as ancas e deslizando para dentro do seu corpo à espera.

Lysandra arregalou os olhos. Nunca pensara ser possível ter sexo assim. Mas era o paraíso. Um paraíso perverso, cheio de anjos caídos, mas que continuava a ser um paraíso.

Ele colou um beijo muito suave, quase casto, aos seus lábios e então

começou a investir, empurrando-a contra a parede, com impulsos rápidos e fortes das ancas. Levou-a ao orgasmo com uma ânsia, um desespero e uma violência que ela nunca sentira antes. Não podia evitá-lo. Não quando ele lhe atingia o clítoris com cada arremetida das suas ancas e o seu rijo e pesado pénis deslizava tão perfeitamente dentro dela.

Veio-se passados momentos depois da sua primeira investida, mas ele não abrandou a cadência, nem quando ela gritou a sua descarga. Pelo contrário, o seu orgasmo pareceu encorajá-lo. Agarrou-a com maior firmeza, arfando de cada vez que investia contra ela, com os músculos do pescoço cada vez mais tensos e o seu rosto enrubescido e depois gritou.

– Raios!

A sua semente espalhou-se com força e calor dentro dela, sibilando na sua pele extremamente sensível e fazendo com que o seu sexo ondeasse com os últimos ecos de prazer. Ele inclinou a cabeça para a frente, descansando a testa contra a parede atrás dela, enquanto a sua respiração arquejante regressava ao normal.

– Andrew? – sussurrou.

Ele fitou-a brevemente e depois transportou-a, os seus corpos ainda ligados, até à cama. Deitou-a, cobrindo-a com o seu calor e começou a beijá-la de novo com um abandono como se nunca a tivesse possuído contra a parede, numa exibição animal de luxúria.

Lysandra sabia que o devia deter. Devia perguntar-lhe a razão pela qual alguns momentos de separação lhe tinham inspirado aquela exibição de paixão desesperada e ardente. Mas não conseguiu. Não com ele a mover-se para dentro de si uma segunda vez, não quando ele a abraçava tão apertadamente que ela pensou que duraria para sempre.

Em vez disso, devolveu-lhe os beijos, derramando nele a sua paixão e o seu amor e esperando que isso fosse suficiente para reparar aquilo que se partira dentro dele.

Andrew esfregou os olhos antes de começar a andar pelo seu escritório uma segunda vez. Depois de uma noite de pura paixão com Lysandra, em que fizera amor repetidas vezes com ela, não tendo contudo ainda purgado do seu corpo o desejo de o fazer, estava exausto. No entanto, tinha de estar no seu melhor, o mais acordado possível, pois Weatherfield estaria a chegar a

qualquer momento.

O que estava ele a fazer? Por que razão convidara um amigo de longa data para vir a sua casa? A ideia, que lhe parecera tão boa no dia anterior, parecia agora cada vez mais idiota a cada instante que passava.

Mas era demasiado tarde para impedir a maré. Bateram à porta e Berges surgiu.

– Lorde Weatherfield, senhor – disse, abrindo um pouco a porta e revelando o seu velho amigo.

Miles era um homem bem-parecido. Alto, com cabelo escuro e olhos ainda mais escuros, com os quais, segundo ouvira dizer, as mulheres desfaleciam. Os dois homens tinham sido amigos desde a adolescência, percorrendo os campos à procura de raparigas para perverter e sarilhos por toda a parte. Tinham mesmo partilhado uma ou duas mulheres durante ardorosas noites de paixão.

– Callis – disse o amigo, entrando na sala, de mão estendida. – Prazer em ver-te, meu amigo.

Andrew engoliu em seco e aceitou-lhe a mão.

– Sim, é bom ver-te. Anda, senta-te. Queres uma bebida?

O amigo ergueu as sobrancelhas.

– Não. Pelo menos, uísque não.

Andrew encolheu os ombros.

– Então chá? Ou café?

– Não. – Miles recostou-se na cadeira, para fitar Andrew. – Estás com bom aspeto. Muito melhor do que da última vez que te vi.

Andrew franziu o sobrolho.

– Quando foi isso?

– Quando passei por Londres, talvez há dois anos. Não me viste, isso foi evidente. Diabo, acho que não vias nada à tua volta. – O amigo abanou a cabeça. – Tempos difíceis.

Andrew mexeu-se. Os seus velhos amigos tinham sido todos permanentemente afastados da sua vida depois da morte da mulher. Não se apercebera de que alguns deles se importassem ainda com isso.

– Bem, isso já foi há muito tempo.

– Ouvi dizer que se calhar há uma mulher envolvida nessa mudança – disse o amigo, com um sorriso provocador. – Se isso for verdade, podes ter a certeza que quero conhecê-la. Parece ser uma milagreira.

Andrew mexeu-se. Não iria entrar na questão de Lysandra; pelo menos por enquanto. Só a ideia de alguém falar sobre ela... falar sobre *elas*, causava-lhe impressão.

– Obrigado por teres vindo, apesar de ser tão em cima da hora – disse ele, mudando de assunto.

Não foi muito subtil, como Miles deu a entender com um sorriso.

– Bem, eu adoro o meu irmão, mas ele e a mulher são um par de chatos. E, para ser franco, fiquei bastante curioso por receber uma mensagem tua.

Andrew inclinou a cabeça.

– Curioso?

– Ah, pois. – Weatherfield inclinou-se para a frente. – Deves saber porquê, Callis. Afinal de contas, não me falas desde... bem, desde a morte de Rebecca. Depois disso, tornaste bastante claro que não querias ter nada a ver comigo nem com qualquer dos teus velhos amigos.

Andrew agitou-se. Ele *tinha* afastado todos os que lhe eram próximos nas semanas que se haviam seguido à sua morte. Em especial os amigos com quem estivera a beber na noite da sua morte. Como Miles.

– Peço desculpa por isso – disse baixinho.

O amigo encolheu os ombros.

– Não estavas em ti e com razão – afirmou. – Mas de repente chamares-me, pedires-me para cá vir, não pude resistir a tal mistério.

– Obviamente, ouviste dizer que tenho uma nova amante – referiu Andrew, remexendo-se.

– Oh, sim – riu-se Miles. – Não se fala de outra coisa. As perguntas fervilham. Irás regressar aos teus tempos de antigamente? Quem foi a rapariga que te tentou de modo a voltares aos maus caminhos? Porque parece o teu pai uma fera quando surge nas festas?

Andrew cerrou os olhos. Sim, eram precisamente aquelas as perguntas que queria evitar. E, no entanto, encontrava-se agora no centro de um pequeno escândalo.

– Ela não é permanente – disse baixinho, mas sem conseguir deixar de pensar em Lysandra, nua na sua cama. Lysandra dando-lhe a mão enquanto passeavam pelos jardins. Lysandra falando com ele pela noite fora sobre livros, ou o estado presente da classe média em Londres. Todas essas coisas pareciam permanentes.

O amigo inclinou a cabeça.

– Eu... não percebo.

Andrew suspirou.

– É uma longa história. Vou contar-ta.

Lysandra demorou um instante a verificar a sua imagem no espelho do corredor, antes de se dirigir ao escritório de Andrew. Não esperara ser chamada para ir ter com ele, depois de ele ter afirmado que tinha trabalho para fazer de manhã. Mas o facto de ter pedido para ela ir ter com ele fê-la pensar que talvez se perfilasse um pequeno intervalo amoroso.

Alisou o cabelo e o vestido com um sorriso e depois prosseguiu pelo corredor e bateu à porta.

– Entre – soou a voz dele, mas ela franziu o sobrolho com o seu tom. Muito sério.

Entrou com um sorriso pensado só para ele, mas deteve-se de repente. Havia dois homens lá dentro à sua espera. Um era Andrew, mas o outro homem que se levantou da cadeira junto à lareira, e que se voltou para olhar para ela, não o conhecia. Era diabolicamente belo, porém, e olhou-a de cima a baixo com se avaliasse um doce que estivesse a pensar comprar.

Mexeu-se com um súbito desconforto.

– Peço desculpa, não sabia que estava acompanhado – disse e depois acrescentou apressadamente –, senhor.

Andrew fez-lhe sinal para que entrasse com uma expressão contraída que parecia tão pouco à vontade como ela própria se sentia.

– Quero apresentar-lhe o meu amigo, Lysandra. Entre.

Ela fitou-o por um momento. Embora ele a tivesse levado à ópera em Londres e a tivesse apresentado ao irmão, Andrew tornara muito claro que ela permaneceria separada da maioria dos aspetos da sua vida. Com toda a franqueza, ela sempre pensara que ele tinha poucos amigos, tendo-se afastado dos anteriores à morte de Rebecca e nunca se tendo dado ao trabalho de fazer novos.

– Por favor – encorajou-a calmamente.

Ela voltou-se para trás para fechar a porta e avançou na direção dos dois homens.

– Esta é Lysandra Keates – apresentou ele ao estranho. – E, Lysandra, apresento-lhe o marquês de Weatherfield.

Ela engoliu em seco quando o marquês lhe estendeu uma mão forte, sem luva.

– Miss Keates – disse suavemente. – Callis contou-me imensas coisas sobre a menina. Estou mais do que encantado por conhecê-la.

– O...obrigada, senhor – agradeceu ela, tomando a mão que ele estendera. Ele pousou um beijo nos nós dos seus dedos que lhe aqueceram a mão e lhe transmitiram uma sensação inteiramente desapropriada, embora não desagradável.

Lançou um olhar a Andrew. Tinha o maxilar contraído e um ar de sombria determinação no rosto.

– Quer juntar-se a nós, Lysandra? – perguntou, indicando a cadeira que deixara desocupada.

– Claro – disse ela, sentando-se.

Weatherfield ocupou a mesma cadeira, que ficava ao lado da dela, mas, para sua surpresa, Andrew foi ocupar outra quase do outro lado da sala, cruzou os braços e ficou simplesmente a observá-los.

– Andrew esteve a contar-me que é uma recente convertida à ópera – começou Weatherfield, atraindo o olhar dela com o seu. Era muito concentrado. Muito escuro. Conseguia perfeitamente imaginar que muitas senhoras se deveriam ter perdido nele.

Ela assentiu.

– S...sim. Gostei muito do espetáculo que vimos quando estávamos em Londres. Percebo por que razão é um entretenimento tão popular.

– Há muita paixão na ópera – retorquiu Weatherfield baixinho. – Ou, pelo menos, eu sempre achei que sim.

Lysandra lançou novo olhar na direção de Andrew. Seria suposto outro homem falar-lhe de algo tão íntimo como a questão da paixão? Parecia extremamente ousado fazê-lo com o seu amante sentado a dois metros de distância, a observá-los. Mas Andrew não disse nada. Não fez nada. Continuou apenas a olhar com aquele ar amargo no rosto.

– Per...percebo como esse ponto de vista poderia ser válido, senhor – respondeu ela.

O outro homem sorriu, mas ela percebia que ele lhe procurava o rosto, examinando-a a um nível que ia para lá do interesse pela companheira de um amigo. Mas porquê?

– É uma mulher muito bonita – considerou ele.

Tudo se lhe tornou claro nesse momento. Voltou repentinamente o olhar para Andrew, mas ele já não estava a olhar para eles. Fitava as mãos, cruzadas no colo. A sua expressão cabisbaixa disse-lhe tudo o que precisava de saber. Levava ali o amigo para... para... a declarar disponível para um protetor. Weatherfield estava a ser testado para essa posição e ela fora convidada para ali ir para ser examinada como gado na feira.

Engoliu em seco com força, depois endireitou as costas e ergueu o queixo. Não iria permitir que aquela humilhação a quebrasse.

– Obrigada, senhor. Aprecio o cumprimento. – Voltou-se para Andrew. – Poderei falar consigo por um momento no terraço, Lorde Callis?

Andrew ergueu a cabeça, surpreendido.

– Eu...

Ela voltou-se de novo para Weatherfield.

– Perdoe-nos por um momento, não se importa, senhor? Tenho uma súbita necessidade de discutir algo da maior importância com Callis.

Weatherfield ergueu as sobrancelhas, mas depois casquinou.

– Claro, Lysandra. Esperarei aqui pacientemente pelo seu regresso.

Ela levantou-se, deu um repelão na saia e passou por Andrew dirigindo-se às portas do terraço. Sem esperar por ele, disparou para o largo pátio empedrado e depois voltou-se à espera dele. Ele fechou a porta e dirigiu-se na sua direção.

– O que é isto?

– Está a vender-me ao seu amigo? – retorquiu ela.

Ele franziu o sobrolho.

– Olha o teu tom, Lysandra, deitas a casa abaixo.

– Isso não é uma maldita resposta, Andrew – disse ela, embora retraindo o tom de voz. Não valia a pena que o outro homem ouvisse tudo o que tinha para dizer. – Trouxe aqui aquele homem para me oferecer, como se fosse uma espécie de... de... alcoviteira? Como Vivien? Não tinha percebido que decidira dedicar-se a esse tipo de atividade nos seus tempos livres.

Andrew retraiu-se, mas não deixou de olhar para ela.

– Lysandra, ambos sabemos que este caso se aproxima rapidamente do fim. Eu simplesmente quero assegurar-me de que cuidam de ti quando o nosso tempo juntos chegar ao fim.

Ela deu um passo em frente, com as mãos a tremer, com os lábios a tremer.

– Porquê?

Ele fitou-a confuso.

– Não percebo.

– Porque sentiu esta súbita necessidade de me impingir a um outro homem?
– perguntou, erguendo de novo o tom da voz, apesar da sua tentativa para o dominar.

Ele abanou a cabeça.

– Não estou a impingir-te. Ambos sabemos que não posso dar-te aquilo de que precisas. – Virou o rosto. – Aquilo que mereces.

Lysandra abriu os lábios, mas manteve-se em silêncio, com medo de falar e revelar mais, muito mais do que devia.

– E preocupo-me contigo e com o teu futuro – prosseguiu Andrew. – Há algum tempo que tenho andado a pensar nisso. Quero ter a certeza de que ficas com um homem que te tratará bem, que cuidará de ti e da tua mãe. Se isso é tudo o que te posso dar, então quero certificar-me de que o farei.

Ela cerrou os punhos ao lado do corpo e tentou não sentir o coração a estilhaçar-se. Impossível. Doía-lhe por todo o corpo. Tinha sido uma amante idiota e apaixonara-se pelo seu protetor temporário. Agora sofria por causa disso tão agudamente como se tivesse sido apunhalada no peito e o sangue da vida se derramasse pelo empedrado do terraço.

– Compreendo – disse ela num tom curiosamente indiferente, tendo em conta o seu elevado estado emocional. – E achou que este homem, Weatherfield, seria o homem indicado para mim.

Ele encolheu os ombros.

– Embora seja considerado um devasso, é também um homem decente. Terá em conta o teu conforto e o teu... o teu prazer.

Lysandra cerrou os olhos com força. Estariam mesmo a ter aquela conversa? Seria verdadeiramente aquele o resultado da sua ligação? Ou não passaria tudo de um pesadelo?

Mas, quando abriu os olhos, continuava de pé no terraço, a olhar para um homem que parecia doente com a ideia que estava a propor. No entanto, não fazia qualquer esforço para não desistir dela.

Ela aquiesceu. Era então aquela a escolha que ele fizera. Muito bem.

– Se calhar devia agradecer-lhe por se dar a todo este trabalho para assegurar o meu conforto e o meu *prazer*. – Suspirou. – Mas acho que, se é este o caminho que estamos agora a tomar, me devo retirar do seu quarto para um que seja só meu, como me ofereceu quando chegámos a Rutholm Park.

Ele contraiu-se.

– E se eu te quiser na minha cama?

Ela fitou-o, com incredulidade e ainda mais humilhação.

– Continuará a possuir-me, mesmo que este outro homem decida querer...
querer namorar-me?

Andrew engoliu em seco.

– Não é inteiramente invulgar.

– Que reconfortante – ironizou Lysandra, numa voz fria como uma manhã de gelo. – Bem, então poderá chamar-me e eu cumprirei os deveres que ainda lhe pertencerem. Estará bem assim?

Ele cruzou os braços.

– Lysandra...

– Vou voltar para dentro – disse ela, voltando-lhe as costas.

– Porquê? – perguntou ele, com voz rachada.

Ela olhou-o por cima do ombro.

– Se me cabe determinar se me quero enfiar na cama deste homem durante meses, se calhar durante anos, tenho de me dedicar à tarefa. Presumo que ele estará aqui durante pouco tempo.

E, com isso, regressou ao escritório e ao homem que a esperava. E deixou para trás aquele que amava, aquele que se recusava a conservá-la.

Capítulo Vinte e Cinco

A ceia parecera uma ideia bastante inócua quando Andrew a sugerira. Mas subestimara a teimosia de Weatherfield quando se tratava do seu interesse por uma amante e a dedicação de Lysandra quando se concentrava numa tarefa era semelhante à do marquês. Agora os dois estavam sentados lado a lado juntos a uma pequena mesa, conversando como se Andrew nem sequer se encontrasse na sala.

– Quatro cavalos? – Lysandra desatou a rir com uma qualquer história pateta que Weatherfield estivera a contar. Andrew não estivera a ouvir, mas duvidava que merecesse tanto entusiasmo.

– Sim e juro que o pobre palafrenero deve ter corrido alguns dez quilómetros nesse dia a tentar apanhá-los. – Weatherfield ria-se.

– Miles – disse Lysandra, limpando os olhos ao guardanapo. – Pobre homem!

Andrew contraiu-se. Ela tratara Weatherfield pelo nome próprio, uma intimidade que significava muito em relação a um homem da sua posição, a quem as pessoas em geral se dirigiam pelo título ou simplesmente por «senhor». Mais do que isso era um privilégio.

Amarrotou o guardanapo na mão e afastou-se da mesa com um chiado da cadeira.

– Acho que talvez seja altura de nos retirarmos para a sala e passarmos às bebidas – sugeriu com um sorriso forçado, que parecia mais uma careta do que outra coisa.

Os outros dois fitaram-no como se se tivessem esquecido que ele estava sequer na sala.

– Acho que já acabámos a nossa refeição há algum tempo – riu-se Weatherfield. – Perdi a noção do tempo graças à minha encantadora companhia.

Lysandra corou como uma miúda de escola e o estômago de Andrew revolveu-se. Felizmente que não comera grande coisa, caso contrário ainda lhe daria alguma volta desagradável.

– Sim, bem... – começou, dando a volta à mesa na direção de Lysandra.

– Posso acompanhá-la? – perguntou Miles, antes de Andrew conseguir chegar ao pé dela.

Andrew abanou a cabeça. Aquilo já ultrapassava os limites.

– Acho que eu a acompanho – retorquiu.

Lysandra fitou-o, com uma expressão de ira e frustração, embora ele não ficasse seguro se tal se devia a ela querer desesperadamente dar o braço a Weatherfield, ou se por ainda estar zangada com Andrew. Viu-se a desejar que fosse pela segunda razão, enquanto estendia o cotovelo na sua direção.

Ela dirigiu a Weatherfield um olhar ligeiramente apologético e depois enfiou a mão na dobra do braço de Andrew e deixou que ele a conduzisse para fora da sala de jantar, com Weatherfield a segui-los a uma distância educada.

– Parece que já não estás tão hesitante acerca da ideia de um novo protetor – comentou Andrew, num tom tenso de emoção.

Ela recusou-se a olhá-lo enquanto entravam na sala.

– Lembre-se de que a ideia foi *sua*, Andrew. E quem sou eu para pôr em causa os meus superiores? Afinal de contas, quando uma amante perde o seu protetor, tem de encontrar outro. É isto que deseja para mim, pois já não me quer. – Encolheu os ombros, afastando-se dele. – Portanto, guarde para si esse tom de censura.

Andrew sentiu a dor na sua voz, quando ela rodou nos calcanhares e atravessou a sala até junto à lareira, onde estava Weatherfield. Ele magoara-a, parecia estar sempre a magoá-la, mas Lysandra era uma mulher de recursos. Estava pronta para tirar o melhor partido das piores situações. Algo que ele admirara até àquele momento, em que o melhor parecia ser voltar todas as suas consideráveis aptidões para Weatherfield. Era evidente que o outro homem estava já bastante encantado por ela.

E isso significava que estaria na cama de Miles, e fora da vida de Andrew, num tempo recorde.

Serviu-se de uma bebida e bebeu metade antes de se afastar do aparador e encontrar Weatherfield e Lysandra ambos a olhar para ele. O amigo aclarou a garganta e disse:

– Miss Keates, está uma linda noite. O que acha de darmos uma volta pelo terraço para apreciarmos o luar?

Lysandra hesitou por um instante, o que fez com que o coração de Andrew inchasse de prazer. Pelo menos, ainda se sentia um pouco dividida em relação àquilo que estava a acontecer. Mas a emoção dissolveu-se no momento em que ela sorriu.

– Sim, acho que seria encantador. – Olhou na direção de Andrew. – Desde que Lorde Callis não se incomode por o abandonarmos por um curto período.

Andrew mordeu o lábio. Podia recusar. Mas isso terminaria efetivamente com o interesse de Weatherfield por Lysandra. Uma vitória de curto prazo para ele, uma derrota de longo prazo para ela. Por muito que lhe doesse, viu-se a concordar.

– S...sim – gaguejou. – Boa ideia, de facto.

Lysandra fitou-o por um instante demasiado longo, mas depois mergulhou o queixo e deu o braço a Weatherfield, desaparecendo para o terraço com outro homem. E desaparecendo também para uma nova vida, em que Andrew já não lhe poderia chamar sua.

* * *

Lysandra mal conseguia respirar quando a porta do terraço se fechou atrás de si, deixando-a a sós com Lorde Weatherfield. Não só estava com um homem que, possivelmente, seria o seu novo protetor, como Andrew a enviara para ali, praticamente a embrulhara como uma prenda para Miles.

Um facto que lhe dava vontade de chorar, embora não o fizesse.

– Oh, sim – disse Miles, conduzindo-a até ao limite do terraço e encostando-se contra a balaustrada. – A nossa lua.

Lysandra olhou para cima e uma parte da sua tensão desvaneceu-se. Estava uma bela noite. Havia uma grande lua cheia no céu derramando um brilho sobre eles que era, sob todos os aspetos, muito romântico.

– Deseja falar sobre a verdadeira razão pela qual aqui estou? – perguntou-

lhe Miles em voz baixa.

Lysandra fitou-o por um breve momento e depois engoliu em seco.

– É isso que acontece a seguir?

Ele assentiu.

– Connosco, deveria ser. É evidente que sabe que Callis me convidou para cá vir pois em breve a menina encontrar-se-á à procura de novo protetor. E talvez seja eu o homem para essa agradabilíssima tarefa.

Lysandra remexeu-se. Miles era muito diferente de Andrew. Andrew era reservado, quase transportado pelo desejo que gostaria de evitar. Mas este homem... era algo de muito diferente. Havia nele uma atitude de pura confiança. E não parecia do tipo de alguma vez pedir desculpa por aquilo que queria ou sentia.

– Tenho de informá-lo – disse ela num fiozinho de voz – que apesar de ter sido... hã... *treinada* nas matérias do desejo, tenho pouca experiência. Não queria que ficasse desapontado depois de ter feito um acordo comigo, ou vir a sentir que eu, ou Andrew, o tentámos enganar, levando-o a aceitar algo que não esperava.

Os olhos de Miles abriram-se e ele aproximou-se dela.

– A Lysandra é uma mulher muito especial.

Ela olhou para ele, recortada no luar. Ele era tão diferente de Andrew. Quase o seu oposto polar quanto ao aspeto: Andrew era loiro e tinha olhos claros e Miles era moreno como uma noite sem lua.

Mas não podia negar que Miles era perversamente bonito. E ela, para seu próprio espanto, sentia-se atraída por ele.

– Ser especial é mau? – sussurrou.

Ele sorriu.

– Oh, não. De modo nenhum.

Aproximou-se ainda mais e inclinou a cabeça enquanto baixava os lábios para os dela. Lysandra susteve a respiração enquanto ele roçava os lábios nos dela e depois lhos percorria suavemente com a língua. Sabia a hortelã e a um ténue odor de uísque. Uma combinação agradável e masculina. Mas não esperara vir a beijar um homem no terraço de Andrew, entre todos os lugares do mundo.

Tinha de admitir, no entanto, que a experiência não era desagradável e depressa o seu corpo tomou o domínio que o seu espírito não conseguia. Deslizou lentamente as mãos pelos antebraços de Miles e segurou-lhos, no

mais próximo de um abraço que poderia naquele momento conseguir. Inclinou a cabeça, concedendo-lhe maior acesso à sua boca, enquanto abria os lábios e espetava a língua ao encontro da dele, numa erótica e lenta dança.

Ele soltou um som de desejo do fundo da garganta e, para sua surpresa, o seu corpo reagiu ainda mais. Sentiu os mamilos enrijarem contra a seda do vestido. O seu sexo ficou molhado e uma ânsia continuada e familiar cresceu-lhe entre as pernas.

Não percebeu se Miles sentiu essa mudança no seu desejo, ou se meramente desejou sentir a sua disponibilidade para o expressar, mas moveu a mão, que estivera pousada sobre a anca dela, lentamente para cima, até lhe rodear um dos seios.

Ela arqueou as costas com o contacto íntimo, mesmo com o espírito pleno de pensamentos sobre Andrew a fazer a mesma coisa, a fazer amor com ela, docemente, violentamente, dando-lhe prazer.

Ela gemeu contra os lábios de Miles e ele passou-lhe o polegar pelo mamilo, enquanto a puxava para si. Quando se separaram, ela fitou-o.

Não havia dúvida de que um homem como aquele lhe daria segurança e prazer. Claramente, o seu corpo reagiria, e tinha reagido, ao seu contacto. Mas, quando olhou para ele, não sentiu nenhum dos complexos sentimentos que Andrew lhe inspirava. Não havia sequer um vislumbre de sentimento que lhe perturbasse a alma. Gostava dele, na medida em que o conhecia, mas era tudo.

E talvez fosse tudo aquilo de que precisava. Para esquecer Andrew. Para remendar o seu coração partido e nunca mais fazer algo tão idiota como amar um homem incapaz de lhe devolver esse sentimento.

– O que pensa? – perguntou Miles.

Ela pestanejou, aclarando o espírito das ideias que a perturbavam.

– Penso?

– Está a olhar para mim com um brilho bastante aprovador nos seus olhos e por isso adivinho que esteja a avaliar o meu beijo, o meu contacto, e estou mais do que curioso acerca das suas conclusões. Sou o tipo de homem que poderia aceitar como amante?

Lysandra engoliu em seco. Aquela franqueza era algo a que ainda não estava acostumada, mas era aquela a vida que escolhera e tinha de se adaptar.

– Penso que é claro que poderíamos... dar-nos bem em aspetos muito importantes. – Ela corou e ele riu-se.

– Oh, sim, isso é mais do que óbvio para mim. – Tornou-se mais sério. – Sei que a sua mãe faz parte da sua vida como amante. Andrew contou-me que ela foi colocada numa casa e eu pagarei pelo seu cuidado e providenciarei também generosamente pelo da menina. Se estiver interessada em abandonar a sua presente posição, é claro.

Lysandra hesitou e depois abanou tristemente a cabeça.

– Acho que essa decisão está completamente fora do meu alcance. E preciso de um protetor, por isso, se estiver disposto a aceitá-lo, penso que faremos uma boa combinação.

Ele inclinou-se para ela e roçou os seus lábios pelos dela uma segunda vez, enviando ondas de desejo pelo seu corpo já a vibrar.

– Fico ansioso por testar essa combinação muito em breve, Lysandra – murmurou contra a boca dela. – Mas penso que, por agora, deveremos regressar à sala. Andrew e eu teremos muito que combinar. Eu volto para Londres amanhã. Quer viajar comigo ou esperar alguns dias até... – Hesitou. – Até terminar os seus afazeres aqui?

Lysandra ficou gelada. No dia seguinte? Tão cedo? Uma parte dela queria permanecer agarrada àquele lugar. Àquilo que partilhara ali com Andrew. Mas, na verdade, isso não seria ainda mais doloroso?

Conteve um suspiro cansado e disse:

– Acho que devia regressar consigo, Miles. Não vale a pena adiar o inevitável.

Ele olhou para ela durante um longo e significativo momento e depois assentiu.

– Então muito bem, Lysandra. Eu tratarei dos preparativos. Agora, vamos para dentro.

Ela deu-lhe o braço, mas, enquanto regressavam à sala, não conseguiu evitar pestanejar por causa das lágrimas que lhe picavam os olhos. Lágrimas que se recusava a derramar. Não poderia suportar a dor que lhe provocariam.

Andrew olhava pela janela, observando o terraço a partir de uma divisão às escuras ao fundo do corredor da sua sala. À luz do luar, podia ver claramente tudo aquilo que Lysandra e Miles faziam. E estava a odiar.

Encontravam-se a conversar muito juntos e depois o momento que receava aconteceu. Miles beijou-a.

Andrew aproximou-se mais da vidraça, de respiração suspensa enquanto via o seu beijo a aprofundar-se e a paixão a intensificar-se. Deu um salto quando compreendeu que aquele momento de voyeurismo não lhe inspirava apenas raiva, mas algo mais. Estava a ficar excitado enquanto observava como aquela mulher, que levara tantas vezes para a cama que lhes perdera a conta, ficava excitada com outro homem.

Mil perguntas passaram-lhe pela cabeça. Estaria molhada de desejo? Quando Miles lhe deslizou a mão para lhe acariciar o seio, o seu gemido teria sido igual àquele que soltava quando ele lhe fazia o mesmo?

Pior de tudo, estaria ela a pensar *nele* enquanto suavemente se envolviam num preliminar para o sexo? Quis ir lá fora ao terraço e tocá-la enquanto Miles a beijava. Imprimir-se fisicamente no seu relacionamento para fazer parte dele para sempre.

Mas, embora ele e Miles já tivessem partilhado mulheres no passado, frequentemente durante noites de grande bebedeira há uma dúzia de anos, achou que não conseguiria fazê-lo agora. Com Lysandra, não. Não com alguém a quem queria tão profundamente.

Agora estavam a falar, com os corpos a tocar-se ainda, as cabeças juntas e o desejo que Andrew sentia reduziu-se a nada. A paixão suportava. Era o corpo de Lysandra. Mas aquela intimidade na forma como falavam era a prova de que iria perdê-la.

Em breve.

Eles viraram-se para a porta e ele apressou-se a voltar à sala onde o tinham deixado, mas a sua cabeça não parava.

O que faria quando Lysandra se fosse embora?

Capítulo Vinte e Seis

Andrew conseguia dominar muitas coisas a nível emocional. Adquirira muita prática a fazê-lo desde a morte da mulher. Mas, quando Lysandra e Weatherfield entraram na sala vindos do terraço, estava perfeitamente consciente de que a sua expressão era tudo menos amigável. Sentia-se zangado e tinha a certeza de que isso transparecia.

Não que Lysandra tivesse sequer notado. Mal lhe dedicou um olhar, enquanto se afastava de Weatherfield, de olhar absorto, e dava um longo e revigorante gole de brande do copo que abandonara.

Weatherfield observava-a tão atentamente como Andrew e com a mesma preocupação no rosto.

– Minha cara – disse o marquês, antes de Andrew poder falar. – Parece cansada e tem razões para isso. Teve uma noite esgotante. Porque não vai para a cama? Não ficaremos ofendidos.

Andrew cerrou os punhos ao lado do corpo. Mas por que raio tinha Weatherfield de mandar a *sua* amante para a cama?

Lysandra não teve a mesma reação. Fitou muito brevemente Andrew e depois concordou.

– Estou cansada. Boa noite aos dois.

Rodou nos calcanhares e abandonou a sala sem voltar a olhar para nenhum deles. Andrew ficou a olhar para ela, usando todo o seu autodomínio para não ficar de boca aberta.

– Tenho de confessar que fico feliz por te ver tão emocional – comentou

Miles, quando ela fechou a porta atrás de si e ficaram a sós. – Mesmo que essa emoção seja raiva contra mim.

Andrew fitou-o de olhos abertos enquanto ele pegava no copo abandonado de Lysandra e tragava a restante bebida. Conseguia ver a marca que os lábios dela lá tinham deixado e colocou a boca no mesmo sítio, como se fosse o beijo de boas-noites que ela não lhe dera.

– Podes ficar a olhar para mim à vontade – afirmou Weatherfield encolhendo os ombros. – Mas é evidente que gostarias, neste preciso momento, de me esmurrares até eu ficar inconsciente. Embora eu não saiba porquê.

– Ai não? – retorquiu Andrew, batendo com o copo em cima da mesa com tanta força que lhe provocou uma racha.

Ambos olharam para o copo partido, mas Andrew prosseguiu.

– Tu levas a *minha* amante para o terraço, ataca-la como se eu não estivesse na sala ao lado e depois manda-la para a cama como se ela já fosse tua? Como devo reagir?

Weatherfield arqueou lentamente uma sobrancelha.

– Não foi por isso que disseste para eu cá vir? Pensei que o tivesses tornado hoje muito claro. Disseste-me, preto no branco, que tinhas acabado com ela e que achavas que nós faríamos uma boa combinação. Obviamente que tenho de pôr à prova essa ideia antes de a aceitar simplesmente como amante. Temos de sentir atração. Temos de ter mais algum tipo de ligação para além da atração.

Andrew franziu os lábios. Era verdade. Só que isso não interessava quando se estava a falar de Lysandra.

– Podias ter sido mais discreto – resmungou.

Weatherfield riu-se.

– Um fraco argumento, na verdade. Preferias que eu me tivesse enfiado no quarto dela hoje à noite? Podia fazê-lo. Ouvi ela dizer-te que a tinhas mandado embora do teu.

Andrew comprimiu os olhos para evitar ver apenas uma raiva possessiva e vermelha. Gostava de Miles. Ou tinha gostado, há muito tempo. E chamara-o ali para que ele fizesse exatamente o que estava a fazer. Mas, naquele momento, só conseguia pensar em todos os lugares da sua propriedade onde o poderia enterrar.

Esfregou os olhos para aclarar as ideias.

– Conheces-me – disse suavemente Weatherfield. – Nunca perseguiria uma mulher em quem tu estivesses verdadeiramente interessado. Portanto, a questão é a seguinte: quere-la ou não?

Andrew fitou o amigo.

– Sim. *Não*.

Miles sentou-se e tirou um charuto do seu bolso da frente.

– Muito bem, meu amigo. – Encolheu os ombros. – Ouve, enterraste-te para aqui durante anos. Penso que não queiras enterrá-la a ela também. Pediste-me que me oferecesse como seu protetor e eu fi-lo. Tomarei conta dela e da sua família... se me disseres que é isso que queres. Mas decide-te. Parto amanhã para Londres e vou levá-la comigo.

Andrew encolheu-se. No dia seguinte. Por amor de Deus, não pensara que o fim surgisse tão cedo. Que seria forçado a desistir dela daí a algumas horas.

– Está na hora de regressar à propriedade do meu irmão. Gostei de te ver. Amanhã depois de almoço diz-me qual é a tua decisão. – O amigo pôs-se de pé e dirigiu-se à porta, detendo-se apenas para uma pequena palmada no seu ombro. – De uma ou de outra forma, tens de arranjar uma maneira de deixares esta mulher ir-se embora. *Se* é realmente o que queres.

Andrew resmungou uma coisa qualquer, talvez adeus, embora já não tivesse ouvido a sua própria voz, e Miles desapareceu pela porta. Andrew ficou a olhar para a lareira. Deixá-la partir. Sim, era isso que tinha de fazer. Mas ela era dele ainda uma noite.

E tencionava desfrutar desse facto.

Lysandra sentou-se em frente ao penteador do seu quarto. Não no quarto de Andrew, onde passara toda a estadia ali na sua propriedade. No quarto *dela*, onde a criada a conduzira quando a chamara.

Era muito bonito. E muito solitário. Mas era como tinha de ser. O que Andrew muito claramente quisera.

Ergueu-se e começou a andar pelo quarto. Sentia-se exausta, mas o seu espírito estava cheio de imagens de Andrew. De imagens de Miles. De imagens de um futuro nebuloso que ela se permitira esperar que incluísse o primeiro homem, mas que agora se centrava no segundo.

Era engraçado que, se tivesse começado com Miles, não recearia uma nova

vida com ele. Mas, como começara com Andrew, como amava Andrew, anos de paixão com outro homem era uma coisa que parecia... *errada*. E, no entanto, era precisamente isso que Andrew queria que ela fizesse.

– Impossível – balbuciou, passando uma mão pelos olhos cansados.

A porta atrás de si abriu-se e ela virou-se, à espera de ver a sua criada, que tivesse voltado por qualquer razão. Mas não era a criada que estava à porta. Era Andrew, de camisa meio aberta, de respiração pesada e de olhos arregalados, agarrando ambos os lados da porta e fitando-a com ardor e raiva.

Ela recuou e engoliu com força, não porque o receasse, mas porque a sua visão fazia com que o amasse e quisesse ainda mais.

– Andrew? – disse, faltando-lhe a voz.

Ele entrou e bateu com a porta atrás de si.

– Fico contente por ver que ainda te lembras do meu nome – disse ele num tom pesado.

Ela recusou-se a vacilar.

– Foi isto que quis, que exigiu – recordou-lhe em voz baixa. – Para sobreviver, tenho de fazer isto. Não confunda a minha aceitação com prazer.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Pareceu existir bastante prazer quando estavas a beijá-lo no meu terraço... deixando que te acariciasse.

Ela estreitou os olhos, mesmo que o coração lhe pulasse no peito.

– Estava a observar-nos?

Ele remexeu-se, mas depois assentiu.

– E porque não? Esta casa é minha e tu és a minha amante.

Ela hesitou. A raiva dele provava que não estava mais satisfeito com aquilo do que ela, mas continuava a estar pronto a deixá-la partir, embora tivesse todo o poder para a manter consigo.

– Não. – Cruzou os braços. – Acho que nunca fui. Desde o primeiro momento em que me tocou, estava a preparar-se para me mandar embora. Nunca pensou em ficar comigo a não ser durante um breve caso, que sempre me disse ser apenas um «treino». Nunca fui sua, Andrew. Por isso não tem o direito de estar zangado por eu ser agora de outro.

Ele ficou a olhá-la. Apenas a olhar. Quase como se ela tivesse falado numa obscura língua estrangeira, ou se tivesse dançado no meio do quarto como uma selvagem.

– Nunca foste minha – repetiu em voz baixa e perigosa.

Ela abanou a cabeça.

– Não.

Atravessou o quarto todo, mesmo antes de ela conseguir respirar de novo. Agarrou-lhe ambos os braços e içou-a contra o peito.

– Certamente que parecia que eras minha quando eu fazia isto.

Deixou cair a boca sobre a dela num beijo castigador e apaixonado. Ela devia ter-se afastado. Afinal de contas, fizera uma combinação com Miles ainda há menos de uma hora. Mas não o fez. O contacto de Andrew, o beijo de Andrew, a ideia de ele a poder amar uma última vez antes de o perder, era demasiado inebriante. Ergueu-se para mais próximo dele, lançando-lhe os braços em volta do pescoço, espetando a língua contra a dele numa violenta dança de desejo.

Ele empurrou-a para trás até as suas costas baterem na alta borda da cama. A sua camisa de dormir ficou desfeita sob os seus dedos e ela ficou nua num instante, com o tecido a esvoaçar em torno dos seus pés, enquanto ele desapertava as calças. O seu membro rijo libertou-se e ele ergueu-a, enlaçou-lhe as pernas em torno do seu tronco enquanto penetrava profundamente o seu canal.

Gritaram em uníssonos, mas ele não lhe deu tempo para se acomodar. Investiu em frente, atirando-a contra a cama, cravando-lhe os dedos nas ancas para a manter quieta enquanto a possuía, possuía, possuía. Ela retorceu-se contra ele, procurando o prazer, roçando o clítoris na sua pélvis, até o zunido elétrico do prazer explodir. Deitou a cabeça para trás enquanto gritava o nome dele no silêncio do seu quarto.

Ele rosnou na sua própria descarga, derramando a sua semente profundamente dentro dela.

Deixaram-se cair para trás ao mesmo tempo sobre a cama, a cabeça dele contra os seus seios nus, o seu membro ainda dentro da sua pulsante bainha. Não houve nada senão silêncio em redor deles durante um longo momento. Suficientemente longo para Lysandra começar a pensar se ele não teria adormecido naquela estranha posição, metade em cima dela e metade em cima da cama.

– Amanhã, Weatherfield vem cá buscar-te – disse Andrew suavemente.

Ela pestanejou quando as lágrimas lhe picaram os olhos.

– Sim – murmurou. – Eu sei. Falámos sobre isso.

Ele ergueu a cabeça.

– Falaram?

Ela assentiu e preparou-se para novo ataque de raiva. Em vez disso, ele pegou-lhe suavemente no rosto.

– Volta para o meu quarto. Por favor. Vamos passar esta última noite juntos, no meu quarto.

Ela hesitou. Como seria adorável. Mas, se ela fosse para a cama dele, se passasse a noite nos seus braços... Como poderia partir?

Abanou a cabeça.

– Não. Provavelmente, não devíamos ter ido tão longe como já fomos. Se eu voltar para a sua cama... – Não conseguiu continuar. O que iria dizer? Que o amava? Não valia a pena. – Bem, amanhã seria muito mais difícil. Vamos apenas desejar as boas-noites um ao outro.

Ele fitou-a e ela percebeu que ele queria discutir. Exigir. Em vez disso, aquiesceu lentamente.

– Se é disso que precisas, farei o meu melhor para to dar.

– Andrew, tem de saber – sussurrou – que sempre me deu aquilo de que eu precisava. Não me esqueci disso. Nunca o esquecerei.

Ele olhou-a à luz da lareira, abriu a boca como se fosse dizer algo e depois abanou a cabeça. Inclinou-se para a beijar mais uma vez e depois abandonou o quarto. Abandonou-a.

E ela soube que tinha acabado. Por isso, aninhou-se na sua cama solitária e, finalmente, deixou que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto.

Londres não mudara. Lysandra sabia que isso era verdade. Mas a sensação era diferente. Para dizer a verdade, sabia exatamente porquê. *Ela* estava diferente. Nunca voltaria a ser a mulher que fora antes de ir ter com Vivien. Antes de conhecer Andrew e de se apaixonar por ele. Sentiu-o agudamente quando visitou a mãe, quando ela a olhou com preocupação. Quando supervisionou a remoção de todas as suas coisas da casa que Andrew lhe providenciara e quando quase soluçou quando se despediu dos criados que lá conhecera.

Sentia-o agora enquanto estava de pé na sala de uma nova casa, tão bonita como a que lhe fora dada por Andrew, à espera de Miles, dentro em breve seu novo amante e protetor. Engoliu com a garganta subitamente entupida e foi

olhar lá para fora, para os jardins lá em baixo.

– Tu consegues fazer isto, Lysandra – sussurrou, para conseguir começar a acreditar nisso. – Tens de conseguir e, portanto, conseguirás.

Atrás dela, a porta abriu-se e ela voltou-se, vendo Miles a entrar pela sala. Ele sorriu-lhe, absolutamente encantador, no seu vestuário formal perfeitamente confeccionado. Mas, no seu coração, apenas houve o mais ínfimo vislumbre de apreço. Em vez disso, a ansiedade invadiu-a, sussurrando – é agora, é agora –, uma e outra vez, até ficar com medo de enlouquecer.

– Então, está instalada – disse Miles, enquanto olhava em seu redor, com uma expressão agradada.

– Sim – esganiçou-se ela e depois aclarou a voz. – Sim. Obrigada por toda a sua ajuda com a mudança. Correu tão suavemente como seria de esperar.

– Excelente – retorquiu Miles, embora não parecesse realmente interessado no assunto. Era mais conversa de ocasião do que um verdadeiro interesse em saber se a sua mudança fora ou não fora agradável.

– A casa é encantadora – referiu ela, à procura de alguma coisa que preenchesse o silêncio embaraçoso entre eles e que talvez adiasse o inevitável.

– Sim, parece que sim. Foi o meu solicitador que sugeriu o bairro. – Olhou para ela, examinando-lhe o rosto durante uma infinidade de tempo. Depois, esticou uma mão na sua direção.

Ela hesitou antes de atravessar a sala e lha aceitar. Olhou para ele, sabendo o que ia acontecer, sabendo que o seu traidor corpo iria provavelmente gostar. Sabendo que o coração se lhe iria partir durante cada um desses momentos.

Ele baixou os lábios para os dela e beijou-a. Foi gentil, pressionando enquanto afastava os lábios e lhe saboreava a boca durante aquilo que lhe pareceu uma eternidade. Ela descontraíu-se, sobretudo porque o prazer não era algo que conseguisse facilmente dominar e ergueu uma mão contra o peito dele, deixando-a lá fechada.

Ele recuou, baixando o olhar para ela. E então surpreendeu-a absolutamente, dando um passo atrás e libertando-lhe a mão.

– Lysandra, não vai haver nenhum caso entre nós – disse ele suavemente.

A respiração dela pareceu deter-se totalmente ao mesmo tempo que arregalava os olhos até ter a certeza de se ficar a parecer com alguma espécie

de horroroso inseto a olhar para ele.

– O quê? – soltou, quando conseguiu encontrar ar suficiente para falar.

Ele inclinou a cabeça e sorriu, gentil e indulgente, como se ela fosse uma criança a quem tivesse de explicar uma coisa complicada.

– A menina e eu nunca poderemos partilhar uma ligação. – Encolheu os ombros. – Acho que o compreendi na noite em que nos beijámos, mas esta noite... Bem, selou essa suspeita.

Lysandra correu para ele, tomando-lhe a mão que segurava a dela há um instante.

– Não, por favor, Miles. O que posso fazer para que mude de ideias? O que fiz eu para já lhe ter desagradado?

Ele levou-lhe a mão aos lábios e conservou-lha junto ao coração.

– Minha querida menina, não fez nada de errado. Mas fez alguma coisa. Ama outra pessoa. Ama um homem a quem chamei outrora o meu melhor amigo.

Ela arrancou-lhe a mão da sua e tropeçou um passo para longe dele.

– N...não – mentiu, percebendo que não havia convicção nem no tom, nem na palavra. – Não seja ridículo. Claro que não amo Andrew. Ele foi meu protetor, é tudo, e por tão pouco tempo que não teve... não teve significado.

– Fica tão bonita quando mente – riu-se ele. – Mas não é particularmente boa a mentir. A sua franqueza transparece-lhe por todo o rosto.

Lysandra cerrou a boca.

– Maldição – resmungou.

– Há quanto tempo o ama? – perguntou ele.

Ela fitou-o. Não lhe parecia bem falar com aquele homem acerca de Andrew, mas para que outra pessoa se poderia virar? Quem mais conhecia os factos que tinham sido partilhados entre eles?

– Há algum tempo – confessou. – Mas é uma loucura, como decerto sabe. Ele não me ama.

Para sua surpresa, Miles encolheu um ombro, quase como se discordasse da afirmação, mas não disse nada.

– Mesmo que me *quisesse* a determinado nível, tornou claro que não tem interesse em continuar comigo. Foi evidente quando quase o arrastou até sua casa e praticamente me enfiou dentro da sua carruagem.

Miles franziu o sobrolho.

– Sim, pode parecer que foi assim, mas posso garantir-lhe que Callis não

teve qualquer prazer nesse momento. Pensei que me fosse matar nessa noite, quando nos beijámos no seu terraço.

Lysandra corou ao pensar no que acontecera depois de Miles se ter ido embora. Aquela posse irada que se verificara da última vez que ela e Andrew se tinham tocado. Que seria a última em que se tocariam.

– Ele gosta de si – assegurou Miles suavemente.

– Mas não o suficiente – retorquiu ela, abanando a cabeça. – E eu continuo a precisar de um protetor.

Ele tocou-lhe o queixo e ergueu-lho, de modo a que ela fosse obrigada a fitá-lo.

– Talvez isso seja verdade, mas não posso ser eu. Poderei ser muitas coisas, mas não sou tão frio que faça isso a alguém amigo.

– Mesmo que ele lho tenha pedido? – insistiu ela, esperando encontrar algo que o fizesse mudar de ideias.

Ele sorriu

– Referia-me *a si*. A si, minha amiga.

Ela não pôde evitar retribuir-lhe o sorriso e fez-lhe uma festa na face, antes de se voltar com um suspiro.

– Acho que vou ter de encontrar outro sítio para ficar – brincou Lysandra.

Pelo menos agora tinha algumas bugigangas para vender e Andrew pagara a renda da casa da mãe com seis meses de avanço. Teria bastante tempo para encontrar outro homem e talvez Vivien a ajudasse.

– Não – disse Miles, interrompendo a sua linha de pensamento. – Ficará aqui, tal como combinámos, até arranjar outro homem e se mudar. E, se for difícil, prometo-lhe que hei de contar a histórias às pessoas certas acerca de como esgota um homem. Dito por mim, vai ter dezenas de pretendentes a bater-lhe à porta, pedindo-lhe que vá com eles. Vai haver uma guerra de ofertas até ter decidido.

Ela riu-se, embora a ideia de ser vendida pela oferta mais alta não lhe desse prazer.

– Mas isso não é justo para si – insistiu, depois de o momento ter passado.

– *Huum* – troçou ele. – Bem, diria que há muita coisa que não é justa *para si* nesta situação. Deixe que eu fique com uma parte, está bem?

Ela hesitou e depois concordou.

– Muito bem, se insiste em que não será uma inconveniência.

– Insisto. – Inclinou-se para beijá-la mais uma vez. Foi nos lábios, mas já

não insistiu para que ela os separasse, nem se demorou a saboreá-la. – E lamento que esteja magoada.

Ela encolheu os ombros e recuou.

– Não me posso dar ao luxo de me magoar. – Sorriu-lhe.

– Sabe, minha querida, o meu único remorso é pensar que nos teríamos dado muito bem juntos – disse ele, enquanto lhe oferecia um braço para a conduzir à ceia que os criados tinham preparado.

Ela sorriu.

– Sim. Acho que tem razão. Podíamos ter ficado muito bem juntos.

Capítulo Vinte e Sete

Andrew passara os últimos anos escondido no campo. Sempre se sentira lá confortável, enterrando-se no sítio onde ganhara e perdera tanto. Odiando-se a si próprio em paz. Mas agora, com a partida de uma mulher que nunca sequer lá deveria ter estado, tudo era diferente.

Rutholm Park parecia cavernoso, vazio e já lá não conseguia encontrar conforto. E tanto era assim que, menos de uma semana após a partida de Lysandra na carruagem de Weatherfield, seguira na sua, de regresso a Londres e a uma vida que esperava lá poder encontrar.

Uma vida sem ela.

Iria tentar não pensar que ela estava agora confortavelmente instalada na casa que Weatherfield lhe arranjava. Na vida *dele*. Na cama *dele*.

Fora por isso que se viera embora, afinal de contas. Para esquecer. Fora convidado para casa do seu irmão para conhecer por fim a sua noiva, mas o seu mau humor não lhe permitira participar completamente na pequena festa de apenas alguns amigos. Mantinha-se de pé enquanto o irmão conversava com os amigos e Adela esvoaçava de grupo em grupo, com um sorriso e uma palavra simpática para todos.

Parecia que tudo estava a acontecer em câmara lenta ou como se estivesse a observar a cena através de um vidro. Pois tudo em que conseguia pensar era em Lysandra.

Andrew reprimiu um resmungo irado e bebericou de novo do copo.

– Sente-se bem?

Levantou o olhar e encontrou Adela a atravessar a sala na sua direção com uma expressão preocupada no bonito rosto.

– Sim, Lady Adela – exagerou. – Claro.

Ela franziu o sobrolho, parando à sua frente e afastando uma madeixa de caracóis loiros para trás da orelha.

– É porque está com um ar muito... sério. Não tivemos grandes hipóteses de falar esta noite, espero que esse facto não signifique que desaprova a escolha do seu irmão.

Andrew retraiu-se, em parte devido à ousadia de Adela em abordar tão diretamente o assunto, em parte horrorizado por a sua atitude poder ser interpretada desse modo.

– Oh, não, milady – insistiu. – Garanto que a minha disposição não é causada de forma alguma por qualquer reação negativa.

Ela sorriu com um indício de alívio, mas ele percebeu-lhe as reticências nos olhos. Não queria isso. O irmão iria casar com aquela mulher e ele era uma das poucas pessoas das quais sabia que podia depender em qualquer situação. Se Adela não gostasse dele, ou receasse que ele não gostasse dela, isso poderia afetar e mudar a sua relação com Sam... e não de uma forma positiva.

Afastou os pensamentos de Lysandra para o fundo do seu espírito o mais que pôde e voltou a concentrar-se na senhora à sua frente.

– Tenho estado a observá-la ao longo da noite – disse. – Mesmo apesar de ter estado demasiado absorvido nos meus pequenos problemas para lhe falar mais extensamente. Na realidade, aprovo e muito a escolha que o meu irmão fez da sua noiva. É obviamente uma ótima senhora e um par perfeito.

Ela sorriu, embora não fosse um sorriso inteiramente feliz.

– E há o facto de o amar – acrescentou gentilmente.

Andrew fitou-a de novo atentamente. Era uma pessoa direta. Percebeu que gostava disso. Sob muitos aspetos, essa qualidade recordava-lhe Lysandra.

– Sim – disse Andrew suavemente. – O que poderá bem ser a mais importante e a mais ignorada das qualidades que a recomendam.

Ela agitou-se.

– Perdeu a sua mulher e foi um casamento de amor, não foi?

Andrew cerrou os punhos. Apenas há algumas semanas, aquela pergunta teria acabado com a conversa. Mas, entretanto, as coisas tinham mudado para ele. Aquiesceu lentamente, forçando-se a ficar.

– Sim – disse num murmúrio.

– Então sabe como o amor é uma coisa rara e preciosa – disse Adela, com um longo olhar na direção do irmão. Não havia nada a não ser absoluta devoção no seu rosto. Um verdadeiro amor que, nesse momento, Andrew invejou. Adela podia amar Sam, casar livremente com ele.

– Isso eu sei – disse ele. – Estime cada momento.

– É o que pretendo fazer – retorquiu Adela corando brevemente e olhando de novo para ele. – Sempre fui de opinião que se alguém tiver a sorte de encontrar algo tão raro como o amor, em especial na nossa classe, em que os casamentos por dinheiro ou posição são tão valorizados, nos devemos agarrar a ele a todo o custo.

Andrew retraiu-se. Ele encontrara o amor não uma, mas duas vezes. Um deles perdera-o. Na semana passada, tinha deitado o outro fora como se fosse lixo. E agora as palavras dela apunhalaram-lhe o coração e fizeram com que se odiasse a si mesmo de uma forma muito diferente.

– Sim – disse lentamente. – Mas e o amor que é considerado inadequado?

Ela sorriu e ficou com o rosto iluminado. Andrew percebeu a razão pela qual o irmão estava tão enamorado.

– Como é que o amor pode ser errado ou inadequado? – perguntou ela.

Ele não pôde deixar de sorrir também. Aquela mulher era inteligente e bela, mas talvez um pouco ingênua.

– Então, minha cara, há de compreender que poderá ser. Digamos que eu decidia... casar amanhã com uma pessoa absolutamente inapropriada. Uma mulher sem posição. Talvez uma mulher com uma má reputação, devida a... circunstâncias para além do seu controlo. Poderia dizer verdadeiramente que não teria de reconsiderar o seu casamento com o meu irmão, uma vez que o meu escândalo vos afetaria e à vossa reputação?

Ele pestanejou. Acabara de descrever um casamento com Lysandra, pelo menos à superfície, embora não tivesse acrescentado que a mulher em questão era bela e divertida, gentil e doce, perfeita sob todos os aspetos, segundo ele e para ele. E não tinha mencionado que a amava com cada partícula da sua alma.

Adela ficou a olhar para ele como se lhe tivesse nascido uma segunda cabeça e o coração de Andrew afundou-se. Apesar de todas as suas magníficas noções acerca do amor, claro que desejaria evitar um escândalo causado por ele.

– Nem sequer compreendo a pergunta – concluiu por fim. – Por que razão haveria de abandonar o amor da minha vida apenas por o *senhor* ter casado com uma mulher?

– O escândalo – repetiu Andrew. – Não seria incontrolável nas circunstâncias que descrevi?

Adela beliscou os lábios, refletindo na pergunta que ele lhe fizera.

– Antes de responder a isso, preciso de mais informações.

– Muito bem.

– Em primeiro lugar, diz que a mulher neste cenário não tem posição, mas que a sua baixa reputação resulta de circunstâncias para além do seu controlo.

– Franziu o sobrolho. – Ela é uma boa mulher?

– Muito – disse ele, com a voz a baixar de tom. – A melhor.

Adela fitou-o durante um longo momento e depois aquiesceu lentamente.

– Compreendo. E tem inteligência e espírito?

Ele assentiu.

– Sim.

– Suponho que a questão mais importante é a seguinte. Ama-a?

– Amo – respondeu, antes de compreender que já não estavam a falar hipoteticamente.

Olharam um para o outro durante um longo momento. Os olhos castanhos de Adela suavizaram-se com compreensão, enquanto dizia:

– Então, dir-lhe-ia que provocasse o escândalo. Parece que essa mulher poderá ser uma boa amiga. Alguém que passou por desgostos e mantém o espírito e o encanto é muito mais interessante do que alguém que foi mantido num pedestal durante toda a vida. – Adela tocou-lhe levemente o braço. – Se a ama, não pense na reputação nem na posição social, nem em nada mais a não ser o seu coração, Andrew. Se o seguir, raramente o enviará na direção errada.

Andrew olhou para aquela mulher. Fora protegida toda a sua vida, amparada por um pai que era duque, criada segundo os princípios da Sociedade e, contudo, era muito mais do que isso. Estava a dar-lhe uma lição e a oferecer-lhe uma estranha autorização para amar Lysandra.

Abanou a cabeça.

– Bem, se ela existisse, suponho que nessa altura teria de seguir o seu conselho.

Adela ficou calada durante um longo momento e Andrew deu um salto

quando percebeu que ela *sabia* acerca de Lysandra. Sam devia ter-lhe contado tudo sobre aquela noite na ópera, antes de ele a levar para o campo e ter dado cabo de tudo. Adela sabia exatamente aquilo que Lysandra era e, mesmo assim, estava a dizer-lhe que seguisse o seu coração.

Ela sorriu.

– Bem, se estamos apenas a ter uma conversa em geral sobre o assunto, então fica a saber a minha posição. E fico à espera ansiosamente dessas conversas ao longo dos nossos anos como família. Estou a ver que os dois teremos regularmente discussões espirituosas. Terei de atualizar as minhas opiniões políticas e sociais, antes de iniciarmos a próxima.

Andrew sorriu quando ela lhe apertou a mão e em seguida o irmão chegou e o tópico misericordiosamente mudou. Mas, mesmo tentando empenhar-se mais totalmente na festa, não conseguia evitar que os seus pensamentos regressassem constantemente a Lysandra. Até ter abordado o tópico com Adela, não compreendera totalmente que não queria Lysandra como amante. Queria-a como mulher.

Mas perdera-a... na verdade, dera-a. Não fazia ideia se poderia recuperá-la, especialmente agora que ela tinha uma ligação com outro homem. Porém, tinha de tentar. No entanto, se o ia fazer, tinha de chegar a ela na sua melhor forma. Com todas as razões para ela o recusar já resolvidas. E com o seu coração numa bandeja, da forma como evitara durante três longos anos.

Em resumo, tinha algum trabalho pela frente.

Lysandra percorria as páginas do exemplar do *Debrett's* que Vivien lhe levava no dia anterior. Depois de uma longa explicação acerca do que acontecera tanto com Andrew como com Miles, durante a qual tinha a certeza de que a cortesã se apercebera de que ela se apaixonara por Andrew, Vivien concordara em arranjar-lhe um novo par. O exemplar do *Debrett's* era para que Lysandra conhecesse os homens que viriam a uma festa nessa mesma noite, homens que poderiam ser os indicados para ela. Vivien tivera mesmo a gentileza de assinalar os principais candidatos com um círculo e de escrever notas à margem, como uma espécie de guia.

A cabeça de Lysandra andava-lhe à volta e o estômago revolvía-se-lhe enquanto lia acerca de cada um dos cavalheiros e tentava imaginar-se a entregar-se a um deles. Um qualquer homem sem rosto e com um título

encarregar-se-ia dela como um fardo em troca de... Bem, ela sabia exatamente em troca de quê.

Estremeceu, fechando o livro, e começou a andar em direção à lareira. A sua proximidade não contribuiu em nada para a aquecer e estava prestes a regressar à sua desagradável leitura quando a porta da sua sala se abriu.

Ela virou-se vendo um homem à entrada, que ela conhecia, e o seu novo mordomo, Adams, de pé a seu lado.

– Desculpe, menina – disse debilmente o serviçal. – Foi insistente.

O estranho voltou-se e fitou o mordomo de olhos abertos.

– Sai daqui.

Lysandra ficou gelada e cheia de medo. Não por um estranho qualquer lhe ter entrado pela casa dentro, ter mandado embora o mordomo e não saber que planos teria para ela... mas porque, assim que falou, soube que não era nenhum estranho.

Adams apressou-se para fora da sala e o homem fechou a porta e voltou-se, fitando-a. Ela endireitou as costas.

– Deve ser o conde de Sutherland.

Ele arqueou o sobrolho, surpreendido.

– E como sabe isso, miúda?

Ela encolheu os ombros.

– Parece-se com o seu filho. E também tem uma voz parecida com a de Andrew.

Na verdade, eram mais do que parecenças. O homem mais velho tinha o mesmo cabelo loiro e a mesma força no tom. E, claro, ela vira o seu retrato na galeria de Andrew.

Ele assentiu uma vez com a cabeça.

– Tem razão, Miss Keates, sou o pai de *Lorde Callis*. Venho da casa que ele lhe comprou em Bikenbottom Court e fiquei surpreendido por saber que a tinha deixado. Mas suponho que uma mulher da sua espécie não terá problemas em se mudar para a casa do amigo do seu antigo protetor.

Lysandra franziu os lábios.

– Compreendo; e que espécie é essa, senhor?

Os olhos dele arregalaram-se com a pergunta e talvez com a calma com que ela a formulara, o que a fez ficar mais satisfeita do que deveria.

– Uma prostituta, Miss Keates.

Ela fechou os olhos por um instante e depois abriu-os para o fitar de frente.

– Se é isso que sou, e já não estou ligada ao seu filho, porque veio aqui?

– Porque desde que Andrew regressou a Londres tem andado por aí a lamuriar-se, aparentemente por sua causa. Fui a sua casa para lhe pagar para que o deixasse em paz. E, quando percebi que deixara o seu... *emprego*, vim aqui para lhe dizer para se manter afastada.

Lysandra pestanejou. Andrew regressara a Londres? Mesmo apesar de detestar a cidade e de já ter cumprido o dever trimestral para com o seu pai? Estava tão perto e, contudo, tão distante...

Ela abanou a cabeça. Não valia a pena exagerar muito aquilo, a ideia de que andava na verdade a lamuriar-se por sua causa. O pai tinha de estar errado a esse respeito.

– Lorde Sutherland – disse ela suave, mas sucintamente. – Não faço ideia daquilo que ouviu dizer a meu respeito, mas deixe que lhe diga, para minha própria edificação, que não sou uma prostituta. Sou uma mulher cujas circunstâncias a colocaram numa posição em que nunca pensou vir a encontrar-se. Sou filha, amiga e mulher, semelhante às que encontra na sua vida. Nasci simplesmente do lado errado da cidade para poder pertencer ao lado onde vive.

Lorde Sutherland pestanejou, mas ela parecia tê-lo remetido ao silêncio, pois não tentou interrompê-la. Lysandra prosseguiu o mais depressa que pôde, para evitar que isso acontecesse.

– Quanto ao seu filho, não o deixei. Ele já não me queria. Por isso, a ideia de andar a lamuriar-se por minha causa é ridícula. Não tenho qualquer intenção de persegui-lo. Já fiquei uma vez de coração destroçado e não sou parva ao ponto de pô-lo à disposição para que seja destroçado de novo.

O idoso homem franziu o sobrolho.

– Compreendo.

– Sim. E, agora, detesto ser rude, mas visto que também já o foi, terei de lhe pedir que se retire. Nada terá a rezear a meu respeito em relação a Andrew... a Lorde Callis, garanto-lhe.

Indicou-lhe a porta e contraiu-se enquanto esperava que Lorde Sutherland prosseguisse a discussão. Que lhe ralhasse por ela se ter atrevido a erguer-se ao seu nível e a tentar correr com ele. Em vez disso, ele fitou-a durante um longo momento e depois fez uma breve vénia.

– Peço desculpa, Miss Keates. Pensei ter compreendido a situação, mas acho que agora a vejo com muito maior clareza. Não precisa de se preocupar

por eu poder tornar a ensombrar-lhe a porta. Tenha um bom dia.

Virou-se e saiu da sala sem mais uma palavra. Lysandra deixou-se cair sobre a cadeira mais próxima, assim que ele desapareceu. Mas que diabo acabara de acontecer?

Na verdade, conseguia adivinhar. Ele fora ali a pensar que tinha de proteger o filho contra ela e compreendera que não havia nada para proteger. E a ideia ainda lhe despedaçou mais o coração.

Fungou para impedir as lágrimas e abanou a cabeça.

– Não – disse em voz alta. – Já chorei mais do que o suficiente. Esta noite, vou à festa de Vivien e *arranjo* um novo protetor. Poderei não ser capaz de dominar nada mais nesta situação, mas posso dominar o meu esforço para garantir um futuro para mim e para a minha mãe. – Suspirou enquanto brincava com a bainha da saia. – Sem Andrew.

Capítulo Vinte e Oito

Andrew balançava-se para trás e para a frente enquanto esperava pela chegada do seu anfitrião e ficou admirado por perceber que se estava a comportar exatamente como vira durante anos os pugilistas fazer em campo. Preparava-se para a batalha.

E era precisamente isso. A primeira escaramuça numa guerra por Lysandra. Em que tencionava ganhar ou talvez perder tudo a tentar.

A porta abriu-se e ele voltou-se para fitar um homem que conhecera praticamente durante toda a sua vida. O conde Culpepper era um homem alto, intimidante no seu vestuário elegantemente talhado e com um ar de dominada sofisticação.

Mas Andrew já não via isso quando olhava para aquele homem. Já não via uma figura que respeitava. Via apenas uma pessoa que magoara Lysandra. Que a humilhara. Que fizera missão sua destruí-la, apenas porque podia fazê-lo. Apenas porque ela se atrevera a erguer o queixo e a dizer que não a uma oferta que a maioria das mulheres não recusaria.

Em resumo, Andrew desprezava aquele homem até ao seu próprio íntimo.

– Callis – disse Culpepper com um sorriso fino. – Que prazer em vê-lo. Pensei que tivesse regressado ao campo depois da sua visita trimestral.

– E regressei – confirmou Andrew, dominando cuidadosamente o seu tom o melhor que podia. – Mas acho que sabia isso e não «pensava» apenas, considerando a companhia que levei comigo.

O sorriso de Culpepper vacilou por um instante e os seus olhos ficaram

escuros com um vislumbre de raiva.

– Ah. Então veio aqui não numa visita amigável, mas com algo mais específico em mente.

– Sim.

Culpepper sentou-se numa das cadeiras e fez sinal a Andrew para ocupar a outra. Ele ignorou o convite e manteve-se de pé.

– Confesso que ouvi dizer que iniciou uma ligação qualquer com uma antiga criada minha. Fiquei horrorizado ao pensar que essa meretriz se aproveitara de si. Mas agora ouvi também dizer que ela já não está a viver na casa que lhe arranhou. Portanto, acho que conseguiu evitar aborrecimentos.

Andrew rilhou os dentes.

– Cale essa boca suja.

Culpepper encolheu-se e Andrew conteve um feio sorriso. Muito bem, agora já estava a dar-lhe atenção.

– Desculpe? – disse Culpepper, pondo-se de pé.

– Sente-se – ordenou Andrew, aproximando-se dele. – Será melhor para si.

Culpepper hesitou e Andrew percebeu que estava a avaliar os méritos da sua «sugestão». Mas, afinal de contas, Andrew era mais novo e mais forte e Culpepper sentou-se e cruzou os braços, numa raiva petulante.

– Explique-se – retorquiu Culpepper.

Andrew inclinou-se para mais perto.

– Eu sei o que andou a dizer sobre Lysandra. As mentiras que andou a espalhar.

Culpepper encolheu os ombros.

– Não são mentiras. Aquela sirigaita seduziu-me e depois exigiu uma exorbitante soma de dinheiro para não ir contar patranhas à minha mulher e a toda a gente da Sociedade que quisesse dar-lhe ouvidos.

Andrew mal pôde dominar a sua raiva.

– Ah, pois, só que eu sei que está a mentir. Não só por conhecer Lysandra, mas porque, quando chegou até mim, ainda era virgem.

Culpepper hesitou e Andrew quase se riu. O bastardo mal podia imaginar que uma mulher tão abaixo de si pudesse ser virtuosa. Ou inocente. Ou nada mais do que um brinquedo para lhe dar prazer.

– Bem, eu nunca disse que tínhamos feito sexo – contrapôs debilmente.

– Nunca lhe tocou porque, quando a encurralou com as suas exigências, ela se recusou. E isso fez com que se enraivecesse a tal ponto que não só a

despediu sem referências como se encarniçou em destruí-la. – Andrew colocou uma mão em cada um dos braços da cadeira de Culpepper e aproximou-se ainda mais. – Não é verdade?

Houve um longuíssimo momento de silêncio, enquanto Culpepper se debatia com uma resposta. Andrew manteve o olhar fixo nele durante todo esse tempo, não lhe permitindo a astúcia de uma negação.

– Sim – disse Culpepper num suspiro mal audível. – Mas que direito tinha ela de dizer que não? Nós somos homens de poder e ela não passa de uma criada.

– Ela tem todo o direito de determinar aquilo que é e quem é – rosnou Andrew.

Arredou-se da cadeira de Culpepper, sobretudo porque as suas emoções estavam tão ao rubro e descontroladas que receou poder na verdade matar aquele homem se estivesse tão perto dele durante mais tempo.

– Eu vou dizer-lhe o que vai acontecer – ripostou Andrew. – E você vai ouvir muito bem o que eu lhe vou dizer. Vai deixar de falar de Lysandra. Se o nome dela cruzar os seus lábios seja onde for, seja quando for, destrui-lo-ei com todas as minhas forças. Está a perceber?

– Aquela prostituta tem-no enfeitiçado – troçou Culpepper saltando da cadeira, como se tivesse reconquistado a coragem. – Deve ser muito habilidosa na cama para a defender dessa maneira.

Andrew desembestou sobre ele, agarrou-o pela garganta e esmagou-o contra a parede com toda a sua força. As pernas de Culpepper ficaram bambas, enquanto lutava para respirar.

– Ela não é uma prostituta. Se eu conseguir, há de ser minha mulher e protegê-la-ei com toda a fibra do meu ser. Se a magoar, isso prejudicará em muito a sua saúde.

Largou Culpepper e o idoso homem cambaleou para se manter de pé, enquanto Andrew se afastava dele.

– Sua mulher? – repetiu ele, com a voz rouca devido à anterior pressão na garganta. – Está a falar a sério? Vai trazer essa... essa *pessoa* para os nossos círculos? Não. Não o irei aceitar. Vou fazer aquilo que me apetercer e certificar-me de que ela nunca será aceite por nenhuma pessoa de bem na Sociedade.

Andrew avançou para carregar sobre ele uma segunda vez, mas, antes de poder fazê-lo, a porta que separava a sala da outra sala adjacente abriu-se e

revelou a mulher de Culpepper. Lady Culpepper era esbelta e deslizou pela sala com a dignidade de uma rainha, apesar de as suas faces estarem coradas e os olhos chisparem raiva e humilhação.

– Minha querida – engasgou-se Culpepper, olhando para as portas de separação. – Não fazia ideia de que estava na sala ao lado.

– Tenho a certeza de que não – ripostou ela, fria como a geada de inverno.
– Mas ouvi todas as palavras que ambos disseram. E tudo isso só confirmou aquilo de que há muito suspeitava acerca da razão pela qual temos perdido tão boas criadas ao longo dos anos. Incluindo Lysandra, de quem na verdade gostava muito.

Lançou um olhar a Andrew, mas ele não conseguiu ler as suas intenções.

– O título poderá ser seu, meu caro – disse suavemente ao marido. – Mas o dinheiro vem da *minha* família e uma grande parte dele continua sob o *meu* domínio. Por isso, acrescentarei a minha ameaça à de Lorde Callis: se atacar essa rapariga, em privado ou em público, eu farei algo acerca disso. E tenho a capacidade para o fazer. Quanto à aceitação... – Virou-se para Andrew com uma expressão triste. – Acho que sabe que será difícil para ela. Mas com certeza eu tentarei fazer com que a sua transição para a Sociedade seja tão fácil quanto possível se na verdade faz tenções de desposá-la.

Andrew ficou a olhar para ela. Ele pouco contacto tivera com Lady Culpepper, mas ali estava ela, oferecendo-se para ajudar Lysandra. Naquele momento, era uma das suas pessoas preferidas.

– Faço, caso ela ignore as minhas muitas falhas e aceite a minha mão – disse ele em voz baixa.

Ela sorriu e indicou-lhe a porta.

– Parece que tem outros sítios onde ir. – Fitou o marido que ainda se agitava, abrindo e fechando a boca como um peixe fora de água. – Esta situação está sob o meu domínio, garanto-lhe.

Andrew fez-lhe uma vénia e depois passou bruscamente por Culpepper sem hesitar, em direção à porta. Mas, quando chegou ao átrio, estacou de súbito. Estava ali o pai, fitando-o.

– Ouvi-o – disse ele, sem preâmbulo.

Andrew abanou a cabeça.

– Parece que Culpepper tem de investir em paredes mais grossas. Porque está aqui?

O pai agitou-se.

– Estive hoje com a rapariga. Com Miss Keates.

Isso fez com que Andrew interrompesse qualquer movimento que estivesse a fazer. Ficou a olhar para o pai.

– Onde?

– Fui à procura dela no sítio onde a colocou e soube que estava com Weatherfield e fui ter com ela à casa que ele lhe arrendou.

Andrew esfregou o rosto. Estava acabado. Qualquer hipótese que tivera com Lysandra fora por água abaixo se o pai tivesse conseguido falar com ela. Os danos que pudesse ter causado poderiam muito bem ser irreversíveis.

– O que fez? – murmurou.

O pai encolheu os ombros.

– Fui lá completamente disposto a pagar-lhe para que o deixasse em paz. Para ter a certeza de que não se aproveitaria de si. Mas aquilo que descobri quando a encontrei foi algo bastante diferente daquilo que esperava, baseado nas... bem, evidentemente, nas mentiras que Culpepper me contou.

Andrew inclinou a cabeça.

– Então, ouviu mesmo tudo.

O pai fez que sim.

– Mas foi quando lhe disse que estava destroçado, que andava a lamuriar-se desde o seu regresso a Londres, que compreendi algo.

Andrew retraiu-se. Não era exatamente assim que queria que Lysandra soubesse que ele precisava dela.

– O que compreendeu?

– Assim que as palavras me saíram da boca, reconheci que devia gostar muito desta mulher, muito profundamente, para ficar tão magoado por perdê-la. – O pai suspirou. – E nunca pensei que pudesse vir a gostar de novo de alguém depois de perder Rebecca. Esta mulher deu-lhe uma dádiva, a dádiva da emoção. De *viver* de novo e não de andar à procura de uma maneira de morrer mais depressa. E, subitamente, apreciei muito isso.

Andrew olhou o pai absolutamente chocado.

– Percebo.

– Poderá parecer-lhe que eu sou demasiado formal, mas a verdade é que quase o perdi há dois anos e meio e odiei esse momento, essa sensação. – O pai abanou a cabeça. – Não tenho a certeza de aprovar os planos que ouvi na sala. Que tenciona casar com esta mulher. Mas, na verdade, prefiro vê-lo a optar por viver e ser feliz do que vê-lo conformado, só e desesperado. Por

isso, não interferirei. Aceitá-la-ei. Porque... – O pai agitou-se e Andrew percebeu o seu absoluto desconforto. – Amo-o mesmo, rapaz.

Andrew pestanejou. O pai nunca lhe dissera uma coisa tão íntima desde que era criança. Ele sabia, claro; apesar da propensão do pai para dar maior importância à propriedade do que à emoção, Andrew nunca duvidara do amor que o pai lhe tinha, mas ouvi-lo significava muito. Saber que o pai estava do seu lado naquela batalha significava ainda muito mais.

– Obrigado – disse, abraçando o pai e batendo-lhe nas costas. – Obrigado.

O pai abanou a cabeça.

– Acho que tem onde ir.

– Sim. – Andrew recuperou a sobriedade. – Vou à casa de Weatherfield tentar convencer Lysandra a terminar a sua ligação com ele.

O pai espetou a cabeça.

– Não sabe? Depois de me encontrar com ela, mandei três dos meus melhores homens fazer alguma pesquisa. Depressa descobriram que Lysandra nunca iniciou qualquer ligação com Weatherfield. Mas parece que aquela mulher... Vivien Manning, acho que se chama assim, a vai apresentar hoje numa *soirée*.

O coração de Andrew deu um salto e afundou-se ao mesmo tempo. Saltou ao saber que Lysandra nunca assumira até aí a relação com o seu amigo. E afundou-se porque, se ela ia a casa de Vivien, isso significava que continuava à procura de um protetor permanente.

– Então, é melhor ir-me embora. Antes que seja demasiado tarde.

O pai sorriu.

– Não se esqueça, filho, nunca é demasiado tarde. Boa sorte.

Andrew sorriu, saindo de casa e disparando na direção da sua carruagem lá em baixo. Bem precisaria de sorte.

O corpo de Lysandra estava de pé no salão de baile de Vivien Manning, mas o seu coração não estava lá de maneira nenhuma. Não que a festa não prestasse. Imaginara muito pior quando pensara em ir ali a um baile à procura de um protetor. Mas a música era boa, o *punch* muito mais forte do que nas poucas festas a que tinha ido ou em que tinha servido nas classes superiores e a companhia era amistosa.

Sim, havia algumas chocantes manifestações de paixão no átrio e na

escadaria e sons que vinham de cada uma das salas, mas Lysandra conseguia perceber que eram manifestações desfrutadas por ambas as partes, por isso podia afastar o olhar com as faces coradas e um frémito no sexo que lhe diziam que iria ter muitas imagens de que desfrutar nas semanas que se seguiriam.

Quanto à companhia... era também mais ou menos agradável. Vários cavalheiros tinham-na abordado para conversar, indicando o seu interesse nela se ela estivesse também interessada neles. Nenhum deles era horroroso. Muitos eram mesmo homens atraentes e com bom humor.

Só que nenhum deles era Andrew e esse era o problema. Ela não conseguia pensar, não conseguia concentrar-se, não conseguia sequer começar a imaginar-se a iniciar um caso com outra pessoa.

– És mesmo estúpida – resmungou.

– Oh, não iria ao ponto de dizer estúpida.

Ela voltou-se e viu Vivien a aproximar-se. A amiga passou-lhe um braço pela cintura e apertou-a.

– O que posso fazer para te tornar isto mais fácil, pois estou a ver que estás a dar cabo de ti?

Lysandra suspirou.

– Sou assim tão óbvia?

– Só para alguém que esteja mais interessado no teu bem-estar do que no teu lindo decote, minha querida. – Vivien riu-se. – Portanto, por outras palavras, nenhum destes homens terá reparado na tua disposição.

Lysandra riu-se, embora o comentário a tivesse feito agitar-se desconfortavelmente. A ideia de aqueles homens estarem a julgá-la pelo decote e não ligarem a nada que estivesse acima disso não era particularmente reconfortante.

– Estás distraída – prosseguiu Vivien. – Porque não vais um bocadinho para o terraço? Vai apanhar fresco, embora se fosse a ti evitasse o canto do sudoeste... a menos que queiras ver a Sabrina a fazer amor com Lorde Nightengale e Lorde Jazby ao mesmo tempo.

Lysandra engoliu em seco. Sob outras circunstâncias, até seria capaz de ir espiar uma mulher com dois amantes. Parecia bastante... inspirador. Mas, naquele momento, não conseguia pensar em nada tão atrevido enquanto o seu espírito não parava.

– Sim, acho que vou um bocadinho até lá fora. Prometo que me hei de

recompor e regressar como uma convidada muito mais agradável.

Vivien deu-lhe uma pancadinha no braço e depois foi ter com uma multidão de homens que a olhavam como se fosse um doce numa montra. Com um suspiro, Lysandra deslizou para o terraço. Lançou um olhar na direção do depravado canto sudoeste, mas depois voltou-se para norte, para longe da multidão, para longe de atividades perversas.

Olhou para as estrelas e soltou um suspiro. Na propriedade de Andrew, tinham dado um passeio ao luar e feito amor sob estrelas tão bonitas como aquelas. Pensaria ele nessa noite da próxima vez em que olhasse para as estrelas?

Ouviu tenuemente a porta do terraço a fechar-se atrás dela, mas ignorou o som, não queria ser incomodada, por isso fingir que não sabia estar ali outra pessoa talvez fosse o suficiente para transmitir essa mensagem.

Ouviu passos na sua direção, mas, antes de conseguir virar-se, sentiu um peito quente contra as costas e um par de braços à sua volta. Contraíu-se, sabendo que devia ter medo. Ou, pelo menos, afronta por um folião bêbado a ter agarrado daquela maneira.

Mas não teve. Havia algo de reconfortante no contacto daquele homem.

– Ouvi dizer – murmurou, num tom estranho na escuridão atrás dela – que procura um protetor.

Ela estremeceu.

– Sim – conseguiu esganiçar-se.

– *Huum* – disse ele, embora os seus braços a apertassem ainda mais. – Lamento não andar à procura de uma amante.

Ela franziu o sobrolho. Mas que raio queria dizer aquele estranho?

– Então, porque me está a abordar no terraço de Vivien Manning? Os homens não vêm aqui todos à procura de amantes?

Ele riu-se e ela gelou. Conhecia aquela gargalhada. Conhecia-a tão bem como se fosse a sua.

– Este homem não anda à procura disso. Estou à procura de uma mulher, sabe.

Ela rodou sobre si e viu Andrew junto a ela, segurando-a com toda a gentileza contra o seu peito. Sem insistência, mas também sem a libertar.

– Andrew, o que faz aqui?

Ele ergueu uma mão para lhe acariciar o rosto.

– Amei duas mulheres na minha vida. Perdi uma delas por destino e

durante três anos lamentei a forma como a tratei. A segunda mulher perdi-a por absoluta parvoíce. Por medo. Por pânico. Mas talvez consiga recuperá-la... recuperar-te.

Lysandra susteve a respiração.

– Está... está a dizer que me ama?

Ele assentiu lentamente, nunca deixando de olhá-la. A alegria inundou-a, soterrou-a, invadiu-a com um prazer tão intenso que doía. Ela arfou, recuperando a respiração.

– Andrew, deve saber que o amo – confessou e adorou quando o rosto dele se iluminou com uma alegria que nunca nele antes vira. Era uma dádiva e ela apreciou-a. Mas tinha de a esmagar. Era evidente. – Não podemos casar-nos.

Ele abanou a cabeça.

– Porquê?

– Eu não sou do seu nível social, não sou da sua classe, o seu pai despreza-me, criar-lhe-ia um escândalo por causa do meu antigo patrão, o seu irmão vai casar e a sua futura mulher é demasiado importante para mim para que lhe arruíne o casamento, eu fui uma amante...

Ele ergueu a mão para deter aquele rio de razões para não poderem vir a ficar juntos.

– Deixa-me responder-te a esta antes de passares à segunda lista – riu-se. – Não me interessa o teu nível social, nem a tua classe. Aprendi como essas noções podem ser vazias. O meu pai não te odeia. Na realidade, abençoou esta tarde o meu desejo de me casar contigo.

Ela pestanejou, incrédula.

– Depois de ter ido ter comigo aos berros?

Andrew riu-se.

– Ele berra muito, mas garanto-te que é um homem bom. E ficou impressionado tanto pela forma como te comportaste como pelo facto de eu te amar. Deseja a minha felicidade e reconheceu que tu és o meu único caminho para que isso aconteça.

As lágrimas picaram os olhos de Lysandra, mas ela recusou-se a deixar correr aquele rio de felicidade.

– E o resto? – murmurou.

Ele riu-se.

– Onde ficámos? Ah, sim, o escândalo criado por Culpepper. – Ela arfou e depois assentiu. – Ah, sim, eu sei quem ele é. Já foi devidamente

admoestado, primeiro por mim e depois pela mulher, que também disse que te aceitaria, se fosses minha.

– Lady Culpepper? – repetiu Lysandra. – Ela sempre foi tão simpática, mas pensei...

– Oh, ela é muito mais forte e muito mais consciente do que talvez qualquer de nós pense, incluindo o marido. Tal como Adela, a nossa futura cunhada, apesar de não conhecer os pormenores, me deu um sermão acerca do amor. Penso que não se importará com o escândalo se for por uma razão romântica, como o facto de eu te adorar.

Inclinou-se e pousou-lhe um rápido beijo na ponta do nariz. Lysandra arfou com o gentil, íntimo e adorável gesto. Ele amava-a verdadeiramente. Aquilo não era uma mera tentativa para a conquistar por estar zangado, ou um desejo de ganhar algo que sentia que perdera. Ele amava-a.

A ela!

– E depois há o último ponto de que falaste – disse ele, com um abanar de sombria desaprovação da cabeça. – Seres uma amante.

Ela assentiu.

Ele sorriu ligeiramente.

– Fui chamado à atenção, o que me causou grande felicidade, para o facto de só teres sido *minha* amante. A *minha* enamorada. O *meu* amor.

– Mas mais ninguém saberá...

Ele cobriu-lhe os lábios com a ponta do dedo.

– A Sociedade que se lixe. Ficarei feliz por te levar para a minha casa da província e passar os dias a fazer amor contigo, se não nos aceitarem.

Lysandra estremeceu com as imagens que se formaram no seu malicioso espírito.

– Agora, deixa que te pergunte de novo. Casas comigo?

Ela fechou os olhos. Tudo o que queria era o amor daquele homem, a companhia daquele homem, aquele homem a seu lado para o resto da sua vida. Seria louca se deitasse tudo a perder por causa do medo e das preocupações.

Com um sorriso, olhou para ele.

– Sim – murmurou.

Ele agarrou-a contra o peito e deixou cair a boca sobre a dela, num beijo apaixonado. Ela derreteu-se, puxando-o mais para si, tentando moldar-se a ele de toda a forma possível.

Ele recuou.

– No terraço, minha querida? – troçou.

Ela sorriu, pela primeira vez em anos sentindo que se aliviava de um peso sobre os ombros, ficando apenas o amor do mais profundo tipo, alegria da variedade mais luminosa, esperança que apenas um futuro garantido podia suscitar.

– Oh, sim – sussurrou, enquanto o conduzia para a escuridão. – Se podem fazê-lo no canto sudoeste, aqui também podemos.

Ele riu-se, embora fosse evidente que não fazia ideia do que ela estaria a referir. E depois puxou-a para si e reclamou-a como sua de uma vez por todas.

Para sempre.